BIBLIOTECA HISTORICA

X

RAUL BRANDÃO

EL-REI JUNOT

2.ª EDIÇÃO

EDITORES

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

LUSO-BRASILIANA — RIO DE JANEIRO

Biblioteca Histórica

DA

RENASCENÇA PORTUGUESA

Volumes publicados:

O CERCO DO PORTO — contado por uma testemunha, o coronel Owen. Prefácio e notas de Raul Brandão $80

A PRAÇA NOVA — por Alberto Pimentel . . . $80

1817 — GOMES FREIRE (2.ª edição) — Raul Brandão $80

D. PEDRO — Coelho de Carvalho. . . . . . . 1$00

MEMORIAS, 1.º vol. — Raul Brandão (2.ª edição). 1$20

DUAS GRANDES INTRIGAS — Alfredo Varela, 2 volumes . . . . 6$00

MEMÓRIAS DA GRANDE GUERRA — Jaime Cortesão . . . . 1$50

HISTORIA DUM FOGO MORTO (2.ª edição) — José Caldas.

EL-REI JUNOT — Raul Brandão (2.ª edição).

A seguir:

DRAMAS DA INQUISIÇÃO (1.º volume) — Antonio Bayão.

EL-REI JUNOT

DO AUTOR:

O Cerco do Porto, contado pelo coronel Owen
— Prefacio e notas.
1817 — Gomes Freire (2.ª edição).
Humus.
Memorias (1.º volume — 2.ª edição).

A publicar:

Teatro cinematographico.
A Historia Humilde.

BIBLIOTECA HISTORICA

X

RAUL BRANDÃO

EL-REI JUNOT

(2.ª EDIÇÃO)

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÔRTO

A MARIA ANGELINA

I

INTRODUÇÃO

A HISTORIA é dôr, a verdadeira historia é a dos gritos. Eis a arvore: na arvore todo o trabalho obscuro se congrega para produzir a flôr. Os homens debalde se agitam, desesperam, morrem; a Ideia leva-os, espicaçados pelo aguilhão da dôr, para um destino natural de belleza. Não passam de titeres: pensam que resolvem, são impelidos, e essa mescla, que um momento se atropela em scena,—gestos, boccas amargas, farrapos tolhidos de dôr e impregnados de sonho, essa nuvem de espectros agitados, desfaz-se logo em pó: as orbitas das caveiras que alastram a crosta terraquea não se despegam porém, dil-o Emerson, das estrellas do céu. Fica uma ideia no ar—fica um rasto na terra: a dôr transmite-se.

Todo o seculo XVIII resume-o na lucta da Revolução contra formulas archaicas. E isto é

ainda uma aparencia: mais fundo deparas sempre com a mascara impenetravel da dôr.

O homem tem atraz de si uma infindavel cadeia de mortos a impelil-o, e todos os gritos que se soltaram no mundo desde tempos imemoriaes se lhe repercutem na alma.—É essa a historia: o que sofreste, o que sonhaste ha milhares d'annos, tacteou, veio, confundido no mysterio, explodir n'esta bocca amarga, n'este gesto de colera... Não é inutil nem sofrer, nem fazer sofrer, e não ha grito que se perca no mundo. Nem o mais ignorado, nem o mais humilde. Escusas de te rir... E todo o esforço humano é no fundo uma lenta aproximação de Deus, assim como tudo na vida se resolve segundo a fórma por que cada um encara Deus... A verdadeira historia alimenta-se de gritos, mergulha raizes, alastra raizes nas almas,. surge na época de que trata este livro na independencia da America e depois na Revolução. Ha-de ser arvore desmedida no momento em que o homem encare Deus em toda a sua plenitude.

Mas a lucta do pobre contra o rico, que é um pormenor, só foi possivel quando o homem se convenceu de que a Egreja o iludira e de que a vida eterna não era a unica vida real. Até ahi:—sou perseguido, sou pobre? Melhor.

A Egreja é uma architectura temerosa: oprime e esmaga—é esplendida. Nunca hesita perante a dôr (osso e carne não passam de cinza inutil)

para que as bases d'essa cathedral sejam inabalaveis e profundas. Construiu-se do sofrimento dos humildes: é de pedra viva. E eil-a prompta para tudo: para fazer sofrer e para sofrer tambem. Sem dôr a terra mira-se, a terra sem dôr—a que corresponde a falta de Ideal, de Sonho, de Intangivel—é verdadeiramente infame. Essa galeria de homens extraordinarios, prelados, inquisidores, papas, santos, doutores, seccos e tremendos, furiosos como o raio, tenazes como o ferro, impiedosos e impassiveis, admiraveis e só ternura e perdão e castidade, é a mais bella serie de figuras que a humanidade gerou. Mas a Egreja não pôde ou não soube ser desgraçada com o homem, e o espirito christão mirrou-se-lhe nas mãos. Embora a Leão X succedam papas austeros, almas de fogo, que dirieis vivificadas por novo baptismo: surjam embora Ignacio, Thereza, Carlos Borromeu, e a fogueira arda e purifique, a Egreja está perdida. Foi uma arvore de espanto e ternura, não passa de aparencia: seccou. O christianismo vae morrer no mundo—para renascer só alma (1). O que resta é phantasmagoria e materia,

(1) SAMARITANA:—Senhor, nossos paes adoraram sobre esta montanha, ao passo que vós dizeis que é em Jerusalem que se deve adorar.

JESUS:—Mulher, em verdade te digo que chegou o momento em que ninguem ha de adorar sobre esta montanha, nem em Jerusalem, mas em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pae em espirito e verdade.

muralhas, pedras, altares, alguns pobres encolhidos que teimam em guardar intacta sua fé. A Egreja perdeu-se por falta de humildade. É o momento de lhe fazermos justiça dentro da nossa propria consciencia, a essa incomparavel força que sustentou o mundo e alastrou raizes tão vivas e tão fundas, que, mesmo depois de cortadas, as sentimos bolir no fundo mais recondito do nosso sêr. A sua importancia é extrema: no facto mais trivial ou nas revoluções que escacam formulas e thronos.

Talvez a terra farta de sofrer tambem sonhe, e, depois d'uma gestão laboriosa, crie entontecimento, perturbações, força electrica que se communique a este pó vivo, a humanidade: ha até no homem obscuro, sujeito á regra mais minuciosa, sonho inesperado. Calca-o, submete-o, educa-o, molda-o; certa hora, como a primavera abala ao mesmo tempo a floresta inteira, a emoção abala-o: são os mortos que o impelem...

O primeiro grito, solta-o quem? Não importa. O primeiro grito solta-o um sêr obscuro. Depois mais gritos, indignação e colera. Este fala perante a Roma papal infame. Prega a ironia, surge o sarcasmo. É uma cadeia sem fim, que vem através da obscuridade e que traz comsigo ancia, sonho, aflicção. Acumula-se. E ha um momento afinal em que a Egreja é uma cathedral de espanto, e já não existe. A pedra viva mirrou-se. O exterior,

a massa imponente que sobe nos ares, é um milagre. Mas o edificio monstruoso desdobra-se: além da que é visivel, tem outra parte assente no fundo de cada ser. E essa abala-se e rue. A dôr creára tambem outros homens.—É Rousseau, sêr curioso em quem se junta toda a sensibilidade da terra, e que, quanto mais se enlameia, maior se torna e mais parecido comnosco; é Diderot, é Voltaire, que revolve, ri e derruba— secco, nitido, irrespeitoso. A terra scisma, o homem scisma, e, junto com elle, todos os que soferam no globo, já dispersos em pó, todos os que mergulharam as mãos no sonho e, com as mãos tintas de sonho, avançaram para a morte. Em Rousseau, repára, ha outras creaturas anteriores, que lhe prestaram a sensibilidade adquirida n'um sofrimento secular; pela bocca sarcastica de Voltaire riem—emfim!—milhares de boccas que a força estupida entupiu. Um mundo de espectros rodeia na confusa Alemanha o solitario Klopstock que publica a *Messiada*, Lessing que se estreia na critica, Schiller que impõe grandeza ao theatro e Fichte independencia e caracter á philosophia de Kant. É só da propria desventura que Beethoven constroe, acaso, melodias sublimes? Não, n'elle congregam-se aspirações remotas, e a desgraça ignorada d'aquelles a quem n'esta vida nem mesmo foi dado chorar. O proprio Gœthe, que na noite solitaria se curva sobre um tratado de phisica e imagina o *Fausto*, tem á sua roda

um mundo invisivel, que não pôde exteriorisar seu sonho na existencia transitoria, e que o força n'um arranco a sonhar... É a raiz formidavel que enlaça e trespassa o mundo até aos seus mais intimos fundamentos. Acorda a fanatica Hespanha e a mesma força impele n'um sobresalto os povos: na Italia os poetas são perseguidos e expulsos. Descobrem-se não terras diferentes mas um novo homem. É outra estranha primavera: maior é a terra, e o céu infinito gera freneticamente a vida nas matrizes dos mundos. Tinha tambem apparecido — e quasi se não déra por isso — uma outra força, a machina. O ferro aliado ao que é imaterial transforma então o planeta ([1]). A machina apressa, a machina resolve, a machina suprime o tempo. Ha muito que na Holanda rangia o ferro dia e noite para espalhar os philosophos, os pamphletarios e os criticos... E a lucta começa exactamente pela demolição de Roma, pela demolição d'um Deus caduco; a lucta começa pelo revolver de ideias, de paradoxos, de infamias. O seculo é sceptico e materialista. É que emquanto a Egreja pára e cristalisa — e Deus envelhece — o homem avança, e, um momento, não crendo na Egreja, que o esmaga, julga-se liberto para sem-

([1]) O ferro, a machina, são ainda creações do mesmo espirito, fundidos na mesma dôr, caldeados na mesma lenta e obscura transformação através de seculos e de esforços, isto é dôr.

pre da ideia de Deus. Foi um passo para diante? Decerto. Espedaçou fórmulas, mas não viu que mais se aproximava de Deus, exactamente quando d'elle julgára afastar-se. É que essa questão é a questão primordial: todas as revoluções são um passo para Deus.

Deus existe — Deus não existe. Cabe n'estas palavras todo o problema da vida, toda a historia dos ultimos seculos e toda a mixordia, toda a ancia, todo o grotesco contemporaneo. Se Deus não existe reina a infamia, o egoismo, o sordido interesse. Quero encher-me e quem me contém? Rio-me das tuas baionetas, das tuas phrases, das tuas leis. Não, se Deus não existe, não ha palavras que expliquem o teu oiro e a minha pobreza, o teu goso e a minha desgraça. Esfrangalho-te porque sou legião — chamo-me Miseria, chamo-me Fome... Desde que arrancaram ao pobre a ideia de Deus, transformaram o homem, fizeram na terra a maior das revoluções — e todas as revoluções, todos os destroços, todo o sangue é ninharia para o que está ainda para vir. Tudo até agora são passos iniciados para a formidavel revolução final, para o tripudio da besta á solta, que ha de incendiar o globo até se aproximar da verdade e do espirito. A historia de ha cem annos para cá é exactamente a historia das consciencias libertando-se de formulas, a tactearem na obscuridade. Precisamos de outra fé. Sem Deus egoismo, interesse, avareza, luxuria — somma total: infamia. Tudo é

admissivel sem Deus. Vale repetir esta coisa trivial? Deus não coube dentro das paredes da Egreja; Deus não coube no palacio do Vaticano, nas logeas de Raphael, sob a cupula de Miguel Angelo, no imponente scenario de Roma — Deus cabe entre os quatro muros denegridos onde habita um pobre. Falsearam a ideia formidavel, caminha para nós não sei que Sombra vaga e disforme que imerge da profundidade das almas — até que de novo te encontres, já livre de peias, mais perto da belleza eterna.

Ninguem sabe que tempestade se desencadeou no globo. A nossa época em que o Oiro substitue a Egreja e o Goso a fé, é de mera transição. O que ahi vem, furioso e desordenado, com desespero e gritos, é a justiça. Voltar para traz não é possivel; já o não era, quando a machina, fructo da mesma dôr, se aliou aos encyclopedistas e aos poetas, que foram remexer no fundo da consciencia dos desgraçados e obrigal-os a olhar cara a cara a desgraça. Tenho fé no homem — tenho fé na machina. O erro dos que gosam á custa do sofrimento alheio foi deixarem desencadear o instincto. O que convém ao menor numero que domina, é que os outros não ergam os olhos para o alto. Para uns o Poder e a Vida; para outros a Dôr e o Céu. Vive com a desgraça que é o teu quinhão, não sonhes que o sonho é um perigo, não discutas que a razão leva-te ao inferno.

Só a fé nos salva. E uns, no alto, gosam, com oiro, infamias, risos; outros, em baixo, cavam com desespero e fome. A Egreja bandeou-se com os poderosos e perdeu a fé. Eis o que não lhe será perdoado.

Todos nós atravez do desespero e no negrume cerrado, sentimos que nos falta alguma coisa essencial á vida. Arrastamos um cadaver que nos peza, e que outrora transformou a miséria e a dôr... Entra o frio pelos buracos da casa?... Melhor, veem-se as estrelas. Mais pobre, mais perto do céu. Houve no mundo uma coisa infame que deu ao escravo, na miséria atróz, a atróz resignação: que, do lado dos poderosos, o deixou esfomeado e nú, dando-lhe em troca o Christo. Houve no mundo uma coisa necessaria, horrivel e esplendida, a Religião. (Ponho de lado Christo, Christo nada tem que vêr com a obra humana...) E quando alguem se insurgia — uma voz falava baixinho: — Espera: há outra vida. Outra vida maior, outra vida intensa... — Mas essa voz extinguiu-se ou fala de tão longe que não conseguimos ouvi-la. Nem já existe. A ilusão não é necessária — a convicção é que é necessária. Sem ella morres de horror. Quero Deus. Neste vasto globo sinto-me submerso e perdido: tenho a meu lado um fio de ternura, duas ou tres mãos, que aperto e sinto nas minhas mãos anciosas, mas afundo-me no oceano bravo onde nascem os mundos e onde rola o pla-

neta, onde sei que ha a arvore e a desgraça, se me falta uma raiz a que me apegue. Mas verdadeira, inabalavel, de ferro, em que eu na realidade creia e possa crer, e não um simulacro... —a raiz da Vida...

É este o momento—e nenhum outro—d'aflição e de espanto, de gerarmos um novo Deus. Precisamos delle, doutro drama da Paixão, de outro Christo para o pregarmos na cruz. Tenho já nas guellas o grito:—Barrabaz! Barrabaz!—e o grito:—Crucifiquem-no! crucifiquem-no!...

A verdadeira historia é imaterial; é, repetimol-o, a historia da consciencia humana que pouco e pouco se aproxima de Deus. Em torno d'isto atropela-se a mixordia, a ambição, os interesses, o direito á vida e ao goso, já não contido pela ficção religiosa. É um trabalho obscuro, feito á custa de gritos—a obscura e lenta transformação das almas. Mostral-o antes, durante e depois da revolução, seria escrever a historia ideal d'esse periodo. Chamam o homem do passado os mortos: é um clamor. Ha obscuridades, desalentos; clarões d'incendio iluminam os quatro cantos do globo. Urros de prazer, urros de besta aniquilada. Desespero. Grotesco. Infamias. Ouve-se n'um fundo remoto o telintar do dinheiro... Depois mais ancia, um remexer de ferro e sonho. Paragens, inquietações, renuncias. Lucta e tragedia—para deparar com Deus... Quando ao pobre lhe arrancaram a

ilusão religiosa e pôde vêr as iniquidades, d'ordem natural ou social que o separavam da vida, a revolução começou. Sobrenadam escorias, palavras, leis, mas d'essa mescla furiosa d'odios e tentativas frustradas, ha-de sahir o futuro, isto é — a Justiça.

A peor revolução está ainda por fazer — é a dos desgraçados.

*

Isto mesmo se sente já no fim do seculo XVIII: tudo o que se constróe é transitorio e vão. O passado é um scenario e o futuro, que já existe nas consciencias, não se pôde ainda exteriorisar. Sente-se que o proprio Pombal, á primeira vista tão inteiriço, tem falhas. Até elle. Encara-se e mete medo. É quezilento. A mim esse homem obstinado e avaro (sustentou-se a milho de Soure) faz-me o efeito d'um caixeiro terrivel, d'um burocrata imenso, com o patrão atraz de si.

Não me importa a crueldade de que o acusam nem inteiramente lha atribuo. Peor ha n'elle não sei o quê de emproado e mesquinho (1). Ro-

(1) Conta-me o senhor marquez da Foz: — Um dia, quando se vendeu a mobilia do palacio de Oeiras, dos Pombaes, pediram-me para ceder uma casa que tinha com escriptos na rua de Ferragial, para se fazer leilão. Acedi e antes do leilão fui lá e agradaram-me diferentes objectos que com-

deiam-no os poetas subalternos, bajulam-no os poetas safardanas. Ouve-se o côro reles entoando louvores:

> ... Em honra, e louvor
> Do Grande Carvalho;
> Do Famoso Carvalho, que alçando
> Ás Estrellas a Fronte sublime,
> Com a sombra benigna, que estende,
> Ampara, protege, defende
> Os ditosos Pastores do Luso.
>
> Em honra, e louvor
> Do Grande Carvalho
> O cheiroso orvalho,
> Que das cepas mana,
> Que produz ufana
> A viçosa Oeyras,
> Neste cópo empino.
>
> CORO. Viva o Grande Carvalho, viva, viva. . . [1]

prei por 8 contos. Entre elles estavam cinco grandes vasos da China, cinco maravilhas, como nunca vi. Ao centro tinham as armas de Pombal e eram precisas duas pessoas para os erguerem. Quatro coloquei-os á entrada da minha casa e o quinto na sala de jantar, defronte de uma estufa. Um dia estava á meza quando por acaso reparei que o verniz do vaso estalára com o calor. Levantei-me, fui vel-o: sob a casca apparecia outro desenho. Com a ponta d'uma faca levantei o *craquelé*— e debaixo das armas de Pombal appareceram as armas dos Tavoras! Tão certo é que até os grandes homens estão sujeitos a estas miserias!...

[1] Dithyrambo que se cantou a tres vozes na sessão academica em honra do marquez, composto por Antonio Diniz da Cruz e Silva e Theotonio Gomes de Carvalho.

É a ultima figura do passado. Mas reparem enche a época — e está fóra da época... É que a sua propria consciencia não pôde furtar-se a uma lenta e obscura transformação. Por isso o seu plano desaba. Um despota precisa de um seculo d'aflicção e de artificio para dar alicerces á sua obra. Ninguem conta com a morte e a morte está sempre ao nosso lado. — É incoherente. Vive annos na Inglaterra e não comprehende a liberdade; pertence ao tempo de Richelieu e lê Voltaire; é uma fórmula retrograda, e atribue a degradação do paiz «aos frades, aos inquisidores, aos desembargadores»; ataca a Egreja, e a Egreja, os fidalgos e os frades especam sempre um bom regimen absoluto: a religião é indispensavel, porque mantém na regra e na obediencia — mantém na fome — os desgraçados.

Sem duvida esmagou, calcou, teve pedras no logar do coração: se remexo mais fundo encontro, é certo, odio, mas é preciso separar a dôr da crueldade. E esta resta saber se lhe pertence ([1]). No segundo plano outra figura peor de decifrar remóe suspeitas. El-Rei Banal desconfia e engorda, e pergunto a mim mesmo quantas vezes o espinhaço de ferro do marquez se lhe fundiu perante o olhar do dono... Bajula-o, só se sustenta á

([1]) «Debe confessarse que a los portugueses nada les habia quedado da sua antigua gloria, sino los instrumentos de sus vicios.»

custa do engrandecimento do poder real, e se D. José, na sua immensa vaidade d'homem gordo e balôfo (são os peores), chega a suspeitar que papel subalterno o futuro lhe destina, o outro acabava no fundo de qualquer masmorra — da peor.

O Pombal de scenario — el-rei ao torno, o marquez no throno — é falso como Judas. ([1]). Foi uma fórmula sem piedade. «Queixumes e gemidos sôam de toda a parte», diz o conde de Merle.

Foi a Dôr, mas nação que não sofre é incapaz de sonho e extingue-se... Por terra é que é vel-o agora: a poderosa e antipathica figura conserva mesmo no chão extraordinaria grandeza. Quando cae é que se lhe mede o tamanho.

([1]) Um dos maiores inimigos de Pombal, o intrigante cardeal Cunha, o *cardeal ottomano,* é o amigo intimo do rei. Fala-lhe horas e horas ao ouvido. — Pombal prepara um successor, José de Seabra, e o rei, de repente, degreda-o, sem dar razões ao ministro. — Quando chega a vez do odio: o odio da rainha velha, dos fidalgos, da Egreja, todos recuam: Pombal só diz quando se trata de degredos, mortes, etc.: «Cumpri as ordens d'El-Rei». Porque o não perdem de todo? Porque param deante d'essas palavras? As maiores crueldades da época pertencem ao rei. Obedecem sabe Deus a que vinganças pessoaes e a que moveis secretos. — E que rei a não ser um Santo se despe assim de orgulho, a ponto de dizer a outro: — manda? D. José era, demais a mais, um homem frio, orgulhoso e desconfiado. Por vezes procura saber se Pombal o informa bem.

Ouço machadadas n'um tronco, ouço-o despedir com palavras seccas:—Póde retirar-se do paço onde já não tem que fazer—; ouço-o cahir com o baque d'uma arvore que tivesse sido forca. Vejo-o diante de mim, absorto, a caminho da expiação que começa, a bocca vincada na figura imperiosa, a que só os cabellos brancos dão ternura.

Desabam pamphletos, sarcasmos, odio. O povo espera-o nas estradas e vê-o passar, de ferro ainda. O velho é temeroso. Acusam-no de ninharias e infamias—do furto de baixellas, e elle queda-se de olhos fitos e cabellos todos brancos. Os mediocres interrogam-no com minucia e gula. Assobiam-no os garotos debaixo das janellas. Cae-lhe tudo em cima, povo, ralé, fidalgos e padres. Não faltam

Espia-o e manda, por exemplo, com o maior segredo, devassar no Maranhão se as queixas dos jesuitas contra Francisco Xavier de Mendonça, irmão do marquez, são melhor justificadas que as do governador Mendonça contra os jesuitas.—Por ultimo—e para não falar em certas cartas que desappareceram e que lançariam luz clara sobre as figuras—transcrevo as palavras d'um contemporaneo, de Ratton: «O desembargador França, que fazia de juiz no processo d'este Ministro, e com quem eu tive alguma familiaridade, me segurou, que não fôra possivel achar, entre muitos quesitos d'interrogatorio, um só a que não respondesse com promptidão e acerto; e não citasse documentos, que averiguados mostravam, que elle nada fazia senão por ordem do soberano».

os poetas... Logar ao obsceno Lobo de Carvalho:

> ...Um clama ao céu justiça, outro que morra
> Nada o altera; chama-lhe impudentes;
> Filho da puta, gabo-lhe a pachorra!

Arrancam-lhe por fim estas palavras, que lhe deviam vir á bocca n'um golphão de fel: «Peço humildemente perdão a Sua Magestade a Rainha, por todas as faltas que cometti». E accrescenta isto: «Espero obtel-a graças á clemencia de que Sua Magestade é dotada». Largam-no gasto, amachucado, na casa friorenta, a dous passos da morte. Está só — está velho — está rico. Rendimento 120:000 crusados. Mas, a cada novo vexame, a figura cresce, e peraltas, secias, padres, poetas, intrujões, os que o adularam e os que o atacaram, e tudo o que n'elle houve de quezilento e mesquinho, desaparece de vez. O velho comido de lepra, comido de dôres, é o passado inteiriço: tem grandeza. Insultam-no: nem os ouve. Mergulha em tragica absorpção...

O edificio que construiu á força, não lança raizes nas almas, não pode. O mundo transformára-se. Ha que seculos se grita! A aflição, a injustiça, o sonho, vão emfim gerar. Os desgraçados — ninguem morre em vão oprimido e sufocado de dôr — empurram os vivos para a frente. Por isso é tudo inutil, até a crueldade. Com elle desa-

bam alçadas, terrores, carceres, o absolutismo em tudo a sua grandeza, o edificio de alicerces inabalaveis, a construcção temerosa, mathematica e hirta, a grande machina de peças complicadas,— o povo calado, submetidos os fidalgos sob um jugo de ferro, no alto El-Rei Nosso Senhor, um nivel, um compasso e um prumo. Tanto esforço, tantos gritos—tudo inutil, tudo inutil...

O facto capital do mundo tinha sido outro. Ninguem deu por elle—toma agora extraordinario relevo.

Um velho barco de madeira largára das costas de Inglaterra no seculo dezasete. Aprôa a America. Leva dentro um bando de perseguidos. São pobres mulheres, de mãos delicadas, fidalgos que vão arrotear a terra, abrir alicerces, construir casas, através d'uma existencia incerta. Atravessam o mar. Que pesa na existencia do mundo e na convenção das côrtes o velho barco *Mary Flower*, perdido na escuridade da bruma, com um bando de hereticos a bordo? Nada—e é da fé, da obstinação d'esta gente, que nascem as raizes que mais tarde se hão-de apoderar de todas as consciencias. Annos volvidos atrevem-se e pronunciam emfim estas palavras: «Os homens foram creados eguaes; foram dotados pelo seu Creador de certos direitos inalienaveis e entre elles a vida, a liberdade, o direito de procurarem a ventura». Dil-as uma gente pobre e convencida, que, para fugir aos odios religiosos, atravessou o oceano e procurou a floresta

e uma terra selvagem que desbravar. Entranham-se no coração dos humildes. Era decerto um povo grosseiro, mas cada homem, cada raiz immensa deitada ao céu, cada raiz enorme agarrada á terra. São phrases, é a dôr estreme que vem á supuração. Pronunciam-se n'um canto remoto, vão repercutir-se no globo.

*

A revolução é sempre um desenlace: estava feita antes de começar — e é mesmo essa a unica realidade bem patente em cada alma. As consciencias tinham-se transformado. O que resta de pé são fachadas. Nem os poderosos do mundo ligados pelo interesse teem já convicções. O rei da Prussia é philosopho; na Austria, o irmão de Maria Antonieta apodera-se dos bens religiosos; o da Dinamarca dizia habitualmente: — «Foi Voltaire quem me ensinou a pensar» —; a Catharina da Russia é o proprio Voltaire quem lhe escreve: «Deusa, Diderot, d'Alembert e eu levantamos-te altares». Maria Luiza de Parma, a d'Hespanha, é discipula de Condillac. A educação philosophica deixa-a sem fé nem lei, mas supersticiosa a ponto de se cobrir de bentinhos. Até no fundo das bibliothecas dos nossos fidalgos se encontram os poetas e os philosophos [1].

[1] O auctor de *Mercurio* Britannico, o mesmo que conheceu pessoalmente Madame Roland e que a define «capaz

Fórma-se a força que explude em Paris (talvez por leis desconhecidas a França seja o nucleo onde os fios magneticos se concentrem e actuem) e expande-se no mundo, porque só encontra formulas caducas deante de si.

de merecer pela alma ardente e ambicioso espirito ou hum convento ou hum principado, e que pelo seu finissimo e turbulento juizo era tão capaz de dirigir intrigas» diz da Revolução em dezembro de 1798: «Quando hum rei se vê obrigado como o foi aquelle generoso e benefico Luiz XVI, a chamar elle mesmo huma Revolução devemos tel-a por inevitavel».

«Pour nous, jeune noblesse française, sans regret pour le passé, sans inquiétude pour l'avenir, nous marchions gaiement sur un tapis de fleurs qui nous cachait un abîme. Riants frondeurs des modes anciennes, de l'orgueil féodal de nos pères et de leurs graves étiquettes, tout ce qui était antique nous paraissait genant et ridicule. La gravité des anciennes doctrines nous pesait. La philosophie riante de Voltaire nous entraînait en nous amusant. Sans approfondir celle des écrivains plus graves, nous l'admirions comme empreinte de courage et de résistance au pouvoir arbitraire.

«Jamais on ne vit plus de contraste dans les opinions, dans les goüts et dans les mœurs: au sein des académies, on applaudissait les maximes de la philanthropie, les diatribes contre la vaine gloire, les vœux pour la paix perpétuelle; mais, en sortant, on s'agitait, on intriguait, on déclamait, pour entraîner le gouvernemente à la guerre. Chacun s'efforçait d'éclipser les autres par son luxe, à l'instant même où l'on parlait en républicain et où l'on préchait l'égalité. Jamais il n'y eut à la cour plus de magnificence, de vanité, et moins de pouvoir. On frondait les puissances de Versailles et on faisait sa cour à celles de l'*Encyclopédie*». *Memories et Souvenirs* — COMTE DE SÉGUR.

Oito de agosto de 1788 — Estados Geraes. Uma simples data e o mundo é outro. Ha muito que o sonho lateja na obscuridade... Sumiram-se para sempre no nada essas multidões colericas: cahiu-lhes em cima um pezo enorme: da sua cinza esparsa nos quatro cantos da terra nem vestigios restam: — e ainda hoje sacode o livro inerte o mesmo redemoinho que na época tranziu o globo. Tem nervos o papel gelado onde se contam estes factos. Ha annos que a historia é isto e aquillo, scenario e palavras: ouvem-se vozes em falsete... — Mas intervém o jacto, a mixordia, a lama, o sangue, e logo, por os buracos da lona em farrapos, se contempla a vastidão do universo. É temeroso? Decerto. É a vida. Caso extranho e cheio de ternura: é entre o odio e as paixões que o homem pela primeira vez estaca deanta da natureza sua mãe (Rousseau). Mais: o seculo da libertinagem e da infamia (Casanova) precisava de liquidar em sangue, para que o homem tomasse a vida a serio.

Figura d'essas com quem uma vez entres em contacto nunca mais a esqueces. Porquê? Porque tirou a mascara e fala não com a minha nem com a tua, mas com uma extraordinaria voz, onde se repercute o echo de outras vozes para sempre extintas. Pergunto: — Marat é apenas Marat? Que tempo levou Marat a gerar? Elles exprimem desespero, injustiça, opressão. Luiz XVI não é talvez culpado. Mas paga. É justo que pague. Paga

os gritos dos galerianos (Jean Marteilhe), paga as construções de afronta de Luiz XIV, a fome e a miseria. É justo que pague. A dôr paga-se sempre. Mas — dizes — é paixão hedionda, são interesses tambem e figuras de pesadelo. São, e nem d'essas consegues desviar os olhos: são até talvez as que mais te prendem, porque n'ellas reconheces uma parte obscura do teu proprio sêr: estão presas por nervos, por fios desconhecidos, a toda a humanidade. Todos nós temos responsabilidade n'esse drama tremendo, lá andamos tambem envolvidos, e comnosco outros, os mortos, dos quaes nem memoria resta... — A dôr nunca se perde no mundo, a desgraça acaba sempre por ter voz. Reparem bem n'uns e n'outros homens, nas figuras antigas — e não é só o tempo que nos separa — e n'estas esplendidas d'odio, de paixão e de colera. Uns estão muito longe, na historia e nos livros: não nos interessam nem os seus vicios, nem os seus ridiculos, nem as suas maneiras, nem as suas ideias longinquas. Os outros são nossos contemporaneos: lidei e sofri com elles. Até os seus crimes nos aproximam. Que tempo levou esta dôr estreme, este sonho em brasa, a gerar? Nasce de tão longe, fio a fio, grito a grito, só desespero e alma, que o perco. A arvore secular desentranhou-se por fim em dôr, cobriu-se de dôr, mas as suas raizes veem do fim do mundo e do principio da vida. Eu vejo, positivamente vejo, os mortos a empurrarem os vi-

vos. São multidões sobre multidões compactas, tão grandes que não caberiam no valle de Josaphat...

E um dos raros momentos da historia em que todos falamos ao mesmo tempo, os vivos e os mortos, e mais alto os mortos que os vivos. A revolução é feita por phantasmas, por um mundo esboçado, pelos esforços empregados d'além tumulo, pela força real que nos sustenta na vida. O formidavel drama desenrola-se perante a Europa atonita. Cada dia o espectaculo diverge. Todas as feras têm voz, mesmo as feras são necessarias. Marat é um sêr completo; descobre-se que Fouquier Tinville vae no rodilhão, levado, empurrado nem elle sabe para onde. Uma machina assim precisa de rodas de ferro. Tirem-lhe as figuras de espanto e o quadro perde o interesse. Arranquem-lhe Marat e verão que faz lá tanta falta como Danton. Vamos mais fundo, vamos ás raizes... Procuremos as figuras que estão por traz d'essas figuras e os gritos — que só se ouvem, n'essés mumentos de torvelinho magnetico em que as formulas não existem e a vida artificial se reduz ao minimo — os gritos que estão por traz d'esses gritos. Escutas emfim a tua voz? Assistes emfim ao teu proprio drama? Ousas reconhecerte n'aquella figura d'espanto, que só vive alguns minutos fugaces, e que reaparece de seculos a seculos, logo sepultada em camadas que tem leguas d'espessura, e que és tu! és tu, que nem a ti proprio és capaz

de narrar o que sofreste desde seculos e seculos, e que já esqueceste de todo o monologo desarticulado e angustioso, com que vens comentando a vida, sempre baixinho, sempre lá no fundo mais recondito da tua alma?... Pensemos bem: se não fossem esses gritos, esse espesinhar de vida, estavamos ainda hoje nas mãos de côrtes de opereta. O homem só se sente viver depois da Revolução. Quer dizer: o turbilhão d'ideias modernas gerou-se então no odio, creou-se porventura no sangue? Não: creou-se na dôr. O francez é talvez um povo detestavel, mas o mundo ganha sempre com os seus erros e os seus crimes.

Em 1789 não é um throno que cae, não é só o mundo exterior que desaba — é o mundo interior que rue para sempre. Até Goethe, o frio Goethe, se comove; Klopstock reza, e Kant, o de ferro, dil-o Michelet, sae do seu caminho (toda a vida, ás mesmas horas, como um pendulo, passeia absorto no mesmo sitio) sae do seu caminho e do seu systema e interroga, pergunta, quer saber. Anda no mundo sonho misturado com dôr, e do desespero, dos interesses, dos gritos, d'essa miscelanea feroz, sae a solidariedade — a instrucção gratuita — a moral universal base da sociedade e a consciencia universal base da lei — a liberdade dos negros — o mundo novo emfim.

As côrtes só se decidem a avançar quando supõem que a queda do throno de Luiz XVI póde arrastar os outros thronos. Até ahi a Europa, di-

vidida por varios interesses, não intervém: a prática Inglaterra aproveita a occasião e augmenta o negocio [1]. Ao redactor da *Gazeta* é imposto silencio. Desde 5 de setembro de 89 até 15 de dezembro, só ha de importante em França para a *Gazeta* uma reunião d'academicos. Em Portugal, como em Hespanha, os emigrados são abertamente protegidos e fazem uma guerra de morte á Republica. José Seabra aperta com a *mesa censoria* e prohibe-se tudo de escantilhão. Recomenda-se ao clero que ensine com fervor a cartilha, e o bispo do Algarve declara em edital de 14 de setembro «excommungados todos quantos comprassem ou vendessem ou conservassem livros ou escriptos perniciosos de qualquer hereje, dogmatico, apostata, impio, libertario, seguidos de qualquer erro ou damnada seita ou superstição». Vem Valmy e o terror augmenta. Já ha clubs na Inglaterra. Os jacobinos são obra do

[1] A nossa Revolução escrevia d'Urtudize a Montmorin, a 16 de Junho, causa aqui (Madrid) um terror que não posso descrever, todo o francez é olhado como um homem que vem para atiçar a revolta.» *(Geoffroy de Grandmaison).*

«Godoy, dizia Sandoz n'um dos seus officios, é por principio anti-francez e a rainha partilha o seu posto de vista por paixão por elle. Entretanto declaram-se ambos oppostos a medidas agressivas, que lhe custariam o dinheiro que preferem gastar com os seus prazeres.» *(Baumgarten).*

«Em 1791 faltavam 7 milhões de reaes para o salario dos operarios dos portos: a rainha tinha-os gasto» em joias e trapos.

inferno. Suwarow devia mais tarde defumál-os para lhes tirar o diabo do corpo.

Não ha, porém, peste que se pegue como as ideas... É dificil seguir a infiltração da liberdade, veio subterraneo que forceja, através de obstaculos desmedidos e através dos seculos, por romper para a luz. Lê-se muito. Lafões rodeia-se dos espiritos mais esclarecidos do seu tempo, e o general Foy afirma que as ideias democraticas fermentam nas classes abastadas do paiz.

De quando em quando aparece um pasquim ou correm de mão em mão alguns papeis, o *Catalão* republicano «infame e sedicioso» ou outros «incendiarios que mereciam serem queimados na Praça do Rocio pela mão do Algoz».

Em 1778 eram presos em Valença pela Inquisição, sahindo penitenciados a 11 de outubro, sendo inquisidor-mór o cardeal Cunha, Miguel Kincerlate, de Bruxellas, sargento-mór do regimento de artilharia do Porto; Aleixo Vacher, francez, cirurgião militar do mesmo regimento; José Leandro Meliani, tenente; José Anastacio da Cunha, o ilustre geometra; José Barreto, cadete; Henrique de Souza, cadete; Manuel do Espirito Santo, cabo; e os soldados João Manuel de Abreu e José de Souza e o estudante José Maria Teixeira. Diz Miguel Antonio Dias nos *Annaes e Codigo dos Pedreiros Livres* que a maçonaria foi introduzida em Portugal em 1733. Em 1735 já ha lojas em Lisboa e provincias. As perseguições,

segundo o mesmo autor, começam em 1742, e em 1762 propaga-se a maçonaria no paiz por intermedio dos oficiaes do exercito. No anno de 1778 são perseguidos Francisco Manuel do Nascimento e os doutores Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Felix Brotero e o abbade Correia da Serra, que se expatriam. Havia focos liberaes em Coimbra, Lisboa e Valença. João Maria Teixeira era um grande propagandista de ideias liberaes. A policia persegue Francisco Salles de Origny, e o *infame Cagliostro* que é expulso. As *moscas* correm os cafés, as casas de pasto e as casas de hospedes, e José Anastacio Cardoso descobre a loja da Boa-Vista, a Buenos Ayres. Em 1792 são perseguidas muitas familias da Madeira, que fogem para a America, e D. Maria ordena ao governador da ilha que entregue ao Santo Oficio todos os maçons. Em 1793 ha uma loja em Coimbra, da qual é veneravel um allemão, Matheus, e a que pertencem Francisco José Paula e o doutor Bernardo José Abrantes. N'esse anno é preso Francisco Coelho da Silva, por espalhar copias de uma obra revolucionaria. E em 1795 sabe-se da existencia de uma loja no Porto. Em 1796 procede-se contra Alexandre Campeluzi,. mas logo em 1797 se fundam varias lojas em Lisboa, depois de uma reunião de maçons a bordo da fragata *Phenix*. Em 1799 são denunciados como liberaes Manuel Telles Nogueira, Francisco Ignacio Cid de Mello e Castro, o capitão Alexandre Aro Lacueva,

o ourives Francisco Salles, o padre Lucas de Campos, o cirurgião Simão Gomes, o bacharel Antonio Ferreira Nobrega, etc.

Na provincia, em Barcellos (1797) é preso Manuel José Pereira Coutinho, que lia a outros o Credo da Republica Lombarda: «Creio na Republica Franceza una e indivisivel, creadora da liberdade e egualdade», etc. Um padre denuncia alguns estudantes (Junho 1797) que espalham folhetos. (Torre do Tombo. M. 325 a 327).

Em 20 de Outubro de 1799 é presa no Rio de Janeiro, e depois ao desembarcar em Lisboa, M.me Entremeuse, e a 18 de Novembro João Seco, pedreiro livre «mestre da infame seita que tinha a logea na casa em que habitava». Juntava-se com clerigos irlandezes e outros que associava nas lojas de bebidas do caes de Sodré. A policia entendia que a época era muito critica por saber que «na grande logea d'aquella capital (Paris) de que era gran Mestre o Duque de Orleans foi tramada a infelicidade da França e de toda a Europa». Em todo o paiz, «em todo o orbe (Março) os jacobinos ou falsos illuminados tem espalhado as suas maximas infames e odiosas, procurando todos os meios de atacar a Religião e os seus Ministros.» Em 1801 a policia já tinha descoberto «cinco logeas de Pedreiros livres e Irlandezes illuminados, contando esta infame sociedade muita gente de todas as jerarchias». Alguns proclamavam-se republicanos nos cafés e nas casas de bilhar, tal como

Manoel Telles Nespereira, do Porto. De quando em quando corriam papeis clandestinos — *Epistola ao M.to Rev.do P.e Frey José de Carmellos* estampada em Londres em 1791. Nas casas dos fidalgos «fala-se com toda a liberdade» — marquez de Alorna, duque do Cadaval, marquez da Ponte de Lima. Em Coimbra «varios symptomas que apparecerão depois da Reforma derão indicio de que alguma porção do mesmo mal havia enfeccionado a Academia Portugueza porque o prazer, e o alvoroço dos Membros da Universidade em discursos indiscretos, e escandalosos claramente o manifestarão numa aluvião de escriptos liberticidas, e escandalosos e egualmente contrarios á Religião e aos costumes, como os Baylés, os Furets, os Helvessios, e os Rousseaux que passarão ás mãos dos lentes e oppositores, e muitos delles ás da huma grande parte dos mesmos Estudantes». Já se come carne á sexta-feira sem licença da policia. Em Bellas um francez, Barbier, que tomava aguas ferreas, aliciou muita gente para a seita. (Contas para as Secretarias — Livro VI).

Havia já tres lojas em Lisboa, uma no regimento de dragões ligeiros e outra no regimento que guarnecia a torre de S. Julião. A Intendencia da Policia alcança uma relação dos estrangeiros, que constava serem maçons. Em 1801 iniciam-se na loja *Virtude*, perto da convento da Estrella, onde morava o maçon André Jacob, inglez, e á qual pertenciam alguns oficiaes francezes do regimento

dos Leaes Emigrados, João Chrysostomo Ribeiro de Souza, João de Souza Pacheco Leitão, Curvo Semedo, José Carlos de Figueiredo, todos tres engenheiros, Estanislau José Ribeiro e o padre José Joaquim Monteiro de Carvalho e Oliveira. E se rebuscarmos com paciencia não é dificil fazer com varias relações manuscriptas uma lista exacta de pedreiros livres. Numa de jacobinos «incorrigiveis e temerosos» (M.s 855, collecção Moreira) lá vem João Aleixo Falcão Trigoso Wanzeller, grão mestre da maçonaria, alguns padres, oficiaes superiores do exercito, Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, Felipe Alberto Patroni, o Mata Diabos, capitão de mar e guerra, Dr. Domingos Vondelli, lente da Universidade, Jacome Raton, o ilustre cirurgião Antonio d'Almeida, o Dr. Bernardo José d'Abrantes e Castro, phisico mór do exercito, o pagador geral do correio, o prior de S. Jorge, o desembargador vereador do mercado da camara, oficiaes da armada, Manuel Ferreira Gordo, dois oficiaes da Intendencia da policia, D. André de Moraes Sarmento, capelão do hospital militar de Beato Antonio, que elle proprio se denunciou á Inquisição como pedreiro livre, o professor e medico da Real Camara, Henrique de Paiva, o grande pintor Domingos Antonio de Sequeira, o poeta Maximiano Torres, varios negociantes e muitas outras pessoas, todas ou quasi todas expulsas mais tarde de Lisboa.

«É de saber, que então era o tempo de maior effervescencia da revolução franceza, e que tudo o que alli se passava era de maior interesse para o mundo.» Havia muita gente que tinha livros francezes e que pedia para lhos traduzirem «outros que escreviam uma especie de boletim» que mandavam aos amigos. A peste chegara aos conventos... (Colegio de S.ta Cruz de Coimbra). «Os professores novos começavam a ensinar aos discipulos, e estes recebiam com avidez doutrinas que particularmente eram avessas ao velho dogma da infalibilidade do Papa e do poder deste sobre o governo temporal das nações (1790, José Liberato). No fundo de tudo isto lateja um grande sonho... E é curioso que já n'essa época os partidarios de Pombal são perseguidos como liberaes... (M.s — *O escriptor de si mesmo* — B. M. do P.) «e no convento só lhes dão pão e agua, matando-os á fome.» Um pouco mais tarde, um santo, fr. Caetano Brandão, não se podendo conter, havia de exclamar: — «Sabe que mais! Sinto um certo prazer ao lembrar-me que os francezes entraram em Roma. Roma precisava dum grande castigo, porque dali tem sahido grandes escandalos para a christandade!» (Liberato — *Memorias*).

Nós opuzemos a essa torrente esplendida uma creatura famosa: Manique, mixto de conselheiro Acacio e de policia secreto. Eis aqui o homem... O

que elle produz é espanto. Este sim, é compacto— é macisso—é sincero. Dos oficios, da papelada, da phrase gorda e caminhando com aparato atraz d'uma charanga, das suas palavras e das suas obras, conclue-se essa nitida verdade: foi um antepassado: encarnou uma época: foi um sêr inteiriço, colocado no proprio meio, desenvolvendo á larga todas as suas faculdades. Chega-se a isto: a admiral-o. Não tem uma unica falha: é o representante authentico do portuguez grosseiro e mandão—em casa de seu sogro. Escarra grosso. Devia ter sido feliz, exhuberante, solemne, tenaz e inquisitorial. Mete medo. Teve ás suas ordens carceres, bayonetas, esbirros; fez sofrer muita gente de coração. Estou a ouvil-o exclamar:—É jacobino! é mação!—com os olhos arregalados de pavor. E esse pavor sente-o até á medula do seu sêr. Para elle não existem duvidas na terra: caminha sem hesitação, n'um traço recto e logico. Faz respeito. Seu ideal de sociedade, é o de um povo servil, rei no alto e a côrte, literatos pedinchões, fazendo versos nos annos dos fidalgos, e em baixo a canalha. Aparecem bandos de creanças com fome nas ruas? Casa Pia com ellas. E muita ordem e respeito, muito temor a Deus e a El-Rei Nosso Senhor, nada de livros nem de maquinações philosophicas, bons esbirros, e carceres espessos para quem se atreva a pensar. De mais algumas estradas, trabalho, e cada qual em sua casa á noite com a familia a rezar o terço. Remexeu tudo, vas-

culhou na roupa suja d'uma época e prohibiu-se de escantilhão Voltaire e as poesias do abade de Jasente. Dizia condemnando um livro adoptado para ensinar a lingua franceza: «Não é proprio adoptar as instrucções dos individuos d'uma nação tão prevaricada, infeccionada de errados principios». De toda o parte lhe surgem conspiradores e conspirações. «Os fins d'estas reuniões fazem-me tremer» (16 d'Agosto de 1794). E tremia. O melhor era acabar de vez com leituras, com a inofensiva e mazorra *Gazeta de Lisboa*. Elle irrompe da papelada e dos oficios intacto, completo, admiravel, com a malta dos esbirros sujos e famelicos á roda. Lendo-o surge o homem a falar de papo, no tom de voz decisivo de quem tem o habito de mandar, com a omnipotencia dos que se sentem temidos. Passou por grandes afliçóes — desculpemol-o. Atrapalhou-se em contas, a ponto de ser necessario dar-lhe tudo por liquidado: não pensemos mais n'isso, porque a um homem que viveu no terror perpetuo dos jacobinos, não lhe era possivel descer ás minucias d'um exacto guardos livros [1]. Em Manique é ainda o passado que rosna e mostra os dentes... Debalde, debalde.

[1] Quanto ás duas ou tres estradas que mandou construir, ao triste casarão de piedade, á ridicula iluminação de Lisboa, que só mais tarde Rodrigo de Souza Coutinho realisou, futilidades e bugigangas. Protegeu as letras para as ter sob o seu dominio. O seu systema politico era o que se funda na delação, na espionagem e no despotismo social.

Debalde se opõe a cartilha á Revolução. É Seabra quem recomenda com fervor o ensino do cathecismo. Depois da guerra da independencia da America recorre-se em Lisboa ás rezas, aos lausperenes, ás preces nos primeiros domingos de cada mez «para afugentar os jacobinos internos e externos». As ideias atravessam o espaço como a electricidade [1]. Ha momentos em que as sociedades constroem no ar, em que os homens por egoismo, por interesse, por ambição ou por comodidade se submetem á mentira. Tudo isto dura ás vezes annos, tudo derrue n'um unico instante...

Luiz Pinto [2] propõe phantasticos tratados de

[1] «A historia do espirito humano é cheia de synchronismos estranhos que fazem que, sem haverem comunicado entre si, fracções muito apartadas da humana especie cheguem ao mesmo tempo a ideias e a imaginações quasi identicas. No seculo XIII, os Latinos, os Gregos, os Syriacos, os Judeus, os Mussulmanos fazem escolastica e quasi a mesma escolastica, desde York até Samarkand; no seculo XIV, todo o mundo se dá a alegoria mystica, na Italia, no monte Athos, na costa do Gran Mogol, sem que S. Thomaz, Berhebræus, os rabinos de Narbona, os *motecallenim* de Bagdad se tenham conhecido, sem que Dante e Petrarcha tenham visto algum soufi, sem que passasse em Delith algum discipulo das escolas de Perusa ou de Florença. Era como se grandes influencias moraes corressem o mundo, á maneira de epidemias, sem distincção de fronteiras ou de raças» (Renan).

[2] Luiz Pinto de Souza, depois visconde de Balsemão. Entrou na secretaria dos negocios estrangeiros e guerra no mesmo dia que Seabra da Silva. Depois da sahida d'este passou para a do reino. «Muitos se locupletaram á sua sombra».

aliança—uma triplice—a Inglaterra, a Hespanha, Portugal contra a França. Em vão a Convenção mandára um embaixador a Lisboa (1793). Os emigrados francezes teem decidida influencia nos nossos homens de Estado [1]. Isto hoje faz rir, mas como podia Pinto comprehender a Revolução com os Assassinos, o Terror e o Inferno desencadeado? Inglaterra e Hespanha fazem afinal uma convenção sem sequer nos ouvirem, e os acontecimentos precipitam-se com a morte de Luiz XVI no cadafalso. A Inglaterra arrasta-nos, a nossa esquadra fica ás suas ordens, as nossas tropas ás ordens dos hespanhoes na inutil campanha do Russilhão (Setembro de 1793). Já Luiz Pinto comenta: — «Lá giramos nós á roda do turbilhão hespanhol!» —Era a França subvertida, mas a nação acode ás fronteiras e a Europa recua. As hostilidades cessam. Assigna-se o tratado de Bazilea (1795). Em Lisboa ignora-se tudo. A Hespanha requer a paz, a Hollanda capitula, cedem a Austria e a Prussia. Fica a Inglaterra, ficamos nós, sob a direcção do polido *Pinto fidalgo embaixador da Mancha,* que prometera ás damas do paço mostrar-lhes alguns especimens de jacobinos dentro d'uma gaiola de ferro. O governo francez abstem-se de nos declarar a guerra. Só em 1794 é que os seus corsarios come-

[1] Influem no espirito do inepto Pinto de Lima; Pinto e Martinho e Melo optam pela Inglaterra; Seabra e Lafões pela neutralidade.

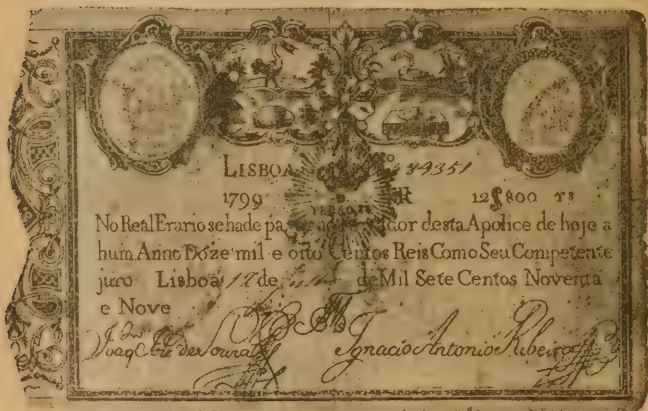
çam — mau signal — por nos aprezarem uma embarcação, *O Senhor dos Passos*. Martinho e Mello acusa a França d'uma «guerra insidiosa». Que vae fazer este mundo de velharias, este mundo que se baba, contra a vida desabalada? As consciencias mudaram a ponto de na imensa, na catholica Hespanha, o conde de Aranda, successor de Florida Blanca, se declarar discipulo de Voltaire e fundar o Grande Oriente. Por isso estrebucha: apela para a burla, para o dinheiro dos escravos, para o suor do negro.

Acabaram-se as folhetas, o oiro em pó, as arrobas d'oiro laminado [1]. Quinze annos depois de Pombal varreu-se tudo [2]. Fabrica-se papel moeda a juro de 6 % e dá-se, espalha-se papel, obtém-se papel até em troca de imaginárias dividas. Julgando ter descoberto um poço sem fundo o governo usa, abusa, deita papel ao vento [3]. Restam

[1] Na frota que trouxe a noticia da perda de Santa Catharina tinham vindo em diamantes 130:000 libras esterlinas; em 1764 do Rio e da Bahia 15 milhões de cruzados, 220 arrobas d'ouro em pó e folhetas, 437 arrobas d'ouro em barra, 48 arrobas d'ouro laminado, 8:871 marcos de prata, 42:803 peças de 6:400, 3:083 oitavos e 5 quilates de diamantes, etc.

[2] Se é que Pombal deixou milhões no cofre... Segundo Alberto Telles essa historia não passa duma lenda...

[3] Isto não impedia o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois visconde de Linhares, — que fôra chamado para a secretaria do ultramar por falecimento de Martinho de Mello e Castro, de dizer — «Temos muito dinheiro... — Comtudo

as pedras, as joias, os diamantes brutos — e Pinto que remexe no cofre...

Papel moeda.

Só em 1797 Seabra consegue convencer o Principe de que é necessario tratar com a França. A Hespanha concentra tropas na fronteira, quando Antonio d'Araujo parte d'Hollanda para Paris a negociar. Ao desespero succedêra o Directorio. Barras vende-se, o amavel aventureiro Mr. de Talleyrand tem decidida influencia nos negocios de Estado. Pela primeira vez ouve-se no mundo um

n'este mesmo tempo se pedião, por sua insinuação, contribuições voluntarias a todas as classes, e se acceitava até a diminuta quantia de oito testoens». (Ratton).

nome extranho: *Buonaparté*. Surgira o vago Révellière Lesprés e Barras, um traficante. Vem á tona outros homens, uma alegria que dá a impressão de ser ficticia, o poderio dos bancos, do dinheiro, da materia [1]. «Acceite tudo», acena de cá o ministro. A Hespanha só nos garante d'uma invasão se sacrificarmos a Inglaterra. Era a perda do Brazil e das colonias. A 26 d'abril de 1797 França e Hespanha fazem uma convenção secreta para a conquista de Portugal. A Inglaterra instada envia-nos 6:000 homens de socorro. Foi n'essa ocasião que estivemos vae não vae para mandar vir de fóra um general ilustre, o general Mack — o das derrotas!...

Chega-se a um tratado (1797) com um artigo secreto — dinheiro — quando a Inglaterra intervém. Pinto aflige-se, o embaixador reclama, a republica nomeia o general comandante das tropas de inva-

[1] A 25 de junho escreve Araujo para Lisboa:

«Para comprar os membros do *directorio* e outros individuos que cercam o governo, a fim de impedir a colisão Hespanha, demorar a ruptura d'esta potencia e adiantar a nossa negociação, fiz despezas de que ainda não posso dar contas, porque, correndo por via de Peppe, este se não achava om Paris no momento da minha partida. Em Paris não se dá passo algum sem dinheiro, e é preciso destinar tres ou quatro milhões de libras para comprar os *directores*, ainda que a sahida de Letourneur, que era um dos corruptiveis, diminuiu aquella despeza. O secretario do *directorio* e o ministro das relações exteriores são egualmente corruptiveis e Barras vende-se a quem mais dá».

são, e por fim a Inglaterra cede. Já passára porém o prazo marcado por Talleyrand, — Ahi vão mais diamantes! mais dinheiro! mais pau brazil! escreve Pinto. Ahi vão tres milhões em vez de dois, e que desapareçam as ultimas duvidas...—É tarde. O embaixador portuguez é preso no Templo.

Augmenta o perigo, a Inglaterra retira dois regimentos de Portugal. Cheira a saque. Corre que no paiz, no fundo dos paços regios, ha cofres abarrotados de diamantes brutos. Diogo de Carvalho, depois visconde de Vila Verde, bate, em Paris, á porta dos traficantes diplomatas e oferece mais um milhão em diamantes, mais 500 mil cruzados em oiro. (1798) Por um momento Luiz Pinto ordena: — Tenha mão. — (Sowarow batêra os francezes...) Tudo abana e desaba: os inglezes assenhoreiam-se dos nossos portos, a França exige o rompimento imediato, a assignatura d'um tratado vergonhoso. Já é outra a força que se impõe, Bonaparte. Dois de março — declaração de guerra: a Hespanha, levada pelos francezes, invade-nos. Não temos generais, não temos soldados. Ordem ás praças fortes: — Fechem as portas. — As praças não teem portas! — Luiz Pinto corre a Badajoz, a oferecer mais diamantes, mais oiro, e reclama a paz. É o fim de tudo? Vae desabar o velho mundo carunchoso? O general em chefe do exercito, o sceptico Lafões, bem se esforça por demonstrar ao inimigo a inutilidade da guerra: — «Para que havemos de nos bater? Portugal e

Hespanha são duas bestas de carga, a Inglaterra excita-nos, a França aguilhôa-nos. Agitemos os nossos guisos, mas pelo amor de Deus não nos façamos mal». — Os soldados fogem com medo,

HAVENDO a Miſericordia Divina póſto termo á effusão de ſangue humano, fazendo ſucceder aos trabalhos da Guerra a ſuavidade da Paz, conſummou a ſua incomprehenſivel Providencia eſta grande Obra pelo

«Fac simile» do decreto sobre a paz.

e a fuga é classificada pelos hespanhoes como diabolica marcha de guerra; Olivença rende-se aos primeiros tiros e o governador prega aos soldados — Não façam mal ao inimigo! — Tropas fechadas nos quarteis d'Arronches deixam os hespanhoes á solta. Os camponios matam alguns a fueiro. Lafões, ao arraiar da madrugada de 30 de

maio, safa-se para Lisboa, antes que o exercito retire. A indignação da capital produz um pasquim: «Perdeu-se entre Portalegre e Arronches um menino de 82 anos, pouco mais ou menos, com umas botas de velludo negro: roga-se, portanto, aos que o acharem que o entreguem no escriptorio dos anuncios.» E foi tudo. Vale-nos Gomes Freire em Traz-os-Montes — vale-nos isto: a Carlos III succedêra Carlos IV, e Godoy a Florida Blanca.

Conclue-se o tratado de Badajoz; Luciano assigna á pressa, com as algibeiras cheias de diamantes, antes que chegue o correio de Napoleão com ordens severas [1,2].

É assim de vexame em vexame, de irresolução em irresolução, de vergonha em vergonha, que

[1] «La paix de Badajoz est pour Felix Desportes comme pour Lucien, une source de brilhants cadeaux» (Savine). É depois da paz de Badajoz que Luciano se instala com esplendor em Paris, no Plessis-Charmant. Em França avalia-se em 50 milhões o que Luciano apanhou em Hespanha (M.me Rumusat). E elle proprio confessa: «Pelo tratado da Toscana recebi 20 belos quadros para a minha colecção, e mandaram-se encastoar 100 mil escudos de diamantes para mim. *Pela paz de Portugal hei-de receber outro tanto*».

[2] E a Inglaterra? Tenta-a a ocasião de se apoderar dos Açores, da Madeira, do Brazil, das colonias. Chega a desembarcar tropas em Gôa. Entre os seus diplomatas e a França trava-se este curioso dialogo:

—Lisboa e Porto vão pertencer-nos. O primeiro consul póde regeitar o tratado que n'este momento se negoceia em

vamos como um trambolho, de rabicho e farda, até ao tratado de Fontainebleau. O velho mundo esfarela-se: já não há artificio que o sustente de pé...

Agora podemos encarar um momento as figuras... Uma idéa gasta-as e desgasta-as, outra idéa se apodera de todas as almas. Se Pombal é de ferro, no proprio Pombal se sente o trabalho lento da época: a sua obra cae exactamente porque não poude amparar-se nas consciencias do seu tempo. Os outros são méras sombras, são cadaveres: por fóra pompas, galas, por dentro o vacuo. Fedem. Falta-lhes solidez, falta-lhes sobretudo convicção. O tropel apanha-os e leva-os diante de si como farrapos. Só o velho, de cabelos brancos, que já ha muito resvalou da solidão de Pombal para a frialdade do sepulcro, e que dispoz de horas atraz de horas consecutivas para comprehender a inutilidade do seu esforço, se avoluma e se impõe... Os seus ultimos dias são amargos. Não dorme. É dificil arrancal-o á imobilidade petrea,

Badajoz, se a Inglaterra não abandonar Malta, contentando-se com a ilha de Ceylão.

E a Inglaterra responde:

—Se o primeiro consul invadir Portugal na Europa (É lord Handkesbury quem fala) a Inglaterra invade os estados ultramarinos de Portugal. Toma os Açores, o Brazil, e arranja penhores que nas suas mãos valerão muito mais do que o continente portuguez nas mãos da França.

á muda contemplação em que se entranha. Não fala. Se vê é já outro mundo, pelo qual espera nas noites sem fim do exilio. A treva é temerosa, a treva acusa-o, o negrume povôa-se de gritos, arfa de desespero, vae tragal-o sabe Deus para que destinos ignotos, e no entanto elle olha cara a cara a propria consciencia e não desvia o olhar.

Não conseguia dormir, e assistiu á revolução na America, aos primeiros gritos que expludem no mundo. Comprehendeu ou não o seu significado? Essa era a ocasião em que valia a pena focal-o n'um grande drama todo interior: a consciencia rigida em frente da revolução iniciada... — Ou, reduzido a manequim com os ossos a ranger, e mal podendo suster-se de pé, assestou a tremenda luneta para os factos, as idéas e os acontecimentos, com serenidade e desprezo?... Este é o drama que importa... Os outros são bonifrates; debalde se agitam no fundo obscuro, não nos interessam. Toda a resistencia é tambem inutil, vão todo o apêlo para o passado. O mundo é o mesmo, os homens mudaram.

II

A MARCHA

Napoleão desaba sobre o mundo. É a tempestade: assola, destroe e saneia. Revolve tudo, remexe tudo: as nações bolorentas e espessas, os povos no marasmo, as côrtes d'aparato, a Hespanha, a Alemanha, a Italia e o Papa, tudo a soldadesca n'um impeto derruba, levando-o em cacos diante de si. Sobre a Europa extravasa esses homens, n'uma perpetua agitação, a geração do Terror, e cria outras idéas, espalha outras ancias. Por cima das ruinas e da morte paira um desmedido sonho d'aflição...

Porém a materia só na verdade gera a materia. O que sacode as almas é uma força espiritual, que Napoleão, colocado por acaso na sua frente, desvirtua e desnorteia. O mundo transformou-se — o homem interior, como disse, é que se transformou, e só assim se comprehende, primeiro a exaltação dos exercitos napoleonicos; depois as

victorias consecutivas, as hostes archaicas em farrapos, as côrtes desmanteladas, os generaes derrotados, a Europa revolvida de lés a lés. Genio do chefe, nova maneira de combater, planos, Napoleão ou Berthier, são considerações secundarias, quando não proveem exactamente do facto capital e decisivo:—outro homem, outro ideal, outra existencia necessaria. Vêem-se as aparencias: canhões, bayonetas, levas humanas, gritos, mortandade: a realidade é outra, a realidade é a força imensa do sonho que engendra o mundo novo...

Após a paz de Tilsitt, só um inimigo resta na frente de Napoleão: a Gran-Bretanha. O combate da Inglaterra com a França vem de longe, vem da Revolução, mas agora, em definitiva, o mar é dos inglezes, a terra de Bonaparte... Um momento... Para bem comprehender a Inglaterra é necessario ir vel-a ancorada no oceano, nevoenta e prophetica, com negros de chapeu alto a prégar nas praças e ao lado thesouros d'assombro—quasi ridicula e temerosa, negra de fumo e de carvão, e capaz de gerar Shakspeare. Mixordia e contraste: os seus prophetas são práticos, o sonho d'esse colossal navio-forja é prático, e os seus poetas são os maiores do mundo... Londres precisa de névoa ou da noite. É o seu vestido. O sol amesquinha-a: na sombra desaparece o grotesco. Tambem a Inglaterra, exclusivista e prática até em religião, pautada e tragica (ainda hoje na Torre echoam os gritos dos phantasmas...) com uma historia cruel

e positiva, precisa do espesso nevoeiro dos seculos para ser avaliada em toda a sua grandeza. A raça tem não sei o quê de semitico — afóra o sonho! afóra o sonho!... E eil-a negra de pó, ao estrondo e ao clarão de inferno das suas machinas, eil-a que perde o pé e tem alucinações... Ha que tempos que a scisma de sujeitar o mundo a traz sobresaltada — e não desçansa, não póde...

São estas as personagens: a Inglaterra com o mar, as esquadras, os cofres abarrotados de oiro e um mixto de odio, de orgulho e de sonho; Bonaparte com exercitos após exercitos, levas impetuosas e exaltadas. A Europa atonita espera, desconfiada e dividida, com as suas côrtes inimigas, cheias de preconceitos e rancores, de espiões, de intrigas, de generaes derrotados, de diplomatas cerimoniosos levados á ponta de bayoneta, e de agentes de Pitt com os bolsos cheios d'oiro, concitando obstaculos e atritos entre farrapos do scenario antigo — doceis, thronos, cerimonias, pompas. Isolar a ilha, separal-a do mundo e arruinar-lhe o negocio, era o plano de um; era o plano do outro reunir os escorraçados e os batidos, insuflar-lhes vida e oiro — oiro sem fim, oiro ás pazadas — até aniquillar a França. A Inglaterra ha-de ser sempre o inimigo de todos os poderosos que se atrevam a sonho maior que o seu.

Dois homens haviam encarnado a tenacidade d'essa raça orgulhosa e persistente — Pitt e Pitt. Lord Chatam — póde dizer-se — sucumbe em pleno

parlamento, como um grande actor no tablado. Embrulhado em cobertores, ampara-o o filho, e

Guilherme Pitt.

todo elle dôr, já nas mãos da morte, encontra ainda este grito desesperado e supremo: -- A

guerra! a guerra!—A um mata-o a independencia da America, ao outro Napoleão. O' primeiro foi um homem colerico — e maniaco, dizem os historiadores — um idealista. Mas escutem: sonhou e a scisma deu-lhe em troca o desprêso absoluto do oiro, dos homens, das ridiculas grandezas, e um amor tão obstinado ao seu paiz, que só o comparo á arvore: se lhe falta a terra, falta-lhe logo a vida. Teve, é certo, uma ambição desmedida do poder, da gloria, da vingança — quem a não tem? — mãos de ferro, coração de ferro, e, num tempo de corrupção e de ganancia, o mais escrupuloso e theatral desinteresse. Cresce a Inglaterra sob o dominio do *grande burguez:* á victoria segue-se a victoria, e funda no Oriente um imperio mais vasto que os de Pizarro e da lenda. O dinheiro, que coisa estupida, se não serve á gloria e á paixão! Em si é apenas metal resequido, e é tambem vida, poderio, mysterio, conquista, e liberdade. Sabe-o dispender á farta: arromba os cofres inexhauriveis da Inglaterra, e o oiro extravasa como um jacto; aos generaes, aos embaixadores, aos soldados comunica audacia e impeto, e, se no parlamento o combatem, de sua boca desdenhosa saem gritos, desdém, cóleras, escuma. Maneja como nenhum outro a invectiva e o sarcasmo, e diante de seu olhar, tal força gera, os adversarios recuam. Serve-se de todos os meios para alcançar o poder e para engrandecer a sua terra. E mesmo quando a doença,

os desastres e o estupido desafecto da côrte o abalam, e Pitt é tão sómente uma ruina—é um colosso ainda. Macaulay só o compara—e baixa o tom da voz—ao Colyseo. Quando o segundo Pitt chega ao acume do poder, aos 26 anos de edade, a Inglaterra está de novo em perigo, até no seu elemento, o mar. Apodera-se de todo o seu sêr esta imensa absorpção—a grandeza do paiz. Na tenacidade, no orgulho, na resistencia, parece-se com o pae. Póde a desgraça suceder-se á desgraça—a fatalidade encontra-o sempre de pé. Perde horas preciosas d'um tempo precioso a incutir energia ao rei idiota e á côrte versatil. É de aço. Como todo o homem de estado, vive na falsidade, na mentira, n'uma atmosphera de suspeições. Atende o que é mesquinho e inutil, os pequenos nadas, os ditos, as frivolidades, os trapos, as vaidades e os ridiculos, o soberano sem miolos, os homens futeis, os bonecos da côrte, e depois arca com a tempestade napoleonica. Avaliem, se podem, o que isto representa de sofrimento oculto, de gritos represados, de desespêro e de orgulho, de esfarrapar de todo um sêr e de verdadeira grandeza... A Revolução não a entende. Passa horas no parlamento a convencer—a convencer-se—de que a Republica está exgotada, e sempre que os seus exercitos desembarcam, a capitulação segue-se á derrota. Tenta tudo, até os meios inconfessaveis, e já outra força inesperada lhe surge—Bonaparte. Concita a Ale-

manha e a Russia, o outro destroça-as; a Austria, a Europa e o outro bate-as. Espreme os cofres, espalha o oiro, alia, inventa—e a outra figurinha, com as mãos atrás das costas, scisma em invadir a própria ilha: prepara tropas, canhões, barcos de fundo chato para a abordagem, e marca um ponto na carta, Dublin. Cautela! O plano parece um romance inventado por Wells. As nações atendem. Pitt, porém, não desanima. Ignora a sciencia da guerra e estuda-a; todos os dias insufla vontade ao rei inepto; junta a Austria e a Russia—Napoleão destroça-as. Cae sobre os austriacos em Ulm e a derrota abate o grande ministro. As noticias de Trafalgar ainda o reanimam, mas Austerlitz prosta-o de vez. Poucos dias lhe restam de vida. Tem um sobresalto, recorda-se: não perdeu um minuto da existencia, salvou a Inglaterra: lembrou-se de tudo, acudiu a tudo—esqueceu-se de viver. O grande e desgraçado ministro morre virgem e pobre.

Falta o outro... O outro é Napoleão. Vale a pena esboçar a figura: Bonaparte passa os primeiros annos da sua vida de pobre a sonhar, e emquanto põe em prática o sonho de que se impregnou, marcha sem hesitações. Previu tudo, até os mais infimos permenores. Alguem que o viu pela primeira vez na Italia espanta-se: «Parece que escuta com mais distracção que interesse, e que ouve antes os seus proprios pensamentos que os alheios». Sem duvida. É que os

annos de fome e de desgraça levou-os a sonhar, a encher-se de combinações, a exaltar-se, a arder. A sua queda começa exactamente no minuto preciso em que se esvasia de sonho. Não é só o orgulho que o leva a combater a Inglaterra, a despedaçar o tratado de Amiens, e que o arrasta a Ulm, a Yena, a Wagram, é tambem o imperioso sonho. Não póde quedar-se este sonhador, que é ao mesmo tempo, por destino, o representante do materialismo, dos banqueiros, do negocio, da gente que exige a ordem acima de tudo para encher os cofres: — lévas impetuosas empurram-no para a frente... Na paz abre a boca com somno. A morte dos outros exalta-o. Para não se aborrecer massacra cinco milhões de existencias, e para dispor dos instrumentos das suas paixões, todos os annos distribue pelos apaniguados a soma colossal de trinta e cinco milhões de francos. Quando do sonho só lhe restam cinzas extintas, tacteia como um cego n'um mundo de realidades, desconhece os homens e pratica tolices indignas do seu genio. Esvaíra-se a força magnetica que até ahi o dominára. Falta-lhe a inspiração. Era imperioso e laconico, fica difuso; era nitido e prompto, cae n'uma especie de torpôr. Só a desgraça terá mais tarde o poder de o abalar, resurgindo traços da figura sêca dos primeiros tempos. Era quasi um ignorante — adivinhava tudo. Aos 23 anos, antes de partir para a Italia, desanda a interrogar n'um salão sobre verdadeiras insignificancias de

tactica, velhos guerreiros, que olham d'alto o generaleco coçado. Incapaz de manobrar um regimento, conquista a Europa. Ignora a tactica; despreza a comica manobra das antigas batalhas e emprega a estrategia. Refugia-se nos sitios romanticos de Malmaison, onde, entre arvores desgrenhadas, em que não repara, porque detestou sempre a Natureza — maquína a devastação da terra, enfileirando exercitos hypotheticos e distribuindo corôas. É n'essa paz esplendida que organisa o saque da Europa.

Todos os que se lhe aproximam são concordes em afirmar que gera um poder extranho. D'elle emana, realmente, nos primeiros annos de triumpho, um fluido ainda descònhecido, perante o qual todas as vontades se fundem, e que o leva de victoria em victoria, fazendo marchar para a morte aos gritos de — Viva o Imperador! — a França em peso n'uma só vontade. E como prende os homens pelos vicios e pelas paixões, é adorado como nenhum outro déspota o foi. Uma figura assim cobre-se de gloria, e nem sequer, (não tem tempo) escuta os gritos. Os homens para elle não passam d'algarismos: quando muito soma-os. A dôr alheia é zero. Chega a pedir a uma população exgotada por tres mil combates e batalhas, mais de um milhão de soldados. Acabaram já as velhas legiões, e nem reminiscencias existem da disciplina de Saint-Just e Lebas, que mandavam, em 1794, fusilar os voluntarios por furtarem ovos numa ca-

poeira. Um ano depois de 94 ainda a brigada de Latour d'Auvergne, cognominada a «columna in-

Napoleão, tenente d'artilharia.

fernal» acampa na Biscaya, sem que os velhos soldados da republica se atrevam a saquear as cerejeiras carregadas de fructo. O soldado de Napoleão é outro: é camarada da Morte e destinado

á Morte... No fim da vida faz-se comilão. Engorda. Rodeia-se d'um pomposo cerimonial de opereta. Parece um velho actor mediocre, pela vaidade enfermiça e pelo aspecto balofo. Afasta os que o conheceram pobre. Ha n'elle duas figuras sobrepostas: a do instinto, o phantasma, em que a força magnetica das multidões actua, e o comediante subalterno que estuda phrases de efeito...

A esphera engrandeceu tambem a ponto de elle proprio tactear. Os exercitos são enormes, temerosas as forças desencadeadas. Pede-se um deus—cria barriga. Só lhe restam tropas de estupida conquista, para colocar no throno reis d'opera-comica. Mas ha outra coisa tambem... Lembro uma pagina de Segur que muito tempo me fez scismar... Na retirada da Russia, Berthier, somnambulo, continua a indicar a disposição de imaginarios corpos d'exercito. Já não existem nem forças ordenadas, quanto mais exercito—e elle todos os dias regularmente expede ordens sobre ordens a phantasmas. Comedia? Impossivel. É a força do sonho que os domina e impele. Berthier comanda aos vivos e aos mortos...

Um dos adversarios domina, finalmente, depois da paz de Tilsitt, a Europa; é dos inglezes o mar. Napoleão isolára-os, fechando-lhes com sacrificio todos os portos. Apenas Portugal resta indeciso e suspeito, ao lado do inimigo irreconciliavel. Junot marcha logo de Bayona para o golpe decisivo.

*

A horda corta pela tragica Hespanha com neve, assassinatos, gritos. Nos livros tudo isto joga com regularidade de peças aliadas: é uma machina. Na realidade é uma machina viva, desespero e dôr, com sangue, os pés inchados, a boca sequiosa, frio, fome, sofrimento. No papel não se ouvem gritos, a marcha é uma linha no mapa, os homens são numeros postos uns ao lado dos outros: nos livros o exercito de Junot é isto:

O *exercito de observação da Gironda* é constituido por 3 divisões, a primeira sob o comando de Laborde, a segunda de Loison, a terceira de Travot. Cada divisão comprehende 2 brigadas, cada brigada 3, 4 ou 5 batalhões. O efectivo

da 1.ª é de	8:471	homens
o da 2.ª é de	8:296	»
o da 3.ª é de	6:196	»
	22:963	

A divisão de cavalaria do comando do general Kellerman tem o efectivo de 2:151 homens, e fracciona-se em 2 brigadas, a primeira comandada pelo barão de Margaron, a segunda pelo barão de Maurin. A artilharia — 22 peças de calibre 4, 10 de calibre 8, e 6 obuzes de 6 polegadas — sob o comando do general Taviel, dispõe de 38 bocas

de fogo, com 6 companhias, uma de operarios, e de um batalhão de trem de artilharia. Efectivo 1:073 homens. A engenharia, com 18 praças de pret, é comandada pelo coronel Vincent. O efectivo do trem de equipagens é de 292 homens, 550 cavalos, 114 fourgons. Chefe de estado maior general de brigada barão de Thiébault, sub-chefe de estado maior Mr. de Bagneris, ajudante comandante. Total aproximado 26:000 homens.

Na realidade quanto sofrimento n'estes numeros: a terra empapada, os caminhos, a marcha dia após dia, a fome e o cansaço!... É um monstro que ahi vem, todo nervos, a Dôr a caminho, a Morte a caminho, através da tragica Hespanha. Da Republica a 1807 os exercitos tinham descido sempre. Parecem hordas. Para o soldado o problema só tem uma solução — a morte. A guerra nasce da guerra; homem ferido é homem abandonado. A dôr que ninharia! Hoje vivo, ámanhã caïdo n'um fosso. Muitos requerem a esmola d'uma bala. Na Italia, em 1799, n'uma campanha feroz, um granadeiro procura o general aos gritos: — Mande-nos matar! mande-nos matar! — O quê! — Somos duzentos feridos — mande-nos matar. Logo que o exercito marche, o paisano esfaqueia-nos. Uma bala é melhor.

Os exercitos não têm impedimenta. — Vive-se até no deserto, explica Bonaparte, que não esquece nunca o cozinheiro, o mesmo homem ilustre que, na penuria de Marengo, descobre

a receita do frango á Marengo. Como consequencia logica, a fome e o roubo. Napoleão, genio para quem os gritos — dos outros — não têm valor apreciavel, descobrira que a victoria consiste, sobretudo na rapidez das marchas, para acumular n'um dado ponto forças superiores ás do inimigo, como a boca de fogo junta boca de fogo, para abrir brechas nas muralhas humanas. Á brecha segue-se o assalto. Portanto nada que prolongue a marcha, possa atrazal-a ou detel-a. Gritos! mais gritos — mais exaspero! Força é ser-se ladrão e féra.

Avançam homens de todos os cantos da terra, mescla de inferno, que o grande imperador, como um magico, fizera surgir dos *basfonds* da Europa. Desencadeára todas as paixões. Uns veem para roubar, outros para matar. Ha generaes que querem encher-se, ha-os que scismam n'este goso superior — a crueldade e a ruina. Saquear, dispôr de vidas após vidas, romper n'um frenesi, aos urros, por uma cidade dentro, ouvir gritos de raiva, assistir ao grande quadro da destruição, é um espectaculo soberbo, cheio de imponencia e belleza. Oh, ha muitos d'estes voluptuosos! São exasperos em marcha, cóleras, infamias, á espera de ocasião. Avante, avante! A Dôr acorda e caminha...

Pertence ás feras o primeiro plano. N'uma sociedade bem organisada esses homens acabam no cadafalso: na guerra são indispensaveis, cobrem-se d'oiro e de gloria, enchem-se d'honras e galões. Quem daria por Massena, Soult e Junot e

pelo proprio Bonaparte? Sem o morticinio que os elevou, não sahiam do desconhecido, tecendo em vão na sombra estereis sonhos de ruina. É gente vinda de todas as partes do globo, sem escrupulos, gente nascida n'uma época em que tudo parece baquear: idéas e sentimentos. Guindam-se aos mais altos cargos homens como Massena, contrabandista e estalajadeiro, ou como Napoleão, simples tenente de artilharia; varrem-se reis e thronos, que pareciam inabalaveis e massiços.

De resto esses marechaes lendarios de Napoleão pedem tudo, mendigam tudo como creados de servir. Um dia o general Vicent entra no quarto do imperador, já a caminho da desgraça: —Tem alguma reclamação a fazer?—Não, sire.—Bonaparte espera: é o momento habitual da pedinchice. Em vão. Então, com tristeza e espanto, exclama:—Aqui está um que ainda me serve e não me pede nada!—Diga-se: Napoleão quel-os assim—sem escrupulos. Todos os seus generaes são ladrões agaloados. O roubo é corrente, e o oiro d'uns espicaça a ganancia dos outros. Querem fartar-se á pressa—a morte está ali ao lado... Portanto d'alto a baixo saqueia-se ás escancaras, e, como Napoleão gosta de luxo, atira-se o dinheiro alheio pelas janelas. Valem-se. Ás vezes chegam a isto: roubam-se uns aos outros ou capitulam por causa das bagagens abarrotadas. Berthier marcha sobre Roma e promete um bodo geral ao exercito: guarda tudo para si... E intri-

gam, mentem, compromettem de proposito os camaradas, não chegam a tempo ao campo de batalha—e, diz Blaze, que «o numero de officiaes e até de generaes que desaparecem logo que rompe o fogo, para se refugiarem longe da zona perigosa, é menos raro do que se póde supôr».

Digamos porém, as coisas, como ellas são na feroz realidade: quem poderia arrastar atrás de si, anno após anno, um exercito por marchas forçadas, através da noite, da lama, do frio e do espanto, sacrificando os feridos e exigindo esforços sobrehumanos, sem lhe prometer honras, oiro, o estupro e o saque—todas as esplendidas violencias? Quando muito, nessas circumstancias, o que é permitido a um chefe é dar a esses crimes uma aparencia de legalidade. Todos, portanto, mentem com descaro: «É á custa do nosso sangue que vos damos a liberdade... Vimos proteger-vos...» «Não lançaremos contribuições...» Palavras, mentiras, convenções, de que são os primeiros a rir. Napoleão... Napoleão fel-os á sua imagem e semelhança, com todos os seus defeitos e sem resquicios do seu genio. Secretamente detestou toda a vida os homens integros. Madame Remusat, que o conhecia intimamente, define-o em algumas phrases crueis: «Alma mais baixa não a havia. Não tinha generosidade nem verdadeira grandeza. Nunca o vi admirar, nem comprehender uma bella acção». Fez surgir á luz do sol, a

ambição, o desprêzo da morte, a cólera e os instinctos selvagens. Desencadeou o inferno. «Na vida existem apenas obstaculos, e para os vencer todos os meios são bons, comtanto que decisivos e rapidos.» —Sire, o general Clarke não póde fazer a juncção com Junot. —Porque? —É terrivel o fogo da bateria austriaca. —Tomem-na. —Regimento que se aproxime é regimento sacrificado.—P'ra a frente! p'ra a frente!—Em Austerlitz os russos retiram sobre o gelo e elle ordena ás baterias:—Atirar aos homens é perder tempo. Fogo sobre o gelo. —E o gelo despedaçado engole regimentos inteiros. Arredou o sentimento: foi o mathematico do crime e da catastrophe. «Só conheço duas alavancas para mover o homem: —o interesse e o medo.» Tinha razão, tinha genio? Decerto. Mas de que serviu o genio d'este aventureiro á humanidade?

A horda que avança não é bem um exercito: é um jacto de cólera, de paixões, de dôr extreme. Comanda-a um doido, Junot. Foi general, duque, olhou para o mundo do alto d'um pedestal, com trezentos contos por anno, e galões d'oiro da cabeça aos pés—foi toda a vida sargento.

Elle manda, os outros obedecem. Segue-o a cohorte de aventureiros e soldados, quasi todos imberbes, arrancados á França extenuada. Quantas dificuldades no recrutamento! Os homens desertam, mutilam-se, apedrejam os gendarmes, passam as fronteiras. A têta, á força de orde-

nhada, deita sangue. E com elles veem polacos, velhos granadeiros, restos, bandidos de todo o mundo. O homem que todos os dias vive cara a cara com a morte, põe de lado as futilidades da existencia: sua moral difere: o sofrimento humano não o toca: apressa-se a gosar. No peito mirra-lhe, como uma flôr inutil, a inutil piedade. Dispõe apenas d'uma hora: a hora presente: toca a aproveital-a. De resto, por onde passam estas hordas napoleonicas, passa o inferno. A lenda está desfeita: as velhas tropas, tão heroicas nos livros, na vespera de Yena cahem de bebadas e descarregam as armas sobre Napoleão. São em geral soldados patibulares, que ameaçam de morte os oficiaes. Por onde passam, o habitante esmola. Seguem-nos judeus, bandos negociando rapinas — e mulheres de toda a casta, viciosas, bellas, exaltadas e horriveis, acompanham os generaes e os soldados. Umas vestem fardas, outras trazem mantos roubados nas egrejas, paramentos, joias de altares, colares de imperatrizes e corôas de rainhas. Acompanha a caterva — e não a larga — a sarna, a diarreia, a syphilis e outros males inclassificados. Segue-os o pezadello e o limbo, figuras crepusculares, que rastejam na noite e na rectaguarda. Toda esta violenta canalha, necessita de excessos. Alguns divertem-se espancando os hospedeiros, como o general Vialannes, que na Polonia todas as manhãs chicoteia o judeu que o sustenta. O debo-

che e os excessos matam quasi tanta gente como os combates, e maltratar o burguez é um habito inveterado da corja. (Morvan).

Como não ha serviço de subsistencias, o soldado prefere a morte á fome. É fatalista e—dil-o Morvan—não passa d'um instrumento de gloria, de despotismo, de destruição e de morte, mais que qualquer outro, que não teve a arcar como elle com dificuldades quasi insuperaveis. Rouba tudo, escaca tudo. Dupont só abandona as cidades conquistadas depois de atulhar as bagagens com o oiro dos saques e os vasos sagrados das cathedraes.

Os soldados começam a faltar-lhe. Em 1807 já tudo serve a Bonaparte—ladrões, aventureiros, canalha de toda a especie e homens sem instrução militar. Abandonam os doentes para transportar o oiro, e os generaes só desejam o regresso para gosarem em Paris o dinheiro roubado em todos os cantos da Europa. A ladroeira chega ao auge e cada um só defende com verdadeiro desespêro as suas bagagens.

Ás vezes um frenesi apodera-se da corja, que destroe tudo com urros de prazer. A solidariedade findou e os chefes são os mais egoistas. De resto é impossivel comandal-os com firmeza: ninguem se sujeitaria a viver toda a existencia ao lado da morte, sem compensações extraordinarias. N'um dia cahem com fome, no outro banqueteiam-se como nababos—ou violam magnificas creaturas

sem defeza, ou recomendam com instancia ás cidades que resistam, para que lhes não falte a alegria frenetica do saque. Essa vida sem freio, d'hora a hora, no esplendor, na miseria, no regabofe, na agonia, aos gritos, torna a existencia larga, e o homem violento, fóra das regras e das convenções, todo ferocidade e instincto. Toca a viver! De mais sabem elles qual é a sorte dos feridos e doentes... Não ha medicos: quando muito recrutam-se estudantes de medicina sem prática. Reina o typho, a diarreia e a syphilis, e outros males, até findar na morte sem assistencia. São defeituosos os instrumentos de cirurgia. Cada corpo que marcha deixa um rasto de cadaveres. A 1 de Janeiro de 1806 estão 37 mil soldados nos hospitaes, um por doze. Desgraçados esperam 36 horas á chuva ou ao sol de chumbo a amputação d'uma perna. Ha divisões que nem pharmacia possuem. A febre putrida mata mais soldados depois da batalha de Austerlitz que a propria batalha—16 mil homens. Ainda hoje é ignorado o numero de mortos, de abandonados ou esquecidos da campanha d'Italia. Os regimentos ficam muitas vezes reduzidos a metade. Os dias de batalha são horriveis: nem medicos suficientes, nem maneira de tratar os que cahem das fileiras. 270 feridos são esquecidos em qualquer aldeola: quando por acaso se lembram d'elles, agonisam na podridão. Depois do combate arrastam-se de cidade em cidade, sem haver hospital

que os recolha. Está tudo cheio. Um granadeiro implora:—Cortem-me a perna. Já estou comido de gangrena, quer vêr? Bem sei que ninguem se importa com os feridos, são um embaraço. Então acabem-me por uma vez!... Antes morrer. (Thiebault, Morvan, Blaze, etc.).

Certas batalhas ficaram memoraveis. N'uma, os instrumentos de cirurgia cahem das mãos dos operadores tolhidos de frio e de cansaço. Um enfermeiro berra:—Á direita as pernas! á esquerda os braços!—Os feridos gritam:—Salvem-nos!—Mas a muitos nem sequer os erguem do chão. No dia seguinte só se lhes descobre a cabeça fóra da neve, e, apesar da violencia do vento, tempo depois ainda o cheiro da gangrena empesta. Ha ocasiões em que a sarna come tudo: outras é a syphilis. A mortalidade é tamanha que chega a assustar o proprio Napoleão. E põe-se a scismar: «Se me faltam os homens...» Dá ordens inuteis. Os cirurgiões teem trez mezes de escola, e o soldado morre para que os banqueiros encham os cofres e os aventureiros ganhem dinheiro a rodos. Não são raros os oficiaes da administração que juntam, n'uma só campanha, 500 mil francos com os hospitaes. Os enfermeiros roubam os doentes, e o soldado rouba o camarada que lhe cae ao lado. Entretanto Bonaparte nota os efeitos esplendidos do sangue sobre a brancura da neve.—Grande general—dizia Kleber—grande general a 6 mil mortos por dia...

A promoção é d'acaso e não raro recae sobre os menos dignos. General é Borghése, que na batalha berra aos couraceiros: — Estou perdido! quero-me ir embora! — A estatura, o ar marcial, são motivos de promoção — e a audacia tambem. A má reputação não os impede de trepar: assassinos e ladrões cobrem-se de doirados. A intriga é arma incomparavelmente melhor que o merito. Um ajudante de Berthier, encarregado da sua matilha e cavalos, chega a general: outros oficiaes, que cumprem o seu dever obscuro no regimento, não passam da cepa torta. O exercito heroico e probo da Republica transforma-o Napoleão n'uma cohorte de aventureiros dispostos a seguil-o até ao inferno. Quasi todos os oficiaes superiores são jogadores, bebados e ladrões. Stendhal, Courrier, Becquerel, desgostam-se da vida militar. Eis alguns dos lendarios chefes: José, alma de policia secreto, Luiz, tyrano a quem faltou o ensejo, o libertino Jeronymo, Murat, valente e histrião, Davout, que assistia por gosto á execução dos soldados, o grosseirão Lannes, Soult, que volta da Andaluzia a abarrotar de rico, Duroc, Sebastiani, Savary creado de quarto, Junot e tantos outros, audaciosos ou infames, roubando e massacrando sem piedade, vivendo na corrupção e no despotismo... (Morvan).

Depois do exercito veem ainda os restos, a escumalha, a jolda; mulheres, judeus, bandos de traficantes, figuras sinistras, essencia de peza-

delo, que fórma, no ultimo plano do quadro, a massa esboçada, e que por isso mesmo impressiona, como cotos de azas d'um sonho disforme que a realidade tivesse partido...

É parte d'este inferno que avança sobre o paiz.

*

O céu pardo desfaz-se em agua, e atrás de grossas nuvens em farrapos, outro tropel cresce cerrado e disforme. Chove sempre, um dia, outro dia baço, — toda a noite negra. O exercito atravessa a Hespanha, por montes e desertos a que só os pastores se atrevem duas vezes no anno, de Castella a Velha para a Estremadura, da Estremadura para Castella a Velha. De longe Napoleão espicaça-o: fazem-se marchas forçadas sob a lufada impetuosa e a chuva ininterrupta. Faltam guias, e os soldados que se extraviam debalde gritam na escuridão. As noites não teem fim, é pegajosa a lama, o frio trespassa-os, o camponio esfaqueia-os mal os apanha longe das columnas. Do céu baixo e soturno, todo forrado de nuvens, desabam sem cessar as cordas d'agua. O itinerario traçára-se d'antemão, mas, á primitiva ordem de occupar as posições que o general Leclerc tomára em 1801, succede, durante a marcha de Valladolid para Salamanca, a de avançar sobre Lisboa pela margem direita do Tejo. Em Alcantara ha-de reunir-se-lhe o general Caraffa com uma divisão, e outras duas

tambem hespanholas irão occupar o Porto e invadir o Alemtejo. Mas a Alcantara só chegam restos. Deitam contas ao destroço: a infantaria perdeu $^2/_5$ do efectivo, a cavalaria está quasi desmontada, as munições perdidas, e longas filas de bois acarretam as bocas de fogo. Compõem, remendam, saqueiam os archivos da Ordem de Alcantara para buchas, e distribuem 20 cartuchos por praça. A situação do exercito, dil-o Thiebault, é atroz. Junot resolve proclamar e proclama. A 18 de novembro, d'ahi a poucas horas, calcam os francezes terra de Portugal. Lá em baixo agitam-se em vão, n'uma atmosphera de ridiculo, a côrte, os frades, os prégadores, os poetas, os ministros. Vem ahi uma força desordenada: a animalidade estreme, generaes, histriões, o Caraffa com um barrete d'algodão na cabeça, uma garrafa de caldo e uma seringa de clisteres suspensa dos coldres do cavallo, Loison agitando o côto furioso, Delaborde, este, aquelle, e a turba multa que desfila e irrompe como um esguicho humano de cóleras e paixões.

Chove sempre. Annos depois Thiebault evoca com terror esses dias de espanto e classifica a marcha sobre Lisboa — de fome, esgotamento, diluvio e causa inicial dos desastres do imperio. A 19 de novembro sae d'Alcantara a vanguarda, atravessa a ponte sobre o Erjas em Segura e toma a estrada que passa por Zibreira e Idanha a Nova a Castello Branco, onde chega a 20, ás 6 horas da tarde. N'esse mesmo dia parte de Alcantara o resto

da 1.ª divisão, a 2.ª, os dois batalhões do regimento de Maiorca, uma companhia de sapadores catalães, outra de mineiros e 6 peças d'artilharia: atravessam a ponte em Segura e dividem-se em duas columnas. A saber: a 1.ª divisão, as tropas espanholas e o quartel general de Junot, rompem pela estrada do Rosmaninhal; a 2.ª divisão segue pela estrada de Zibreira e Idanha; a 3.ª com a cavalaria pela Zibreira e Ladoeiro a Castelo Branco; e as tropas hespanholas, com Caraffa, pelo Rosmaninhal e Monforte. Já a canalha de Idanha atira com os doentes francezes do alto da serra ao fundo do Ponsul. A 21 as duas divisões entram em Castelo Branco. No dia 20, ás 4 da tarde, espalhára-se na cidade que os francezes estavam na Zibreira. Ás 6 surge um oficial a galope e anuncia ao bispo a chegada de Junot, que só aparece ás 9 da noite do dia seguinte com os soldados da 1.ª divisão. Os ajudantes rebuscam o paço á procura de dinheiro, fóra a soldadesca faminta brame:—Pão! pão! deem-nos pão!—Ao clarão dos fornos cometem-se os peores excessos. N'esse mesmo dia sae de Castelo Branco a vanguarda. Começa a marcha tragica. Não ha caminhos, sucedem-se os desfiladeiros, os blocos de quartzo, a penedia afiada. Chove sempre. A chuva, que abrandára dois dias, recomeça logo. Gemem os pinheiraes; a noite é caligem, e dias após dias a mesma nuvem pesada tudo envolve e trespassa. Acaba um dia na agua, alvorece outro dia de chuva. Oito horas de clari-

dade. Perde-se a ligação entre as tropas. Caminham de roldão, sem nexo, aos farrapos, sob a agua incessante. A marcha recomeçada a 22, interrompe-se em Sobreira a Formosa para a 1.ª divisão, que tomára a estrada de Serzedo. Os hespanhoes da 2.ª divisão estacam perante a Portela das Talhadas. As imensas muralhas de granito, baças e disformes, parecem maiores. Infundem medo. O colosso á noite é temeroso: enche-se de treva, de grossas nuvens esponjosas, e a penedia asperrima, toda em arestas vivas, redobra de proporções. No alto existe ainda um reducto do tempo de Lippe. Bastariam alguns homens para desbaratarem todo o exercito invasor. Velhos soldados que tinham guerreado nos Alpes e na Suissa olham de baixo com espanto a serra e a muralha espessa. Cerra-se a noite de todo, cae a chuva a cantaros. Os primeiros homens que chegam a Sobreira, tacteiam com aflicção no negrume. Delaborde junta alguns tambores e ordena-lhes que rufem: das caixas, encharcadas, não arrancam som. Onze horas, meia noite—mais agua do buraco negro do céu. Em fila, a quarenta passos uns dos outros, surgem sombras após sombras: deixam-se cahir no chão aniquiladas. Toda a noite atroz se ouvem gritos—outros gritos de morte respondem ao longe. São os que se despenham de penedo em penedo, os que tropeçam e se afundam nas torrentes—e o vento arrasta o clamor pelos ares. Acendem fogaréos, um bando

d'homens enconcha as mãos na boca e buzina: — Eh! eh! — mas da noite funda só responde o echo. Até aos primeiros livores da madrugada chegam os soldados-lama, e encostam-se uns aos outros como um rebanho amedrontado. Blasphemam ou atiram-se ao chão fartos de sofrimento. Alguns olham com idiotia e pasmo a claridade suja da manhã. E chove sempre. Levam Junot em braços para um casebre, cortam-lhe as botas, deitam-no sobre a enxerga. A agua apaga as fogueiras, a lenha não arde, e quando a ventania tem momentos de prostração, só sahem da noite uivos de desespero. Bremier não póde falar. Que é do exercito?...

A 2.ª divisão segue o caminho da vanguarda pela Portela da Milhariça, Perdigão e Mação. As ribeiras transformaram-se em torrentes. A tropa olha em volta com fome. O povo boquiaberto, agrupa-se nos altos para os ver passar. Fazem-lhe signaes... Debalde remexem nas lareiras ou procuram que comer nas choupanas de pedra. De Castelo Branco a Abrantes, durante 30 leguas, sucedem-se os rochedos, e de longe a longe duas ou tres oliveiras carcomidas, um triste campo de milho, algum sobreiro tragico, desolação e pobreza. Os generaes desconhecem totalmente o paiz, as dificuldades augmentam e sucedem-se. Sem interrupção a agua desaba do céu baixo. A artilharia fica para traz: é impossivel arrastal-a. Apenas a artilharia ligeira conseguira chegar a Castelo

Branco. Os soldados rodam, saqueiam, despedaçam tudo. Fuzilam-nos. Teriam de os fuzilar a todos: peor que a morte é a desgraça. Atiram os sacos fóra, apegam-se ás espingardas inuteis. O aspecto dos homens, dil-o uma testemunha, é hediondo: envelheceu-os a aflicção. Dois terços são recrutas e com elles escoria esfaimada: suissos, prussianos, italianos, aventureiros da peor especie. Perderam-se as bagagens. Grupos ferozes deitam abaixo as portas para o lume, incendeiam com risos bestiaes as choças de colmo; o resto marcha na somnolencia e no pasmo, marcha por habito, curvado sob a fatalidade e o chuveiro estupido. Um cae, ninguem repara. Deixál-o. Ficam outros para traz, mas a guarda da rectaguarda leva-os á ponta de bayoneta. O imperador ordena de longe: «20 mil homens vivem até no deserto». E prohibe, com medo ao desembarque dos inglezes, que, sob o pretexto de subsistencias, o exercito retarde a marcha.—P'ra a frente!—P'ra a frente!—P'ra a frente—e ha desgraçados que para fugirem á dôr metem a espingarda á boca e fazem saltar os miolos! A dias d'aflicção succedem-se noites de tragedia. Á luz d'archotes e fogueiras avançam levas desordenadas e incessantes, crostas de lama viva, olhos inquietos de cólera, olhos desesperados de dôr. Revoam esparsos nos ares novelos de crepes — azas, castelos, negrumes, restos tragicos de tempestade... Passam focinhos de espanto sob a agua que crepita nos fogachos, e o clarão

illumina fundos revoltos de nuvens monstruosas, a noite infinita d'onde irrompem bandos sobre bandos como se surgissem do inferno. Esvoaça a luz, projectam-se no espaço sombras disformes, que a nevoa baixa transforma em pezadelo. Mais gritos! mais gritos! Tudo isto dura um minuto, tudo isto não tem existencia definida: sonho, caligem, massa confusa, mescla fóra da realidade. Acolá um farrapo — além um grito. Uma figura imensa recorta-se na nevoa. Outro grito — outro novelo que caminha estonteado sob o repelão do aguaceiro — outra forma indecisa que cahe postrada, e lá para a obscuridade espessa, entre a lama e a dôr (o fundo dispõe-se a avançar como se gerasse vida) arrastam-se mais espectros no temporal e na caligem. Come-os de novo a escuridão opaca. Um momento e somem-se. Dirieis na verdade que desfila a leva do sofrimento humano. Lá vae o general a cavalo, com a seringa do clister ao lado e o barrete de dormir na cabeça; sob a fumarada e o aguaceiro atravessa a claridade o feroz Loison, curvo, braço morto ao peito, ruminando crueldades; este ridiculo, aquelle hediondo, aquelle infame, e mais jactos e outro esguicho ainda, que logo a noite traga em silencio... Avançam endurecidos, d'olhar que transe, d'olhar onde não ha a esperar resquicio de piedade, e bocas d'agonia, bocas de blasphemia, bocas d'aflicção, que já não teem força para gritos — e phisionomias imberbes, que os generalões espicaçam para a morte. E atrás d'estes

outros, desfile sobre desfile mescla esboçada de gestos, de traços, mescla de dôr, compacta ou esfarrapada, aos grupos, de mistura com récuas de animaes atolados, sob o mesmo aguilhão implacavel, na mesma caravana de sofrimento, sob a mesma chuva incessante... P'ra a frente! p'ra a frente! É necessario estar em Lisboa no dia 1 de dezembro, para o golpe decisivo e fatal.

Eis o soldado napoleonico, eis o soldado das academias de David. A fachada, é de gala: sapadores com aventaes brancos, o tambor-mór gigantesco, azul e branco, com chapeu bordado a prata e plumas; os granadeiros de barrete de pelles, as companhias d'azul e calça branca e o tricorne na cabeça; artilheiros de negro, carabineiros couraçados, espalhafatosos hussards, sem falar, é claro, na esplendida guarda com o seu esplendido tambor-mór, cujo fardamento custa a bagatela de 30 mil francos. Mas isto é apenas aparato. A dificuldade em os vestir augmenta d'anno para anno. Vistam-nos como puderem! Faltam sapatos—calcem-nos como puderem! Desde 1806 que vestir o exercito preoccupa o imperador. Os depositos não chegam, e alguns dias de campanha bastam para que as penachos, os galões, os doirados, se desfaçam em cisco. Os famosos capotes esfarrapamse, o calçado esburaca-se. Em 1806-1807 o uso é que o paiz conquistado vista o exercito. A espin-

garda em serviço é do modelo 1777 ou simplificada, e a bayoneta curta e de fraca resistencia. Para atirar, o soldado começa por morder o cartucho com os dentes e vasar a polvora no cano, calcando a bucha e metendo-lhe a bala. Depois arma-a. Muitas vezes, porém o silex não faisca. N'estas condições, segundo Morvan, dispara 4 balas em 3 minutos. Se o fogo se prolonga, a velocidade do tiro reduz-se. O efeito é muito bom até 100 metros, bom até 200, e eficaz até 500. Para cima de 200 metros o atirador precisa servir-se do polegar como alça, o que tira toda a precisão ao tiro. O soldado recebe 50 cartuchos e 3 lascas de silex.

O material d'artilharia é constituido por peças de campanha de 4, 8, e 12, a primeira com um carro de munições, a segunda com dois e a terceira com tres. A 600 metros o tiro é excelente, satisfatorio até 1:200, duvidoso até 1:800.

Destas palavras, dos numeros, dos mapas sae inda hoje um grito d'aflição. Varreu-se tudo, e ouço sempre na noite negra o mesmo uivo de desespêro. Cortada aos pedaços a bicha avança na lama, sob a agua, transidos, somnambulos, exhaustos, apegados ás espingardas. A pastada tragica, o torvelinho das nuvens, a corda do aguaceiro, trespassa-os, empurra-os, enrodilha-os. Escuridão e gritos. Do longo véo de tragedia que cobre o exercito como um crepe de funeral, irrompe, e não cessa, esse grito pertinaz, que não me sae dos ouvidos. Morreu tudo, sumiu-se tudo: ficaram nos

caminhos e nos fossos, no campo de batalha... Já lá vae um seculo—e o grito resta e echoa, o uivo de dôr, d'aflicção, de desespero.—Até Sobreira os soldados alimentam-se de bolota e mel. Vem-lhes diarreia e morrem. Em Sobreira distribuem quinze a vinte castanhas a cada homem. Marcham oito horas para avançar uma legua—e chove sempre. Em 23 sae a divisão para a Corticada. Atrás ficam os retardatarios e a artilharia já sem bois. A segunda passára a noite de 22 para 23 em Perdigão, e no dia seguinte só a primeira brigada chega a Venda Nova. Em 24 seguem pela estrada de Mação e vão ficar a Penascoso. Junot deixa a primeira divisão em Cortiçada, segue pela estrada de Cardigos a S. Domingos, onde pernoita. Marcha no dia seguinte para Abrantes. Chega a 24 de manhã. Já lá encontra a vanguarda. Delaborde segue Junot na marcha até Abrantes: parte da segunda divisão apparece a 25. A segunda divisão, que devia marchar em duas columnas, a primeira brigada por Sobreira a Formosa e a segunda por Perdigão, encontra-se na passagem do Ocreza, que leva dois dias a atravessar, chegando a Abrantes a 28 e 29. O destroço da cavalaria começa a aparecer a 29. É preciso arrancar os soldados de cima dos cavalos: perderam a fala. A artilharia gasta doze dias de Pedras Alvas a Abrantes. Muitas vezes foi preciso descel-a por caminhos a pique. Se a marcha dura mais um dia, o exercito esvaía-se. Thiebault só encontra termo

de comparação para o paiz que atravessa — nocahos.

O armamento está deteriorado, os cartuchos molhados: tres mil homens defenderiam ainda com exito a passagem do Zezere. Mas não ha perigo... D'Abrantes para baixo, o Tejo corre com majestade e belleza na planicie fertil. Respiram. O aspecto da terra mudou — ramalhetes de oliveiras, quintas, hortas, abrigos. Os soldados reanimam-se. O peor já lá vae... Chove sempre, mas a chuva é morna: um feixe de sol doira emfim o amplo panorama liquido, os campos inundados, a vastidão etherea com um biombo de montes ao fundo, e o ar humido cheira bem: cheira a larangeira...

III

A CÔRTE

É lindo Queluz? O que ha de bonito em Queluz são as arvores que não envelhecem, ou que quanto mais velhas mais lindas, é a agua, a mata e seu romantico desalinho, os recantos onde o arôma a fructa consola — pomares, hortas, silencio, um cheirinho a cemiterio e um passaro escondido a cantar... A um lado do palacio apparatoso e inutil, ha um casarão amarelo onde apetece viver. Os jardins como todos os de Le Nôtre, são mais architectura e scenario que natureza, com balaustradas e talhões de buxo, onde outr'ora cresciam cedros em pyramide; dos tanques d'agua e limo imergem sereias e tritões... Mas tudo isto requer mulheres empoadas, figuras preciosas e sediças. É um arremedo de Versalhes sem grandeza nem historia — e sobretudo sem desgraça, Prefiro o casarão amarelo, as arvores solitarias; prefiro

aquelle sitio escondido, onde cheira a nespera madura, e onde crescem as utilitarias couves imoveis como bronzes. Do palacio só na realidade é bella a parte que deita para os jardins, e a escadaria imponente, por onde descia o velho e alegre arcebispo, a rainha, as infantas, os ridiculos *meninos da Palhavã, S. Chrispim e S. Chrispiniano,* como lhes chamava o conde de S. Lourenço, o cardeal patriarcha Silva, o obezo D. Tristão da Cunha, o Marialva e os filhos, o de Penalva auctor da decima

> O negocio se propõe,
> Duvida El-Rei, meu Senhor,
> Atrapalha o confessor...,

o da Fronteira, queixando-se da gotta, o conde de Fontana, da Sardenha, o de Napoles, conde de Rafadeli, o de Hespanha, o nuncio esperto e velhaco, monsenhor Gallepi, os litteratos Verney e Semedo, e tantas mulheres encantadoras, de mistura com pretas, anões e palhaços. O palacio casa-se bem com a epocha, ao mesmo tempo pesada e futil,—figurinhas galantes e o Principe do Brazil, saraus e D. Carlota Joaquina. Tire-se o decorativo e o que fica é reles: os typos e as ideias que iam bem com os salões de espelhos—já sem estanho—com os faunos e as nymphas, que Manuel da Costa pintou ao tempo de Junot, com o quarto de Carlota Joaquina, chamado de D. Quixote, com

as merendas e as fructas da sala de jantar, sumiram-se de vez. E ainda bem: antes a soldadesca exasperada, antes os gritos, que a futilidade e a intriga. O mundo é outro: mais vasto. Se o galante Versalhes de Antoniette fedia, aquelles corredores deviam cheirar peor. Data d'essa epocha o abuso das *cadeirinhas* d'almofada e braços, e o uso dos bacios com uma grinalda d'amores pintada no fundo. Hoje tresanda a bafio. Cahem os estuques, apagam-se os doirados, enegrecem as pinturas. Fujamos para fóra: fóra é a vida: lá está o sympathico e banal casarão amarelo, as arvores e a agua humilde. Na matta respira-se. Da insignificancia balofa das figuras nem sombra: só dos gritos resta memoria...

Morto D. José, afastado o velho, que é ainda uma alma onde se representa com intensidade a vida, resta de pé um mundo grotesco, fica um scenario de pompa que se esfarela: mesmo no exilio, deita uma sombra que os absorve e dilue. Traga-os. Tanto monta agora o D. João da Falperra, coberto de veneras falsas, como El-Rei, materia grosseira, d'olhinho cheio d'espanto por se vêr de corôa no alto da cabeça; tanto vale a Rainha — tão simples, tão bôa, tão pobre d'espirito — como a D. Rosa vestida de escarlate. São bonecos com uma vida de emprestimo irrisoria, o esqueleto preso por arames, o vestido d'aluguel, os movi-

mentos desengonçados. Custa a mexer na noite para os tirar da noite... Não passam de manequins de rabicho, entre galas, aparatos e preciosidades. Que nos importa a nós o ministerio do outro mundo?... Chama-se uma das sombras Aires de Sá, e as outras o conde de Valle dos Reis, os viscondes de Cervèira e o d'Angeja, que encontra os cofres cheios e os vasa nos bolsos da familia. É certo: a morte toca e engrandece, a morte redul-os a zero. Vejo-os passar cheios de mesuras e grotesco. Avança o do reino em passo de procissão, com o peito constelado de veneras...[1] Intrigam. No paço intriga-se. O Cerveira, *gran besta que chegou a ser gran cruz* não póde ver o Thessalonica; o Thessalonica é philosopho: — Vão lá atural-os!... — Oh quem o déra sósinho, dentro do velho burel de trazer por casa! Fôra soldado raso e depois cabo. Malicioso e aspero (talvez a casca grossa fosse uma maneira de levar a vida) fala de alto aos reis e põe e dispõe no ministerio. Nos tristes meandros de murta da Palhavã, onde reina a imponencia e o somno, entre rezas, damascos e padres, intriga-se... A rainha é servida de joelhos pelos camaristas de semana; sorriem os ministros balôfos; as damas, espaven-

[1] Villa Nova de Cerveira, depois marquez de Ponte do Lima, muito devoto e medroso... «A viscondessa sua mulher obteve da Meza de Desembargo do Paço, segundo foi voz constante em Lisboa, uma provisão para administrar a casa e bens do marido». (Ratton).

tosas como araras, arrastam caudas de côr. Dinheiro para pedras, fidalgos e padres [1]. O Capacidonio — El-Rei, Nosso Senhor! — roe infindaveis terços e exclama com terror perante os papeis de Estado: — Não opino! não opino! — As pretas dão risadas. Os bobos, os palhaços, os ministros agitam-se no vacuo... Ao som d'uma musica sédiça, d'uma musica com poeira n'um instrumento desconjunctado, outras sombras ephemeras vem surgindo da noite. Sorriem com mesuras, os vestidos fóra de moda, quasi lindas e ridiculas, com pós, tregeitos, *moscas*. Subito a noite enrodilha-as e leva-as a noite eterna. É esta, aquella, pó... Eis os vestigios: cartas, alguns velhos livros sem interesse no fundo d'uma gaveta, um resto de sonho frivolo, pequeninas aflicções, lagrimas que molharam lenços de velhas rendas, vaidades, um leque, meia duzia de joias encastoadas em prata. Que é feito dos lindos olhos inocentes de D. Maria da Penha, do riso da poetisa viscondessa de Balsemão, da frescura das *tres graças*, filhas do marquez de Marialva, de D. Henriqueta de Lencastre, de

[1] O Nuncio já escreve para Roma: Vão restituir-se á curia os privilegios que o marquez lhe extorquira «com agrado universal de esta cidade e acatamento pelo supremo pastor. Espero receber os costumados breves, mas cheios de afectuosas expressões, bem devidos a soberanos tão bons, tão pios, tão religiosos.» E o jesuita José Pedro escreve de Ferrara: Não «nos façam crescer agua na bocca»... É Marianna Victoria que se opõe á sua vinda fazendo a politica do irmão.

D. Maria do Carmo, da condessa de Lumiares? Ha um momento fugidio em que a vida devia parar — um só — e fixar-se para sempre ou o olhar cheio de ternura, ou a bocca que se ilumina ou a graça do andar, nadas em que o imaterial se concentua. A boca inocente ri e desvenda o mundo, a luz dos olhos irradia mysterio, é toda alma. Torno a ver a infeliz duqueza de Lafões, que sae de quando em quando do seu retiro da quinta do Grillo; a insignificante e terna D. Mariana e a desventurada D. Maria Benedicta, que só pensa em ter um filho e debalde faz ingerir ao sobrinho e esposo remedio após remedio; futura rainha acaba sumida nos recantos do paço, sempre triste, sempre vestida de negro.

Muitos annos depois, em 1823, o barão de Neuville compara-a a um retrato de Velasquez. Tem oitenta janeiros, sorri, «com um vestido tão antigo que dir-se-hia ter sahido intacta d'um dos quadros do palacio». Onde tudo isto já sediço vae,

com tregeitos fóra de moda, risos, o famoso David Peres a ensinar-lhes arias, e serões, galas, homens

vestidos de rosa e verde e agaloados de prata!... No paço fala-se uma mescla de portuguez e italiano. Outros manequins avançam: o pretencioso

duque de Lafões, general em chefe, com carmim, moscas e 70 janeiros; o abbade Correia da Serra, *elephante scientifico e litterario;* o crapuloso duque de Cadaval; o velho e devasso Marialva; o conde Sabugal; o duque de Loulé muito pequeno e muito feio; Luiz Pinto de Sousa Coutinho, *Pinto fidalgo embaixador da Mancha;* os condes de Redondo e Catanhede; este, aquelle, nada — e o interessante conde de S. Lourenço, que sae dos carceres de Pombal, sae da dôr, encara com nojo a vida e a côrte, e atira cheio de desdém a chave de camarista á latrina. Os outros olham-no estarrecidos: — passou por doido...

A rainha velha morre em 1871, essa figura imperiosa que D. José e Pombal nunca deixaram sahir da sombra, e que com o nosso representante em Madrid maquina a absorpção [1]. Morre em 1786 o pobre Capacidonio. Passou no mundo cheio de

[1] A rainha velha representa a ideia pertinaz da absorpção na Hespanha. Roda com espalhato para Madrid. Os dois irmãos, que «parecem dois amantes» resolvem tratados, alianças — a absorpção. A Hespanha tem um sonho: sente-se incompleta... O grande ministro de Carlos III dissera: «Emquanto Portugal se não incorporar nos dominios de Hespanha por direito de successão, cumpre que a politica trate de unil-o pelos vinculos de amizade e parentesco». É exactamente o que Marianna Victoria faz. Alem de nos colocar pelo tratado na dependencia da Hespanha, levando-nos á estupida guerra do Russilhão, prepara os casamentos do infante D. João com Carlota Joaquina e o da infanta D. Marianna com D. Gabriel. Pombal nem no casamento do principe herdeiro D. José com uma

odio aos papeis inuteis — estimo-o. Olhou desconfiado esta phantasmagoria da vida, moeu e remoeu infindaveis terços, e acabou por se sumir no mesmo poço sem fundo onde cabemos todos. Morre em 1788 o jovial Thessalonica. Tem o habito romantico de digerir o leitão assado nos sitios veneraveis da *matinha.* Moem-no com sacos d'areia: apoplexia por ordem do senhor D. João. N'esse mesmo anno acaba um principe singular. Ha por ventura nessa côrte empalhada alguem capaz de impulso, de dôr, de sonho? Ha o principe D. José. Morre — matam-no. A Egreja desde que vê um perigo trata de afastál-o por todos os meios. Por vã ambição? Não só por a mais bella ambição do homem, a do mando, mas pela de levar a humanidade, cohorte atrás da cohorte, como um grande rebanho disciplinado, á salvação eterna. A Egreja teve-lhe medo, á Egreja

hespanhola consentira. Marianna Victoria odiou-o sempre. Costumava dizer ao ouvir-lhe os passos: — Lá vem os cepos. — (Os cepos eram as pernas entrapadas do marquez, que as velhas Lobos curavam com unguentos e fios). Em troca do tratado que obtivemos? Perdemos Fernando Pó, etc. — Que negocio! — esclama o Coutinho. Lisboa é o refugio dos piratas ingleses: o ambaixador de Hespanha vae ao paço entregar á rainha velha as cartas do irmão. O consul francez pergunta: Le governement se trouvant partagé entre les liaisons politiques que l'unissent l'Angleterre et les interets de famile que l'attache a l'Espagne, de quel cotépenchera la balance?» Vence Carlos III — vence a velha. O governo decide-se enfim a prohibir a entrada dos corsarios no Tejo.

bastara-lhe Pombal [1]. O marquez d'Angeja morre em maio e faz-se uma recomposição ministerial. O de Cerveira é nomeado definitivamente ministro assistente, e entra para a pasta da guerra, vaga desde 1786, Luiz Pinto de Souza Coutinho homem de silencios imponentes, com cara d'estanho, e para a do reino, José de Seabra da Silva. É a Morte tambem que introduz no paço outro confessor, o bispo do Algarve D. José Maria de Mello, da Congregação do Oratorio. Este padre

[1] Pobre Maria Benedicta, que n'um instante viu ruir tudo que ideára: a morte do esposo reduziu-a a zero e fez em frangalhos toda a sua inteligente ambição. Ha existencias a que a gente tem pena de não assistir d'um cantinho. Vestiu-se de escuro, e se d'ahi em deante sorriu, foi sempre atravez de lagrimas... Rodeiam o moço ingenuo, o Lafões, o inteligente Luiz de Miranda e outros homens dados a ideias novas: Cenaculo tinha sido o seu mestre e confessor e estava indicado para seu futuro ministro assistente. Mas um dia o principe fala com Beckford, que viaja em Portugal, e diz-lhe — Achamo-nos uns poucos de seculos atrazados. São precisas reformas. A Inglaterra domina-nos. — E a respeito do clero, accrescenta: — Quando ha tantos zangãos na colmeia é em vão que se conta com o mel. — O curioso lord «achando a Egreja em perigo», corre a denunciá-lo ao arcebispo que exclama: — Estes melifluos palradores afrancesados, italianisados, voltairianos e encyclopedistas, teem envenenado todas as sans doutrinas! — «O principe pagou caro o ter dado ouvidos a maus conselheiros e ter despertado as suspeitas da Egreja», a quem só convém reis facilmente dominaveis. «As consequencias — lá diz o lord — appareceram com o tempo». Quem reinou foi o senhor D. João VI.

fanatico chama-se o destino, chama-se a desgraça. Acaba o riso, entra a fria sombra, o negrume, a aflicção. Revolve o paço, as pretas calam-se, estaca a D. Rosa vestida de escarlate, e a Doida passa, por entre os famulos agaloados, nos salões pomposos, com os olhos presos no eterno desespero. Segue-a o Inquisidor. — Ponho-me a pensar se este homem foi sincero. Se foi fez bem: amolgou-os, afundou-os na desgraça, exigiu o que era justo: a rehabilitação dos Tavoras, Aveiros e Athouguias, seus parentes: mostrou á rainha o pae no inferno, por ceder, sabe Deus e uma consciencia já dispersa na infinidade dos mundos, a que moveis secretos e infames. Era indispensavel á mixordia, era indispensavel ao grotesco. Assenta bem entre os palhaços, a futilidade, as pretas, o D. João da Falperra e os ministros entoiridos. Chama-se o destino, chama-se a desgraça. A figura secca e imensa, a figura de pedra ao lado da ninharia, faz scimar: traz-nos para a realidade não dos factos absurdos e mesquinhos, das aparencias vulgares, mas de uma lei que muitas vezes se esquece entre a agitação e o tropel. É um pedaço de ceu negro — mas de ceu — de subito entrevisto entre as paredes d'uma cidade phantastica. Agarra na alma da rainha com mão de ferro e mergulha-a na loucura. Ouvem-se os berros — elle não a larga. Fez bem. Mas se foi simplesmente um ambicioso a frio, como tudo demonstra, se quiz apenas

dominar a rainha e a herança dos Tavoras, esse homem que se impoz ao bando dos ministros, aos fidalgos e á côrte, que foi a mola real do governo, encheu o paço de berros e misturou tragedia ao grotesco, — tinha uma esplendida alma de inquisidor, de uma só peça inteiriça. Que ambição remoída durante noites infindaveis, que magnifico sonho de negrume, a esbravejar sob o reles pano da sotaina!

Intervém de quando em quando a morte e só ella faz um trabalho insano: abre um largo caminho ás ideas: deita uma geração a terra, deita um muro abaixo.

E com a morte a côrte desce: jã não é sachristia, é peor a côrte da senhora D. Carlota Joaquina. A mãe foi d'estas mulheres que, mesmo envolvidas n'um trapo, exalam volupia. Bella não, mas a boca é lascivia, os olhos, que Goya pintou, loucura, os cabelos violencia. A filha sahiu feia e devassa — sahiu ordinaria. É moda: na Russia, na Hespanha, na Italia reina a devassidão e a luxuria. [1] Na França a infamia empôa-se e chama-se

[1] É interessante esta scena de bebados na côrte da Prussia, no seculo XVIII: ... En effet, á peine étions-nons á table qu'il débuta par nous porter coup sur coup plusieurs santés intéressantes auxquelles il fallut faire raison. Cette première escarmouche fut suivie d'un débordement de bons mots et de saillies de la part du prince et de quelques assistantes. Les

galanteria. O peor é que esta mulher é feia, má, vulgar... Qualquer mulher do povo, por grosseira que seja, exhala sympathia. Impregnou-a a desgraça. Ella não. Seus filhos são d'este, d'aquelle, da balburdia e do acaso. Tem varios amantes, além d'um mariola efectivo, todo fibra e osso,

fronts les plus graves se deridèrent. La gaîté devint générale, et les dames même y participèrent. Au bout de deux heures, nous sentimes que les plus grands réservoirs ne sont pas des gouffres. La nécessité n'eut chez nous plus de loi, et le respect même, dû á la présence de la princesse ròyale, ne fut pas capable de retenir quelques-uns d'aller respirer l'air frais dans le vestibule. Je fus du nombre. En sortant, je me trouvai encore assez frais, mais l'air m'ayant saisi, je sentis en rentrant dans la salle un petit nuage de vapeurs qui commençaient à offusquer ma raison. J'avais devant moi un grand verre d'eau. La princesse, vis-à-vis de laquelle j'avais l'honner d'être assis, fit par une petite malice blanche jeter cette eau et remplir le verre d'un vin de Sillery, clair eomme de l'eau de roche, dont on souffla encore la mousse et la sève. De manière qu'ayant déjà perdu la subtilité du goût, je mêlai mon vin avec du vin sans le vouloir, et comptant de me rafraîchir je me grisai, mais d'un gris qui commençait à tirer sur l'ivresse. Pour achever de me perdre, le prince royal m'ordonna de m'asseoir à son côté, me dit des choses très gracieuses, me fit voir dans l'avenir, aussi loin que me faibles yeux pouvaient porter alors, et me fit avaler rasade de son vin de Lunel. Cependant le reste de la compagnie ne redoutait pas moins que moi les effets du nectar qui coulait à grands flots dans ce festin. Une des dames étrangères, qui était enceinte, s'en trouva tout aussi incommodée que nous et se leva brusquement pour faire une petite absence dans sa chambre. Nous trouvâmus cette action héroïque, admirable. Le vin rend ten-

duro como uma trave: João dos Santos, o eleito, acaba de velho, aos setenta annos, em Paço d'Arcos. Mistura á devassidão poesia. Teve sempre tendencia para fazer seus cumplices as arvores inocentes, a agua humilde e as sombras veneraveis. Depois de 1802 faz ninho no Ramalhão e escolhe os saloios entre os troncos centenarios [1]. Os desembargadores, os poetas, as coscuvilheiras, a gente que ouve, escuta e segreda, afiança que

dre. La dame fut comblée de caresses et de louanges à son retour. Jamais femme n'a été tant applaudie pour une expédition semblable.

Enfin, soit par hasard, soit à dessein, la princesse cassa un verre. C'était un signal donné à notre gaité impétueuse et un grand exemple qui nous parut digne d'imitation. En un instant les verres volèrent dans tons les coins de la salle, et tous les cristaux, porcellaines, jattes, trumeaux, lustres, vases, etc., furent brisés en mille pièces. Au milieu de cette destruction totale, le prince ètait comme l'homme fort d'Horace, mais enfin le tumulte succédant à la gaîté, il s'èchappa de la mêlée et se retira, à l'aide de ses pages, dans son appartement. La princesse disparut presque au même instant. Pour moi qui, par malheur, ne trouvai pas un seul valet de pied assez humain pour guider ma marche et prendre soin de ma charmante figure, je m'approchai trop près du grande escalier, et sans m'arrêter je roulai les degrés du haut eu bas jusqu'à la dernière marche, ou je restai eteudu sans connaissance... (Bielfeld, *Lettres familieres ou autres*, 1,83-88.)

[1] Thomaz Ribeiro viu — e de isso falou aos seus amigos — uma carta de Carlota Joaquina para o caseiro do Ramalhão, em que ella dizia: Estou desejosa de ir ao Ramalhão para... — E explicava-se com todas as letras e o habitual descaro.

a rainha os manda assassinar depois de servidos... A tropa cérca a casa do jardineiro do Ramalhão e chacina-o. O ajudante do Intendente da Policia, José Anastacio Lopes Cardoso, incumbido da devassa, acaba tambem com uma chavena de chocolate, que a princeza, mezes depois, amavelmente lhe oferece em Mafra. Peçonha — tragedia. Desçamos alguns pontos á craveira... Do que ella, sem duvida, é capaz, é de anotar com desplante um folheto que dizia infamias da mãe com estas palavras justas: «El tal impresso dice verdades pero es desvergonzado.»

Fealdade e volupia, com magnificos cabelos. Quer sorrir, cheia de joias e plumas, mostra os dentes pôdres. Mais diamantes — um deslumbramento — carrega-se de diamantes como uma rainha de lenda: veste-se de sedas e fica peor, com um hombro mais baixo que outro, o nariz vermelho e côxa ainda por cima. Laura Junot afirma que lhe viu os braços sujos: felizmente esse grave ponto de historia está hoje ilucidado: era pêllo. Em Queluz rodeia-se da peor canalha, tocando viola, e nos seus aposentos fala-se em calão como nas estrebarias. Acocoradas no chão passam a vida em enredos: põem nomes a toda a gente, alcunhas imbecis ou pitorescas: — Ahi vem o dr. Trapalhadas... — era o Linhares. — Que é feito do dr. Pastorim?... — Ouvem-se os gritos desesperados da Doida, condemnada, sem remissão, ás labaredas do inferno. E ellas riem-se. Ri a D. Rosa, ves-

tida de escarlate, riem-se as hespanholas cantando peteneras, ri a doida Antonita e, curvada, derrete-lhe no ouvido palavras, volupia, fogo, e a princeza ri, feia e vulgar, pondo á mostra os dentes cariados.

Onde ia o latim, que o embaixador em Madrid, o marquez de Louriçal, lhe gabára como uma prenda notavel, quando viera, já noiva, para Portugal, aos oito annos de edade? Tinha-o esquecido nos recantos dos aposentos, na convivencia dos famulos, das mulheres, da canalha viciosa, que vive no fundo dos paços. Só ha um momento, n'aquella roda viva d'ambição e de intriga, em que Carlota Joaquina assume proporções de figura: é quando, de queda em queda, já velha e sêcca — sêcca de desespero — tisnada como uma bruxa hespanhola, das que lêem a sina e conhecem todas as molas secretas do vicio, quando já despida de carne e de sexo e ainda dominada pela ambição perpetua de toda a sua existencia — uma corôa, um imperio, mandar, intrigar, conspirar — se embrulha n'um trapo (qualquer gibão de chita lhe servia) e fica horas pelos cantos, desleixada e suja, a moer restos de sonho. O contacto com a morte mais a aferra á ambição. Rodeia-se de aventureiros, e, já um typo como os inventores, os poetas e os avaros, tece sem repouso nem nexo emprezas irrealisaveis e absurdas. Com mais grandeza dava uma figura como

> ... essa da Russia, imperatriz famosa,
> que inda ha pouco morreu (diz a gazeta)...

Emfim a intriga mirra-a. Um cirro no utero acaba por levá-la, e logo um padre benedictino, frei João de S. Boaventura, lhe gaba sobre o caixão, perante Deus, n'uma pomposa oração funebre, as solidas virtudes: «Morreu como tinha vivido, cheia de paz, de fortaleza e de resignação. Ella deve estar, ó meu Deus, no seio da Vossa Misericordia; a nossa esperança é fundada nas heroicas virtudes que praticou em tão desastrosas crises.» Se o inferno existe, o diabo deve ter reservado para este frade um tição suplementar... A morte, porém, vem ainda longe, e entretanto o Principe Regente foge-lhe. Ella cae-lhe na vida e revolve-lhe a vida. Que praga! Maquína, maquína e maquína! A intriga não tem sequencia nem logica, mas a vida para ella resume-se na devassidão e na intriga. Reune aventureiros e mulheres. Escreve á Marianna Leocadia: «... pódes vir ámanhaã, ou depois, porq. has de ter cosinha sem ser no quarto; e á vista te contarei o q. houve a esse respeito q. ainda he mais fino do q. tu pensas. A D.ˢ the a vista. Sou tua do coração. 4.ª f.ª 16 de 8.ᵇʳᵒ de 1805. C. J.»

D. João contempla-a estarrecido. Não a entende. Larga para o Ramalhão, mas, se o vê satisfeito, mina-lhe a existencia com ciumes: dá a impressão de que o escarnece. O triste, com achaques nas pernas, principia a achar a vida demasiado amarga. Olha em roda: gente inutil, famulos, ministros, creadagem no palacio imenso e doirado.

Quasi todos adulam as pretas, o Lobato, os palhaços.

Meu Francisco faço estas regras p.ª te [illegible]
dar huma prova q. te estimo [illegible] quanto tem [illegible]
quem menor a estimação q. me tem [illegible]
estimei a tua carta por ter a certeza q. estas
bom e adeos ate amanhã

Teu q. m.to te
ama

J

Mafra em 23 de
Julho de 1807 as 10
e meia da manhã

Autografo do Principe Regente.

Ha que tempos que elle desconfia do veneno, da mulher, dos ministros!... Adoptára o processo de os trazer divididos para lhes enfraquecer o poderio, e sempre complicações, amantes, cartas anonimas, e a mãe aos berros com o diabo a arrancar-lhe as entranhas: só a aquietam no rio, d'olhos postos no redemoinho verde das aguas. Rodeiam-no o Villa Verde, ministro inha-

bil, cortezão habilissimo, jogador até aos ossos, e que enriqueceu a familia á custa do thesouro. Suprime o *porto franco,* que prestára serviços á navegação e ao comercio. Vasconcellos, comilão insaciavel, ignorante, supersticioso e cupido, já conhecido pelas delapidações quando vice-rei no Rio de Janeiro, e que acaba pela apoplexia e pela imbecilidade. Araujo, que passa por homem polido e notavel até no estrangeiro. Chega a ministro e trata apenas de agradar ao Villa Verde e de encher o saco. Rodrigo de Sousa Coutinho, homem de projectos gigantescos, todos irrealisaveis, e de medidas intempestivas. O melhor de todos. Entrega a Napion a direcção do Arsenal, chama a Lisboa Bartollozi e Hase, ilumina a cidade, confia a Guarda da Policia a Novion [1]. Manique que deixou ao filho uma das casas mais ricas de Portugal. Encoraja as delações, inventa conspiradores, torna-se indispensavel ao Principe, que n'elle deposita ilimitada confiança [2]. Persuade-o que Portugal está içado de pedreiros livres, e de que é necessário acabar com essa canalha porque «em todos os seus ajuntamentos é escarnecida, maltratada, cuspida e arrastada uma imagem de Jesus Christo crucificado», a qual derrama copioso sangue e dá sentidissimos ais. Afirma-lhe que os

[1] Historia de D. João VI.

[2] Manique nomeado Intendente em Janeiro de 1776, deixa o cargo a 1 de Junho de 1805 por imposição da França.

maçons metem barris de polvora nos canos das ruas da cidade nova, para ir tudo pelos ares quando o Principe Regente acompanhar a procissão de Corpus Christi.

—Ardo em sêde—dizia Manique—e esta sêde só póde ser mitigada com rios de sangue dos pedreiros livres.

*

—Tempo virá em que Portugal ha-de pagar com lagrimas de sangue os ultrajes feitos á França —palavras de Napoleão.

A hora soára. D'um sopro varre-se o castelo de cartas da politica de acaso. A França ameaça, a Inglaterra impõe-se, e a castastrophe só se demora á custa de abjecções, de oiro, de diamantes brutos do Brazil.

Com esse fatal anno de 1805 viera a Lisboa Lannes que só conserva sangue frio nas batalhas. Na vida corrente é insuportavel. Napoleão nomeia-o embaixador para pagar as dividas. E eil-o que desata a tratar de alto o Principe e os ministros, a arrastar o espadalhão nas salas, a fazer contrabando e exigencias deprimentes, a aterrar a doida, que desata aos berros ao vêl-o [1]. Demite ministros, vae ao paço e impõe-se:

[1] Questiona na Alfandega e exige a demissão do Manique. Faz contrabando.' A insolencia chega a isto: Na estrada de Sete Rios, onde o general passeia com a mulher e um filho, vem uma sege em sentido contrario. O caminho é estreito.

—Monsieur du Brezil?

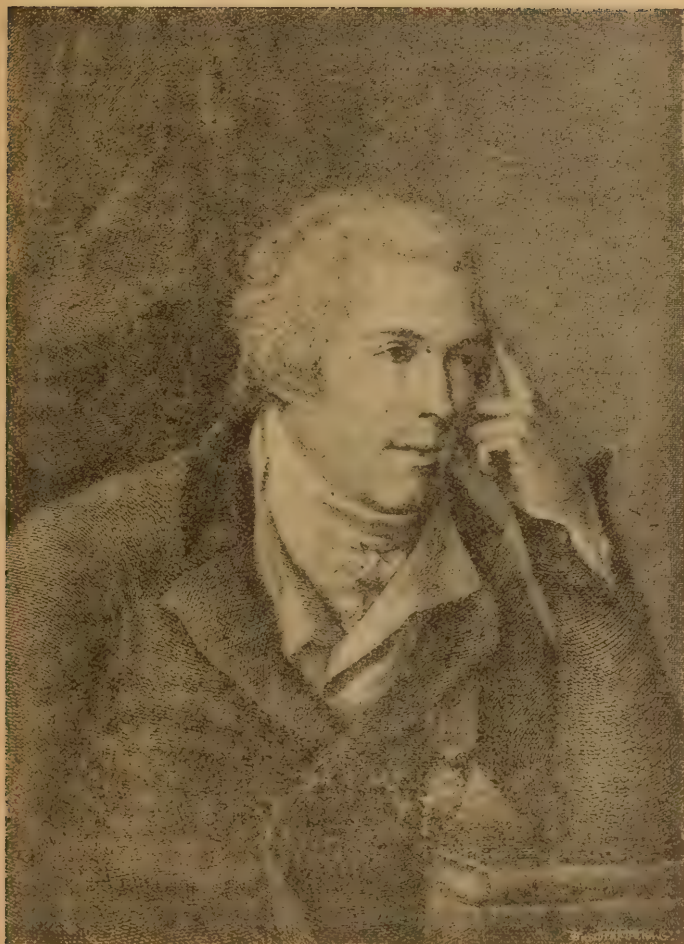
—Não sei se Sua Alteza...

—Decerto que me recebe, diga a Monsieur du Brezil...

Lannes parte. Substitue-o Junot e a mulher, e como ella, a literata de meia tigela, se ri do paiz, da côrte, da fealdade dos homens, dos aparatos ridiculos, do grotesco vestido de cerimonia com que a obrigam a ir á recepção! Na capital aborrece-se. Em vão o Nuncio esperto e velhaco a ajuda

Pegam-se as rodas. E logo o embaixador irrascivel ordena aos lacaios que matem o bolieiro do outro.—*Tuez-le! Tuez-le!*—Pedras no ar e a policia acode, impede que matem o bolieiro. Miguel Franzini, filho do dr. Franzini, que ia dentro da sege, procura-o no dia seguinte para lhe dar satisfações. Recusa-se Lannes a recebe-lo e manda-lhe dizer por Mr. Fitte que já recorrera ao governo. Servindo-se de esse pretexto não aparece na côrte no dia de S. João, de grande gala. E datando assim: *Lisbonne le 3 Messidor an II de la Rep.e Française (22 Juin 1803)* manda ao ministro uma nota insolente: *Le Soussigné ministre plenipotentiaire Envoyé Extraordinaire de la Republique Française croit doir informer Son Excellence Monsieur d'Almeida, Ministre des Affaires Etrangeres d'une insulte personelle que lui a été faite hier, et dont le recit pourra faire suite aux griefs dont'il a en l'honneur d'entretenir S. E. dans sa dernière Note.* Queixa-se que a sege, onde ia um portuguez condecorado, fugira, depois de o ter posto em perigo de vida. O governo dá-lhe explicações, acha «justos motivos de queixa e vae providenciar» (20 de Junho de 1803). E a 3 de Julho participa-lhe que o arrieiro já está no Limoeiro «e vae passar a Calceta. E semelhantemente se tem mandado prender os soldados que compunham a partida de cavallaria»... E assigna D. João d'Almeida de Melo e Castro.

a dobar as meadas e lhe diz galanterias, em vão... Apezar de tudo quem manda sempre em Lisboa é a toda poderosa Inglaterra. Tinha havido scenas entre o ministro inglez sir Robert Fitz Gerald, homem polido e frio, e o arrebatado Lannes. Junot tambem o não póde vêr nem á embaixatriz, uma sêca e quesilenta, de grande nariz imponente, que chama salteador a Napoleão. Da embaixada faz parte lord Strangford, que dorme e traduz os Lusiadas. Junot instala-se no palacio da embaixada ao chafariz do Loreto. Laura Junot traz de Paris magnificos vestidos, um de crepe branco bordado a oiro e toque branca com pennas brancas e oiro, outro de *moiré rose* bordado a prata, com uma grinalda de folhas de prata aplicada. Os nobres visitam-nos de luto: só o conde de S. Miguel resiste e não aparece na embaixada, sem ordem expressa do Principe Regente. Junot apresenta-se em Queluz com o brilhante uniforme de coronel general de hussards, branco e azul. Esbelto, louro, com cinco cicatrizes no rosto, uma das quaes ainda perfeitamente visivel, impressiona o Principe, que lhe manda pedir o uniforme emprestado, e de ahi a semanas aparece tambem barrigudo e triste, d'uniforme azul e branco, sobrecarregado de diamantes. Laura Junot espanta-se, quando depara com Carlota Joaquina vestida de mousselina da India, com prisões de diamantes, nos cabelos perolas e diamantes d'uma admiravel belleza, e brincos de brilhantes tão grandes e tão puros que a deixam extatica,

entre as damas da côrte, vestidas como araras. Emquanto o tratado concluido por Lannes—tratado de neutralidade entre a França, Hespanha e Portugal—não é ratificado, vae-se vivendo na intriga dos salões, os Araujos pela França, os Souzas e D. João d'Almeida pela Inglaterra. O ministro Araujo recebe com suprema elegancia o corpo diplomatico na sua linda casa de Belem, que só tem, no arranjo e nas comodidades, outra que se lhe compare, a da duqueza de Cadaval,—o conde de Campo Alange, embaixador de Hespanha, o de Inglaterra, o Nuncio, o da Austria, conde de Lebzeltern. Ha outras figuras de sociedade: o conde de Chalons, que morre de dor, ao saber Luiz XVI levado ao cadafalso, e o seu fim romantico é discutido ainda; madame Braancamp e a duqueza de Cadaval, ambas francezas: a duqueza grande, bem feita e com um soriso tão triste que não esquece mais — sonho ou desventura... *As tres graças*, as tres irmãs do marquez de Marialva, todas tres encantadoras, a marqueza de Loulé, a marqueza de Louriçal e a duqueza de Lafões, que vive muito retirada na quinta do Grilo e entra para sempre n'um convento, logo depois da morte do marido. A familia de Belas, pai, mae, e filhas, detestando a França e adorando a Inglaterra; a familia do conde de Lima: a condessa de Obidos, já de idade e muito religiosa, a marqueza d'Abrantes, sua irmã, impertigada e seca; o marquez de Ponte do Lima, casado com

uma prima, a filha da condesssa de Obidos, bonita e gordissima; o conde de Sabugal muito instruido e galante; o embaixador de Hespanha, homem amavel e benevolente, com o secretario da embaixada sempre ao lado, um enigma com cara de conspirador; o ministro da Russia que se aborrece e aborrece os outros; o consul de Holanda, excelente pessoa; o da Austria, que vive em Portugal ha perto de cincoenta anos, familia unida e simples, conhecida no corpo diplomatico pela familia da Ajuda; o dançarino marquez de Loulé e alguns velhos mumificados, de bengala com castão d'oiro e a cada palavra um acesso de tosse. Viviam tambem na capital muitos emigrados francezes, o conde de Novion, o duque de Coigny, que forçaram a sahir de Lisboa por não obedecer a imposições do governo, etc., etc. Os ministros aparecem pouco, a não ser o Araujo e o Vila Verde. O misanthropo visconde da Anadia, fecha-se em casa com papeis de musica e ninguem o apanha. Em compensação nunca falta aos saraus o espirituoso monsenhor Galepi, amigo dedicado dos francezes, dos inglezes e de toda a gente. Apesar dos 70 anos é certo em todas as festas de madame Junot, levando-lhe sempre *bons-bons* perfumados com ditos graciosos e mesuras galantes...

O ministerio fôra demitido por imposição do embaixador, e Almeida, *todo da Inglaterra* nomeado embaixador em Viena. D. Rodrigo reti-

ra-se [1], Pinto morre, substitue-o o Vila Verde, que já era ministro assistente ao despacho; o embaixador Araujo é colocado nos estrangeiros [2]. O Vila Verde, gordo e comilão, tem ainda o merito de ser surdo como uma porta: os pretendentes berram-lhe ao ouvido, de fórma que em Lisboa sabe-se tudo — os abusos, as tolices, as trapalhadas de este homem insigne, que o Principe estima mais que todos os outros. Manda o Vila Verde, impera o Lobato, que o aconselha a juntar um grande

[1] Substitue-o Luiz de Vasconcelos na repartição da Fazenda.

[2] É com um profundo suspiro d'alivio que o Principe sabe que M.me Lannes vae partir. Decerto Lannes não tardará a seguil-a. Tem-lhe medo. Ega participa-lho:

Sr.

Hontem á noite entrou o nuncio em casa de M.a d'Alorna vindo de casa do general Lannes, e disse haverem-lhe segurado ali que se achava determinada a jornada de M.me Lannes com a mayor brevid.e para França; o q. combina com a nota que tambem me derão de se haver aprompta da hua carruage de jornada com malas na trazeira. Pareceu-me necessario comunicar a V. A. R. esta novid.e com que Lannes vai agora fazer novo aperto e nova forsa p.a conseguir os seus interesses visto haver cedidamente intervalo da jornada de Fitte; fico procurando saber o q. mais se oferecer que terei a honra de fazer constar a V. A. R. a cujos pés com o mayor respeito protesto ser

O mais fiel Vassalo e humilde criado
C. da E.

Junq.ra 23 de 7bro de 1803.

thesouro, e cujo valimento lhe trouxe a morte pelo veneno. As suas relações com Carlota Joaquina, que já eram más desde 1801, quebra-as de todo em 1806. Resa, pega-se aos Lobatos, ao seu afilhado padre João, ao José Egydio seu secretario particular.

Vai desabar o inferno. As hemorroidas aggravam-se-lhe; sente vertigens e acessos de melancholia. Começa a ter medo e evita montar a cavalo. Renuncia a caça: por toda a parte vê perigos e abysmos: Em 1805 adoece; era um tarado. Deixa Queluz, (fôra lá que a mãe tivera os primeiros assomos de loucura) deixa Mafra, o cantochão e os filhos, D. Pedro, branco, rosado e dextro, D. Maria Thereza, D. Isabel Maria, que veio a morrer em Hespanha aberta por um medico que lhe fez a operação cezariana supondo-a morta...—e põe-se a correr no Alemtejo.—Suprime as audiencias, recebe mal toda a gente. É o momento em que Carlota Joaquina pensa em substituil-o no throno. Chegaram a aprehender-se proclamações impressas. Rodeia-se do marquez de Ponte de Lima, do conde de Sabugal, do aventureiro marquez de Alorna. Redigem um decreto que a proclama regente do reino. Vila Verde manda abrir uma devassa, que é logo suspensa. O marquez, o conde, o João dos Santos, são desterrados. Ella, vendo a tramoia descoberta, não o larga mais. O desgraçado foge-lhe para Aldeia Galega, para o Alfeite, para o inferno—ella persegue-o. Parte para Vila Viçosa e Mafra—segue-o como uma sombra.

O principe agarra-se ao Lobato. Mostra-lhe a lingua, desconfiando da peçonha provavel. É n'uma d'essas correrias, que D. João, com medo de endoidecer, diz a palavra necessaria e brutal. Ao lado da sege galopava, gentilissimo, com 16 anos, o marquez de... Ao longe, na estrada, redemoinha uma nuvem de pó. O Principe Regente bota a cabeça de fóra, e, ao avistar a carruagem de Carlota Joaquina, berra n'um desespero:

—Parem! parem! Voltem para traz que ahi vem a p...!

Em junho de 1806 fixa residencia em Mafra. Para que? Que faz a côrte em Mafra? Ouve missas, assiste a festas, a ninharias, a novenas, como o anota Eusebio Gomes [1], antigo empregado e depois almoxarife, nas suas curiosas memorias de que damos varios estractos:

1806 Abril 30. Chega S. A. a Mafra ás Ave Marias.

Maio 4. Esta tarde se abrio a Aula de Musica a que assistio S. A.

[1] Eusebio Gomes, antigo empregado e depois almoxarife do Palacio de Mafra, deixou memorias dos acontecimentos que presenceou ou de que teve conhecimento, sucedidos no paço e na vila de Mafra. Estas memorias abrangem o periodo de 1800 e 1832; conteem a narração de factos sucedidos no paço e no convento, interessantes para quem se interessa pela historia d'aquela vila, assim como a noticia das batalhas e combates da guerra peninsular tal como chegaram ao seu conhecimento.

Os extractos que publicamos foram-nos obsequiosamente cedidos pelo sr. Julio Ivo, distincto publicista.

Junho 2. Veio hoje S. A. e a 4 se começou a novena do Coração de Jesus com o Sacramento exposto depois de Vesperas, e juntamento a tresena de Santo Antonio.

Outubro 22. Cantou-se hoje a Missa de Baldi. Cousa estrondosa.

Idem 26. Cantou a Missa o Guardião e foi o Beijamão dos annos do Infante D. Miguel.

Dezembro 2. Hoje começaram as preces pelo parto da Princeza [1].

Idem 23. Hoje ás 7 h. da manhã se deo o signal com os foguetes do parto de S. A. que teve uma menina. Tocaram, em seguida, os sinos grandes e carrilhões e ouve Missa de Pontifical, e no fim antes da Benção o Thedeum.

Idem 25. Dia de Natal. Toda, a função, isto he Vesperas, Matinas, Missa da noite, Laudes, Missa do dia, tudo foi de Pontifical, a Musica da noite foi de Pulsi e de máo efeito, a do dia foi de Marcos, e excelente. Comungaram as Pessoas Reaes, e alguns Fidalgos e Damas na Capela Mór á Missa da noite. Os Pontificaes d'esta função todos fez o Provincial.

Idem 28. Hoje he que foi o Beijamão pelo parto. Cantou a Missa o Guardião.

Logo no principio d'este ano veio de assistencia para Mafra toda a Familia Real e aqui se conservou athe á retirada para o Brazil, mas o Principe hia algumas vezes a Lisboa.

1807. Janeiro 6. Festa dos Santos Reis. Neste dia á noite he que se cantaram os Reis, o que não fizerão hontem por causa das matinas, que acabaram muito tarde. Foi a comunidade á Céla do Prelado e foi o Principe á Cela do Provincial ver a brincadeira. Á ofrenda na Missa foram os Principes oferecer em 3 vasos de prata insenço, mirra e 50 moedas em ouro, que se diz foram aplicadas para ornamentos da sacristia. A Missa cantou-a o Guardião como Parocho da Familia Real.

Idem 18. Baptisado da S.ª Infanta D. Ana de Jesus Ma-

[1] O parto de Carlota Joaquina. A menina nascida foi D. Ana de Jesus Maria.

ria. Cantou a Missa o Guardião e benseo a agua na Capela das Virgens de tarde. O Deão foi quem batisou foram padrinhos a Princeza viuva D. Maria Benedicta e o Infante de Hespanha D. Pedro Carlos, cantou-se o Thedeum de Marcos que levou 48 minutos.

Idem 26 Hoje á noute se representou a comedia, o Creado de dois amos, a que assistio S. A. muitos frades não foram lá, do que S. A. se escandalisou, e a mandou repetir e dar uma merenda aos comicos.

Junho 6. Hoje depois dos tres quartos para as 4 da tarde ouve um grande tremor de terra, que encheu de susto toda a gente; e toda a gente do Paço sahio para a rua e encheu-se todo o largo na frente do Edificio. A Princeza D. Carlota trouxe nos braços a Menina que tinha apenas 3 mezes, e a trouxe pela escada abaixo até ao Claustro A Princeza dice á sentinela que estava de guarda á porta da entrada para a sala dos Archeiros, que a acompanhace, mas o soldado dice Senhora, eu não posso desamparar o meu posto. Bem o sei lhe dice S. A. mas acompanheme que eu respondo por tudo, então a sentinela obedeceo, e no dia seguinte foi feito cabo de esquadra. Muita gente foi para a cerca e lá passaram a noite por temer hir para dentro do Paço, especialmente os que habitavão nos Mezaninhos.

Idem 10. Ás 8 horas menos um quarto da manhã ouve outro tremor de terra pequeno e ás 9 horas outro ainda mais pequeno.

Setembro 8. Começou a verce um Cometa com duas caudas e cada dia se vio mais alto.

Outubro 24. Hoje se publicou em Lisboa um Edital pelo qual se declarão os portos fechados aos Inglezes.

*

Em vão o Principe desconfia e se aflige... Na solidão de esta imensa noite de inverno evoco a

figura grotesca e rio-me, mas com o riso vem-me piedade de mistura, e hesito e scismo: acabo por achar este homem simpathico. Bem sei, bem sei, é materia e ronha, mas é um desgraçado tambem. Ridiculo inda por cima. Se Deus lhe deu em quinhão, junto com a barriga e a fealdade, um atomo sequer de sonho ou um fio de nervos—o que póde muito bem ter sucedido—morria de desespero. Sofria, sofreu.

Á sua volta encontra apenas afectação e interesse. Tão tímido, que só se sente bem ao pé dos seus eguaes, do povo grosseiro, do Lobato, do Manique, do Vila Verde comilão e estupido, da materia espessa. Então expande-se, cheio de bonhomia e ternura. Que vida, que mulher, que ministros, e ainda por cima aquela carcassa ordinaria! O resto á volta são vaidades, charlatães com comendas e veneras, côrte empavezada e inutil, e um paiz longinquo aferrado á terra e á dôr. Quando encontra uma alma a que se apegue —a d'um creado—trata-a com uma grande afeição. Espremido dá ternura.

Todos o enganam. Para encontrar um amigo fiel teve de descer ao Lobato. Só com elle desabafava, passeando em Mafra pelo seu braço, sem querer ouvir mais ninguem. Foi seu valido e, principalmente depois da morte do Villa Verde, seu primeiro ministro. Só elle lhe podia entrar no quarto a qualquer hora e a carta em que lhe manda esta ordem parece a carta dum amante.

Escrevia-lhe com requintes de afeição:

Meu Francisco faço estas duas regras sembargo de te mandar amanhãa Tomaz p.ª te dizer pessoalm.te os meus sentimentos a teu respeito p.ª te mostrar a minha amizade e o quanto me tem penalizado a tua separação q. Deos permita q. ja se acabe mas te peço q. não venhas sem estares restabelecido para não tornares a doecer e me ver outra vez separado da tua companhia J. D. tem ordem p.ª te arranjar a quarto como tu tinhas ajustado com elle e me di-se q. te escreveria a esse respeito. Resta-me tornarte a segnificar-te os meus sentimentos de amizade e do m.to q. dezejo o dia de tornar a pessoir atua companhia pois não tenho hum só momento q. tu me não lembres. Escrita em Mafra a 5 de Outubro de 1805.

Amo q. m.to te estima

J.

Meu amor façote estas regras p.ª te dar huma evidente prova que sempre estás na minha lembrança e o m.to q. senti o incomodo q. tens por me ver privado da tua companhia e sertam.te não foi o vento q. me impedio sair mas atristeza de ir sem ti isto q. te digo agora he brincando mas tu tens o incomodo mas tens o comodo de fazeres atua vontade aminha sem brinco não he outra se não estar sempre na tua compahia dezejaria q. já fosse hoje mas te peço q. te não arrisques pois não quero por meu respeito q. tenhas o mais leve incomodo mas as maiores felicidades como quem sempre sera

Amo q. m.to te estima

J.

Meu Francisco estimei m.to as tuas cartas por me dizeres q. estas milhor eu paço bem mas estes dois dias tenho tido algum piqueno incomodo de estomago aceites os bons annos q. te dou e desejarei q. os tenhas felizes como quem se preza de ser

Mafra em o 1.º de Janeiro de 1807.

amo q. m.to te estima

João.

Meu Francisco ja q. Deos ainda não quer q. me digas q. estas bom mas sim q. vae milhor sempre me conçolo m.to q. em breve terei a conçolação de te ouvir dizer q. estas bom de todo o meu coração te digo q. já não posso sofrer afalta da tua companhia pois sertam.te não estimo mais outra q. atua pois estou persuadido q. ninguem me ama, e serve com mais fedelidade q. o meu amor estimei m.to ter o gosto de te remeter o aviso pois deste modo julgo q. p.a mim e ti foi milhor e Deos permita q. chegue atempo mas se não chegar não falta ao teu amor muitas cousas q. te de pois sempre desejarei ter motivos p.a te mostrar q. sou

Amo q. m.to e m.to te estima

João.

Quando elle lhe morre tres dias o principe não quer vêr nem falar a ninguem. Cae em tristeza. Suspira. Talvez pense que de nove filhos não tem bem a certeza se é de trez ou de quatro que é realmente pae. Parece que D. Pedro, D. Isabel Maria eram indubitavelmente seus. D. Anna é talvez

o primeiro fructo de João dos Santos. D. Maria Francisca é filha de Luiz da Motta Féo; D. Miguel, do Marquez de Marialva (D. Pedro); D. Maria d'Assumpção, de João dos Santos; e dos outros nem se conhece o pae.—Nasceram no curral... são meus.—Em 1802 o *London Observer* e outros jornaes inglezes contam que D. João declarára a varios membros do corpo diplomatico que se não considera pae do recem-nascido D. Miguel porque ha dois annos não tem relações com a mulher.

De todas as figuras que o rodeiam, o Principe, bronco e espesso, é decerto a mais ridicula e a mais humana, a melhor. Olhem bem para elle, grosseiro, fugindo com o olhar, barrigudo e triste, estatura mediana, sempre prompto a servir de padrinho dos filhos de todos os seus creados, afeiçoando-se até aos soldadões que o insultam—ao Junot e ao Lannes—sentindo-se mal disposto dentro da pelle que lhe coube em sorte, sem saber exprimir-se e sem poder sentar-se, e digam se o que se sente não é piedade. Foi tudo o que quizeram que fosse, e, com outros ministros e outra côrte, tinha acabado de pôdre refestelado no throno.

Era avaro e teve tanta sorte que nem as mulheres conseguiram arruinal-o. Só d'uma vez amou... Amou—desculpem... Succede que a materia tambem se alvoroça até ás mais íntimas raizes. Os bichos repelentes, os bichos ignorados, esses amam com inocencia e inabalavel ternura. O senhor D. João sentiu-se um dia preso á se-

nhora D. Eugenia de Menezes. Esteve para amál-a —emprenhou-a. Mas o amor taes complicações lhe trouxe: afliçöes, flatulencias, desgostos e hemorrhoidal, que não quiz mais mulheres. Nem vêl-as. Ellas debalde o presenteavam... Deixem-no em paz digerir, deixem-no fartar-se de anecdotas obscenas em Mafra, de cantochão, de festas d'egreja, de rapé. Outros se encarregavam de lhe fazer os filhos, e, como D. Carlota Joaquina pedia favores para os amantes, elle proprio os despachava para logares rendosos, sublinhando com esperteza «por justos e particulares motivos que tenho presentes...» É que não queria que o tomassem por tolo. Coçava a papeira, afiava certos ditos, era philosopho. Muito mais tarde havia o povo revolto de lhe rodear o carro aos gritos de—viva o povo soberano!

E elle de si para si resmungava:

—Pois sim, sim, viva o povo soberano, mas eu cá ando de carro e vocês andam a pé...

Procurou sempre orientar-se nos negocios. Dava grandes audiencias, ouvia com pachorra evangelica queixas eternas, eternas lamurias, discursos phantasticos; lia todas as cartas anonymas que lhe mandavam. Toda a gente no paço as escrevia. Nem do Lobato aceitava os conselhos á primeira:

«Meu amor não tenho expressoens com q. te explique a grande magoa q. tive com o teu incomodo como a grande alegria de te ver já quazi restabilecido p.ª ter outra vez a

conçolação de gozar huma companhia q. eu tanto estimo pois já não tenho paciencia de sofrer tão longa separação pelo m.^to q. te amo. Eu paço bem e nesta Feita não tenho tido os incomodos q. tu sabes, mas sim o da tua auzencia, agora vou responderte ao q. me mandaste dizer ontem examinando o aviso vi q. tinha uma clauzula q. não era boa pois dizia q. fizesse siente ao d.^o do Aviso p.^a mo representar clauzula q. se poderia intrepretar-se fazer-se o d.^o secretario imediato p.^a receber minhas resoluçoens sobre a companhia julgo milhor esperar pela nomiação de secretario e fazer este a incinuação peço-te q. me digas com aquella verdade q. me costumas falar se me achas resão, faltava-me dizerte q. te não tenho escrito amais tempo p.^a te não obrigar a escrever e a Deos meu amor ate avista q. Deos permita q. seja ainda este anno.

Amo q. m.^to te estima do coração

J.

Sofria — sofreu. Amachucado, trahido, aos empurrões de todos, sucedeu-lhe a peor coisa que póde acontecer á materia: veio-lhe fastio. Grotesco, feio, com a existencia aos baldões, sem um bocadinho de ternura (a morte leva-lhe todos os amigos), rei ainda por cima, as suas anecdotas, a sua vida, a sua figura, são ainda hoje motivos de grotesco... E no fundo, sob essa capa ridicula, por baixo da barriga, da papeira, da beiça, do olhar desconfiado, havia, houve sem duvida uma ternura enorme. A mulher trahiu-o; os filhos enganaram-no e mentiram-lhe; teve de fugir, de se livrar do veneno, das revoltas, da intriga, sem-

pre a encostar-se á amizade de este, de aquelle, dos generalões, dos embaixadores, dos ministros, dos creados... Não foi uma grande inteligencia nem um grande caracter, mas foi uma extrema bondade. Passou a vida a afligir-se. Por qualquer lado que se encare é um motivo de chacota. É o senhor D. João VI—é o pataco—é o rapé—é a beiça—... É—mas é tambem o melhor homem da sua epocha, e, sob o grotesco, encontras uma grande beleza escondida, sumida, escarnecida. Sofria—sofreu [1].

[1] Quando morreu, um frade, fr. Matheus d'Assumpção Brandão, pronunciou na Academia das Sciencias (10 de Setembro de 1826) o seu elogio necrologico. É no genero do outro—o de Carlota Joaquina. Falando na fuga para o Brazil o frade diz enthusiasmado: «Mas que valor? que heroica resolução? que actividade não desenvolve o Senhor D. João VI em tam apurado lance?...

...Não o desacoroçoão os incommodos e perigos de huma viajem tão inesperadamente determinada, não o intimida a falta de preparos e mantimentos da Esquadra que o deve transportar, não o detem o amor do patrio solo, nem quaesquer outras considerações das mais obvias e naturaes. Tão intrepido e sollicito como o antigo Enéas, etc.»

IV

A FUGA

Na hora fatal ninguem se entende. Dão-se ordens e contra ordens, os diplomatas mentem, os emigrados intrigam, Luiz de Vasconcellos e Souza e Antonio de Araujo são pela França; D. Rodrigo de Souza Coutinho e seus irmãos pela Inglaterra. Apela-se para o cofre. Venha mais dinheiro, mais diamantes! Incumbe-se a toda a pressa o marquez de Marialva de ir pedir para o Principe da Beira uma das filhas de Murat, mas o marquez não consegue passar de Madrid. Mais ordens sem nexo: desguarnecem-se as fronteiras para iludir Napoleão, e finge-se defender a costa das esquadras inglezas. Mente-se, mente-se até ao fim. Um, o Araujo, tem uma ideia, adherir ao sequestro, indemnisando os inglezes. E explica-se á Inglaterra:—Paga-se tudo a oiro!...—A ocultas assigna-se com a Inglaterra uma convenção pela qual a nossa aliada se obriga a auxiliar a fuga

da familia real. Outro, Strangford, aconselha que se mande D. Pedro como vice-rei para o Brazil e equipa-se um navio que não chega a partir. Tudo desaba: sente-se que o vagalhão que os ameaça subverter cresce a todos os momentos. Augmenta o tropel, a confusão, a mixordia. Os inglezes fogem quando os ministros de Hespanha e de França se retiram. O papel moeda desce abaixo de 30 %. —Fujam, fujam, aconselham no paço.—E o Principe Regente olha um e outro extremunhado, ou escuta-os irresoluto, n'um mudo espanto. As reuniões do conselho de estado seguem-se, sem uma ideia, sem um altivo arranco. Apenas D. Rodrigo de Sousa Coutinho propõe, em 21 de agosto de 1807, que se prepare o exercito para a resistencia, cobrindo a retirada e a fuga possivel. Mas um dos insignes conselheiros d'Estado (27 d'agosto, Mafra) exclama com imponencia:

—Nada de armamentos, senhores, para não excitarmos a colera dos francezes!

E Araujo indigna-se, Araujo protesta:

—Resistir! defendermo-nos! Mas como?—E com simplicidade conclue assim:—Não temos nada!

O da Anadia consultado é da mesma opinião.

—Nada de armamentos em terra! [1]

(1) Já não temos exercito, que depois de Lippe decae. Soldados foram promovidos a capitães e capitães a coroneis; oficiaes serviam á mesa dos fidalgos. Em 1792 é nomeado

O mais logico portanto é fugir. O peor é que não está nada preparado e a côrte arrisca-se a cahir nas mãos da soldadesca sem fé nem lei, mandando mais que imperadores e dispondo de reis como quem dispõe de recrutas. Debalde D. Rodrigo continúa a prégar no deserto. Elle bem sabia «que a culpa não é d'elles (dos reis) é dos vis cortezãos que os rodeiam desde o berço e que

Lafões tenente general do exercito e não consegue nada. Em 1792 é nomeada uma junta para reorganisar o exercito. E sempre que ha receios de guerra pensa-se logo em reformar o exercito... Pensa-se em 1799; pensa-se em 1800; pensa-se em 1802, exonerando Lafões e nomeando o conde de Goltz, que deixa o comando no mesmo anno, e pensa-se em 1803, 1804 e 1805. Mas não se fez nada. Desleixo e intriga, como se vê pela seguinte carta do conde de Goltz:

Son Excellence Monssieur le Conte d'Ega.

a son Hotel

Mon cher Conte

J'ai eu la nuit un peu de gooutte au pied blessé, et ne peut venir aujourd'hui á Queluz, comme je m'etais proposé.

Ah mon cher Conte, qu'il y a d'intrigues contre moi, pour me faire du Tort. Le Ministre de Guerre, le Vieux Conte d'Aveiros, l'Etat major de Rossiere, et toute la Clique emigrée m'est contraire, et dont assez hardi pour faire des affaires de Service dont je ne dois rien. Toute cela aboutit à se Soustraire au commandement, que Son Altesse Royale m'a confié gravieusement. Ils veulent me causer du chagrin pour que je

lhes encobrem o que faria a sua desgraça e a fortuna dos principes.» Insiste na resistencia e acha inutil a partida precipitada do principe herdeiro ou de qualquer das princezas. O marquez de Pombal, o d'Angeja e o de Bellas, esses estão por que se declare a guerra a Inglaterra e se atendam as exigencias dos francezes. No conselho de Estado de 2 de setembro chega-se a discutir o que

m'en aille promptement. Je leur suit a charge et ma honnettete leurs deplait.

Don Rodrigo et Bailly se trouve à la tete de cette belle Cabale. Don Jouan s'est joint.

...Je suis faché, qu'avec tout mon attachement je ne lui peux etre utile. Il me faut abandoner le champ à la Cohorte Française, avec laquelle je ne puis rien avoir de commun, meme par principe...

a 18 de Dec. 1801.

Goltz.

Antes de Lippe davam-se factos como este—de comedia: «Os Regimentos que estavam nos quarteis de Val do Pereiro e Campo d'Ourique, embarcavão nas pedras de Santos, e desembarcavão no mesmo Caes de Belem; e em huma das retiradas do Regimento que estava a Cruz dos quatro caminhos, havendo huma grande borrasca, que obrigou as embarcações a fugirem do caes, quando a Guarda rendida chegou, e não via esperança de poder embarcar, esteve muito tempo indecisa, e por fim resolverão-se o ir a pé para o Quartel, onde chegarão a que horas? e destroçados; poucos individuos deixarão de pedir Certidão ao Commandante.» *Vol. XIV do theatro de Manuel de Figueiredo.*

se havia de responder a Junot, quando elle propozesse mandar o Principe Regente para a Italia, para a Allemanha — ou para a Asia! Araujo insiste em que está tudo desorganisado: dispomos apenas de 26 mil homens. E a 17 d'outubro afiança «o exercito (francez) nem marchou nem havia por ora ordem de marchar.» [1]

Defendermo-nos como? Em vão Demouriez, o aventureiro, que por esse tempo vegetava em Londres, se oferecia para comandar as tropas portuguezas. Tocára-nos tambem a vez da oferta, mas nem o nosso governo lhe quiz a espada, vergonhosa e celebre, gloriosa e mercenaria. Ordena-se emfim

[1] A fuga já estava ha muito discutida segundo se deprehende do mesmo oficio ao nosso ministro em Londres (17 d'outubro de 1807) «sobre o importante objecto da retirada do Principe Regente N. S. torno a repetir que S. A. R. nem ha-de desertar por terror panico, *o que já assustou o Povo d'esta Capital suscitando que elle se dispunha a partir,* nem tambem ha-de esperar por o ultimo perigo.» É tão extraordinaria a attitude de Araujo que mais tarde o *Correio Braziliense* acusa-o de estar feito com os francezes. O nosso ministro em Londres informára-o do que os francezes emprehendiam, e a 31 d'outubro já elle sabia que Junot marchava através de Hespanha desde 9 d'esse mesmo mez.

No principio de outubro o medo aos francezes chegára a tal ponto «que pequenos e grandes e o mesmo Principe entrarão em sentimentos piedosos de recorrer ao céo para uma Protecção.» Fizeram-se procissões. Saiu o Senhor dos Passos pelas ruas de Santo André, Mouraria, rua Augusta, Terreiro do Paço, Ribeira Velha, Paraizo e Campo de Santa Clara, d'onde voltou ao convento (*Diario de S. Bento*).

ás auctoridades que deem parte para Lisboa da marcha dos invasores, e a 24 sabe-se pelo tenente coronel Lecor, do mando de Alorna, que os francezes já estão em Abrantes. A familia real vem de Mafra para Queluz e reune-se á pressa o ultimo conselho d'Estado. Palavras, medo—as mesmas fardas, a mesma pompa, a mesma inutilidade. Que fica d'essa ultima sessão? Uma anecdota: o Principe interrompe o palavreado inutil, dando um berro e uma palmada nas coxas:—Cá estão duas!...—Olham-no os conselheiros estarrecidos, e elle mostra-lhes duas moscas esborrachadas na mão.

Resolve-se por fim fugir. O Principe ainda hesita: mas o embaixador inglez, que se refugiára a bordo da esquadra, todas as manhãs vem a terra insistir e instar. Por ultimo mostra-lhe a noticia do *Monitor*. E, diga-se, fugir era decerto o mais logico, o mais sensato, o mais simples. São tres exercitos, é a tropa que bateu a Europa e desbaratou os melhores generaes dos imperios: é uma canalha sordida, descalça, feroz, e heroica: magarefes, generaes, jacobinos e salteadores. Se prendem o Principe, a Inglaterra desembarca nas colonias—é o fim de tudo. Fugir é portanto o mais sensato, mas o bom senso, que fica bem nos mangas de alpaca, não assenta da mesma fórma nos principes. O bom senso resolve as questões práticas da vida, e um paiz invadido não apela para o bom senso—apela para o desespero.

E o peor é que o que ahi vem não são só homens, armas, canhões. Esta gente, a côrte, o mundo velho, a pragmatica, fogem deante de uma Ideia. Junot d'ahi a dias toma Lisboa sósinho. Reparem que em Hespanha o arranco é exactamente o mesmo. Vem ahi o Terror, os jacobinos, a revolução, homens d'outro planeta. O homem novo, o homem que o auctor do *Antidoto para o congresso de Rastadt* (1798) descreve assim: «Seu coração impenetravel ás affeições ordinarias só ás da Revolução é accessivel; seus olhos obedecem a outras leis d'optica, seu espirito concebe e produz, e seu coração bate differentemente dos outros homens». Como dizia de Genova o dr. Vicente Alorna, em papeis que correram o mundo com grande successo, á revolução

> ... Seguem-se Ex-Rei, Ex-Reina, Ex-Calidad
> Ex-Papa, Ex-Cardinal, Ex-Religion,
> Ex-Cura, Ex-Fraile, Ex-Monge, Ex-devotion
> Ex-Culto, Ex-Templo, Ex-Feé, Ex-Caridad.

O que, segundo elle, havia de dar como resultado:

> Ex-Paris, Ex-Nacion, Ex-Liberté!

A papelada era infernal: versos, insultos, mentiras. Os inglezes enchiam o mundo de pamphletos: «Almanaque da Familia Imperial e grandes off.es de Estado Civis e Militares em

França, depois da revolução, tirado do original Inglez:—Napoleão Bonnaparte. Nasceu em 15 de agosto de 1767. Imperador em França, rei de Italia, Mediador da Suiça e Protector da confederação do Rhin—Filho 2.º de Carlos Bonnaparte, Algazil da Cid.e de Ajacio na Ilha da Corsica. Seu verdadeiro Pay se julga ser o conde de Morboeuf, governador da dita Ilha. He o maior assassino, e de peor caracter publico e p.ar que se conhece na historia antiga, e moderna. Letucia Ramolini—May da Fam.a Imperial. Hua Prostituta semi notoria. Aos 15 annos de Id.e teve hum filho de hum Frade, etc. Paulina,—Princeza de Borghese—Irman mais velha de Nap.am, com quem teve tracto insestuoso; ausentando-se de casa de sua May aos 14 de edade com hum cabo; em 1796 foi hua Prostituta commum em Paris». Etc., etc.—E como este muitos. Uma nuvem de papeis. Como dizia o outro, dos francezes até o Diabo tinha medo:

> Sou Diabo e tremo
> Que esta multidão franceza
> Que com tanto presteza
> Se me introduz no inferno,
> Me tire todo o governo,
> Sem eu poder ter defeza!

Fujam! fujam! Canhões, homens, Bonaparte, a guerra, tudo isto é phrenetico e imenso. Foi grito, é agora vagalhão colerico, deante do qual

reis, ministros, côrte, cada vez se sentem mais pequenos e grotescos. É a Vida. É um seculo de discussão, de analyse, de balburdia, de mixordia, de coleras, em marcha sobre a côrte minuscula, sobre homens minusculos. E é perante essa Ideia, que os apavora, que fogem, como deante d'um jacto de luz. Por traz do pequeno exercito que avança, ha os mortos, ha os milhares de milhares infindaveis, ha uma Sombra desmedida que encobre o céu...

De Londres espalham o manuscripto que depois foi publicado em 1808 em Coimbra, com o titulo de *Reflexões sobre a conducta do Principe Regente de Portugal,* revisto e assignado por Francisco Soares Franco [1].

[1] «O principe do Brazil examina d'um golpe de vista d'onde vem a Bonaparte a audacia de lhe fazer proposições, que hum Rei não deve jamais ouvir e conhece que a posição de Portugal he a base da insolencia do seu inimigo; conhece ao mesmo tempo o perigo e as consequencias; hé o Brazil a que elle vae confiar a sua honra, a sua segurança, a sua gloria, e a do nome Portuguez. Eis ahi uma grande e bella Revolução! Hé assim que os Reis são verdadeiramente os defensores dos seus Povos e os libertadores da sua Patria! Emfim eis—ahi um Rei... Era permittido pensar que já os não havia. Mas hesitava, e o Principe do Brazil mostra ao mesmo tempo o animo a todos os corações e a esperança a todas as almas... Portanto não ha mais que um partido a tomar que hé de executar esta magnanima e sábia resolução, quaesquer que sejam as proposições de Bonaparte. E executando-a o Principe do Brazil offerece a Portugal a unica esperança de salvação».

O Principe vem a Lisboa dar audiencias, não confia em ninguem, supõe-se trahido. Os nossos diplomatas nem sequer suspeitam as negociações que precederam o tratado de Fontainebleau — ou efectivamente trahem-no ... [1]

*

Quem pudesse ir remexer no fundo das gavetas da epocha, ler as correspondencias e as contas, raspar nas almas e nas bolsas, com os seus multiplos interesses! ... Ao lado da historia, das phrases, das leis, dos factos, ha outra historia mais viva e humana, oculta e terrivel, a do oiro e da ganancia. D'um lado o que se mostra, a pompa, o scenario, do outro o *Deve e Haver*. Contas. O sordido interesse — com resultados inesperados ás vezes. A mola real, o dinheiro, os papeis esquecidos no fundo das gavetas dos ministros, os livros dos diplomatas, os documentos e as cifras. Vêem-se os homens habeis e polidos na culminancia do poder, os artigos discutidos paragrapho a paragrapho, as conferencias, os apo-

[1] O tratado de Fontainebleau é assignado aos 29 de outubro de 1807 pelo general Duroc, por parte da França e por D. Eugenio Isquierdo, por parte da Hespanha. Napoleão não se deixa iludir; estava decidido a tudo para combater a Inglaterra e tornar eficaz o seu famoso systema continental. O paiz é dividido em farrapos, retalho para este, retalho para aquelle ... Vêr o tratado no fim do capitulo.

sentos solemnes, a meza hirta com os papeis e o tinteiro em cima—mesuras, relatorios, fardas—não se vê o oiro que corre de bolso para bolso, nem as consciencias que amolecem, nem as algibeiras sem fundo—nem a vida secreta... E esta historia secca, a dos interesses e dos vicios, é a verdadeira historia dos ultimos annos, nervosa, descarnada—diabolica. O exterior é pouco: é necessario atender aos vicios e ás paixões. Por traz do panno aparatoso, com o arranjo que cada um lhe desenha—até com sinceridade—não cessa o ruido irresistivel do dinheiro. Esta gente de negocio, diplomatas e traficantes do seculo XVIII, é materialista e sceptica. Acresce a isto que o espectaculo do mundo é soberbo: um inferno de ideias, de discussões, de philosophias—a revolução—e por fim, o clarão do incendio, a guerra, os gritos, os thronos escacados, a Europa a saque, o Bonaparte de tricorne na cabeça e as mãos atraz das costas, impondo leis... No fundo, nos recantos obscuros, o oiro corre e telinta. Vende-se—vende-se tudo pelo goso, pelo oiro, pelas fardas. Essa correspondencia está dispersa ou reduzida a cinzas—mas alguma existe. A do Ega, embaixador em Madrid, dá a impressão nitida de que eramos trahidos [1]. Por esta extraordinaria carta se

[1] O ilustre jornalistas sr. João de Menezes encontrou n'uma loja da baixa diferentes documentos curiosissimos, que estavam destinados a embrulhos, e entre elles as cartas que publicamos.

demonstra que entre o conde da Ega e Godoy havia mais que intimidade:

[1] *Sereniss.º Sr.*

Antes de expedir o correyo a Lisboa, tomo a liberdade de enviar-te a carta original que escrevo ao Principe Regente Meu Amo, e como he concebida nas proprias expressões que te ouvi e me ordenaste transmitisse a S. A. R. espero que vendo-a me queiras dizer se digo quando tu me determinaste.

Ninguem mais do que eu sabe apreciar as tuas altas qualidades e ninguem será com mais constancia e firmeza

De V. A. S.
O mais fiel e respeitoso amigo
C. DA EGA.

Serenissimo Sr. Principe
Generalissimo Almirante.
Madrid, 6 de Agosto de 1807.

Na carta, á margem, no alto, e do seu proprio punho, lê-se a resposta de Godoy:

«*Se estás seguro de que no se hará outro uso de esa carta enbia-la pero acuerdate q hay en aquella Corte Personas q no te quieren.*

es sempre tuyo
afmo
Ml.

[1] O Conde da Ega, *ás ordens* do Principe da Paz, enviava para Lisboa, ahi por 6 de agosto de 1807, uma longa carta ao principe regente D. João, em que lhe expunha a conveniencia de adherir ao bloqueio continental.

Em 22 de outubro de 1807 [1], aparecia a declaração do Principe Regente, D. João, dizendo «houve por bem aceder á causa do continente, unindo-me a Sua Magestade o Imperador dos francezes, rei da Italia, e a Sua Magestade Catholica, com o fim de contribuir, quanto em mim fôr, para a aceleração da paz maritima» [2].

Logo Ega communica a Godoy:

Sereniss.mo Señor.

A incommodidade que tens experimentado me impedio o gosto e honra de ver-te hoje; e por isso vou enviar por este meyo a Carta de oficio que recebi hontem do Ministro d'Estado da minha Corte: n'ella se mostra com a mayor evidencia que finalmente se tem tomado o partido que mais convinha a Portugal: alli mesmo se vê tambem que a determinação de enviar o Señor Principe da Beira ao Brazil já se acha em muita duvida; e assim em breve devemos esperar se siga a noticia positiva da Declaração contra a Inglaterra, sem preceder aquella disposição.

Por hum correyo expedido de Angoulema na noite de 17 me avisa D. Lorenso de Lima vir seguindo em posta a sua viage a Lisboa em commissão de que espera feliz re-

[1] Em 7 de Setembro, Antonio d'Araujo escrevia para o nosso embaixador em Londres a dizer-lhe que o Principe da Beira — D. Pedro, que tinha então 9 annos de edade — seguiria para o Brazil. O governo seria exercido em seu nome pela princeza viuva, D. Maria Benedita, auxiliada pelo antigo vicerei d'aquelle estado D. Fernando de Portugal.

[2] O mez foi terrivel de temporaes. Os dias 8, 9 e 10 ficaram assignalados. Entram no porto os navios da Russia. (*Dietario de S. Bento*).

sultado. O Passaporte vizado por elle ao correyo mostra que o Governo francez o considera ainda como seu caracter que conserva de Embaixador junto de S. M. I. e R. o Emperador dos Francezes.

Praza a Deus que a estes momentos de inquietação se sigão os de tranquilidade que todos precizamos, e que a tua saude se restabeleça de prompto como o deseja com o mais vivo interesse

Teu respeitoso e seg.º
Serv.or fiel e verdadeiro am.º

J. AYRES.

Serenissimo Señor
Principe Almirante
Generalissimo.
Mad.d 23 de Oct.bro 1807.

E entretanto que em Lisboa se ignorava tudo, Ega carteava-se com D. Lourenço de Lima, como embaixador em Madrid, n'estes termos:

«Não me foi constante o dia em que o General Junot sahio d'essa Corte, mas o foi o de haver chegado a Bayona o dia 3 pela noite, e de se achar alli alojado em casa do consul de Portugal, José Antonio Dubrorg, donde sahio alguns dias a encontrar-se com as tropas, voltando no dia 11 p. a mesma hospedage.

Naquellas immediações se vae reuniudo o Exercito de observação denominado da Gironda, o qual deve achar-se em força de 23:610 homens no dia 17 do corrente, e posto que dizem que se augmenta até 50 mil esta noticia por agora he muito vaga (Officio de 11 de Setembro de 1807).

E em 11 de Outubro de 1807:

...e entretanto se acha em marcha uma grande parte do Exercito Espanhol sobre a nossa fronteira; contudo as communicações que aqui recebo que serão identicas ás que vão dirigidas a V. Ex.ª, talvez possa ainda melhorar a nossa Sorte. N'estes despachos se não trata da partida de S. A. o S.or Principe da Beira p.ª o Brazil e como se conta com a entrada da Esquadra que cruzava no Mediterraneo para a defensa do Porto de Lisboa, espero que esse projecto se tenha annullado.

Recebi o Despacho official de V. Ex.ª de 26 do mez passado; as tropas, que se asseverou n'esta corte, haverem principiado a sua marcha desde Bayona, para entrarem em Espanha, no principio do corrente, ainda no dia 5 alli se achavão todos os corpos, e Estado Maior.»

E nos seus papeis aparece entre letras de cambio, entre phantasticos maços de letras que não tem fim — oiro, dividas, o diabo! — o seguinte documento... Desde quando é que se trama, sem que Ega o ignore, a absorpção de Portugal na Hespanha?

COPIA	TRADUCTION
Plan politico de varias Potentias de la Europa comunicado á la Corte de Madrid por el Emperador Napoleon.	Plan politique relatif aux différentes Puissances de l'Europe, communiqué à la Cour de Madrid par l'Empereur Napoléon.
El Principe de Asturias casará con mi sobrina, á quien adopto por hija, y en dote	Le Prince des Asturies épousera ma nièce que j'adopte pour fille et lui donne

doy el Reyno de Portugal, cuyo Gobierno obtendron por la vida de mi intimo aliado Carlos 4. y quando este falte se unirá Portugal á la España y sera proclamado el Principe de Asturias, Emperador de España, Portugal y sus Indias.

Los Reys de Portugal conservaron sus Indias y Estados ultramarinos: ademas se los adjudicará el Cond.do de Hanovre Frances, donde se proclamará Rey el Principe del Brasil.

El actual Rey de Napoles sera proclamado em Milan Rey de Italia, por cesion que de ella le pago.

Mi hermano Luciano casará con la Reyna viuda de Etruria y sera coronado Rey de Napoles, uniendose ambos estados; y el Principe de Napoles casado con la Infanta de Espana sera coronado Rey de Cerdena y Sicilia.

Al S.to Padre se le conservera en sus Estados Pontificos en el mismo Estado en qual hoy se hallan reducidos, saliendo garantes de su conservacion los Principes Catolicos.

pour dote le Royaume de Portugal, dont ils obtiendront le Gouvernement pendant la vie de mon intime Allié Charles 4.—à sa mort le Portugal sera reuni à la Espagne et le Prince des Asturies sera proclamé alors Empereur d'Espagne, du Portugal et de leurs Indes.

Les Rois de Portugal conserveront les Indes et états d'outre mer; le Hanovre français leur sera également adjugé.—Le Prince du Brésil en sera proclamé Roi.

Le Roi actuel de Napoles sera proclamé à Milan Roi d'Italie d'après la cession que j'en fais en sa faveur.

Mon frère Lucien épousera la Reine veuve d'Etrurie; Il sera couronné Roi de Naples, les deux états étant rénnis; Le Prince de Naples, marié à l'Infante d'Espagne, sera couronné Roi de Sardaigne et de Sicile.

Le St Père conservera ses états Pontificaux donc le même état au quel ils sont reduits aujourd'hui: Tous les Princes Catholiques en seront garants.

Los demas Potentados de la Europa, aliados de la Francia obtendron los Estados quel actualmente posean, con cuyo motivo y resultado quedara la Europa coligada y de comun acuerdo contra la Inglaterra.

Hecho en Paris en el Palacio Imperial á 16 de febrero de 1806.

Nota. Que el Principe de Asturias es Gener.^{mo} de Francia no hay duda.

Napoleon ha salido por las Costas de Brest con diression á Espana.

Toutes les autres Puissances alliées à la France conservaront les Etats qu'Elles possedent actuellement et l'Europe sera ainsi coalisée pour faire cause comune contre l'Angleterre.

Fait à Paris dans le Palais Impérial le 16 fevrier 1806.

Note. Il n'y a point de doute que le Prince des Asturies ne soit nomé Generalissime de France.

Napeléon a quittél a France du Coté de Brest se dirigeant vers l'Espagne.

E se Ega trahe, Lourenço de Lima trahe:

S. S.

Não posso separar-me d'esta fronteira sem significar ao meu respeitavel am.^{o} e S.^{or} o disgosto com que o faço: a satisfação com que occupava o Lugar de Embaix.^{or} n'essa Corte, as innumeraveis honras q. SS. MM. se dignarão prestar-me; haver de tratar os negocios com hua Pessoa das tuas altas qualid.^{es} e de que recebi o favor de declarar-se e mostrar-se constantem.^{te} meu amigo; fazia agradavel a minha cituação; mas o meu governo attendendo mais a sugestoens insidiosas do que aos sãos conselhos que tu tão nobrem.^{te} e tão oportunam.^{te} lhe intimaste vacilou por algũ tempo nas suas deliberações e deu assim

motivos aq.to vemos e sentimos: as ultimas determinações tomadas por S. A. R.l o Principe Reg.te meu amo, e que por hũ correio extraordina.ro que encontrei em caminho me forão comunicadas, são inteiram.te conformes em toda a sua extensão ás resoluções de S. M. e Imperador dos Francezes expoz a S. M. C. tão eficazm.te apoyadas; e por isso quero lisongear-me com a agradavel esperança de que S. M. I. e R.l logo que isto lhe conste se preste a todo o acomodam.to: o Correyo foi seguindo a Paris com Despachos dirigidos a m.r de Champagny o caso está q. lhe fosse remitido. S. A. R.l o Principe meu amo havendo nomeado ao Marquez de Marialva, cavalhariço mayor da Rainha fidellissima N. S. e seu Embaixador extraordin.o á corte de Paris, tambem me ordenava que requeresse pelo meio que me fosse possivel, o necessario Passaporte de S. M. C. para poder seguir a sua viagem por Espanha; igualm.te se mandarão pedir os Passaportes a M.e de Champagny p.a poder entrar em França com aq.la qualidade. Se pois o P. A. G. quizesse solicitar de S. M. C. a concessão d'este Passaporte o Marquez poderia hir principiando a sua viagem athé receber os de França e concorreria assim p.a adiantar os meyos da desejada reconciliação entre as nossas Cortes: D. Lourenço de Lima seg.do me dizem deverá partir de Lx.a logo que se restabeleça de algũ incomodo com que chegou; mas eu vendo a nova ordem das coisas receyo q.e encontre obstaculo a entrar em França.

Eu continuo hoje a minha jornada para Lisboa havendo-me demorado dois dias com o meu amigo o Marquez d'Alorna que possuido como eu do verdadeiro interesse do Soberano aq.m servimos—da Patria que nos deu o ser, nos somos Lastimado que o nosso Governo não conhecesse mais cedo o melhor partido que deveria abraçar.

A Condeça ao tempo que eu d'ella me siparava rebebeu a carta que tu lhe dirigis-te, e vendo n'ella a honra com que S. S. MM. a tratavão, e a attenção que tu prestavas á sua cituação o seu animo se tranquilisou na justa

esperança de que haveria sempre por ella aquella benevolencia que todos procuramos merecer n'essa corte.

Com grande contentamento meu sei que a Paz interior da Aug.ta R.l Fam.a se tranquilisara; sencivel á dor acerba d'um pae Soberano eu maldezia os Preversos que havião concebido o mais horroroso e negro crime; desejando que as circunst.as politicas que me separão d'essa corte me não privassem n'estas occasiões de inquietação e agora de tranquilid.e a honra de segurar aos Reaes Pez de SS. MM os sentimentos mais puros do meu coração sincero e os Votos mais vivos pella conservação das Suas Augustas Reaes pessoas, o socego interno na sua familia; a prosperidade d'esta monarchia; e hũ reinado dilatado p.a felicid.e dos seus povos; E a ti cordealm.te desejo que restabecida a tua saude continues a fazer a gloria de Espanha servindo ao teu Soberano com amor zelo e inteligen.a que sabem apreciar os que como eu tem a satisfação de conhecer os teus gr.es merecim.tos. Manda-me e serás obedecido com m.to gosto e aceita as mais finas expressões de amiz.e e reconhecim.to com que tenho a honra de dizerme

Teu respeit.o e seg.o
Servidor fiel e verdadeiro Am.o q. t. a. b.

J. AYRES.

V. Viçoza 11 de Nov.bro de 1807.
Ao Principe da Paz.

E em 21 de novembro, já os francezes marchavam sobre Portugal, escreve a seguinte carta a Godoy. Ega estava em Lisboa, D. Lourenço de

Lima voltava a França. Mas Ega continuava nas melhores relações com o Principe da Paz:

« Sereniss.º Senor

Meu Am.º e Senor meu:

D. Lourenso de Lima volta por essa Corte para a de Paris; na sua passagem para Lisbôa não lhe foi possivel ter a honra de se te presentar, mas deseja procura-la agora, e te pede por mim lha permitas, eu que estou persuadido que elle receberá de ti instrucções que serão de grande utilidade ao fim importante para que todos desejamos concorrer; te rogo incessantemente queiras, como sempre o fizeste, prestar os teus auxilios em beneficio de huma nação a que tambem pertences ... [1]

Protestos de amisade, de consideração, respeito e obediencia, são expressões que se repetem sempre, mas que eu constantemente sinto por ti, de quem me digo

O mais respeit.º e Seg.º
Servidor fiel e verdadr.º am.º q. t. m. b.

Sereniss.º Snr. Principe
Almirante Generaliss.º
Lisbôa, 21 de Nov.º de 1807.

[1] Esta phrase de «huma nação a que tambem pertences» não será allusiva ao tratado de Fontainebleau, que Ega devia conhecer? »

Fujam! fujam!... Na capital espalham-se noticias e boatos. Veem ahi os francezes! A côrte embarca. Ha quem se lembre a resistir, mas tudo se reduz a falatorio nos cafés. A 13 de novembro apareceram copias dum aviso que falsamente se dizia dirigido ao Intendente para o recrutamento de 14 mil homens. O auctor «he de toda a suspeita que fôra um cadete do Rio de Janeiro por nome Augusto Cezar.» Este homem tem «a sua efectiva residencia nos cafés, onde fala com demasiada liberdade em todos os objectos relativos á situação politica da Europa» *(Livros da Intendencia).* O povo sae para a rua, mas o povo não sabe exprimir-se ainda. Fala baixo, aos magotes. Já vem gente fugida na frente dos invasores, e, com exagero, narra o saque, o estupro, o vinho que corre nas adegas, o clarão do incendio nos ares. Ninguem manda. Ha um momento de tragica confusão... Á pressa expedem-se proclamações, ordens para que se não resista. Uma regencia é nomeada á ultima hora, as esquinas forradas de papeis.

O Principe Regente

TENDO procurado por todos os meios possiveis conservar a Neutralidade, de que até agora tem gozado os Meus Fiéis e Amados Vassallos, e apezar de ter exhaurido o Meu Real Erario, e de todos os mais Sacrificios, a que Me Tenho sujeitado, chegando ao excesso de fechar os Portos dos Meus Reinos aos Vassallos do Meu antigo e Leal Alliado o Rei da Grãa Bretanha, expondo o Commercio dos Meus Vassallos á total ruina, e a soffrer por este motivo grave prejuizo nos rendimentos da Minha Corôa: Vejo que pelo interior do Meu Reino marchaõ Tropas do Imperador dos Francezes e Rei de Italia, a quem Eu Me havia unido no Continente, na persuasaõ de naõ ser mais inquietado; e que as mesmas se dirigem a esta Capital: E Querendo Eu evitar as funestas consequencias, que se podem seguir de huma defesa, que séria mais nociva, que proveitosa, servindo só de derramar sangue em prejuizo da humanidade, e capaz de acender mais a dissençaõ de humas Tropas, que tem transitado por este Reino, com o annuncio, e promessa de naõ commetterem a menor hostilidade; conhecendo igualmente que ellas se dirigem muito particularmente contra

a

a Minha Real Pessoa, e que os Meus Leaes Vassallos serão menos inquietados, ausentando-me Eu d'este Reino: Tenho resolvido, em beneficio dos mesmos Meus Vassallos, passar com a Rainha Minha Senhora e Mãe, e com toda a Real Familia para os Estados da America, e estabelecer-me na Cidade do Rio de Janeiro até á Paz Geral. E Considerando mais quanto convem deixar o Governo d'estes Reinos n'aquella ordem, que cumpre ao bem d'elles, e de Meus Povos, como cousa a que tão essencialmente estou obrigado. Tenho n'isto todas as Considerações, que em tal caso Me são presentes: Sou servido Nomear para na Minha Ausencia governarem, e regerem estes Meus Reinos, o Marquez de Abrantes, Meu Muito Amado e Prezado Primo; Francisco da Cunha de Menezes, Tenente General dos Meus Exercitos; o Principal Castro, do Meu Conselho, e Regedor das justiças; Pedro de Mello Breyner, do Meu Conselho, que servirá de Presidente do Meu Real Erario, na falta e impedimento de Luiz de Vasconcellos e Sousa, que se acha impossibilitado com as suas molestias; Dom Francisco de Noronha, Tenente General dos Meus Exercitos, e Presidente da Meza da Consciencia e Ordem; e na falta de qual d'elles, o Conde Monteiro Mór, que Tenho nomeado Presidente do Senado da Camara, com a assistencia dos dous Secretarios, o Conde de Sampaio, e em seu lugar Dom Miguel Pereira Forjaz, e do Desembargador

do Paço, e Meu Procurador da Corôa, João Antonio Salter de Mendonça, pela grande confiança, que de todos elles Tenho, e larga experiencia que elles tem tido das cousas do mesmo Governo; Tendo por certo que os Meus Reinos, e Povos, serão governados, e regidos por maneira que a Minha Consciencia seja desencarregada, e elles Governadores cumprão inteiramente a sua obrigação, em quanto Deus permittir que Eu esteja ausente d'esta Capital, administrando a Justiça com imparcialidade, distribuindo os Prémios e Castigos conforme os merecimentos de cada hum. Os mesmos Governadores o tenhão assim entendido, e cumprão na fórma sobredita, e na Conformidade das Instrucções, que serão com este Decreto por Mim assignadas; e farão as participações necessarias ás Repartições competentes. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em vinte e seis de novembro de mil oitocentos e sete.

Com a Rubrica do Principe Regente N. S.

1807, Novembro 26

INSTRUCÇÕES

A QUE SE REFERE O MEU REAL DECRETO
DE 26 DE NOVEMBRO DE 1807

Os governadores, que Houve por bem nomear pelo Meu Real Decreto da data d'estas, para na

Minha Ausencia governarem estes Reinos, deverão prestar o Juramento do estilo nas Mãos do Cardeal Patriarca; e cuidarão com todo o desvelo, Vigilancia e actividade na administração da Justiça, distribuindo-a imparcialmente; e conservando em rigorosa observancia as Leis d'este Reino.

Guardarão aos Nacionaes todos os Privilegios, que por Mim, e pelos Senhores Reis Meus Antecessores se achão concedidos.

Decidirão a pluralidade de votos as Consultas, que pelos respectivos Tribunaes lhes forem apresentadas, regulando-se sempre pelas Leis e costumes do Reino.

Proverão os Lugares de Letras, e os Officios de Justiça, e Fazenda, na fórma até agora por Mim praticada.

Cuidarão em defender as Pessoas e bens dos Meus Leaes Vassallos, escolhendo para os Empregos Militares as que d'elles se conhecer serem benemeritas.

Procurarão, quanto possivel fôr, conservar em paz este Reino; e que as Tropas do Imperador dos Francezes e Rei de Italia sejão bem aquarteladas e assistidas de tudo que lhes fôr preciso, em quanto se detiverem n'este Reino, evitando todo e qualquer insulto que se possa perpetrar, e castigando-o rigorosamente, quando aconteça; conservando sempre a boa harmonia, que se deve praticar com os Exercitos das Nações, com as quaes nos achamos unidos no Continente.

Quando succeda, por qualquer modo, faltar algum dos ditos Governadores, elegerão a pluralidade de votos quem lhe succeda. Confio muito da sua honra e virtude, que os Meus Povos não soffrerão incommodo na Minha Ausencia; e que, permittindo Deus que volte a estes Meus Reinos com brevidade, encontre todos contentes, e satisfeitos, reinando sempre entre elles a boa ordem e tranquillidade que deve haver entre Vassallos que tão dignos se têm feito do Meu Paternal Cuidado.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em Vinte e seis de Novembro de Mil oitocentos e sete.

PRINCIPE.

*

Este quadro exige chacota e tintas grossas. A exactidão não tem aqui que fazer. Reclama exagero, linhas que avolumem as figuras e salientem os traços d'aflição e de grotesco... No fundo turvo a soldadesca avança sobre Lisboa. O ministro corre a dar ordens e contra-ordens anciosas. A resistencia é inutil—é talvez tarde tambem para fugir. Faltam as coisas mais essenciaes: fazem-se barricas de madeira preciosa. Enfardela-se tudo. Nas casas do Lavradio, do Angeja, do Cadaval, do Alegrete, aferrolham-se as arcas e enfardelam-se de mistura, n'uma mixordia de saque, as joias, as inutilidades e as seringas de clisteres. Correm

desorientadas as pretas, as creadas e os anões. Depressa! depressa! Foge tudo, foge toda a gente de representação e de vergonha. Vae tudo — o sacco das moedas, os quadros de Sequeira e as aves de estimação em gaiolas doiradas. Depressa! depressa! Os navios podem levantar ferro e não haver logar nos porões.

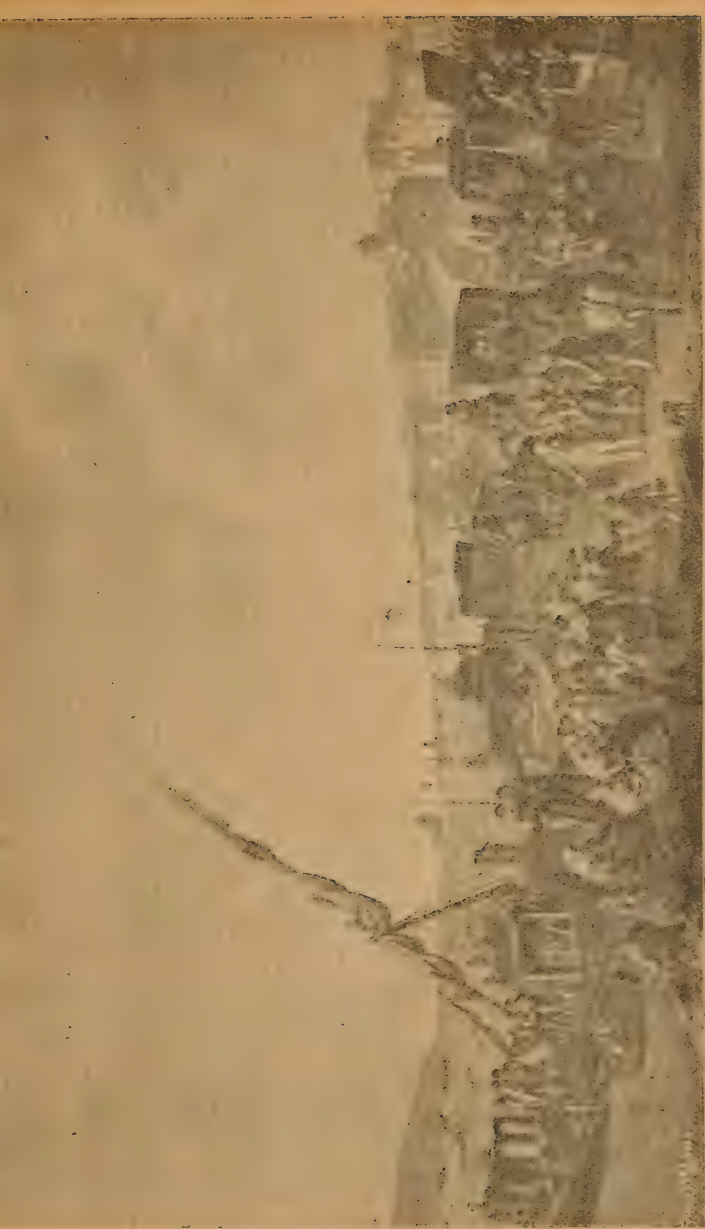
Falta agua nos toneis. Na vespera buscam-se mantimentos em terra. O céo desfaz-se em agua, o vento abana as vidraças, e lá para o fundo enovelados de dor — cada vez mais perto — os outros avançam sempre. Não são alguns milhares de soldados — é uma visão de pesadelo... Quem é aquelle que sobe á guilhotina? É o rei! é o rei! E aquella figura, que a desgraça reduziu ás linhas essenciaes da dor, é Antonietta! Por mais que a façam sofrer já não tem lagrimas para deitar. Vocifera a plebe — a mesma horda que desaba sobre a Europa... O carrasco mostra á multidão, suspensa pelos cabellos, outra linda cabeça, que ainda segura nos dentes a rosa que lhe deu o amante d'um dia e da eternidade... E mais gritos — e a canalha esfarrapada — e no fundo, cada vez mais temeroso, um espectro que se avoluma na nevoa... Fujam! fujam!... — Na quarta feira á noite juntam-se as riquezas das reaes capellas, de Queluz, da Ajuda, da Bemposta e as do palacio real, as preciosidades, os thesouros que tinham celebridade na Europa. É um verdadeiro saque: calcula-se que vão para o Brazil

mais de 80 milhões de cruzados. Deixa-se o calote, os empregados publicos por pagar, os cofres varridos, o papel-moeda depreciado em 30 % — e a ralé para sofrer. Essa fica para o drama. E diz, olhando cheia de tristeza os reis, os fidalgos, as trouxas levadas de escantilhão para bordo:

— Lá vae tudo para a Inglaterra!...

O Principe geme. Na vespera tinha-lhe dado, mais violento, um ataque de hemorrhoidal. E com a beiça cahida, vagados, mal podendo sentar-se nos estofos, a mulher aos berros, a mãe aos gritos: — O inferno! o inferno! — foge de sala para sala, por entre a desordem, as malas arrombadas, as trouxas enormes, a papelada inutil, seguido passo a passo pelos creados de farda. Juntam-se todos em Queluz, e elle para lá vae a 26, com o *Monitor*, a noticia fatal de que os Bragànças deixaram de reinar na Europa, e assiste aos ais, aos desmaios ridiculos, aos guinchos das pretas espavoridas, acocoradas pelos cantos, ao desfazer da feira, ao tablado já desmontado da côrte, agora só lixo, papelão, desordem. Enfardelam e gemem. Não fazem caso delle, que bem quer consolál-as, falar-lhes, mas põe-se-lhe um nó na garganta, e sobe-lhe num arranco uma explosão de lagrimas por ter de deixar a patria — Queluz, Mafra, os frades, as saloias, os habitos inveterados, as vastas comezainas. Demais a mais o golpe apanhára-o desprevenido. Tres dias antes, ainda elle e aquelles homens notaveis haviam resolvido comprar os

francezes com mais diamantes. Vae de sala para sala com olhos de idiotia e pasmo. Dá ordens para que sejam recebidos a bordo todos os portuguezes notaveis que queiram fugir, a tropa, a segurança, as bayonetas destemidas. Mas os notaveis são todos, era Lisboa em peso se houvesse logar nos porões. Na esquadra tinham-se, não se sabia como, exgotado as provisões dos navios: os toneis da aguada estavam sêcos. Tudo, nessa hora suprema, é confusão e espanto.

A 27 embarca-se. É um carvão feito a traços de desespero. Era preciso o lapis de Sequeira para fixar: 1.º a multidão obscura, a multidão anonyma, submissa por seculos e seculos de ignorancia, e no entanto — meu Deus! — colerica; 2.º as figuras que vão passando, já despidas de prestigio e pompa, reis, ministros, personagens vexados, 3.º grupos de fidalgos, de frades, de damas vaporosas com colicas de medo; e por fim o redemoinho, os gritos, as sejes, os caixões, a balburdia, a tragica mixordia. Ha um momento confuso, em que de escantilhão, aos encontrões, para chegar mais depressa, correm todos para bordo: côrte, ministros e lacaios; ha um momento em que o povo se atreve e cospe-lhes injurias... Devagar! devagar!... Do céu de chumbo, todo o dia, toda a noite anterior, a agua desabara a cantaros. Manhã, numa interrupção momentanea, vê-se um pedaço de céu, alguns jorros de luz, e logo crescem da barra crepes sobre crepes de nu-

A fuga para o Brazil — Sequeira

vens. Está frio, e vem surgindo da noite a multidão silenciosa, os grupos esfarrapados e hostis. Primeira claridade inda dubia — lama e uma mescla de bahus, de cacos desconexos, as ultimas coisas arrancadas á pressa das casas e do paiz — a prata da Patriarchal, os quadros de Rubens, de Murillo, de Van Dyck, os moveis frageis, levados de mistura com resto de cortinas de damasco e bambinelas rasgadas... Sobre isto ancia. O povo espera: assomam das ruas, por entre as trouxas abandonadas, bandos suspeitos. Correm ajoujadas as pretas e os creados, numa confusão medrosa. A lama recomeça a tombar de um ceu pegajoso e baixo. As damas com moscas e o vestido a rasto, abraçam cofres, bagatelas, fardos. E a multidão olha-as com colera represa. Ha-os que choram, ha-os que se não conteem e se surprehendem a falar alto e a vomitar sarcasmos. O ministro Araujo passa: assobiam-no. E um momento, um segundo, a onda oscila, a onda sóbe, a maré salpica as fardas, e vae talvez num repelão despedaçar e afundar na lama os caixotes, as séjes, a côrte, os fidalgos. Tudo se enovela sob a agua que desaba do céu. Gritos. Tropeçam nas arcas de pregaria amarela, empurram e amarfanham os grupos mais proximos, mas eil-os logo num recúo, prostrados, avassalados, submissos... Tem medo o ministro que só embarca de noite a ocultas.

Surge a primeira figura. É o Principe Regente: acompanha-o o infante D. Carlos. E a multidão,

ao vêr esse homem feio, gordo e apathico descer estonteado da carruagem, precipita-se sobre elle como se quizesse arrancál-o, levál-o, impedil-o de fugir. Rodeiam-no num impeto e hesitam. Ainda —e talvez de proposito...—o conde de Novion não tinha tropa no largo: rei e povo acham-se frente a frente, sós, sem ministros, sem bayonetas e sem côrte. Desatam ambos a chorar—desatam ambos a chorar! Elle faz um signal com a mão, arredam-se. Dois soldados lançam pranchas sobre o atoleiro. Ao lado está um montão de madeira e sobre esse throno improvisado, dá-lhes a mão a beijar: a beiça augmenta-lhe, correm-lhe num tremulo as lagrimas em fio. Em volta a canalha vocifera. Aperta as mãos que se lhe estendem:—Adeus! adeus!—Levam-no dois policias em braços e consegue saltar na galeota. A artilharia tróa e o clamor imenso responde-lhe. — Adeus! adeus! — Nove horas da manhã.

E o desfile segue, as bagagens, o tumulto, os grupos hostis que crescem de momento a momento, quando a carruagem chamada o *oitavado* chega com a Sr.ª D. Carlota Joaquina e os filhos, duas camareiras móres e a ama de leite. Passa num clamor, por entre lagrimas, vaias e exasperos. Outras seguem-na, mais séjes, mais fardos da ultima hora, redemoinhos de povo, tropa que já não obedece ao mando, guerreiros que correm numa ancia para bordo, e sobre isto a chuva que vem em cordas sobre cordas ininter-

ruptas do lado da barra. D. Pedro de Alcantara demora-se á espera da avó, que duas damas arrancam afinal do carro.

—Não quero! não quero!

Levam-na á força. O povo olha-a n'um espanto: não tornára a vêl-a havia 16 annos. A Doida descarnada desata aos berros, de olhos turvos e cabellos brancos estacados. Atira os braços para a frente, n'um movimento de recúo e protesto:

—Devagar! devagar!

Talvez suponha que a levam para o cadafalso, para a expiação dos crimes do pae, das torturas das Tavoras...

—O patibulo!

Segue o desfile: as duas princezas, a côrte, e n'um ultimo impulso, empurrando-se e gritando, os frades, os literatos, os lacaios, a gente sobraçando gaiolas e trouxas, bugigangas, as cadeirinhas, as berlindas que forcejam por avançar, os moços de estribeira, as negras, as açafatas, camareiras-móres, damas d'honor, damas da camara da Rainha Nossa Senhora, viadores, confessores, guarda-roupas, capelães da Casa Real, servidores da toalha, officiaes de cavalariça e monsenhores mitrados, monsenhores proto-notarios, monsenhores acolytos, mestres de cerimonias, cantores, prégadores régios, conselheiros d'Estado, brigadeiros e marechaes de campo—creanças de mama e velhos de 89 annos como

Forbes Shellater — a vida falsa e ridicula de ficções, dispersa deante da realidade [1]. A etiqueta esqueceu. Tudo o que era aparato desapareceu, e lá vão aos encontrões com medo de ficar, de perder o logar, agarrados aos fardos mais preciosos, largando as mulheres e os filhos, separando-se dos seus por entre os insultos da multidão. São cêrca de quinze mil os que embarcam. É o duque de Cadaval, a duqueza e os filhos, são os marquezes de Alegrete, de Bellas, Angeja, Pombal, Lavradio, Torres Novas e Vagos; são os condes de Pombeiro, Caparica, Redondo e Belmonte; são os ministros, os nobres, os ricos; a gente que tem a perder, de mistura com lacaios e borras. La vai tambem o dr. Picanço, o mesmo que encontrou pedras no coração de Pombal. Os regimentos, sem ordem e sem chefes, debandam. Muitos dos que partem só tornam a encontrar a mulher e os filhos no Brazil... Lá para o fundo os outros avançam sempre. Já se lhes ouvem os passos...

É o momento em que todo o scenario de pompa se esfarela, e só se vêem ripas pôdres, farça que á custa de exaspero chegasse á dôr extreme. Já ninguem manda, nem ministros pomposos, nem policia, nem côrte: misturam-se a lama e os doirados: famulagem e guerreiros, fra-

[1] Só Luiz de Vasconcellos, ministro da repartição de Fazenda e Presidente do Real Erario, depois da demissão de D. Rodrigo de Souza Coutinho, fica — por estar doente...

des e reis, safam-se com colicas de medo, e a multidão assiste ao espectaculo extranho de vêr de rasto a imponencia e o throno, nomes de gloria e nomes de odio, beaterio, podridão e ganancia. Nesse momento todas as figuras resumam desespero ou medo. A luz que se projecta das nuvens é um clarão brutal: Principes, fardas—dor—o rio immenso—o céo turvo—e a feira da ladra... A desordem é reles, o medo é reles, a canalha vocifera, assaltam-se os barcos, perde-se o resto de vergonha e prestigio, e homens, damas, safardanas e bagagens, são atirados á pressa para os porões dos navios. É um vasadouro: são as princezinhas já beliscadas pelos faceiras nas matas do Alfeite e de Belem; lacaios e nobres; ciganos; outeiros, versos, lausperennes, ao lado da grosseria e do deboche; mentira e grotesco, creaturinhas com penteados monstruosos de plumas, cheias de ademanes, mesuras e corrupção. É não sei que de falso, fóra da realidade e da vida: homens sizudos de rabicho, intoiridos d'estupidez; frades; um mundo inteiro que se subverte, atirado para os porões, e que vai para sempre sumir-se no Atlantico—phantasmagoria que a rude claridade da manhã dissolve como um sonho.—Fica a multidão, a dôr, a Patria [1].

[1] Diario de Euzebio Gomes:

Novembro 25, hoje passaram para a banda de Lisboa mais de 30 navios inglezes.

Idem 27, hoje embarcou toda a Familia Real no Caes de

Desguarnecem-se as fortalezas e encrava-se a artilharia que bate o Tejo. Mas o vendaval brusco não deixa sahir os navios onde continúa a dar-se pela falta de provisões necessarias. Á meia noite do dia 28 ainda se procuram em terra. Os governadores do reino, logo que o Regente embarca,

Bellem tendo dado alli Beijamão ás pessoas que alli concorreram entre lagrimas e suspiros geraes, e no dia 29 com bom vento se fez á vella a Esquadra Portugueza que condusio o nosso Amabilissimo Principe e toda a Familia Real para o Brazil, cuja Esquadra se compunha de 8 Naus, tres Fragatas, dois Brigues, uma Escuna e uma charrua de mantimentos; e com ella 21 Navios do commercio nacional. Nesta noite de 29 para 30 ouve um temporal tão violento que causou grandes estragos por varias partes, e no mar foi elle tão violento que a Esquadra se dispersou por tal forma que cada uma das embarcações tomou seu rumo e navegou como pôde sem jamais se avistarem na viagem, mas todos foram a salvamento.

He impossivel descrever o que se passou no Caes de Bellem na occasião do embarque da Real Familia, que sahio de Mafra a toda a preça para embarcar, porque á mesma hora se soube que os Francezes estavão a chegar a Lisboa. Que grande confusão ouve então no Caes de Bellem!!! Todos a quererem embarcar, o caes amontoado de caixas, caixotes, bahus, malas, malotoeus e trinta mil cousas, que muitas ficaram no caes tendo seus donos embarcado, outras foram para bordo e seus donos não poderam hir. Que desordem e confuzão; A Rainha sem querer embarcar por forma alguma, o Principe aflito, por este motivo!!! Foi o Laranja, (Francisco Laranja capitão de fragata e patrão mór das galeotas reaes) quem fez que a Rainha embarcase. E então o Principe deo Beijamão ás pessoas que alli estavão e entre lagrimas e suspiros começaram a embarcar, e não se pode descrever o que aqui se passou.

vão prestar juramento perante o cardeal Patriarcha. Algumas vezes procuram a bordo o Principe, mas elle só chora ou geme. A borrasca continúa: a esquadra não larga ferro. É sudoeste todo o dia 28 e só a 29 ronda para o norte. Larga então velas no momento do eclipse do sol. Todo o dia 29 fica porém ainda perto da barra, e só a 30 de manhã, o povo a perde de vista. Com os navios mercantes sobem a cerca de 60 os que vão apodrecer no Brazil. A esquadra ingleza destaca 4 naus de linha para os acompanhar. Na barafunda esquecera no caes de Belem a prata da Patriarchal. Ainda fica muito que roubar.

Toda a noite o tufão sacode as vidraças. Voam pelos ares pedaços de telhado. Altas horas um homem encapotado aldraba a porta do padre José Agostinho de Macedo. A snr.ª Josepha do Nascimento, moça solteira nascida em Castello Branco e creada do *padre Lagosta,* entreabre e espreita. — Sou eu, sou eu ... — E pela porta dentro irrompe um poeta da época, que o quadro tragico inspirára. Méde-o de alto a baixo o padre com sarcasmo, saca o outro do papel e exclama:

> Que escuto! O Tejo alegre anima as filhas!
> Cessem, diz, vossos prantos,
> Antes mil parabens nos démos hoje;
> He salva a Regia Prol, que, gloriosa,
> Veremos algum dia
> Vir na grande Ulissea as Leis mais sábias
> Dictar a Lysia, á Europa, a Toda a Terra!

TRATADO SECRETO DE FONTAINEBLEAU

(OUTUBRO, 1807)

«Napoléon, por la grâce de Dieu, etc , etc., etc., ayant lu et examiné le traité conclu et signé á Fontainebleau, le 27 octobre, par le général de division Michel Duroc, grand-maréchal de notre palais, etc., etc., en virtu des pleins-pouvoirs que nous lui avons donnés à cet effet, avec don Eugène Izquierdo de Ribera y Lezaun, Conseiller d'état honoraire de S. M. le roi d'Espagne, muni également da pleins-pouvoirs de son souverain, lequel traité est conçu ainsi qu'il suit:

S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie, etc., etc., et S. M. catholique le roi d'Espagne, désirant de leur plein mouvement, régler les intérêtes de deux états et déterminer la condition future du Portugal, d'une manière conforme à la politique de deux nations, ont nommés, pour leurs ministres plénipotentiaires, savoir: S. M. l'empereur des Français, le général de divisiou Michel Duroc, grand-maréchal du palais, etc.; et S. M. catholique le roi d'Espagne, don Eugène Izquierdo de Ribera e Lezaun, son conseiller d'état honoraire, etc.; lesquels, aprés avoir échangé leurs pleins-pouvoirs, sont convenus de ce qui suit:

Article I. Les provinces entre Minho et Douro, avec la ville d'Oporto, seront données, en toute propriété et souveraineté, à S. M. le roi d'Étrurie, sous le titre de roi de la Lusitanie septentrionale.

Art. II. Le royaume d'Alemtejo et le royaume des Algarves seront données en toute propriété et souveraineté au prince de la Paix, pour en jouir sous le titre de prince des Algarves.

Art. III. Les provinces de Beira, Tras-los-Montes et l'Estramadure portugaise, resteront en dépót jusqu'à la paix générale, où il en sera disposé conformément aux circonstances, et de la manière qui sera alors déterminée par les hautes partes contractantes.

Art. IV. Le royaume de la Lusitanie septentrionale sera possédé par les descendans héréditaires de S. M. le roi d'Étrurie, conformément aux lois de succession adoptée par la famille régnante de S. M. le roi d'Espagne.

Art. V. La principauté des Algarves sera héréditaire dans la descendence du prince de la Paix, conformément aux lois de successions adoptées par la famille régnante de S. M. le roi d'Espagne.

Art. VI. Á défaut de descendant ou héritier légitime du roi de la Lusitanie septentrionale, ou du prince des Algarves, ces pays seront donnés par forme d'investiture, à S. M. le roi d'Espagne, à la condition qu'ils ne seront jamais réunis sur une tête, ni réuni à la couronne d'Espagne.

Art. VII. Le Royaume de Lusitanie septentrionale et la principauté des Algarves reconnaissent aussi comme protecteur S. M. Catholique le roi d'Espagne, et les souverains de ces pays ne pourront, dans aucun cas, faire la guerre ou la paix sans son consentement.

Art. VIII. Dans les cas où les provinces de Beira, Tras-los-Montes et l'Estramadure portugaise, tenues sous le sequestre, seraient à la paix générale rendues à la maison de Bragance en échange pour Gribaltar, la Trinité et d'autres colonies que les Anglais ont conquises sur les Espagnols et leurs alliés, le nouveau souverain de ses provinces serait tenu envers S. M. le roi d'Espagne, aux mêmes obligations qui liaient vis-à-vis d'elle le roi de la Lusitanie septentrionale et le prince des Algarves.

Art. IX. S. M. le roi de l'Étrurie cède en toute propriété et souveraineté le royaume de l'Étrurie à S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie.

Art. X. Lorsque l'occupation définitive des provinces de

Portugal aura été effectuée, les princes respectifs que en seront mis en possession, nommeront conjointement des commissaires pour fixer les limites convenables.

Art. XI. S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie, garantir à S. M. catholique le oi d'Espagne, la possession de ses États sur le continent de l'Europe au midi des Pyrénées.

Art. XII. S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie, consent à reconnaître S. M. catholique le roi d'Espagne, comme empereur des deux Amériques, à l'époque qui aura été déterminée par S. M. catholique pour prendre ce titre, laquelle aura lieu à la paix générale ou au plus tard dans trois ans.

Art. XIII. Il est entendu entre les deux hautes parties contractantes qu'elles se partageront, également les iles, colonies et autres possessions maritimes du Portugal.

Art. XIV. Le présent traité sera tenu secret. Il sera ratifié, et les ratifications seront echangées à Madrid vingt jours au plus tard après la date de la signatuer.

Fait à Fontainebleau,

Duroc, E. Izquierdo.

Nous avons approuvé et approuvons par ces présentes le traité qui précéde, et tous et chacun des articles qui y sont contenus. Nous déclarons qu'il est acceptè, ratifié et confirmé, et promettons qu'il sera inviolablement observée.

En foi de quoi nous avons signé de notre propre main les présentes, après y avoir fait apposer notre sceau impérial.

A Fontainebleau, le 29 octobre 1807.

NAPOLÉON.

Le ministre des relations extérieures,

Champany.

Le ministre secrétaire d'état,

H. B. Maret.

V

A ÉPOCA

O CONCAVO do vale é verde e humido; de um lado e de outro montes solitarios, e o tropel de pinheiros, altivos como lanças, desce, estaca ao pé da casota de pedra que se encosta a uma arvore centenaria. Sempre que passo scismo:— que mansidão! que sonho! que mentira! O pobre nem sequer olha a Natureza, não tira os olhos da terra: o cavador tem de seu a enxada e a fome [1]. —Olha-me e estremeço...—Quasi tudo que con-

[1] Diz um contemporaneo fr. *** doutor Conimbricense: «Nas terras, que tem senhores, ou donatarios, a condição dos colonos he tão miseravel como a dos antigos servos da Russia. Rações de terço e quarto; Jugadas; Oitavos; Dizimos; Coimas; innumeraveis imposições; dureza dos exactores; Usura dos Rendeiros; tudo isto impede a população, emquanto defrauda os meios de subsistir».

segue extorquir aos calhaus lh'o levam. Elle nem é meu nem teu egual. Vive com a terra, faz parte da terra, não se distingue da terra. Á noite (arde a luzinha na candeia) á noite, rodeia-o a imensidão: reza o terço... Passa fome: o alqueire de milho vae de 400 a 1$000 reis, conforme os annos, e um jornaleiro ganha oito vintens diarios. Succede tambem deixar-se morrer com uma resignação estupida. Elle é o pão — e todos lh'o tiramos da bôcca. Resultado: escolhe a peor terra para o semear [1]. No fim do seculo XVIII Portugal, com excepção do Minho, Traz-os-Montes e parte da Beira, convertem-se em charneca: a terra não produz... [2] Que faz a Egreja perante esta desgraça profunda, a Egreja dos pobres e dos humildes? Mantem-no na ignorancia. Explora-o e mostra-lhe, depois de uma vida de fome, outra vida peor: o eterno desespero. Na vila, de granito aspero, os penitentes, na época das procissões, confessam-se e morrem em plena rua; açoutam-se, carregam traves como a do Redemptor. Peor: ha conventos, como o do baboso padre Theodoro de Almeida,

[1] E a razão é simples: é que do vinho e do azeite só paga um oitavo de ração.

[2] Tinham sido infructiferas as tentativas, do tempo do Marquez nos paús virgens de Barroca d'Alva feitas depois por Ratton em Rio Frio; as do conde de Villa Nova no vasto paúl de Rilva, as do Marquez de Castello Melhor e as da casa do Infantado; inuteis as *Memorias de agricultura*, da Academia Real das Sciencias n'um paiz d'analphabetos.

em Belem, com araras, musica, frivolidades, doces, raparigas creadas na sombra e no torpôr, soror Thereza mestra na arithmetica, soror Francisca Salesia na moral e a veneravel madre na gramatica. Cheira a jasmim e a harem, e o padre extatico põe os olhos em alvo... «Discutiam as freiras se haviam de trazer chinelas ou sapatos atacados com fita de pelica rôxa ou preta; se haviam de preferir aos toucados redondos, que favoreciam mais a edade, os de bico; se haviam de ser os cantos do toucado mais ou menos altos, para que se lograsse alguma porção maior dos fios de ouro, ou de azeviche; se os lenços haviam de ser mais francos ou muito aconchegados». Ninguem se lembra do outro perdido na vastidão da terra... Fecha-se a noite immensa em roda do cavador. Sua vida é a terra (mexe, ara, revolve), seu futuro o inferno. E no entanto é o unico que conserva a tradição christã. «A devoção anda misturada á libertinagem de uma fórma tão indecente como ridicula, e é commum ao fim da tarde vêrem-se as momices e os ditos lascivos das cortezãs, interrompidos pelas genuflexões e repetidos signaes da cruz, quando toca o Angelus»,—diz o principe de Broglie [1].

[1] ...«No dia seguinte, fomos ao convento vêr as educandas e as freirinhas. Eram lindas e trigueiras e seus olhos negros tinham um supremo encanto. Duas temerosas grades separavam o pateo do interior do convento. A madre abbadessa,

A Inquisição reabre os carceres em Lisboa, em Evora e Coimbra. Debalde. Ha muito já que a religião não passa de uma fórmula. A Egreja, que com S. Francisco de Assis ainda enternece o mundo, impõe, ajudada pela Inquisição, a partir

seguida por vinte educandas, approximou-se da grade: parecia uma dessas figuras que estamos habituados a vêr nos retabulos de abbadessas do seculo XIII; e para ser em tudo completa a semelhança, apoiava-se com magestade a um baculo. Depois dos primeiros cumprimentos, e quando todas se sentaram, disse-nos o consul, que, segundo o costume portuguez, podiamos ser o mais amaveis possivel, porque desde tempos immemoriaes a devoção e a galanteria reinavam juntas e sem discordia nos claustros do cavalheiresco Portugal. Cada um escolheu portanto aquella que mais ternamente o impressionou e a que parecia responder com seus olhos a nossos olhos inquietos. E logo fallamos de amor, mas muito innocentemente, graças á presença das duas grades e á da imponente madre abbadessa. Servia-nos o consul de interprete e o signal de romper o colloquio deu-o uma moça educanda, a senhora dona Maria Emegilina Francisca Genoveva de Marcellos de Conniculo de Garbo. (!) Impressionada pela figura, pela phisionomia espirituosa e pelo uniforme de Lauzun, atirou-lhe sorrindo uma rosa através da grade, perguntou-lhe o nome e apresentou-lhe uma ponta do lenço, que logo esticou, procurando attrahil-o para si. Seguimos-lhe o exemplo: os lenços voaram dos dois lados, e como as lindas portuguezas nos olhassem de tal fórma, que pareciam lastimar que as grades nos separassem, em resposta aos seus tagatés, atiramos-lhes beijos, ainda que hesitando e com medo aos reparos da madre abbadessa. Mas ella nem sequer desarranjou as prégas da sua gravidade. Continuamos portanto a dar beijos na ponta dos lenços, ao que as freirinhas correspon-

do concilio de Trento, a regra, a uniformidade, o methodo, a seccura.

Os frades não se podem ver. Os Bentos odeiam os Jeronymos e os Agostinhos os Bentos, os Loyos e os Bernardos. Ha os piadistas, os prégadores,

diam, beijando tambem a ponta que tinham nas mãos. Depois experimentamos, com algum portuguez e italiano á mistura, fazer-nos comprehender, de sorte que a conversação tornou-se mais directa e mais viva. Por fim a madre abbadessa, comprehendendo que, por entre a nossa alegria, havia muita surpreza, explicou-se assim: — O amor puro é muito agradavel aos olhos do Senhor. Estas meninas, aprendendo a agradar, serão um dia mais amaveis para seus maridos, e as que se consagrarem á vida religiosa, tendo exercido a sensibilidade da sua alma e o calor da sua imaginação, amarão mais ternamente Deus. Por outro lado esta galanteria, outr'ora tão estimada, só póde ser util a moços guerreiros. — Isto dito com calor, imponencia e dignidade, transportou-nos a alguma velha ilha encantada de Ariosto e ao tempo dos paladinos. Assim reanimado por taes conselhos redobrei de ardor e o bonito lenço da dama dos meus pensamentos andava n'uma fôna . . .

. . . Quando no dia seguinte voltamos ao convento encontramos a grade coberta de flores e as nossas damas mil vezes mais amaveis que na vespera. Fez-se musica. A namorada do principe de Broglie e a do duque de Lauzun cantaram ternamente acompanhando-se á guitarra. A namorada do visconde de Fleury e a minha dançaram, ellas de um lado da grade nós do outro, figurando o melhor que podiamos as marcas, que os odiosos ferros nos impediam de executar. Era extraordinario, mas mais extraordinario e mais divertido ainda, era ver a imponente madre abbadessa marcando o compasso com o majestoso baculo . . . » É isto que conta nas suas memorias o conde Segur, que na época passou pela Terceira.

os typos celebres: frei João Jacintho, prégador de fama, frei José Botelho, de costumes dissolutos, frei José Maria Sant'Anna Noronha, que assistiu religiosamente á morte de Bocage, etc. É um mundo de padres e frades. Só a capella real da Santa Basilica da Patriarchal comprehende — em vesperas da invasão — o Cardeal Patriarcha, quatro Principaes primarios; tres presbyteros; quatro diaconos, que vestem habitos prelaticios roxos fóra da Egreja e dentro encarnados como os cardeaes da Santa Egreja de Roma; treze monsenhores mitrados; tres monsenhores proto-notarios; cinco monsenhores subdiaconos; nove monsenhores acolytos; dezesete conegos presbyteros; quarenta e quatro beneficiados, doze que se chamam da antiga creação e que recebem de renda annualmente 700$000 reis; e trinta e dois da nova creação que recebem 500$000 reis; mais trinta e dois clerigos beneficiados que teem de renda 250$000 reis; e sessenta e um capellães; dez mestres de ceremonias de capella e sete da basilica e muitos cantores portuguezes e italianos, além de sessenta pessoas a mais que exercem cargos subalternos. Ha-os que leem livros francezes, ha-os atheus. José Agostinho de Macedo costuma dizer á escrupulosa Domingas: — Filha, deixa-te de tolices. Qual inferno! isto da formação do mundo é uma santa historia!... — O povo põe alcunhas aos fradalhões: os carmelitas descalços são conhecidos pelo nome pittoresco de *albardas*. Satyrisam-nos os poetas:

Desterrado murmura o Jesuita,
O Dominico seu logar pretende,
O Nery *novos methodos* defende
E ás ricas confessadas faz visita:

Intrometter-se o Grillo premedita;
O Cruzio, que está só, francez aprende,
E em casa do juiz, de quem depende,
Entra com pés de lan o Carmelita:

O Capucho no estrado toma assento,
Exorcisma, e responsa qualquer damno,
E depois sempre traz para o convento:

O Loio é fofo, triste o Graciano,
Tolo o Bernardo, comedor o Bento,
O Franciscano, emfim, é Franciscano. [1]

São todos assim? Nem todos. Se quizermos encontrar um homem n'esta sociedade que se dissolve, temos de o procurar na Egreja, tão certo é que aos que lidam com Deus, se lhes apega sempre grandeza. Falo, por exemplo, do bispo do Algarve, falo de frei Manuel do Cenaculo. O de Evora é um grande espirito e um santo, mas o outro encanta: poda e sorri; trepa aos andaimes

[1] Abbade de Jazente.

e ajuda os operarios; abre estradas, constroe pontes; leva horas a ensinar a enxertia aos lavradores; ao meio dia — hora do jantar — sobe ao mirante, para ver se ha chaminé que não fumegue — lar sem pão; e quando morre sua roupa nem pelos pobres póde ser aproveitada. Na maior parte andam, porém, pelas feiras e bodegas, na companhia de mulheres de má nota. Saem dos conventos por mezes e annos inteiros. A piedosa Senhora alvoroçada, n'uma carta regia, diz terem chegado a lamentavel decadencia as ordens religiosas, e Manique fala — 31 de Maio, 1792 — «na grande relaxação dos frades» que são escarnecidos e ludibriados. Só em Lisboa ha 39 conventos de frades, entre os quaes os Barbadinhos italianos, os francezes, os irlandezes do Corpo Santo, os alemães de S. João Nepomuceno; no Porto, com 60:000 habitantes, 8 conventos; em Santarem, 11; em Evora, 12. N'uma só provincia, Minho, ha 63 conventos de frades e 24 de freiras. O *Iteneraire d'Espagne et du Portugal* dá ao paiz 3.266:000 d'habitantes, dos quaes 230:000 ecclesiasticos, e o *Diccionario d'Economia Politica e Diplomatica,* 2.000:000 e de estes 300:000 ecclesiasticos. Woodoberry afirma que em Lisboa e seu termo ha 180 conventos e recolhimentos de frades e freiras. O Almanach de 1805 dá este numero de conventos: de religiosos 418 e de religiosas 108, além de mais conventos de freiras sujeitos ao Ordinario. O frade pulula, o

paiz é charneca, o cavador passa fome. E o pão? O pão vem de fóra [1].

Com um governo paterno, a Intendencia da Policia, e este fervor religioso, dir-se-ha que o povo vive na maior santidade. Laura Junot escreve: «Os nobres e a classe média merecem bem pouco interesse, o povo das cidades *é odioso de corrupção.*» É que «os frades vivem na libertinagem desenfreada e as religiosas não passam de cortezãs enclausuradas. Uns e outras podem passar pelos mais libertinos e corrompidos de toda a christandade» [2]. Não se respira. É um sepulchro, com esta pedra em cima: a ignorancia. A delac-

1 RELAÇÃO DA QUANTIDADE DE GRÃOS, E FARINHAS IMPORTADAS DAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS E ILHAS PARA O REINO DE PORTUGAL NOS ANOS DE 1801 A 1806 *

Annos	Medidas	Avéa	Centeio	Cevada	Milho	Trigo	Farinha	Total
1801	Moios	$430\frac{1}{2}$	$1:888\frac{3}{4}$	$21:971\frac{1}{4}$	$19:116\frac{1}{4}$	$78:532\frac{1}{2}$	23.050	$144.989\frac{1}{4}$
1802	Ditos		2:679	$27:643\frac{1}{4}$	$19:739\frac{3}{4}$	$49:157\frac{1}{4}$	9.459	$109.386\frac{1}{4}$
1803	Ditos		$383\frac{3}{4}$	4:548	$25:071\frac{3}{4}$	47:[illegible]6[illegible]	$17.768\frac{1}{2}$	95.741
1804	Ditos	$493\frac{3}{4}$	$8:220\frac{1}{4}$	$26:583\frac{1}{2}$	$36:777\frac{1}{4}$	90:363	$16.058\frac{1}{2}$	178.497
1805	Ditos	$88\frac{3}{4}$	$12:192\frac{1}{2}$	$21:206\frac{1}{2}$	25:960	$115:116\frac{1}{2}$	$13.431\frac{1}{4}$	$187.995\frac{1}{2}$
1806			1:220	$7:132\frac{1}{2}$	10:149	64.344	$17.023\frac{1}{2}$	98.859

2 Demouriez.

* «Os frades no Tribunal da Razão».

ção é premiada, ninguem se atreve a pensar: forma-se uma atmosphera de bafio e terror. Acuso a Egreja, não de alguns milhares de homens reduzidos a torresmos, não das atrocidades dos carceres. Os homens morrem—nascem. Segue a vida. seu curso inalteravel. Acuso-a de peor: do medo da hypocrisia, da deformação lenta das almas. Tudo afinal se póde resumir em meia duzia de palavras e n'esta imagem: o amor que impregna os Evangelhos evaporara-se para sempre da Egreja. Em Santo Angelo in Formis, perto de Capua, ha uma Ceia que traduz melhor esta impressão: é no proprio momento em que dá aos apostolos a sua carne e o seu sangue, que Jesus repele os damnados com um gesto de maldição...

E a nobreza? Eis tres depoimentos de contemporaneos sobre os nobres:

«Os fidalgos crescendo em delicias, crapula, odio, molleza e jogo, não é de admirar que sejam brutaes em seus apetites, incapazes de freios em seus transportes e mais dobradiços que uma cana ao sopro de alheia persuasão, mais porosos que as esponjas para sorver sem difficuldade todo o mal da maledicencia, todo o acido da inveja e o mais pestifero veneno dos aduladores e corteză perfidia» [1]. Laura Junot afiança: «A nobreza não

[1] José Agostinho de Macedo.

tem educação nem talento. Passa a vida em cortezias ridiculas.» E Bekford completa o quadro com estas tintas: O arcebispo de Thessalonica chama para junto de si e do inglez, o visconde de Ponte do Lima, o marquez de Lavradio, o conde de Obidos e mais alguns fidalgos de serviço, todos é claro de farda, e quem sabe se cobertos de veneras de alto a baixo — e apontando-os diz: — «Meu caro inglez, tudo isto é uma sucia de marotos aduladores: não acredite nem uma palavra do que elles lhe disserem. Apesar de brilharem como oiro, a lama não é mais vil: eu conheço-os bem. Aqui está — continuou elle pegando-me na aba da casaca — uma prova da prudencia ingleza. Este botãosinho para segurar a algibeira é uma invenção preciosa especialmente na sociedade: não o tire, não adopte nenhuma das nossas modas, ou terá de se arrepender.»

Que imaginam que elles fazem assim injuriados? Sorriem, curvam-se, recebem o insulto na cara, e «apezar de todo eu ser ouvidos — continúa o inglez — custou-me a ter fé n'um e n'outros, vendo as mais cortezes gesticulações e ouvindo os mais abjectos protestos de dedicada affeição de todos os presentes á sagrada pessoa de Sua Reverendissima.» A razão é simples: elle é omnipotente, elle dispõe do cofre...

O trabalho é uma degradação, a instrucção está nas mãos do clero. Ter ideias é perigoso. D. Francisco de Lemos, reitor de Coimbra, de-

pois d'uma desordem entre a academia e os milicianos, propunha ao governo este regimen disciplinar: buscas nas livrarias á cata de máos livros e exame de catecismo aos estudantes (1804).

É preciso dizer-se que o mundo era muito maior. Os montes submergem a aldeola acachapada e perdida na terra: separam os homens distancias incomensuraveis. Uma ideia leva annos e annos a entranhar-se através de essas paredes sobrepostas e imensas. Ahi tens a vila adormecida e escura, com muralhas de granito; a praça, e em volta as lojas onde os mercadores esperam annos sem bolir; o chafariz, o postigo, as ruelas de casas encostadas umas ás outras; dois ou tres palacios de fidalgos; uma feira todas as semanas—somnolencia e bafio. As almas petrificam-se. Hoje a humanidade está presa por fios de nervos—pelo telegrapho—e o mesmo fluido instantaneo corre o globo. As ideias latejam, envolvem-no, aguilhoam-no...—As estradas eram perigosissimas: bandos de salteadores saqueiam, matam. Todos, a começar pelos fidalgos, desrespeitam a justiça, que depende dos *juizes de fóra,* subordinados a *Corregedores* e *Ouvidores.* E justiça significa extorsão e chicana. Quem lhe cae nas mãos só de lá sae arruinado [1]. Em 1783 são tantos os roubos e assassinatos na capital que de noite só se sae com um bando de creados.

[1] Demouriez.

Ainda no principio do seculo Lisboa é perigosa: em 19 de janeiro de 1802 são condemnados Francisco Garcia, Vicente José, aliás José Francisco ou Vicentinho, José Marques Marujo, José

Uma rua de Lisboa

Maria, homem pardo e José Joaquim Durmedurme, a que com baraço e pregão sejam conduzidos pelas ruas publicas de Lisboa até ao logar da forca, e sendo-lhes cortadas as cabeças, levadas a do 1.º para o logar do delicto no sitio da Tapada, a do 2.º para o Poço do Forno em Almada; a de José Marques para a rua das Trinas

«onde se porão em postes altos até que o tempo as consumma.» E a ré Catharina de Senna a ser açoutada pelas ruas publicas e degredada para Angola, e os réus Anastacio José dos Reis, Jacintho Ferreira e Joaquim Marujo a açoutes com baraço e pregão e depois ao serviço de galés para toda a vida, e os réus João Fernandes Maneta e Joaquim Geraldo, o Catita, em açoutes com baraço e pregão e galés por 10 annos, etc., etc. Era uma quadrilha temivel [1].

Annos antes quadrilhas de soldados dão senhas aos oficiaes para poderem passar, e ha oficiaes que teem parte nos lucros... E a policia? A Guarda Real da policia comprehende 8 companhias d'infantaria e 4 de cavalaria. Saem todas as noites 172 patrulhas d'infantaria e cavalaria. Mas esta Guarda, cujo estado maior tem o quartel no largo do Carmo, só é creada no anno de 1801. Por todo o paiz ha salteadores. Quem viaja

[1] Na noite de 4 d'Agosto de 1801, pouco depois da meia noite, juntos no largo do Poço Novo, destacaram o Garcia e outro, armados de bacamartes de menos de 4 palmos de cano, e seguindo uma sege que subia pela calçada do Carmo, ao chegarem quasi defronte do correio geral dispararam para dentro ferindo Ignacio de Aguiar nas coxas junto ás virilhas. Quando o juiz do crime do bairro de Santa Catharina os quiz prender, o Vicente José e o Anastacio, que estavam encostados a umas casas de João Evangelista de Campos, na rua da Bica grande, fugiram, disparando sobre os oficiaes da ronda e ferindo um de elles na cabeça. Agarraram um. Reconheceu-se que era soldado. Tinham assaltado e roubado meia Lisboa.

fal-o em muares por caminhos pessimos, leitos de correntes, com o credo na bocca. Alguem pergunta a Wellington:—Então como viajam os portuguezes no inverno?—E elle responde:—Decerto não saem de casa.—Estradas regulares ha-as nos arredores de Lisboa, mandadas fazer por Pombal e Manique. «Pela ruina d'ellas não podem os habitantes Lavradores transportar os Fructos do seu trabalho, nem por falta de Exportação e Consumo adiantar a sua Agricultura.» Por Alvará de 28 de março de 1791 ordena-se a conclusão da estrada de Lisboa ao Porto, passando por Leiria e Coimbra e o encanamento do Mondego. Manda-se que a estrada tenha 40 palmos de largura [1].

Nas estalagens dorme-se em esteiras, na cosinha enfumaçada, com almocreves, bestas e ladrões. Em 6 de setembro de 1798 dão-se instrucções para o serviço de diligencias entre Lisboa e Porto. «Logo que se acabou a estrada nova de Lisboa até Coimbra se estabelecerão carruagens de posta, a que se chamarão *diligencias,* por meio

[1] «Tambem durante o ministerio de José de Seabra da Silva, se fez a estrada do Alto Douro, debaixo da direcção do engenheiro Auffdiener, o qual foi mandado vir de França por Ordem da Rainha Nossa Senhora Que Deus Guarde, pelo Visconde de Balsemão, e escolhido por Mr. Perronet, chefe do corpo das Pontes e Calçadas, vencendo de ordenado quatro mil cruzados pagos pela Companhia do Alto Douro, além do soldo da sua patente no corpo dos engenheiros em Portugal» (Ratton).

das quaes, com modica despeza, e muita commodidade podião hir quatro pessoas de Lisboa a Coimbra em dois dias; mas como as relações entre Coimbra e Lisboa não são de grande monta, havia poucos passageiros que cobrissem a despesa que se fazia com as taes diligencias, o que não teria acontecido se a estrada chegasse ao Porto...» *(Ratton)*. Por isso esse serviço durou pouco tempo. As cartas são expedidas semanalmente constituindo monopolio e só em janeiro de 1797 é reivindicada para a corôa a administração do correio. O correio da Beira parte nas segundas, quartas e sabbados de tarde, chega ás segundas, quartas e sextas de manhã. As cartas devem lançar-se na caixa até ás 5 horas da tarde. O do Alemtejo parte nas quartas e sabbados ao meio dia e chega nas terças e sabbados de manhã. O correio dos paizes estrangeiros parte nas terças e sabbados.

Nas ruas de Lisboa vagueiam bandos de creanças. De quem são? Ignora-se. Pedintes e ciganos, ladrões—vão por esse paiz fóra, de porta de convento em porta de convento. O numero de expostos é colossal. Chegam a ter preço, 4$800, 6$400 reis. Os hespanhoes da raia compram-nos nas rodas proximas. Vem de fóra o arroz e o trigo, chega-se a importar o azeite [1]. A pesca do

[1] Um viajante inglez (1789) diz que Portugal não produz trigo para o consumo de tres mezes.

bacalhau da Terra Nova passa das mãos do pescador de Aveiro para as do inglez e norte-americano, e o esperto algarvio perde o rico negocio do atum. O Brazil acode-nos, mas em summa o comercio de Lisboa resume-se n'isto: saem os navios com missanga para a Africa, carregam-se os porões de escravos e navegam para o Brazil, de onde voltam com generos coloniaes, que da capital se exportam para Inglaterra e Hamburgo. Numero de navios entrados no porto de Lisboa em 1789: portuguezes 252, estrangeiros 640; idem em 1803: estrangeiros 882, portuguezes 386; idem de janeiro a outubro de 1804: estrangeiros 882, portuguezes 349. A industria, que Pombal impulsionára, decae: em 1806 existem cêrca de 500 fabricas: as de chita na villa de Nogueira de Azeitão, as de chapeus de Elvas, de fiação em Thomar, de vidros em Leiria, etc. As de Portalegre, Torres Novas, Alcobaça, Elvas, Redondo e Fundão ocupam já pouca gente: Stephens, na Marinha Grande, emprega em 1791, 500 operarios e em 1800, 265. Manufactura-se louça, cambraias, sabões, papel, lanificios e tabaco; explora-se o ferro em Figueiró de Vinhos, o chumbo de Marvão, o estanho de Monforte, o antimonio da Beira.

A administração anterior a Pombal era um cahos, depois as contas são de sacco. Os tributos que entram em diversas repartições fiscaes do Estado, encarregadas tambem de pagamentos, centralisam-se em dezembro de 1761 no Erario

Régio. Por alvará de 26 de setembro de 1762 fixa-se definitivamente a quota e cobrança das decimas—10 %. É o marquez que põe em ordem o cahos. Mas já em março de 1799 Rodrigo Coutinho se queixa: ninguem sabe o que se gasta, o que se cobra, o que se delapida. São enormes os lucros dos contratadores. Falta completamente o calculo verdadeiro dos elementos que formam a renda annual. Não ha orçamento de despeza, á excepção da Repartição de Marinha, nem mesmo contas nas diferentes repartições. Todos metem a mão—todos tiram [1]. Em 1800 a divida resultante do excesso da despeza sobre a receita, orça em cerca de noventa milhões de cruzados. O balanço de fundos disponiveis, que se encontram no Real Erario em janeiro de 1801, accusa a existencia de 12 a 13 contos em papel moeda e pouco mais. De janeiro a maio a receita eleva-se a cinco mil contos, havendo excesso sobre os mesmos mezes do anno anterior. Nunca a renda do Estado fôra

[1] Os emprestimos e impostos succedem-se. Em março de 1797 é creado o imposto do sello; por alvará de 13 de julho do mesmo anno criam-se tres milhões de papel moeda, para se receberem em metade de qualquer pagamento; em junho de 1799 estabelece-se uma loteria real com o fundo de dois milhões; em 31 de maio de 1800 novos impostos; em 13 de julho de 1800 encarrega-se a Junta Provincial do Erario de consultar o meio para se extinguir o deficit; em março de 1801, novo emprestimo; em maio de 1803 outra loteria a bem da Fazenda, etc.

maior. Em 1803 attinge dez mil contos. As decimas tinham sido empenhadas. A decima de Lisboa e seu termo, que em 1800 produzira 38 contos, rende em 1801, com Rodrigo Coutinho na fazenda, 111 contos, o Minho em 1800—77, em 1801—93; o Alemtejo em 1800—17, em 1881—73. Em 1800, gasta-se com o exercito 201:834$839 e com as reaes cavalariças 67:563$871; e em 1801 com o exercito 2.635:725$307 e com as reaes cavalariças 58:840$378.

Fazem-se todas as despezas sem responsabilidade. Os ministros cuidam de si e dos seus. As repartições estão cheias de empregados inuteis. É dificil encontrar-se em qualquer outro paiz, diz Pereira da Silva, uma administração de maior fausto e dispendio [1]. Manique tem meia duzia de empregos e quem tiver pae alcaide póde ser tudo, até conego. Requer o canonicato, com obrigação de se ordenar presbytero n'um dado prazo, e obtido o despacho nunca mais cumpre a promessa...

[1] E tinha-se legislado tanto! Desde 25 de Abril de 1795 até 26 de Novembro de 1807, vespera da fuga para o Brazil, publica-se o seguinte:

Para a marinha:—Cria-se o conselho do Almirantado para desenvolver a marinha (Decretos de 25 de Abril, 20 de Junho, 6 e 30 de Agosto de 1795 e 26 de Outubro de 1796); cria-se a Brigada Real de Marinha (Decreto de 28 de Agosto de 1797); a da Sociedade R. Maritima, encarregada de levantar cartas hydrograficas, geograficas e militares (Decreto de 30 de Junho de 1798); a do Observatorio da Marinha (Aviso

*

A arte, o sumo extrato de esta sociedade formalista e devota não podia deixar de ser o que foi: uma fórmula longe da realidade, batida em

de 15 de Março de 1798, e Resolução de 10 de Julho de 1799); a do Hospital R. de Marinha, com Laboratorio e Dispensario Pharmaceutico (Alvará de 27 de Setembro de 1797); reformam-se os estudos da Academia dos Guardas Marinhas (Carta de lei de 1 de Abril de 1796); eslabelecem-se premios para os que se distinguirem em requisitos para as promoções (Carta de lei de 22 de Outubro de 1805, Alvará de 20 de Maio de 1796, Resolução de 26 de Outubro de 1796); providencia-se sobre madeiras para construcções navaes (Alvarás de 31 de Janeiro de 1798, de 25 de Maio de 1799 e 28 de Março de 1800); e sobre vencimentos e beneficios do Monte Pio (Resoluções de 30 de Dezembro de 1797, de 28 de Junho de 1797, de 14 de Novembro de 1802 e 17 de Dezembro de 1806).

Para o exercito:—Augmenta o numero de combatentes, o soldo e as honras (Decretos de 17 de Novembro de 1792, de 22 de Agosto de 1793, de 1 de Agosto de 1796 e de 20 de Junho de 1799); cria uma nova legião de tropas ligeiras (Decreto de 7 de Agosto de 1796); cria a Guarda R. de Policia (decreto de 10 de Dezembro de 1801); dá nova fórma ás Milicias (Decretos de 7 de Agosto de 1796 e 1 de Setembro de 1801); manda vir chefes estrangeiros (o principe de Waldek e o conde de Goltz); manda reparar as fortalezas do reino (Decretos de 28 de Novembro de 1795 e 4 de Abril de 1796), institue uma junta para reformar o Codigo Penal Militar (Decreto de 9 de Abril de 1805); trata dos militares enfermos nos hospitaes (decreto de 27 de Março de 1805); dos reformados e invalidos (Decretos de 21 de Junho de 1794 e 30 de dezembro

moldes classicos e protegida pela Intendencia de Policia. Seus pastores são pastores de Arcadia, o scenario de papelão. E quando succede sahir fóra de isto, sae para a obscenidade. Tinha de ser: ponham em cima a opressão, os fidalgos e os fra-

de 1804), e das familias dos que envelheçam ou morram no serviço (Decreto de 17 de Agosto de 1801).

Administração das rendas do Estado:—Cria uma junta para examinar as dividas do Estado (Decreto de 15 de Março de 1800); obriga todas as classes ao pagamento de decimas e sizas (Alvarás de 14 de Outubro de 1796 e de 8 de Julho de 1800).

Commercio:—Reduz a 4 por cento os direitos de baldeação das fazendas transportadas em navios nacionaes (Alvará de 17 de Agosto de 1795); estabelece em Lisboa o porto franco (Alvará de 13 de Maio de 1796).

Industria:—Isenta de penhoras e execuções os teares (Decreto de 1792); de direitos de sahida os chapeus grossos (1793); no ultramar as manufacturas de fiação e tecelagem; de direitos de importação as lãs para o consumo das fabricas, as machinas, etc. (Alvarás de 12 de Fevereiro de 1793, 27 de Abril de 1797, 15 de Julho de 1802, etc., etc.)

Agricultura:—Providencia sobre a cultura de pinhaes e matas, e amoreiras (Alvarás de 30 de Janeiro de 1802); promove a creação de gado (25 de Fevereiro de 1802); etc.

Instrucção publica:—Cria uma junta que encarrega de dirigir os estudos e escolas menores do Reino (Carta regia de 17 de Dezembro de 1794); funda a Real Bibliotheca Publica (Alvará de 9 de Fevereiro de 1796); cria a Academia de Marinha no Porto (Alvará de 29 de Junho de 1803); legisla sobre a escolha dos opositores e professores da Universidade (Alvarás de 1 de Dezembro de 1804 e de 16 de Janeiro de 1805); dota a Academia Real de Sciencias e protege-a, etc., etc.

des, resuscitem o Manique, rodeiem os homens de talento, da Inquisição, da policia, da atmosphera irrespiravel, da abobada de ferro, e fazem de elles desgraçados. Se ao menos fosse possivel sequestrál-os de todo! se fosse possivel alimentál-os só de fórmulas, transformál-os em manequins respeitosos!... Mas não. Um sequioso sente a agua bulir através de um penedo: e o cheiro de agua entra-lhe por todos os poros. É peor, é horrivel. Manique não basta, a cadeia, o degredo, a Inquisição não chegam. É por isso que todos os homens de alma da época são desgraçados. Através da fórmula sente-se o esforço, sente-se a dôr vir á supuração. Adivinha-se que já não é aquillo que elles sentem, mas a abobada sufoca-os e oprime-os. Não são meras sombras, são vivos n'um sepulchro. Fizeram de Bocage, do senhor Manoel Maria, que ao inglez se lhe afigura um homem extraordinario, um puro desgraçado. E de José Agostinho, e de Tolentino, e de tantos outros que fizeram? Não, não é contra a pedinchice de Tolentino, contra a obscenidade de Bocage, contra os excessos de José Agostinho que o meu coração se revolta. A quem eu vou legitimamente pedir contas é ás figuras de opressão e de ridiculo. Para cada alma esplendida que se debate e afunda, não chega o vilipendio de seculos. Felizes os que vivem na ignorancia ou na pretenção, felizes os poetas da Arcadia, o França, o Amaral, o Caldas Barboza, da *Viola de Lereno:*

Morre o triste Lereno
De mal d'amor,
E dos bens que possue
Quer já dispôr.

Ah sorte ingrata
Morre o triste Lereno
Nerina o mata!

É o nada. Funde-se embora outra Arcadia; cante o abbade de Almoster modinhas em francez á viola; puxe fr. José Botelho Torresão, afamado prégador, do papel com versos... Que importa? A *Gazeta de Lisboa* publíca anuncios: «O doutor Talassi, poeta ao actual serviço de S. M. dá esta noite uma Academia de Poesia italiana, de improviso, n'umas casas que ficam defronte do quartel general botanico a Buenos-Ayres.» Preço 1$600. Funcionarios, Curvo Semedo, capitão de engenheiros e escrivão da Meza Grande das Portas seccas da Alfandega Grande de Lisboa, desembargadores, frades, escrevem coisas preciosas, versos, ninharias. Manique no alto protege e preside o novo conluio de poetas, a Arcadia, que recolhe na Casa Pia, no Castello de S. Jorge, ahi por fins de 1794. Tudo isto desanda emfim na obscenidade. Os frades cultivam-na: os manuscriptos de Bocage, de Lobo de Carvalho, de José Agostinho e de outros correm de mão em mão. Lêem-nos os desembargadores, os fidalgos e a côrte. Regala-se o Manique. Como na Italia opri-

mida, a obscenidade vem á supuração: é a unica valvula aberta—tudo se converte em lama... O que importa é Vieira Portuense, que a morte, levando-o cedo, livrou da desgraça; é Glama que acaba de fome no Porto em 1789, tendo recorrido á pintura de taboletas: é o ilustre pintor Sequeira, exasperado e doente. A vida de estes homens foi—devia-o ser—um perpetuo drama. Era preciso recalcar-se tudo que não crescesse segundo a regra, tudo que fosse vida, impulso, sonho. Que lettras as do tempo! A Inquisição vela, Pina Manique vela, e se acaso a consciencia, o homem oculto, a alma, irrompem—abrem-lhe logo a prisão. Ora succede que a alma ou sobe ou desce; se a oprimem afunda-se; se lhe não deixam livre o seu caminho natural, a ascenção, degrada-se. Cada época tem a sua atmosphera. As ideias pesam, as ideias sufocam, as ideias amolecem e derrancam. Fios ennovelam-se e tecem-se em volta de cada alma. O que tu pensas não me é indiferente, o que eu scismo influe na tua consciencia... Bocage, Tolentino, Sequeira e os outros sentem-se subalternos. Livros, poemas, sonetos, são dedicados a principes e a fidalgos, que lhes dão esmola de alto, como a lacaios. O sêr interior amesquinha-se. Que alma póde resistir a semelhante meio? O riso fingido, a cortezia falsa, a espinha que se dobra, a bocca que diz o que não sente, a alma que faz rapa-pés, palavra ou gesto, repercutem-se e gravam-se para sempre na

parte mais pura e mais intima do teu sêr, no nada ou no infinito que te veio de Deus, só á eternidade pertence, e um simples bafo embacia.

Os fidalgos exigem a chacota. Querem bobos e creados, o servilismo e o riso. Portanto tudo quanto ha no mundo de mais tenue, a beleza que se mistura com Deus, a ideia e a dôr, se transformam. Os desgraçados fazem-se bobos: a época amassa, cria Lobo de Carvalho, atira com Bocage para a Inquisição, quando o genio lhe irrompe pelas costuras dos moldes, e faz de esse homem tão desgraçado, tão triste e tão nobre, uma figura de meza de botequim e de cella de frade. Pergunto se não sentem a dôr? Passa embrulhado num resto de capa, e a ultima obscenidade que vem á bocca, sae-lhe já com lagrimas. Tolentino pedincha e mendiga: é mestre de meninos. Rebaixa-se. Estende o chapéu aos fidalgos: só faz versos para pedir. Mas sofre. Faltalhe dignidade e espinhaço. Podia acaso tel-os? Procura bem que encontras amargura:

Moças, Irmans desvalidas,
A quem dou pobre sustento
Forão por vós deferidas;
Vivem em Santo Convento,
Dignamente recolhidas.

Pão com lagrimas ganhado
Lhe adoça a dura probreza
Por mim ao meio cortado...

Aos 43 annos consegue, depois de uma lamuria de pedinte, o logar ambicionado. Ganha 1:600$000 reis, e ao fim da vida enche o saco: tres contos por ano... A época atira com Sequeira, na volta de Roma, em 1796, para o convento da Cartuxa das Ladeiras. Foge. Que resta de grande no tempo? O convivio com Deus, na solidão de um eremiterio, que é já um sepulchro. Faz da vida um inferno poetico, e no isolamento pinta alguns dos seus melhores quadros. É o unico que troca a vida pelas paredes de uma sepultura, para se sentir sósinho com uma ideia formidavel? Não é. «Alguns dos monges, com permissão do seu superior rodearam-nos, e um de elles, alto e de uma physionomia interessante, atrahiu-me a attenção pela funda melancholia que lhe transluzia no rosto. Perguntei quem era: responderam-me que tinha apenas 22 annos, pertencia a uma familia illustre e possuia brilhantes talentos. Mas a causa immediata de elle ter procurado esta mansão do silencio e da mortificação, não m'a disseram. Não pude deixar de observar — quando a victima estava defronte de mim, e eu encarava o sol poente, que dourava as arcadas do claustro — quantos soes elle havia de contemplar illuminando com os seus raios aquellas paredes» [1]. Quem era? Um desgraçado.

Em 1802 o Principe Regente vae buscar Se-

[1] Beckford — visita a Cartuxa de Caxias.

queira á Cartuxa... Desgraçados foram Filinto Elysio e o padre José Agostinho de Macedo, poeta, philosopho, figura de grande jornalista, que nunca pôde conformar as suas ideias e paixões com a vida exterior. Desgraçado é o proprio Lobo de Carvalho, *pasquim vivente,* como lhe chama um advogado do tempo. A época deforma-os. Este ao menos é um protesto vivo. Só consegue ser livre á custa da propria dignidade. enlameia-se para insultar os outros. Embrulhado nos farrapos de capa, atira do alto da agua furtada da Madragôa, no predio do conde de Calheta, satyras, obscenidades, lama, aos ridiculos que triumpham e passam. A Inquisição e a policia deixam o bobo na infamia e na chacota. Elle tinha porventura descido tão fundo que já não fazia mal a ninguem. E isto dura até que a vaidade balôfa de um duque, o de Cadaval, que se quer rir á sua custa, é ao de leve ferida. Oferece-lhe um quarto em casa o fidalgo—responde com altivez o bobo n'um soneto:

> Não vou servir-vos só por não ter praça,
> No livro mestre dos Santões canturras.

Vinte oito dias de Limoeiro, e como o não dobrem de vez, como não mergulhe para sempre no lodo, diz-se que o mataram com veneno...

Nenhum pulpito que valha a theatro; é acção viva, que entra como uma espada no coração do

espectador. Quatro taboas, dous ou tres farrapos de lona a cheirarem a tinta, não sei o que de alcouce, não sei o que de duvidoso e falso — exercem um prestigio enorme sobre todos os homens de imaginação. Portanto o theatro é um perigo nos paizes oprimidos, onde só a musica, a dança, o opio e o sonho, que substituem a feroz realidade, a ausencia de ideias e de critica, prosperam com o aplauso da policia. Em 1768 representa-se o *Tartufo* no Bairo Alto, com Luiza de Agiar Todi, tão linda, e que depois teve como cantora reputação europeia, mas em 1782 já enchem os palcos visualidades, ninharias, magicas. Funccionam tres theatros, qual de elles peor, o da rua dos Condes, com um café, o do Bairro Alto e o do Salitre, em cujo panno de bocca o emprezario João Gomes fizera pintar estas palavras *Nobre Ocio* — tres theatros fedorentos, de corredores tão escuros e estreitos, que dão logar ás pomposas reclamações de Manique: «o que póde acontecer (é do Salitre que elle fala) em logar tão estreito e em que concorrem os dois sexos deixo-o á ponderação de V. Ex.ª» Demais a mais D. Maria prohibe que as mulheres representem, com receio «dos disturbios que se dão em grandes ajuntamentos das pessoas dos dois sexos», prohibe as cortinas nos camarotes e que entrem na plateia «mulheres de pórte duvidoso, que vão servir de escolho á virtude» e por pouco que não fecha os theatros — como em Roma — porque «os Santos Padres condemnaram

os espectaculos nos primeiros seculos da Egreja». Não prohibe, nem póde, os escandalos nas grades dos conventos, cheias de frades, de militares, de desembargadores, de poetas obscenos, que dedicam sonetos ás monjas: «Á regente do recolhimento do Anjo, na cidade do Porto, á mais endiabrada mulher que viram nossos tempos»; «A uma freira do Porto com quem teve amores na sua mocidade»; «A outra endiabrada freira muito conhecida pelas suas laboriosas proezas»; «A uma freira do convento de Santa Clara, de Beja, por nome Euphrasia Margarida e ao seu caconço namorado o capitão Freire Leite», etc., etc. Corto o peor, corto a infamia. Resultado: junto da mulher, seja ella qual fôr, o homem nunca se degrada completamente. A animalidade extreme, a peor besta, a bèsta secular que vem do inferno, da nausea, do vomito e da mixordia primitiva da vida monstruosa, pilha-se á solta: os theatros são fechados, degredados os comicos e presos os rapazes por crime de sodomia... Na rua dos Condes, por 1772, representa-se o *Magico de Salerno* e o *João da Spina* e outras magicas, e no fim de esse anno peças de improviso com bonecos e a *Arte da Feitiçaria*, em que o diabo leva pateadas de estrondo. Em 1789 vae á scena uma peça notavel: «A Alegria Geral da Nação Toda, celebrando a Memoria do Serenissimo Senhor D. João, amabilissimo Principe do Brazil. São interlocutores: Portugal, Lisia, Esculapio, Apollo, Ho-

mero, Anachreonte, Virgilio, Amphião, Orpheo, Sapho, Horacio e Camões!» De 1790 a 1792 cantam-se dramas lyricos, fazendo ainda os homens os papeis de mulher. Laura Junot, que assiste no Salitre á *Gabrielle de Vergy*, sae de lá horrorisada. Em 1793 inaugura-se S. Carlos [1] e por 1799 já as actrizes representam nos theatros de Lisboa. Nos bastidores entre taboas, lonas, cordas e sombras desmedidas, passam os literatos e os amantes das actrizes. É o Bocage com o Pato Moniz e o Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo, amante da Torres, que mais tarde cede ao ministro Rocha, por um logar de escrevente do Deposito de Viveres d'Alcantara. Roda sósinho o atrabiliario José Agostinho, furioso por causa da comica Maria da Luz... São actores na época com maior ou menor celebridade, o Arsejas, o dos papeis serios, com excepção dos velhos, o Garrido, o José Duarte, o Clemente Pereira, e actrizes a Josepha Tereza Soares, que foi celebre e acabou na miseria, a Maria Amalia, e a estroina Maria do Carmo, que chegou a ter navios sobre as aguas do mar. Talvez a esse tempo, para se vingar do padre, já o Antonio Xavier medite o *Mau Amigo*. Puxa ao lado, fala ao ouvido do actor Caetano de Souza, que depois com extra-

[1] Em Janeiro de 1807 o Hospital Real e a Casa dos Expostos abrem Loterias que o Principe Regente consente tambem ao theatro S. Carlos «que tem sido necessario para conservar n'esta capital um theatro decente» e a mais tres theatros de Lisboa. (Livros da Intendencia).

ordinario sucesso imitou na caracterisação José Agostinho. Cá fóra na plateia os homens fazem comentarios sobre quem está nos camarotes. Esta deve tudo aos crédores, a quinta, os aneis, as cambraias; aquella, tirando-lhe os vestidos, o leque, a gaforina e a crespa golilha, moda do tempo de D. Sebastião, não diz quatro palavras sem desproposito. Tem grande sucesso a *tactica dos leques,* de um francez. Um italiano fôra mais longe: escrevêra a *grammatica da linguagem dos leques.* Na rua dos Condes juntam-se os maiores censores, os faladores notaveis, os que sabem com antecedencia as peças que caem e as que terão 30 representações, um successo; os que conhecem os amantes de cada actriz e as intrigas de cada actor, os que se lembram com saudades do Pedrinho, os que viram representar pela primeira vez o José da Cunha, feito Carcuna na *Esposa Persiana;* os que desatam a cantar uma aria da Lamporoni ou dois gorgeios da Egicieli; os que falam na Esteireira, do tempo de Pombal, por causa de quem o conde de S. Vicente teve de fugir, depois de lhe mandar assassinar o amante. Já o padre José Agostinho, na plateia ou no palco, brame contra as peças, o genero, o descosido, o absurdo e a imoralidade, porque as suas afundaram-se na rampa. Por fins de 1804 cae a *Zaida* e nunca mais póde vêr as peças dos outros. Seria tambem lembrando-se da actriz que lhe chamou *padre Lagosta* depois de uma questão, em que acabou por dizer:—Vai-te! tu ainda tens mais

lingua e menos vergonha do que nós!—que o padre, ao soar a velhice e com ella os inevitaveis rheumatismos, declamaria contra as mulheres do theatro, *boas vasilhas e boas rezes*. Emfim, as peças ou são estopadas, ou grosseiras farças, a que falta quasi sempre imaginação. E ainda as farças, por peores, teem costumes, typos, saborosa linguagem popular. Em 1807 representa-se no *theatro Nacional*, do Largo da Anunciada, *A Ribeira ou as regateiras zelosas*, em versos de este theor:

BRAZIA

Então não me compra estes caçoens
Tudo quanto aqui está são tres tostoens.

PANTUFO

D'esta casta de peixe já estou farto.

BRAZIA *(que he surda)*

Assim é, o ser surda foi d'hum parto
Quando pari o ultimo rapaz
Que me nasceu só com hum olho atraz.

Perdoem; é a graça do tempo... Entram bebados, a Maria *bandalha*, a Maria dos *enredos*, marinheiros, gajos, etc. Ouvem-se descomposturas e pregões. *A Castanheira, duas vezes somos me-*

ninos, do actor Antonio José de Paula, que se representou na rua dos Condes e em S. Carlos, é tambem uma scena da rua. Em todas ellas apparecem quasi sempre os mesmos velhos, o preto, o inglez, o marujo, a peixeira e quasi todas acabam assim: Surgem os quadrilheiros:

ALCAIDE — Olé! Vocês pelo que vejo querem dar-me dinheiro a ganhar! Oh rapazes, tudo preso para o Castello. Cuidado com elles não escapem, que são meninos!

MARINHEIRO — Oh seu jarreta, você suppõe que manga cá cum home! Chegue-se se quer que lhe recheie o buxo com esta faca.

ALCAIDE — Oh lá rapazes, como resistem leve-se a pau. Toquem de lá que eu de cá os sacudirei. Marche.

*

Esta Lisboa fedorenta e devota — corre ainda a descoberto em grande parte da cidade o rego das imundicies e de noite despejos ignobeis são atirados para a rua — produz a secia delambida, com

[1] «Mas o que é imperdoavel n'esta nova reedificação, hé que todas as ruas não tenhão canos, e todas as casas, cloacas».... Os canos existentes eram mal construidos e de pessimo resultado... «por darem entrada ás aguas da maré, diffundindo-se nas casas hum fedor tal, que as torna quasi inhabitaveis»... Lisboa é «hum objecto ascoroso pelos montoens d'immundicies accumulados nas ruas, por effeito do

ais, postiços, moscas de tafetá, o peralta, o bojudo frade, a velha alcoviteira, o desembargador, o poeta, o almiscarado cadete. A mescla de devassidão, de frivolidade, de grosseria, os saguões [1], o Manique, os fidalgos, a côrte, a Egreja, os restos de grandeza da India — dão estes productos singulares... Repicam sinos: são as trezenas em Santo Antonio dos Capuchos, e lá vão a moça, o cadete e o frade para o namoro. Nenhuma secia perde tambem a famosa Aleluia dos Paulistas, tão da moda. Passa a preta do mexilhão e apregôa: *Eró tem aio aio e azeite de Santarem;* passa o peralta de grandes fivelas nos sapatos

> Um dobra a perna, outro cumprimenta
> Os *bon jour, bon soir*, vomita inchado.

Passa o negro caiador (são aos milhares os negros e os mestiços) e o sordido galego que tem na época um papel, que desempenha com prudencia sorna, algum comico e muita esperteza. É indispensavel á vida grosseira da capital, é o media-

descuido inveterado de se não varrerem, e se não tirarem com a devida regularidade, não obstante as rendas qne há destinadas para isso... É em consequencia da providente lei do Senhor Rei D. José, que declarou livres todos os escravos que entrassem no Reino; e então os moradores de Lisboa se viram obrigados a fazer o despejo das immundicies nas ruas»... *(Ratton).*

neiro fatal em questões amorosas, o ridiculo nas farças, o trabalhador obscuro e humilde: apaga os fogos e fornece a agua: por um triz que não entra na insurreição. Em todo o reino, afirma um viajante, ha mais de 50 mil. A sua fidelidade é tão radicada que um contemporaneo diz: «pois sempre em as casas mais antigas de commercio houve creados Gallegos que passando de Paes a Filhos, até á ultima geração, eram estas familias alli tão antigas como as casas d'este Reino.» Passa a velha onzoneira, de capote e lenço, com um riso humilde na bocca habituada á mentira. Sabe tudo: os segredos, as orações, os unguentos, e, sob a capa, esconde o escapulario e a carta do namoro. Vive do enredo e da moeda que o peralta ou o frade lhe metem na mão ás escondidas... Segreda pelos cantos com as meninas: se a surprehendem faz-se tola e canta a ultima modinha do seu tempo:

Amor que he cego presume
Que todos os mais não veem
Porém todos reconhecem
Os deffeitos que amor tem.
Cegos com vista
Você já viu?

Vae e vem, á vontade, do frade para a moça, do cadete para a secia. Entra em todas as casas. Conhece as rezas, os dictados, os remedios das ulceras teimosas: ás tardes quei-

ma no fogareiro alfazema e alecrim, para afugentar o *inimigo* e o cheiro do saguão ignobil. Lá toca o sino nos Paulistas, corre a ouvir o sermão, e volta com outra carta... Passa «o frade velho que compra de passagem ao recolher o arratel de marmelada em bocados; o peralta que compra os especiones para dar á Senhora que conduz pelo braço e o zeloso que leva no indispensavel da Senhora o biscouto de la Reina em dous papeis (para a assembleia do dia seguinte)...» Passam as seges e berlindas com o bolieiro de gravata e carrapito — *Conta dos alugueis da sege:* Julho 4—Aluguel de duma sege toda a tarde 1200; 7 Idem d'um ganxo—800; 27 Idem d'um ganxo 800».—Passa o frade de branco, de preto e côr de castanha: é o dominico, que atrae os devotos com os milagres do rosario; o franciscano com os da corôa, o agostinho com a correia, o carmelita com o santo escapulario, o cruzio, que apregôa o santuario de Coimbra:

> E até nos seus escriptos de lombrigas
> Os Capuchos tem taes habilidades
> Que enchem as mangas e enchem as barrigas,

Entre o povo já corre um aphorismo: «um frade não engana outro frade»: Passam grupos de homens tristes de chapeu de bicos e vara na mão. Vão e veem nas ruas as mulheres do povo, de

lenço de cambraia e capote escuro ou vermelho. Diz-lhes o peralta: — É muito linda, Deus a guarde... — As outras, as burguezas, saem pouco:

O negociante, a mulher e a creada

espreitam das janellas e ficam dias inteiros sentadas sobre os calcanhares. Por casa a mulher usa trança «tomada atrás com um pente de tartaruga do Alemtejo, que figura a modo de resplendor de Santo d'Aldeia». Na alma de esta gente ha pingos de cêra, phrases de sermões, medo á Inquisição, e

não sei que estranhos restos de sonho extincto, que por vezes remexe, anceia, bole, scisma sem tom nem som, na ilha encoberta, em D. Sebastião, n'uma claridade vaga e imensa, e logo se sepulta sob a obscenidade, a opressão e o ridiculo...

O movimento concentra-se no Terreiro do Paço e nos arredores da Praça do Comercio. As lojas do comercio depois do terramoto mudaram-se para a rua de S. Bento. Lisboa era afamada pelos seus mestres sapateiros e pela barateza do calçado. Umas botas magnificas custavam, no tempo de D. Maria, dois mil reis. O mais notavel mestre era, até 1777, José Francisco, *o saloio*. Só depois de 1810 se deixou de usar cebo nas botas: foi um castelhano que trouxe a novidade de «uns pós d'alfaiate moído, que esfregando-se com elles o cano da bota, facilmente entra o pé, ficando a meia limpa; evitando o antigo uso de o esfregar com huma vela de cebo, não se topando já aquelles cachopos em que naufragava todo o calcanhar da meia.» Pelo fim do seculo havia muitas casas de modas em Lisboa «onde os homens se hiam vestir á Franceza desde o çapato até á cabeça»; e o luxo das senhoras era «hum vestido de tapeçaria de seda da nossa Fabrica guarnecido por Madame Charle, com rendas de seda crua, com flores de fitilho ao natural, com passamanes e favalas.» Nas ruas da Baixa, cheias de oficinas escuras, os operarios veem trabalhar para fóra. As pretas, sentadas no chão, vendem

castanhas e mexilhões em tijellas; apregôam a branquinha alfeloa, gergelim e alcomonia, cravo do Maranhão e azeite de Santarem, e na Ribeira Velha, pendurados em ganchos, expõe-se a fressura de porco, carne, aves, etc. Moças á porta das barracas vendem arroz com açafrão, sardinha assada e chanfana, e mariolas embrulhados nas capas enchem as tabernas. A noite é a hora em que «todo o mulato arma sua briga e todo o barbeiro toca sua bandurra». Um quadro popular um pouco mais antigo, mas que cabe bem na época: «Huma tendeira que morava mais abaixo, mulher d'um bem estreado cocheiro, havia conduzido ao redor do balcão quantidade de damas alacayadas, cujos corpos d'alli a dias foram dar a ossada ao Hospital. Chegou n'isto o Peta com a sua companhia, que era Manuel Jorge, o Tripa, e Francisco Simões, o Carrapata, e o Zanga. Havia viola na dita tenda, e Antonia do peixe repicava o pandeiro. Largarão os capotes e fizerão roda com hua atrapalhada chacoina. Alli se ouvia o: *A Deus bairro alto forte* que o cantava hua das sardinhas com todo o corpo: e logo respondia o Peta com a celebre cantiga:—*A isso responderei*...» Já lá vae a moda da *Comporta*: a dança nacional é a Fôfa ou Chula de movimentos lubricos. A Madragoa, as Taipas, a Cotovia, são logares de mulheres de má nota.

Falta a agua, a lenha custa um dinheirão. Uma boa galinha vale um cruzado, os ovos quatro

vintens a duzia, a carne cem reis o arratel, o leite 30 reis o quartilho [1].

O azeite «que ha sessenta annos comiamos a 960 reis, e a menos, ha 30 annos ainda se achava na pedra a 1200 e a 1600»—escreve Figueiredo

[1] No *Dietario de S. Bento* os frades dão-nos os seguintes preços dos generos:

Em Maio de 1805

Trigo da terra a	800
« de fóra a	600
Milho da terra a	700
« de fóra a	720
Cevada da terra a	700
« de fóra a	600
Feijão da terra a	800
e a	1$000
Azeite, o cantaro	3$000
Bacalháo, arratel	80
Carne, * »	100
» de porco	140
Arroz, arratel	80
Vinho, canada	120
Manteiga, arratel	100

«Pela Esteva foi posto o pão n'este mez a 40 reis a Libra; preço assás modico». E em 1807 dizem: «O anno é muito farto, todo o inverno foi secco. Os generos baratos, á excepção do azeite».

* A carne de vaca que se vendêra a 65 reis o arratel ainda na vida de Figueiredo (T. de Manuel de Figueiredo, volume XIV), custava já em 1814, 240 reis.

em 1815. O mez de Janeiro, *o mez da cortezia,* é tambem o mez dos senhorios. Os alugueis tardios são postos em pregão pelo porteiro na Praça do Deposito. A mobilia é á Luiz XVI: os ricos mandam-na vir de fóra; e os marceneiros imitam-na. É o que se chama estylo de D. Maria. Pintava ornamentos e pinturas nas salas e tectos Francisco José da Rocha, o Setubal, que ganhava 3$200 por dia *(Machado de Castro, Ms.)* As esquinas das ruas de Lisboa estão cobertas de editaes e anuncios manuscriptos de charlatães, dentistas, obras literarias, etc. No Rocio nas esquinas da Madre de Deus, de S. Domingos, na do Amparo, na do Regedor e nas outras, lêem-se papeis com noticias dos cirios e festas das confrarias e irmandades, e nas do Loreto, na do Deposito, na do Corpo Santo, na de Alcantara, na de Belem e até na porta do correio e na do Passeio Publico. No verão vêem-se muitos editaes de touros. Perto da esquina do Amparo juntam-se os cegos que fazem uma lamuria de ensurdecer e na praça do Rocio vende-se limonadas em casquinhas volantes e covilhetes d'arroz doce.

A mais gabada casa de pasto é a do Polido Izidro, e tambem são afamadas a do Almeida e a do Talaveira, e no Rocio um armazem de vinhos frequentado pelo Xavier de Mattos e pelo Lobo de Carvalho. Bebedores e esturdios celebres: o Alpoim, Queijo, Talaia, Camelão, e tinham deixado fama Venegas, o Potreiro, Gonçalo de Sá e muito

mais antigo o Piegas. Toureia-se no Salitre, na Parada, na Praça de João Gomes, em Sacavem, etc. No fim do seculo era ainda muito falado o José Roquete, toureiro incomparavel. Nas boticas joga-se o gamão, e nos saraus a bisca coberta e o truque cedem o logar ao *isque*.

Vae-se para Coimbra estudar, de catana ao lado, depois de despedidas crueis. Os velhos ricos, de fivela de oiro no sapato, condemnam, como hoje, a audacia das modas novas, e os pobres, de barrete felpudo, juntam-se no alpendre do Monte para apanhar sol e saber novidades. O sino da cidade ainda em 1807 marca a hora a que todos devem recolher *(Livro da Intendencia, 1807)*.

O fedor de noite sufoca, e, no verão, a lama, tão antiga como a historia, ergue-se em nuvens pelos ares. É a lama da India, das conquistas, do terramoto e da desgraça. Isso não impede o ajuntamento e a má lingua. Ás portas as senhoras visinhas palram — « *Senhora visinha de porta de rotula* de indagar das vidas alheias, com o fim de dar á taramella, ouvindo aqui para dizer alli.» (*M. de Castro. Ms.)*

O negociante portuguez vai á missa ás 8; á bolsa ás 11; janta á 1, dorme a sésta até as 3, merenda ás 4 e ceia ás 9. Quando faz uma visita a pessoa de consideração, é de uso ir de espada ao lado. Se recebe alguem que o visite de luto, paga a visita tambem de luto. Quando sae com a familia marcha na frente, importante e solitario,

segue-o a mulher, e atrás a creada com o cão ao collo. Ha quatro grandes procissões no anno — a de quarta-feira de Cinza, a do Carmo a do Corpo de Deus e a da Anunciada. Na procissão de Passos, na Quaresma, as regateiras em bando acompanham a Cruz em altos brados. As colarejas fazem tambem uma grande festa todos os annos na egreja da Magdalena.

Typographias ha em Lisboa a do Arco do Cego, fundada em 1799 por fr. José Marianno da Conceição Vellozo, a qual se incorporou na Imprensa Régia ahi por fins de 1805; a de Simão Thadeo Ferreira; a oficina de Antonio Gomes; a de José Antonio da Silva; a de Antonio Rodrigues Galhardo e outras. Lista dos gabinetes de historia natural e jardins botanicos de Lisboa no fim do seculo XVIII: Real Jardim Botanico e Museu do Principe Regente (vê-se ás quintas-feiras de tarde); Museu do Marquez de Anjeja, na Junqueira; o do Marquez de Abrantes, em Bemfica; o de Luiz de Vasconcellos e Souza, ao lado do Passeio Publico; o do P. João Fausto, na *casa do Espirito Santo;* o Museu Maynense no convento de N. S. de Jesus; o da Academia das Sciencias do Calhariz; o de Adolpho Frederico Sindenberg, na Formosa: o de Jorge Reis, aos Martyres; o Jardim Botanico, do Marquez de Anjeja, ao Lumiar, e o do Marquez de Abrantes, em Bemfica; sete gabinetes de fisica; seis gabinetes de medalhas e antiguidades e 540 quadros dos melhores aucto-

res, etc. Publica-se, além da *Gazeta*, o *Jornal Encyclopedico,* periodico mensal. Por 1800 e tal vai muita gente vêr o exercito da pedrada da Penha, commandado pelo general *Luneta.* Quem vem da provincia pousa na Betesga e no Cachimbo. Ás oito horas da tarde, no inverno, as familias pobres recitam o terço á porta de casa. Dura meia hora a toada. Depois as ruas pertencem aos ladrões.—Agua vae e se fôr outra coisa perdoae!—Até á creação da Guarda de Policia andam os quadrilheiros aos bandos de quinze ou vinte. Cercam o preso de espada desembainhada e o alcaide dá a voz:—Mão forte, pé leve, bota cordão!—Quando ha barulho acode o cabo e a ronda do bairro, o meirinho mete a lanterna á cara dos presos e corta-lhes o cós das calças para não poderem fugir. Ninguem a essa hora põe pé fóra das casas, mal construidas e incomodas, cheias de pulgas e mosquitos nascidos na imundicie, a não ser em caso de maior.

É a cidade dos casebres e do lixo, das ruinas denegridas e das fachadas de aparato com entulho pelo lado de trás. Debalde em 1793 tinham sido mandados demolir ou concertar os predios em ruinas. Alguns traços de verde: hortas de Buenos Ayres e Estrela—os bairros elegantes—campos esparsos com ramalhetes cinzentos de oliveiras. Dominam a casaria e o novello de ruas estreitas, os conventos massiços, o da Graça, o dos Jesuitas, o da Estrella... No Tejo, para lá de Santos, uma floresta de mastros: fica ao poente a praia movimentada

de José Antonio Pereira. Cães sarnentos infestam as ruas; pretas, bruxas e mendigos—ladrões—alapardam-se nas ruinas e «os malfeitores servem-se dos cães para darem signal da guarda da Policia *(Livros da Intendencia, 1807)* e são tantos e até mesmo a impertinencia dos seus ladros durante o socego, e silencio da noite, que clamam por uma providencia adequada». O Rocio é uma grande praça obliqua, com o temeroso, e banal palacio da Inquisição ao fundo. De um lado a mixordia das barracas e casebres do duque de Cadaval, junto ao palacio; do outro, entre a Egreja de S. Domingos e o palacio hirto, o chafariz de quatro bicas de Neptuno, onde todo o dia os gallegos e as pretas se engalfinham. De inverno o Rocio é um charco; ás terças-feiras um estendal—a feira da ladra. Para além fica o Passeio Publico [1], dois theatros, uma praça de touros. Ás soleiras das portas grupos de mulheres catam o piolho. Um inglez espanta-se e censura-as—responde-lhe logo uma rapariga:—Mais porcos são vocês que os não catam...—Ainda está vivo o terror do terramoto. Á noite são tantos os nichos sobre as portas que Lisboa parece iluminada.

[1] «Este passeio hé o unico refugio que tem os habitantes de Lisboa para passearem livres de lama; mas costuma estar fechado a horas em que deveria estar aberto: pouca gente o frequenta, talvez por ser prohibido aos homens de capote, oxalá que o fosse tambem para as mulheres de capa...» (Ratton).

Erro: os poucos lampiões de braço de ferro longo e curvo, como forcas, não bastam: metade de Lisboa fica ás escuras. No 2.º trimestre de 1807 a despeza em concertos de candieiros e com 100 candieiros novos é de 1:576$365 reis.

Nos botequins do Rocio — em Lisboa ha outros cafés — no de *Nicola* e no das *Parras,* quasi contiguos, juntam-se os ociosos e os literatos de *josésinho* roto e sujo. Ha sempre nos cafés uma mesa para os homens notaveis: é lá fatal o coxo Thomaz Antonio dos Santos Silva, e n'um gabinete do das Parras reune-se o *agulheiro dos sabios.* Tem o café na época um papel importante, que o jornal moderno melhor substitue. É alli que correm as novidades, e que o homem, sentindo-se solidario, cotovelo a cotovelo, se exalta e fala, atreve-se... Sumido a um canto o espião escuta e anota. «Nos cafés e bilhares e algumas assembleias falla-se com liberdade nas materias mais sagradas dos santos mysterios da nossa religião, que temos a fortuna de professar, e na soberania com pouco respeito» — diz Manique. Os libertinos contam uns aos outros o que se passa lá fóra... Já se canta a Marselheza! Em Coimbra o estudante fala em liberdade «por ter no espaço de sette annos dado alguns mergulhos no Mondego, onde elle foi aprender na companhia de Brejeiros de Coimbra, mais a ser blasffemo, que nas Sociedades scientificas a ser jurista, e que os seus estudos depois que d'alli sahio tem sido feitos

nas Assembleias dos Botequins (Aero-pagos de Vadios) aonde elle quasi sempre apparecia com barbas de Hermitão d'Arrabida, por não ter com que rapar os infames bigodes». *(Machado de Castro. Ms.)*

Typos populares

Á porta do chapeleiro Daniel de Souza Amado, barafusta o apopletico José Agostinho de Macedo, emquanto a noite não chega para ir tomar chá a casa do advogado brazileiro José Antonio Sepulveda Gomes, seu amigo, que depois de 1808 denunciou á policia como jacobino.

A malta sordida das *moscas,* depois da Revolução escuta ás portas, remexe toda a roupa suja. Na alfandega revolvem os caixotes á procura de livros. Manique espiona o naturalista Broussonet, que fugira á guilhotina e a quem chama o *regicida.* Os consules e até o melifluo padre Theodoro de Almeida são tidos como *perigosos.* Corre que os operarios de Jacome Ratton querem plantar uma arvore da liberdade no Terreiro do Paço. O governo cuida com terror no que *um tal Humboldt* andára a fazer nas colonias... Nenhum estrangeiro póde entrar em Portugal sem um passaporte do embaixador em Madrid.

Em 1805, segundo Laura Junot, na sociedade de Lisboa mistura-se o detestavel e optimo. O optimo polira-se no estrangeiro. É o Araujo, do *partido francez,* alguns ministros acreditados em Portugal, e duas ou tres familias portuguezas apenas, que, diz ella, se destacam das que vivem de ninharias ou de maledicencia, no convivio dos creados. A duqueza de Cadaval, linda e infeliz mulher de 18 annos, paga ao cocheiro uma divida do marido. Intervém o duque e para rehaver o dinheiro, joga com o creado e ganha-lh'o. Ha mais o corpo diplomatico, a gente do paço, fidalgos... Poucos, porém, se aproveitaram, no dizer de Laura Junot. O corpo diplomatico, no principio do seculo, era assim constituido: Monsenhor Lourenço Gallepi, arcebispo-bispo de Mifibique, que mora na rua Direita de

Santa Isabel; conde de Campo Alange, de Hespanha, á Boa Morte; Junot, que Mr. Serrurier representa, e que quando chega se aloja no Largo do Loreto, ao Thesouro Velho; o cavalheiro de Lebzeltern, da Austria, na Calçada da Ajuda; o cavalheiro Waïïlieff, da Russia, ás Necessidades n.º 4; Lord Robert Fitz Gerard, da Inglaterra, a Santa Martha. Em 1800 o conde da Ega mora no Pateo do Saldanha, mas em 1805 está na embaixada de Madrid; Anjeja mora á Junqueira; o Visconde de Balsemão ás Escolas Geraes, quando não está no Porto; o marquez de Castello Melhor, no Largo do Rato; o Lavradio, no Campo de Santa Clara; o marquez de Loulé, á Graça; Pombal, ás Janellas Verdes; Ponte de Lima, a S. Lourenço; Villa Verde, á Junqueira; [1] etc., etc.

[1] As damas do paço: *Camareira Mór* da Rainha Nossa Senhora: D. Marianna Xavier Botelho, marqueza de S. Miguel; *Camareira Mór*, da Princeza Nossa Senhora e da Senhora Princeza Viuva: D. Julianna Botelho, marqueza de Lumiares: *damas de honor:* D. Catharina da Cunha, condessa de Soure, D. Domingas de Noronha, viscondessa da Lourinhã. *Damas.* D. Leonor da Camara, D. Helena Xavier de Lima, D. Isabel de Castro, D. Marianna Domingas de Castro, D. Theresa Joaquina de Portugal, D. Domingas Rosa de Portugal, D. Helena Maria Josefa Xavier de Lima, D. Margarida Josefa Caetana da Cunha, D. Marianna de Almeida, D. Luiza de Menezes, D. Luiza de Noronha, D. Thereza de Almeida, D. Francisca da Camara, D. Maria do Resgate, D. Maria Eugenia de Sousa, D. Maria das Dores e Mello, D. Eugenia da Cunha, D. Maria do Carmo Botelho, D. Barbara da Cunha, D. Eugenia de Mendonça. *Donas da Camara:* D. Anna Margarida de Sousa Zu-

A sociedade, porém, modificára-se muito depois da grande Revolução, a ponto de um desembargador do tempo de Pombal ficar estarrecido. Assim se exprime o grave cathedratico e clerical doutor Antonio Ribeiro dos Santos, depois de convidado para um sarau em Chelas por D. Leonor de Almeida: «Meu amigo: Tive finalmente de assistir a assembleia de F..., para que tantas vezes tinha sido convidado; que desatino que não vi! Mas

zarte, D. Marianna Joaquina de Vilhena Pereira Coutinho, D. Genoveva Maria Francisca Mascarenhas, D. Thereza Maria Antonia da Cunha, D. Margarida Sofia de Lacerda Castello Branco, D. Joanna Angelica Cabral da Cunha, *Açafatas:* D. Brigidia Leonor, D. Joanna Rita de Lacerda Castello Branco, D. Catharina Francisca Benedicta de Quevedo, D. Maria Roberta de Mendonça, D. Maria Violante da Cunha e Vasconcellos, D. Anna Maria Lodovica Mascarenhas, D. Anna Ermelinda Mascarenhas de Mansuellos, D. Maria Joanna Aniceta Francisca de Ering (Arriaga), D. Francisca Joanna de Lacerda Castello Branco, D. Maria Basilia de Gusmão e Vasconcellos, D. Marianna Victoria Pereira Carvalhal, D. Maria Antonia de Mariz Sarmento, D. Genoveva do Rego e Mattos, D. Thereza Constancia do Rego e Mattos, D. Maria da Penha, D. Francisca Rita Seixas de Andrade, D. Maria da Penha da Cunha Vasconcellos, D. Joaquina Antonia da Silveira Costa Pereira e Silva, D. Maria Isabel da Silveira Sande e Vasconcellos, D. Marianna Lina da Silveira Costa Pereira e Silva, D. Marianna Victoria da Silveira Sande e Vasconcellos. *Confessores:* da Rainha, o bispo Inquisidor Geral, no Rocio; do Principe Regente, o P. M. fr. Eleodoro de Jesus Maria, no Paço; da Princeza, o P. M. fr. Antonio Baptista Abrantes, no Paço; da Princeza Viuva, o conego Manna Baptista Oliveira, no Paço; da Senhora Infanta D. Maria Anna, o P. João Monzzoni, no Paço.

não direi tudo quanto vi; direi somente que cantavam mancebos e donzellas, cantigas d'amor tão descompostas que còrei de pejo como se me achasse de repente em bordeis ou com mulheres de má fazenda...» E atribue ao Caldas o uso dos romances de poesia langorosa.

Nas partidas burguezas, as damas literatas, que conhecem por aturadas leituras a *Princeza de Claves* ou outros romances no genero, recebem com requebros os poetas da época. O minuete passára de moda em 1807: a dança nova que viera de França fazia escandalo — e um *philosopho moral criticava os modos escusaveis e os costumes reprehensiveis;* ao que outro respondia n'um folheto. Á noite nas familias pacatas joga-se o *tres-sete* e as velhas umas com as outras julgam que

> Estava tudo perdido,
> Já a creada de servir
> Tirada d'assar castanha
> Vinte mil reis em soldada
> Por inda ser pouco estranha

A creada ainda fia na roca, mas as soldadas, que eram no meado do seculo XVIII de 7 mil réis, o muito, *(Anatomico jocoso)* augmentaram extraordinariamente. Em principio de 1807, segundo os livros da Intendencia, a policia queixa-se ao Principe Regente: «He notorio que muitos creados de servir ensaiando-se em pequenos furtos, acabão finalmente em roubar seos Amos, e os mais fami-

liares, chegando até ao ponto de praticar attentados horriveis... He egualmente constante que algumas criadas não só commettem furtos, mas inspirão aos filhos de familias sentimentos de dissolução e de libertinagem... Tambem é notorio que os Inculcadores e Adellos de criadas estimulados pelos premios que recebem de lhes procurar Casas, trabalhão pelos modos intempestivamente de humas para as outras, afim de multiplicarem os ditos premios, servindo ao mesmo tempo de receptadores de furtos que os creados fazem a seus Amos, e consentindo nas suas casas homens occultos e vadios que dispoem as mesmas criadas para o vicio, e para a prostituição».

Nas casas pobres, lêem-se os Actos da Maria Parda, as obras de Clara Lopes, cristaleira, em Coimbra *(Theatro de Manuel de Figueiredo)*. «Eram os papeis que andavão sempre nas assemblêas do serão, unicos, que se liam em todas as casas á luz do candieiro, posto no velador, ou da candêa dependurada no mesmo, á roda do qual se formavam circulos das mulheres que havia em casa; e ainda das visinhas muito amigas da escada que se ajuntavão a coser, a fazer meia, e a remendar. Creadas, e velhas a fiar, e alguma belleza em lontananza por extravagancia fiando linhas muito finas. Ali se recebia uns galans, os visinhos da escada, os primos, os engraçados e se entre elles havia Estudante de Coimbra, oh que alegria!»

O typo popular das ruas é o Fartura, que canta

a *Marianna Tafula,* resa o credo e baila a chula. Muitos militares ainda usam em 1805 o brinco nas orelhas. Os medicos são funebres e um pouco de farça. Gabam muito as virtudes dos caumelanos, a tenacidade do basalicão e o poder mercurial dos pós de Joanne. Além da Real Junta de Proto Medicato, creada em 1782 com o Fisico Mór do Reino e Medico da Camara, dr. Francisco Tavares e deputados José Correia Picanço, Largo de S. Roque n.° 12, tambem Medico da Camara do Principe Regente, e de outros, ha em Lisboa cem medicos pouco mais ou menos, tres cirurgiões parteiros, além de muitos sangradores. «Annos antes do terramoto as sangrias não tinham conta, pois se davam ás duzias e aos quarteirões». Depois de 1777 chamava-se ao doutor o physico *(Theatro de Manuel de Figueiredo).* Já os medicos, a não ser na provincia, deixaram de andar «vestidos de preto, com capa, e volta, montados em uma grande mula ou macho, poucos tinham sege. A primeira disposição em casa, logo que havia doente, era preparar a bandeja de prata, se a havia, que sempre estava mariada no caixão da India; muitas ataduras enfeitadas, choleadas com retroz de varias cores, azul, amarello, e encarnado pela maior parte, e se ha viuva moça, de preto ou côr de viola, que é suffragio por alma de quem Deus tem!» No fim do seculo os medicos de maior fama são o Tamagnini, o dr. Salazar, o dr. Soares e o dr. Cornelio, e o primeiro cirurgião da época

Manuel Constancio, lente de anatomia, que ainda vivia em 1816 com 90 annos de edade. *Instrucções para um doente:* «P. o dia 20: Huma hora caldo, outra remedio da mistura salina (1 colher de sopa). Se regeitar o remedio (e não vomitar ordin.) usará do branco na conformidade do q. hontem se estabeleceu. Caustico fraco por 2 horas, nas costas correspond. ao sitio do estomago. Mesinha de 3 em 3 horas, na quantidade de hum copo de 3 ao quart.º» Numero de boticas em Lisboa em 1805 —102. «Tomavam-se banhos de mar em Caxias onde iam varios creados do Paço tomál-os». *(Machado de Castro, Ms.)*

Por 1780 e tal vem a Lisboa assistir aos ultimos momentos de sua amiga Fanny Blood, a *mãe do feminismo*, a linda ingleza Mary Wollstoncrupt, autora da *Revindicação dos Direitos da Mulher.* São numerosos os autores de folhetos de pessimas traduções de francez de contos e novellas, «que pilhando por inteiro e de contado a assignatura já ao segundo mez faltavam». Todos estes literatos das duzias se detestam. Ha muitos livreiros francezes e o José Antonio da Silva, na Praça da Figueira, o Domingos José Fernandes de Aguiar, da rua da Ribeira Velha, o Thomaz José da Guerra, defronte do colegio dos Nobres, e Luiz José de Carvalho, nos Paulistas, etc., etc. Publica-se por 1803 com grande successo a *Heroina Americana* e a *Ilha Incognita ou as Memorias do Cavalleiro de Gastines;* em Março de 1807 a *Historia Ro-*

mana, e o *Prognostico dos quartos da lua,* obra muito util aos lavradores—dizem os padres de S. Vicente; em Abril (já Napoleão preocupa o paiz) a *Vida de Napoleão Bonaparte* e a *Historia de Bonaparte,* 4 vol.; em Maio *Leandro ou o pequeno casal no meio dos bosques*... É pouco lida a *Gazeta de Lisboa* que traz noticias resumidas do que se passa lá fóra. Todos os jornaes do tempo são assim, como a *London Gazette,* o *Daily Post,* o *Daily Journal.* Quando muito, os melhores, publicam artigos de moral ou de satyra. As comunicações com o estrangeiro são dificilimas. Os causidicos nos seus gabinetes dictam, passeando, ao escrevente esfaimado, apontados de Bartolo, Baldo, Cujacio e Pegas, «pedindo depois dez moedas ao procurador pelos artigos do libello». Em fevereiro de 1795 publica-se o aviso cohibindo a dissolução dos jogos de parar. Outra praga é a sodomia: nem o Conde de S. Vicente, que comandava os guarda-marinhas, se livra da pécha... Vive-se, morre-se. Vem os herdeiros e os clerigos, o coche do Lagoia chega, e um poeta famelico, debruçado sobre o caixão, desesperado e pertinaz, diz os ultimos versos ao defunto.

As modas são complicadas e grotescas. Ao faceira succede o peralta, como á França succede a secia. Ao homem de «braços d'arame, luvas de manapola e chapéu de tres ventos empoleirado no sovaco esquerdo», e que ouve a missa de costas

para o altar («o legitimo Faceira tem suas nesgas de heresia, se picar o peixe mulher e lhe ha lançado a isca namoratoria») succede o peralta que fala em falsete e usa *moscas* de tafetá. Ambos vão ás egrejas, ao lausperene, e depois ao namoro das janelas, «remettendo-se logo ao lenço que he o alcoviteiro das distancias». No Rocio dizem lindas phrases ás moças «fazendo boquinha de jarro»; na comedia exclamam do camarote a respeito da actriz: — «Muito bem se põe esta mulher nas taboas!» Ao penteado da françа com trouxas e canudos, ao penteado de que fala Tolentino:

Eis senão quando (caso nunca visto!...)

succede, creio que por 1805, a cabeleira da secia, com os cabelos apanhados em fivellas de aço ou prata. Pouco e pouco a moda obriga a mulher a decotar-se até ao exagero. Por causa do escandaloso decote, Manique faz sahir de um camarote do theatro de S. Carlos a condessa de Ega. O chapéu é de palha, a meia côr de carne e de filó. Por 1800 os casquilhos já usam josésinhos vermelhos, fivelas enormes *á malteza,* lenço anilado e canudos cahindo-lhes sobre as faces. A moda do sapato aguçado passou: tornam a ser redondos. A camisa é bordada. Na rua o janota anda a passos curtos «com meia vara de junco na mão e os olhos nas janellas».

Em 1807 ha um tremor de terra violento, e em

fins de Setémbro do mesmo anno aparece um cometa que atemorisa toda a gente. Os padres de S. Bento comentam: «Inda que n'um seculo illustrado, critico e das Luzes sejamos obrigados a discorrer livres de preocupações dos tempos de superstição»... o povo crê que nova dynastia virá reinar em Portugal.

Toda a gente sente a guerra proxima. Em Setembro diz o *Dietario:*

«O que por ora podemos decerto assegurar é que vamos sentindo os effeitos de huma guerra proxima. O papel moeda tem o credito em desconfiança, pois esta o rebate a 30 por cento; o bacalháo subiu consideravelmente de preço e custa a achar; as tropas estam em movimento... Em suma tudo está em fermentação n'esta terrivel época.»

Dir-se-hia na verdade—diz Novicow—que «a unica ambição dos governos antigos era reinar sobre a aparencia de sêres. Parecia que tinham odio á vida e que o seu sonho mais querido era o nada e a morte. Viver significa pensar, sentir, querer. E quanto mais vibrante é o pensamento, mais profundo o sentimento, mais ardente a vontade e mais rapida a acção—mais intensa é tambem a Vida.» A futilidade, a corrupção, a obscenidade, a ignorancia, as modas—resultam de um ridiculo governo de opressão: desde que se não respire o ar amplo da liberdade, não póde haver ideias e sentimentos justos. O povo corrompe-se.

As arvores só nos montes se desenvolvem com grandeza. Tudo se deforma: a ideia de Deus, e constrem-se templos inuteis; a arte, que logo se ossifica em fórmulas ou irrompe na obscenidade.

Ha no livro de Laura Junot uma phrase que toma extraordinario relevo entre tanta ninharia: «Nunca o governo, que é o culpado da decadencia da sociedade portugueza, soube tirar partido de um impulso ou de um sentimento generoso. Ao contrario: se aparece, recalca-o. Camões é desconhecido na sua patria.» Iamos asfixiar quando a tempestade napoleonica derrubou tudo, e pelas janellas arrombadas, que não se abriam ha seculos, entrou o ar a jorros na casa saqueada e revolvida...

VI

OS FRANCEZES EM LISBOA

De Abrantes Junot abala sobre Lisboa com 6:000 homens escassos quando lhe consta que a familia real foge para o Brazil. Escreve ao ministro da guerra para embaraçar o embarque e diz-lhe: «Não forcem o meu exercito a disparar as espingardas. Dentro em 4 dias estarei em Lisboa.» Atravessam a Golegã encharcada com as calças e a espingarda á cabeça e a fralda erguida. A 27 dorme na Gollegã: já nem 3:000 homens lhe restam. A 28 fica em Santarem, de onde expede Hermann a toda a pressa com nova carta. N'esse mesmo dia, no Cartaxo acordam-no altas horas da noite:—a familia real embarcára na vespera. Salta da cama aos urros:—*Sacrement et tonnerre!*—Quer partir. Fóra um diluvio: a ventania revolve a escuridão; a lama chega ao peito dos cavalos. Manda acordar o resto dos soldados. Explicam-lhe: a esquadra não póde fazer-se á vela

Le Gouverneur de Paris,
Premier Aide de Camp de Sa Majesté l'Empereur & Roi,
Général en Chef,
Grand-Croix de l'Ordre de Christ de Portugal.

HABITANS DE LISBONNE

Mon armee va entrer dans vos murs. Elle y venait pour sauver votre Port et votre Prince, de l'influence de l'Angleterre.

Mais ce Prince, si respectable par ses vertus, s'est laissé entraîner aux conseils de quelques méchans qui l'entouraient et il est allé se jetter dans les bras de ses ennemis.

On l'a fait trembler pour sa propre personne, ses sujets n'ont eté comptés pour rien, et vos intérêts ont été sacrifiés à la lâcheté de quelques Courtisans!

Habitans de Lisbonne: Soyez tranquilles dans vos maisons. ne craignez ni mon armée, ni moi; nous ne sommes à craindre que pour nos ennemis, et pour les méchans.

LE GRAND NAPOLEON mon maitre, m'envoye pour vous protéger: je vous protégerai

JUNOT.

O Governador de Paris,
Primeiro Ajudante de Campo de S. M. o Imperador e Rei,
General em Chefe,
Graõ-Cruz da Ordem de Christo nestes Reinos.

HABITANTES DE LISBOA.

O meu Exercito vai entrar na vossa Cidade. Eu vinha salvar o vosso Porto, e o vosso Principe da influencia maligna da Inglaterra. Mas êsse Principe, aliás respeitavel pelas suas virtudes, deixou-se arrastar pelos conselheiros perfidos de que era cercado, para ser por elles entregue aos seus inimigos; atrevêraõ-se a assustallo quanto á sua segurança pessoal; os seus Vassallos naõ foraõ tidos em conta alguma, e os vossos interesses foraõ sacrificados á cobardia de huns poucos de cortezãos.

Moradores de Lisboa, vivei socegados em vossas casas: naõ receeis cousa alguma do meu Exercito, nem de mim: os nossos inimigos, e os malvados, sómente devem temer-nos.

O GRANDE NAPOLEAÕ meu Amo envia-me para vos proteger, eu vos protegerei

JUNOT.

com semelhante tempo. No dia seguinte dorme em Sacavem, onde chega ás 10 horas da noite com alguns homens exaustos. Chove a cantaros. Que é do exercito? Perdeu-se no diluvio e nas estradas: dispõe de 1:500 homens. As sentinel-

las dão pelo avanço d'um grupo. É a deputação da regencia: o tenente general Martinho de Souza d'Albuquerque e Alte, o brigadeiro Francisco de Borja Garção Stockler e com elles um esquadrão de policia para guarda d'honra de Junot; são em nome da maçonaria Luiz de Sampaio Mello e Castro, conhecido depois por Sampaio da Lapa, Diogo José Victor d'Abreu, José Joaquim de Sampaio Mello e Castro e Francisco Velloso. Dão-lhe noticias: a familia real embarcou, na barra manobra uma esquadra ingleza com tropas de desembarque. E o povo? Tranquilo. Resta-lhe um milhar d'homens a cahir de somno e de frio. Da terceira divisão, nem da artilharia, nem da cavalaria, sabe noticias: perderam-se no caminho quasi todos os officiaes de estado maior. Chove torrencialmente. A inundação separa a primeira da segunda divisão e a comunicação com as divisões é-lhe absolutamente impossivel. Em Lisboa estão alguns milhares de tropas, e a esquadra ingleza veleja na barra. Passa a noite a expedir ordens, e ante-manhã abala de Sacavem com um milhar de granadeiros, sem um cartucho em estado de servir. Com mais um dia de marcha entrava em Lisboa sósinho. Rompe pela cidade com o bando em farrapos e a guarda d'honra portugueza, por entre a população boquiaberta, que o espera no caminho de Arroyos, Intendente, Mouraria e Rocio. Os ministros dos bairros, vão de morada em morada, mandando apromptar en-

xergões e cobertores. Forram-se logo de manhã, as esquinas de proclamações. «Meu amo envia-me para vos proteger. Eu vos protegerei.» O povo anda aos bandos pelas ruas. Ás tres da tarde um tufão — e elle de uniforme de grande espectaculo, coronel general d'hussards, seguido por oficiaes com os dedos fóra das botas e lama até á cinta, passa pelas ruas fazendo cortezias espalhafatosas. A esquadra? a esquadra? Vai longe. Da bateria do Bom Successo manda fazer-lhe fogo por desespero.

Aquartelam-se as tropas nos conventos de S. Francisco da cidade, nos Paulistas, no de Jesus, em S. Francisco de Paula. Aos frades expulsam-nos para a provincia. Primeiras medidas: fecha-se o porto, monta-se a espionagem, Delaborde é nomeado governador da cidade. Por decreto de 1 de dezembro Hermann é adido á regencia como comissario — para mandar; por decreto de 3, administrador geral das finanças — isto é, do cofre. No paiz ignora-se a marcha, a fuga, ignora-se o tratado de Fontainebleau. Em Mafra Eusebio Gomes escreve no seu diario:

No dia 30 entraram em Lisboa os francezes commandades por Junot, constava o Exercito de 28 mil homens, apoiados por 11 mil Hespanhoes e 62 peças de Artilharia; e ao mesmo tempo entrava pelo Minho um corpo de 10 mil homens Hespanhoes, e pelo Alemtejo entrou outro de 6 mil homens. Acompanhava o Exercito francez muitos generaes Francezes, taes como Loizon, Delabord, Kellerman, Thomier, Thie-

Le Gouverneur de Paris,

Premier Aide de Camp
de sa Magesté l'Empereur
& Roy

Général en Chef.

Au nom de S. M. L'Impereur des Français, Roy d'Italie

DÉCRÈTE

Tous les biens, tant en mobilier, bijoux, argent que propriétés fonciers, de quelque nature, qu'elles soient, appartenantes à des Individus quelconques Sujets de la Grande Bretagne, et existans dans tout le Territoire du Portugal, seront confisqués.

Les marchandises de manufacture Anglaise, de quelque nature qu'elles puissent être, seront confisquées.

Il est expressement ordonné à tout Individû, de quelque rang qu'il soit, qui aurait en ses mains, qualque Valeur, ou marchandises appartenantes à des Sujets de la Grande Bretagne, de venir les declarer, dans le delai de trois jours, au Bureau de Monsieur le Goy, Commissaire nommé *ad hoc*, demeurant n.° 10 en face de Fontaine de Loreto, et dans l'Interieur du Portugal, ces déclarations devront êtres faites par devant de Jniz du Lieu.

Tout l'Indivú qui n'aurá pas fait exactement sa déclaration, payera dix fois la Valeur de l'Objet, qu'il n'aurait pont déclarè, et será même puni corporellement, s'il y a lieu.

Les marchandises dont la proprieté aurait eté converte de quelque manière que ce soit, par des Negocians Portugais, Français, ou de quelqu'autre Nation que ce soit devront de même être déclarees, sous les mêmes peines.

L'Admsnistrateur General des Finances, et le Conseil de Régence sont chargés de l'execution du présent Décret.

Donné au Palais du Quartier Général a Lisbonne le quaire Décembre 1807.

JUNOT.

O Governador de Paris,

Primeiro Ajudante
de Campo de Sua Magestade
o Imperador e Rei

General em Chefe.

Em nome de S. M. O Imperador dos Francezes, Rei de Italia

DEÇRETA

Todos os bens, assim moveis, joias, prata, como raiz de qualquer natureza que ser possão, pertencentes a quaesquer Individuos, Vassallos da Gran Bretanha, e existentes em todo o Territorio de Portugal, serão confiscados.

As mercadorias de manufactura Ingleza, de qualquer natureza que ellas possão ser, serão confiscadas.

He expressamente determinado a todo o Individuo de qualquer Classe a que pertença, que tiver em seu poder algum Valor, ou Mercadorias pertencentes a Vassallos da Gram Bretanha, que as venha declarar no prazo de tres dias á Secretaria do Senhor Goy, Commissario destinado *ad hoc*, que assiste na casa n.° 10, defronte da Fonte do Loreto: e no Interior de Portugal se deverão fazer estas declarações perante o Magistrado do Lugar.

Todo o Individuo, que não fizer exactamente a sua declaração, pagará dez vezes o Valor do Objecto, que não tiver declarado, e mesmo será castigado corporalmente se o Objecto o merecer.

As mercadorias cuja propriedade tiver sido encoberta de qualquer maneira que seja, por Negociantes Portuguezes, Francezes, ou de qualquer outra Nação, deverão do mesmo modo ser declaradas, debaixo das mesmas penas.

O Administrador Geral das Finanças, e o Conselho da Regencia são encarregados da execução do presente Decreto.

Dado no Palacio do Quartel General em Lisboa a 4 de Dezembro de 1807.

JUNOT.

bault, Delagarde, Murgaçon, Quesnel, Solignac, Maurin Pilé e outros mais.

N'este dia 30 ouve um grande temporal, tanto no mar como na terra, e seria longo descrever os estragos que causou, e em Mafra foram elles mui grandes, pois como hera dia de feira as barracas foram todas destruidas, causando muitos prejuizos e o mesmo aconteceu em Lisboa.

Dezembro 8. N'este dia chegou a Mafra uma divisão dos francezes, composta de Infantaria, Cavalaria, um parque de artilharia, que no dia seguinte se dividio por Torres Vedras e Peniche, ficando aqui o Quartel General Na entrada os officiaes encaminharam-se para o Palacio, e como achacem fechada a porta que no fim da escada larga dá entrada para o Palacio, mandaram chamar o Guardião, este veio logo, mas como elle não tinha as chaves do Palacio, não podia mandar abrir as portas; então o Lagarde incolerisado deo uma bofetada na face do Guardião, e este com toda a humildade offereceo a outra face, com que o perfido Lagarde ficou inteiramente confundido, e deo mostras de estar arrependido da indigna acção que praticou.

Aquartelados os francezes no Palacio e Convento, e os officiaes pelas cazas da villa, marcharam dois dias depois os que foram para Torres Vedras e Peniche, e ficou aqui o resto commandados pelo General Loizon, que se portou honrosamente com os frades e com a gente da villa; a ponto de não consentir que sahice do Convento mais nenhum dos Religiosos que ainda encontrou, que erão 20, porque os mais que havia, ja todos se tinham retirado para os differentes conventos de sua ordem, e estes 20 que aqui achou foram por elle General respeitados, e lhes mandou desde logo abonar rações de comida emquanto aqui se conservaram francezes, que foi até á capitulação depois da Batalha do Vimieiro. N'um d'estes dias foi o Loizon para Peniche.

A 1 corrêra que os inglezes tinham desembarcado em Peniche, ainda Junot só dispõe de uma

divisão... Nos cafés barulhentos anda de mão em mão uma caricatura: o Principe Regente com cabeça de burro. Junot recusa os palacios que a regencia lhe oferece, e instala-se no de João Pereira Caldas, que o trata com esplendor. Apezar d'isso recebe do senado da Camara 12:000 crusados por mez [1], para seu sustento. Thiebault é acolhido em casa do seu compatriota, Ratton, que lhe devia dar informações preciosas [2]. Delaborde apodera-se da Bemposta e mais tarde muda para a casa de Antonio d'Araujo. Nas ruas são corridos pelos soldados alguns frades e familiares do Santo Oficio. Fala-se no temporal do dia 1: o mar crescêra 12 palmos. Presagio. Patrulhas da Policia Real aquietam o povo. As velhas queimam alfazema para afugentar os jacobinos. A Egreja, para quem Bonaparte é por emquanto um *segundo Christo*, recomenda, que se recebam os francezes como irmãos. Recomenda-o o Inquisidor, a figura tragica de D. José Maria de Mello, (22 de dezembro de 1807), que ainda ha mezes queria que se excomungassem sem excepção todos os francezes; recomenda-o o bispo do Porto, (18 de Janeiro de 1808), o partriarcha de Lisboa, (10 de Dezembro), o bispo de Lamego

[1] Ver a nota no fim do capitulo.

[2] Outro dos seus informadores foi depois Domingos dos Santos Moraes Sarmento, o celebre Sarmento como lhe chama a policia, que tinha estado preso por fabricar papel moeda falso e que Thiebault empregou na sua secretaria.

Le Gouverneur de Paris,

Premier Aide de Camp
de Sa Majesté,
l'Empereur & Roi,

Général en Chef.

Au nom de S. M. l'Empereur des Français, Roi d'Italie.

Considerant que sous le prétexte de la Chasse il se commet journellement des assassinats, et l'intention du Général en Chef étant de faire détruire avec Ordre, le Gibier dans les Terreins, où il peut être nuisible.

DÉCRÈTE

Le port d'armes à feu, et la Chasse sont généralement prohibés dans toute l'étendue du Portugal, particulierement dans les Réserves de la Couronne.

Tout Individû, nom militaire, qui será trouvé armé d'un fusil, ou de pistolets, chassant, sans en avoir avoir reçû du Général Delaborde, Commandant de Lisbonne une permission, signée, et munie de sont Cachet, será consideré, comme Vagabond, Assassin sur les Routs, et comme tel traduit devant une Commission militaire, qui será organizée ã cet effet.

Le Conseil de Regence, le Commissaire du Gouvernement Français, ainsi que le Général Commandant à Lisbonne, les Corregedores, Juizes de toute Classe, sont chargés de l'execution du présent Décret, qui será imprimé, et affixé dans tout l'entendue du Portugal.

Donnè au Palais du Quartier Général à Lisbonne le 4 Décembre 1807.

JUNOT.

O Governador de Paris,

Primeiro Ajudante de Campo
de Sua Magestade
Imperador e Rei,

General em Chefe.

Em nome de S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia.

Considerando que debaixo do pretexto da Caça se commettem diariamente Assassinos, e a Intenção do General em Chefe he de fazer destruir com Ordem a Caça naquelles Terrenos onde ella pode ser prejudicial.

DECRETA

O Uso de armas de fogo, e o Caçar he geralmente prohibido em toda a extensão de Portugal, particularmente nos sitios Reservados da Coroa.

Todo o Individuo, que não for militar, e que se encontrar armado de Espingarda, ou Pistollas, caçando sem ter recebido para isso do General Delaborde, Commandante de Lisboa, huma Licença por elle assignada, e munida do seu Sello, será considerado como Vagabundo, Matador nas Estradas, e como tal será conduzido perante huma Commissão Militar, que será organizada para o dito effeito.

O Conselho da Regencia, o Commissario do Governo Francez, como tambem o General Commandante em Lisboa, os Corregedores, e Juizes de todas as Classes ficão encarregados da execução do presente Decreto, que será impresso, e affixado em toda a extensão de Portugal.

Dado no Palacio do Quartel General em Lisboa a 4 de Dezembro de 1807.

JUNOT.

(22 de Dezembro) [1]. O nome de D. Maria é substituido nas preces pelo de Napoleão, e até o atrabiliario Agostinho de Macedo

Pregava bondades
De Napoleão...
Dizia o velhaco
Sem mais confusão,
que as leis respeitassem
De Napoleão.

A 4 de Dezembro é nomeada uma junta pre-

[1] Diz um, o de Lisboa:

—...«lembrai-vos que este exercito é de Sua Magestade o imperador dos francezes, e rei d'Italia, Napoleão o Grande, que Deus tem destinado para amparar a religião e fazer a felicidade dos povos: vós sabeis, o mundo todo o sabe. Confiae com segurança inalteravel n'este homem prodigioso, desconhecido a todos os seculos; elle derramará sobre nós a felicidade da paz, se vós respeitardes as suas determinações, se vos amardes todos mutuamente, nacionaes e estrangeiros, com paternal caridade...»

Diz o do Algarve:

«Lembrem-se que este exercito é de sua magestade o imperador dos francezes e rei d'Italia, Napoleão o Grande, que Deus tem destinado para amparar e proteger a religião e fazer a felicidade dos povos. Confiem com segurança n'este homem prodigioso, desconhecido de todos os seculos: elle derramará sobre nós a felicidade da paz, se respeitarem as suas determinações, e se se amarem todos nacionaes e estrangeiros, com paternal caridade»...

É a vergonha em circular.

sidida por Quintella para arrecadar o imposto de 800 contos lancado sobre os commerciantes [1].

A 5 ao romper do dia publicam-se editaes con-

[1] Ratton conta o caso assim:

«Na manhã do dia 3 de Dezembro de 1807, se bem me lembro, fui chamada com os principaes negociantes nacionaes de Lisboa, em nome dos Governadores do Reino, á presença de estes, junto aos quaes se achava sentado Mr. Hermann, que antes havia sido Coronel General de França em Portugal, e que o General Junot tinha adjuncto aos mesmos Governadores, e depois creou Ministro da Fazenda. Ahi nos foi dito que eramos chamados para concordar entre nós em o meio de haver a titulo de emprestimo dous milhoens de cruzados em metal, para prover ás urgentes necessidades do Exercito Francez: cujos milhoens deverião irremissivelmente entrar na caixa do Pagador do mesmo Exercito dentro dos 12, 15, e 18 dias successivos sob pena de execução militar: declarando-se-nos que esta soma seria levada em conta no ultimo pagamento da contribuição geral de 40 milhoens de cruzados que o Imperador dos Francezes exigia de Portugal. Ordenou-se-nos outrosim da parte dos mesmos Governadores, que no quarto immediato conferenciassemos sobre a eleição de hum certo numero de Commissarios incumbidos desta diligencia em nome do proprio Governo, assim como tambem da escolha de hum lugar para as conferencias e recepção do dinheiro, e que voltassemos dentro a declarar o nome dos Commissarios, e lugar escolhido, para que logo se lavrassem as ordens, e autorisação necessarias. O que assim se effeituou, e ficarão eleitos para commissarios o Barão de Quintela, Antonio Francisco Machado, Luiz Monteiro, Antonio Martins Pedra, Jacinto Fernandez da Costa Bandeira, Jacome Ratton e Francisco Antonio Ferreira, cuja casa se escolheo para as conferencias e recepção do dinheiro, por ser a mais central. Naquella mesma tarde, e noite principiarão as conferencias, e continuarão quasi

fiscando os bens aos inglezes e prohibindo a caça e o uso d'armas de fogo [1].

Para socegar o clero, é espalhada em Lisboa no mez de Janeiro de 1808 a *Proclamação de Sua Magestade o Imperador dos francezes e Rei de Italia dirigida aos curas da cidade de Milão, traduzida do hespanhol, para gloria do Auctor e universal edificação de todos os Fieis Christãos:* «Bem tenho desejado poder-vos ver aqui todos juntos para ter a satisfação de vos dar a conhecer pessoalmente, os sentimentos que me animam a respeito da Religião Catholica, Apostolica e Romana. Persuadido de que esta Religião hé a unica

sem interrupção até se concluir tudo: fazendo-se hum mappa das pessoas que parecião ter mais dinheiro disponivel, e a quem fosse menos pezado o desembolço: apontando a cada huma a quota parte com que poderião entrar: e com effeito custou a completar-se o emprestimo dos dous milhoens em tão curto espaço de tempo, sendo preciso carregar aos proprios Commissarios, e outras pessoas somas maiores do que na verdade deverião ser se houvesse mais tempo. Esta commissão affectou bastante a minha saude, tanto pelo trabalho aturado, como pela impressão que me fazião as lamentaçoens de quasi todos os infelizes que foi preciso incluir no mappa, e aos quaes se não podia dar outra consolação mais do que a fraca esperança de virem a ser re-embolçados do excesso que houvesse quando fossem quatados na contribuição geral dos quarenta milhoens de cruzados que se tinha annunciado.»

[1] E começam as queixas... O juiz de fóra do ordinario o outros representam contra o grande estrago que fazem nas cearas as perdizes e coelhos; os lobos e as rapozas devastam tambem os campos. *(Livros da Intendencia).*

que pode encaminhar para huma verdadeira felicidade, uma sociedade bem organisada e firmar as bases de hum bom governo, dou-vos a minha palavra de honra de que me esforçarei com todo o cuidado pela proteger e defender em todos os tempos e por todos os meios. Ministros d'esta Religião eu os considero meus amigos e até declaro que todo o que fizer o mais pequeno insulto á nossa Religião commum e que tiver o atrevimento de tratar as vossas pessoas sagradas com o mais leve ultrage será punido com a pena de morte.» O proprio Junot, depois de examinar a certidão do livro de matricula dos oficiaes do regimento de Lagos, continua a dar o soldo a Santo Antonio, tenente-general do exercito...

José de Seabra da Silva fôra procurado por Junot; Lucas de Seabra da Silva, todo de Lagarde, rasga pasquins [1], prohibe o jogo, transmitte ao general os rumores da cidade além de o ir pessoalmente informar todos os dias como se vê dos livros da Intendencia:

Dezembro 3—No principio do mez ha varias desordens em diferentes pontos e «observa-se fermentação na Infanteria da Legião e hua disposição d'espirito que pode ter funes-

[1] Desde 19 de dezembro que surgem nas esquinas os pasquins e proclamações. No dia 19 de dezembro de 1806 aparece a primeira proclamação dos inglezes. É um protesto contra a invasão e uma ordem para proteger os navios portuguezes.

EDITAL

OS Governadores do Reino Fazem saber, que o General em Chefe do Exercito de Sua Magestade o Imperador e Rei, continuando a dar as mais positivas provas do desejo que tem de concorrer para a felicidade dos Povos deste Reino, lhes escreveo huma Carta, pela qual lhes significou o grande desprazer que tinha de que houvessem pessoas mal intencionadas, que a pezar de toda a sua diligencia, tenhão procurado desanimar os Povos, persuadindo-os a que não semeem, porque não recolherão as suas Searas, nem se refação de Gados em lugar dos que a necessidade absoluta tem feito consumir no sustento do Exercito, porque lhes serão igualmente tirados; segurando-lhes debaixo das promessas mais solemnes, que os Lavradores gozarão pacifica e inteiramente dos fructos do seu trabalho, e terão da parte do mesmo General em Chefe toda a protecção; e muito principalmente os Habitantes da Provincia da Beira, que soffrêrão tanto com a passagem do Exercito, não deixarão de ter huma indemnização proporcionada ao seu prejuizo, logo que as circumstancias o permittirem; e porque em virtude de tão solemnes promessas, devem os Lavradores concorrer da sua parte para tão uteis e saudaveis fins, depondo vãos temores, que só podem nascer da maldade de alguns perturbadores da felicidade e socego publico: Ordénão os mesmos Governadores, que todos os Lavradores destes Reinos fação logo as suas Sementeiras, aproveitando com toda a actividade e confiança o tempo que ainda lhes resta, e da mesma sorte procedão á compra, e promovão a creação dos Gados necessarios para a lavoura, e outros usos; e para auxiliar tão importantes objectos, se tem passado aos Corregedores das Comarcas as Ordens mais positivas. E para que chegue á noticia de todos: Mandão publicar este, affixando-se em todos os lugares publicos desta Cidade e Reino. Secretaria do Estado dos Negocios do Reino, em 29 de Dezembro de 1807.

João Antonio Salter de Mendonça.

NA IMPRESSÃO REGIA

tas consequencias.» — 4 de dezembro (aos governadores do Reino) — Os Ministros Criminaes, o brigadeiro Mathias José Dias Azedo distribuem os boletos dos officiaes. — Os moradores de Villa Franca de Xira abandonam as casas saqueadas, os celleiros estam exhaustos, os gados desappareceram «para municiamento das tropas». O Intendente diz que da agricultura d'aquelles campos depende em grande parte o fornecimento da capital. — Os Generaes Francezes fazem requisiçoens de diversos objectos, que dizem ser indispensaveis para hua profusa, e laúta meza, e para a sustentação dos sens domesticos, como se manifesta das inclusas contas, e requesição. A multiplicidade de taes objectos fazem hua despeza consideravel: não se tem até agora designados donde devem sahir; e ninguem se presta á venda dos generos, sem que se lhe indique a certeza, e modo de pagamento.»

Dezembro 4 — Propõe que os inglezes, comprehendidos no aviso de 3 — que forem presos, vão para o Hospital da Nação ingleza, sito na travessa dos Ladrões.

Os ministros dos Bairros recebem ordem no principio de dezembro para fazerem os inventarios dos Palacios de SS. AA. etc., e de algumas outras pessoas.

Dia 9 de Dezembro — Summario « das operações relativas ao seu cargo praticadas no dia d'hontem, 8 do corrente: Mandaram-se conservar fechadas todas as casas de jogo á excepção das de bilhar, por serem estas exceptuadas pelo senhor general Delaborde. Ordenou-se a todos os ministros da Corte, que todos os dias até ás honze horas da manhã dessem conta de todos os acontecimentos que occorressem nos seus Bairros e noticia de todos os rumores que circulassem com declaração de Logares, pessoas e mais circunstancias. Foi ordem a todos os Ministros Criminaes para que no mesmo dia remettessem á Intendencia Relação dos que acompanharam o Principe do Brazil, em cumprimento d'outra ordem antecedente, Repetio-se a ordem de prisão e sequestro nas pessoas e bens dos Vassallos da Grã Bertanha. Dia 10 — Dá a S. Excellencia parte de diversos barulhos e roubos. No dia anterior remette-

ram-se ao concelho da regencia alguns Inventarios dos Palacios de Suas Altezas e d'outras pessoas que os acompanharam para o Brazil. Já estão presos seis inglezes e outros prisioneiros sob palavra de honra «segundo as modificações de Mr. Hermann.» Etc.

No dia 12 Junot passa a ser tratado pelo Intendente da Policia por Meo Senhor. António de Seabra da Silva não tardará a propôr que o retrato do Principe Regente seja substituido nas lojas maçonicas pelo de Napoleão. Á pressa Godoy manda cunhar em Madrid a nova moeda: *Emanuel Primus Algarbiorum Dux.* Ega escreve-lhe:

A Godoy, sem data.

Mui senhor meu e estimado amigo:

Esta qualidade deve augmentar a nossa confiança; e n'esta certeza só te direi que todas as minhas persuações nada bastaram a que o Principe do Brazil deixasse de dar o passo mais desacertado abandonando Vassallos Fieis e constantes e entregando-se a hu partido vil vendido á Inglaterra cuja politica vejo extinguir no continente mais hua Dymnastia Reinante: Bem podes julgar q.to me terão sido penosos estes momentos de perturbação e desassocego, e demais separada m.a fam.a que ainda ahi se conserva; mas tenho como espero em ti hu amo Sincero e verdadeiro q. fará por mim tudo q.to tenho procurado merecer-lhe, e por sua intervenção contando com Augusta beneficencia de S. S. M. M. C. C. a Seus Reaes pez rogo queiram prestar-me o seu Soberano favor e attenção nas circumst.cias penosas em q. me vejo abandonado e sem a mais peq.na contemplação pello meu Soberano a quem servi com o mayor disvello 23 annos successivos.

. . . .

(Borrão).

Continúa a desarmar-se a nação. Distribuem-se tropas pelos arredores. Marcha um batalhão para Elvas, outro para Almeida. A 1.ª divisão (Delaborde) fica em Lisboa; a 2.ª (Loison) occupára Cintra, Mafra, o littoral até ao Mondego; a 3.ª guarnece a barra e defende o porto. Uma divisão hespanhola (Solano) estabelece-se em Setubal, vigia o Alemtejo e o Algarve; outra (Taranco) atravessa o rio Minho e marcha sobre o Porto. Domina o paiz um exercito de cincoenta mil homens, mas em que estado!...

Da marcha atroz, do jacto de dôr—lama, chuva, espanto—resta um numero: 1:700 homens desaparecidos. — Abatem-se no mappa. Da divisão Delaborde resistiram á marcha 1:500 soldados: dos 140 homens de algumas companhias contam-se 15; da brigada Brennier, que sahira de Bayonna com 3:600 homens, não chegam 300 a Lisboa. O resto, exhausto e sem fala, vem no fundo das barcaças pelo rio abaixo—carga, lixo, sarna. Tres semanas depois, só a custo se chega a juntar metade do exercito.

Lisboa mudou d'aspecto, com os oficiaes que correm as ruas. Alguns typos fixou-os o povo em motejos e ditos. Lagarde é *monsieur Lagarto*. Junot fál-o intendente da policia, e elle, no palacio da Inquisição, de que toma conta, dispõe de centenas de espiões—até mulheres diz-se—e sabe tudo que se passa em Lisboa: dirige a *Gazeta*, impõem-se aos corregedores das provincias, é emfim a Or-

dem, com seiscentas *moscas*, muitos dos quaes portuguezes e alguns com o habito de Christo. O povo chama-lhe judeu e diz baixinho que entaipa gente viva nas muralhas do palacio... Abre as cartas suspeitas o

> ...careca,
> que Intendente se fez sem vara ou béca.

Manda noticias falsas para o jornal. No supplemento ao n.º 22 da *Gazeta* afiança que os inglezes apenas dão ao Principe Regente «huma chicara de chocolate de manhã e hum pedaço de pão mais pequeno que o que a Misericordia fornece aos presos de Lisboa». Prost é um janota de botas de baile, vermelhas e doiradas. Apparecem, ás vezes, entre o clamor e o sangue, de estes pintalegretes. Brennier é anão, e zarolho o seu companheiro Taviel. O pernalta Jathomiers, que mede não sei quantos palmos de altura, tem cara de comilão. Donance, coronel director do parque de artilharia, velhote de sessenta janeiro, faz, apesar de carrancudo e feroz, prodigiosos destroços nas moças da Fundição de Cima. E mais, muitos mais: o elegante Bagneri, sub-chefe de estado maior; o coronel Ronyer, pobre de espirito, que um dia entra em casa de Ratton como um pé de vento:—Inventei emfim as praças inexpugnaveis!; Avril, um velho, o mais velho de todos; Geoffroy Saint-Hilaire, que quer reformar a Universidade, e

EDITAL

LUCAS DE SEABRA DA SILVA, Fidalgo cavalleiro, do Conselho de Sua Alteza Real, Desembargador do Paço, Chanceller da Corte e Casa da Supplicação, Intendente Geral da Policia da Corte e Reino, Commendador da Ordem de Christo,

FAÇO saber a todos os moradores desta Cidade, que por ser incompativel com a Policia d'ella, que pelas ruas vaguem gados alguns, ou sejão cabras, ou vaccas, senão naquelle tempo, que he indispensavel para occurrer á necessidade e provimento dos mesmos moradores; determino, que nenhuma pessoa do dia primeiro de Janeiro por diante traga pelas ruas qualidade alguma de gado, desde as Ave-Marias até ás sete horas da manhã; com a pena de perdimento dos mesmos gados, que serão apprehendidos, e postos á disposição da Policia. E para chegar á noticia de todos, mandei lavrar e affixar este Edital.

Lisboa, trinta e hum de Dezembro de mil oitocentos e sete.

LUCAS DE SEABRA DA SILVA.

que Napoleão mandou a Lisboa com a missão de rebuscar objectos de historia natural que enriquecessem a colecção de Paris; e o literato Carrion de Nizas, traductor do *Inferno* e da *Jerusalem,* coscovilheiro e poeta; Solignac, militarão vulgar, gabarola de espadalhão a rasto, caracter desegual e violento, que se roja aos pés de Junot, quando este lhe diz insolencias e que mais tarde o deprime ao encontrál-o na desgraça; Kellerman, excelente oficial, ladrão admiravel, que deixa 80:000 francos de renda, e que explica com sincero espanto, quando alguem se atreve a reclamar contra os roubos que praticou em Valadolid:—Então esta gente imagina que passei os Pyrinéos só para mudar de ares?!; Delaborde, o suprasumo da ladroeira, francez que

...por certo engano
Por um triz não nasce italiano.

O tenente Deouville, que no primeiro motim de Lisboa carrega o povileu e corre a casa de Ratton a mostrar ás mulheres espavoridas o sabre ensanguentado; o tenente Boilleau, musico, adorado pelos seus homens, bravo até á temeridade.

A uns são os literatos que lhes fazem o retrato, tal Berthelot, recebedor geral do erario:

Um feliz Berthelot, hontem caixeiro,
Que de cór aprendeu a taboada,

Que sabe que um é um, que cifra é nada,
E conta affoito um sacco de dinheiro . . .

De tres em tres degraos com pé ligeiro
Grosso rolo na mão, saltando a escada,
De pantalona e bota envernizada,
Ermo topete á testa sobranceiro . . .

Segue-o Bernard, o interprete:

Brinco na orelha, voz de seminario . . .

O culto Foy, um filho do primeiro matrimonio de Madame Tallien, Thiebault, o *Tio Bolas*, que teima nas *Memorias* pela sua completa isenção, e que Napoleão recomenda a Junot n'estes termos singulares: «Cuidado com elle. É um homem pouco delicado que apanhou muito dinheiro em Fulde: não o perca de vista.» E para terminar, Loison, que Thiebault define *habile homme et mauvais chien*, o feroz *Maneta*, que só por si dava uma monografia:

Entre os titeres generaes
Entrou hum de genio altivo,
Que ou era o Diabo vivo
Ou tinha os mesmos signaes . . .
Aos alheios cabedaes
Lançava-se como setta,
Namorava branca ou preta,
Toda a idade lhe convinha,
Comsigo tres Emes tinha:
Manhoso, Mau e Maneta.

Logo de principio todos elles abusam e Junot vê-se obrigado a mostrar o seu descontentamento:

Au Quartier Général à Lisbonne le 9 Décembre 1807.

De nouvelles pláintes sont parvenue á Son Ex.ᵉ Mgr. le Général en Chef, sur ce que plusieurs Officiers malgré l'ordre Général de l'armée N. 22. se sont encore permis d'exiger la table dans les maisons dans les quelles ils sont logés.

Son Excellence est tres mécontente de cette désobéissance, et elle espere qu'elle ne se renouvellera point.

Elle rappelle à M.ʳˢ les Officiers qu'ils doivent se considérer à Lisbonne, ainsi que dans toute les autres villes du Portugal comme étant en garnison, & n'ayant droit chez leurs hôtes qu'au Logement, au feu, & à la lumière.

Son Excellence leur rappelle enfin que S. M. L'Empereur & Roi ayant ordonné, que les Officiers de l'armée de Portugal soient traités comme ceux de la Grande Armée, ils recevront une solde extraordinaire, qui leur sera exactement payée, & qui les mettra à même de suffire aux dépenses de leur entretien & de leur nourriture.

Par Ordre de Son Ex.ᵉ Monseigneur le Géneral en Chef.

Le Général Chef de l'Etat Major Général.

THIEBAULT.

Quartel General em Lisboa aos 9 de Dezembro de 1807.

Repetidas queixas se fizerão a Sua Excell.ᶜⁱᵃ Mgr. o General em Chefe, de que muitos Officiaes, a pezar da Ordem Geral do Exercito N.º 22, deliberárão-se a exigir meza nas casas aonde estão alojados.

Sua Excell.ᶜⁱᵃ sente muito esta desobediencia, e espera que a mesma não será mais praticada.

Sua Excell.ᶜⁱᵃ lembra aos Senhores Officiaes, que tanto em Lisboa, como nas mais Cidades de Portugal, se devem considerar como estando de Guarnição, não tendo outro direito de pedir nas casas, mais que, alojamento, lume, e luz.

Sua Excell.ᶜⁱᵃ lembra-lhes finalmente, que S. M. o Imperador, e Rei, tendo mandado que os Officiaes do Exercito de Portugal sejão tratados como os do Grande-Exercito; receberáõ hum soldo extraordinario, que lhes será exactamente pago, e que bastará para supprir as despezas do seu tratamento, e sustentação.

Por Ordem de Sua Excell.ᶜⁱᵃ Monseigneur o General em Chefe.

O General Chefe do Estado Maior Geral

THIEBAULT.

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

A policia continúa as suas informações. D'ellas se deprehende o estado do espirito publico:

11 de Dezembro—Morrem 3 e 4 soldados francezes por dia no hospital da Estrella.—Abrantes está exhaurido: pede recursos para o hospital de 300 camas que ali se estabeleceu. —12 de Dezembro—O general Delaborde não consente que se faça o inventario em casa de Araujo—quando lá se apresenta o corregedor do civel Antonio Gomes Teixeira para cumprir as ordens que recebera. É necessario uma ordem assignada por Junot.—Junot passa a receber directamente todas as informações e é tratado por *Meo Senhor*.—13 de Dezembro—Ha desordem em Belem das 8 para as 9 da noite; um bando de creados das «cavallariças dó Principe do Brazil» apredeja a sentinella que estava á porta do coronel do Regimento n.º 86. É preso o cabeça de motim Martins Rolão. Na calçada do Carmo um francez mestre de musica arromba a porta de uma meretriz. Acode a guarda de Policia, que estava á porta do Conde de Novion e o francez puxa do sabre. Um oficial de milicias portuguez tira-lh'ó, emquanto outros soldados francezes lhe dizem—Não largues! não largues!—Concorre o povo e esteve para haver desordem.

Expedem-se ordens para haver em cada rua um homem (um espião) que delate aos juizes dos bairros todos os acontecimentos e successos do dia antecedente.

Estão presos 5 inglezes, 2 irlandezes e 1 maltez.

Dezembro 14—Segundo a nota dos governadores do Reino, a plebe anda desatinada. Succedem-se os motins.

Dezembro 14—(a Junot) Na Praça do Commercio a desordem começa por os populares insultarem os francezes por causa dos cavalos. Um oficial francez distribue pranchada. Acodem soldados de Policia, prendem-nos os soldados francezes. Concita-se o povo. Acode a guarda de Policia. As pessoas dispersas encaminham-se para o Rocio, onde gritam.

O povo junta-se aos ranchos pelas ruas. No Largo do Loreto a tropa descarrega as armas e mata uma mulher. No caes do Tojo uma bala, disparada pelos granadeiros do 47, mata Narciso Manuel de Lima. No bairro de Belem a tropa franceza

dispara sobre a multidão e ha feridos. Em Alfama é atravessado por uma bayoneta um rapazito.

De manhã o povo amotina-se de novo no Terreiro do Paço e no Rocio, quando os soldados querem prender um paisano. Ha mortes. «Por todas as indagações a que tenho procedido se conhece que n'esta desordem não tem entrado senão pessoas da plebe, officiaes mechanicos, a quem a suspensão dos trabalhos de que vivião tem posto em necessidade; rapazes e homens dispostos a todos os acontecimentos de semelhante natureza; e a quem tem parecido mal algumas violencias praticadas por soldados Francezes, como tem sido haverem entrado hontem mesmo, em tabernas e cafés a comer, e beber sem pagar, e haverem insultado alguns portuguezes.»

«N'este instante chegão a Casa da moeda 29 caixoens de prata que vem remetidos de Coimbra.» Dia 15—Ha socego por causa das patrulhas dobradas. Alguns soldados são ainda assaltados pelo povo. Delaborde manda fechar todas as taberna ás 5 horas da tarde. O Intendente amplia esta ordem aos cafés.

É que a 13 de Dezembro, já passado o medo dos inglezes e das tropas portuguezas, que tinham sido mandadas para fóra de Lisboa, substituira-se com aparato a bandeira portugueza pela franceza. Deu-se um banquete a que assistiram os governadores do reino. Só o povo se amotina nas ruas. Na Praça do Comercio um magote assaltára as sentinelas. Depois correram ao largo do Quintela. Junot brada aos lividos convivas:—Desgraçados dos que se atrevam a conspirar! Os senhores respondem-me pelos excessos que o povo commeta. Vamos para S. Carlos!—A canalha

morre, e no outro dia, apesar do sol claro, mostra uma estrella luzindo no céu... Mais papeis nas esquinas. «Eu os conheço (aos chefes) elles pagarão com a sua cabeça o insulto, etc.»

Que falta? Desarmar a nação. Por decreto de 22 de Dezembro—e os generaes Solano e Taranco por decretos de 31—ordenam que os 24 regimentos d'infanteria portuguezes sejam reduzidos a 6, e os 12 regimentos de cavalaria a 3, formando assim a Legião Portugueza, que, depois, (fins de Março) parte para França [1]. No principio de Janeiro a esquadra inquieta os francezes: dão-se ordens para que os pescadores não comuniquem com os inglezes. A 11 de Janeiro dissolvem-se as milicias e mandam-se recolher as armas a depositos: no fim do mez corre a noticia do fuzilamento de um homem em Mafra; a 1 de Fevereiro com tropas nas ruas e boccas de fogo nas esquinas, Junot dissolve emfim a regencia. É o ultimo golpe. Entra no palacio da inquisição de chapéu na cabeça: seguem-no os oficiaes, o estado maior, Hermann, o sequito. Os governadores erguem-se n'um sobresalto e elle de pé, junto á mesa, lê á pressa um papel que os outros mal atendem. É a ultima ficção que se esvahe, o fim de Portugal como reino, outra regencia nomeada. Ninguem dá por Hermann entre as fardas apparatosas—e Hermann é a mola real do governo a

[1] *Observador Portuguez.* Dia 1 de Janeiro de 1808.

LE GOUVERNEUR DE PARIS

PREMIER AIDE DE CAMP DE SA MAJESTÉ L'EMPEREUR ET ROI

GÉNERAL EN CHEF.

HABITANS DE LISBONNE

Le plus grand de tous les Crimes est la Revolte.

Vous vous étes laissès entrainer hiet par quelques mauvais sujets, qui pour vous compromettre, ont osé du milieu de vous, tirer sur mes Troupes. Je les connais, ils payeront de leur tête l'insulte qu'ils ont osé faire au Pavillon Français; mais je ne confonds point avec ces mèchants, les honnêtes Habitans de Lisbonne, et c'est pour la sureté des honnètes Citoyens, que j'ai ordonné ce qui suit:

»Tout rassemblement de quelque nature qu'il »soit est défendu.

»Tout Individù arrêté, armé dans un rassem»blement será traduit à la Commission Militaire, »créé par mon Décret d'au jourd'hui, pour être »jugé, et condamné à trois mois de prison, s'il ne »s'est point servi de ses armes; et s'il en a fait »usage, contre qui que ce soit, il será puni de »mort.

»Tout Individû arrêtè dans un rassemblement, »convaincû d'étre un des Chefs, ou des Instigateurs »de l'Emeute, será puni de mort.»

Donnè au Palais du Quartier Géneral à Lisbonne le 14 Décembre 1807.

JUNOT.

O GOVERNADOR DE PARIS

PRIMEIRO AJUDANTE DE CAMPO DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR E REI

GENERAL EM CHEFE.

HABITANTES DE LISBOA

O maior de todos os Crimes he a Rebellião.

Vós vos deixastes arrastrar hontem por alguns máos Individuos, que para vos comprometter se atrevêrão a atirar ás minhas Tropas estando entre vós: Eu os conheço; elles pagarão com a sua cabeça o insulto, que se atrevêrão fazer á Bandeira Franceza; mas eu não confundo entre os máos os honrados Habitantes de Lisboa; e pela segurança dos bons Cidadãos, he que eu determino o que se segue:

»Todo o ajuntamento de qualquer natureza, »que elle seja, he prohibido.

»Todo o Individuo, que se encontrar armado »em hum ajuntamento, será conduzido á Commis»são Militar, creada pelo meu Decreto da data de »hoje, para ser julgado, e sentenceado em tres me»zes de prizão, se elle se não servio das suas ar»mas; e no caso de ter feito uso dellas contra quem »quer que for, será condemnado á morte.

»Todo o Individuo, que for prezo em hum »ajuntamento, convencido de ser hum dos Chefes, »ou Cabeça de motim, soffrerá a pena de morte.»

Dado no Palacio do Quartel General em Lisboa a 14 de Dezembro de 1807

JUNOT.

NA IMPRESSÃO REGIA.

que Junot preside: o resto são bonecos: é Lhuite, ministro da guerra, Venez Vaublanc, o Principal

Castro, Mello Breyner, o conde de S. Paio. Fóra a artilharia salva: «o Bragança acaba de reinar em Portugal».—Mais papeis, mais papeis: promessas de administração, de canaes no Alemtejo, um Camões para a Beira, um Camões para o Algarve, e logo a 2 esta realidade: o decreto de Napoleão, datado de Milão aos 28 de Dezembro de 1807, em que impõe ao paiz a contribuição de 40 milhões de crusados, como resgate das propriedades particulares, e a aplicação do decreto dizendo que Portugal será dessa data em adiante administrado em nome do Imperador dos Francezes. O grande homem, a quem os papeis nunca detiveram, faz do tratado de Fontainebleau um farrapo. Ahi está outra vez sem corôa a pobre rainha de Etruria; lá vae o principado de Godoy; inutil a moeda nova acabada de fundir em Madrid, *Algarbiorum Dux* de um lado e do outro a vera ephigie do amante de Maria Luiza. Talvez por essa ocasião distribuem-se em Lisboa estes versos resignados:

AS NOSSAS AFFLICÇÕES

É chegado a Portugal
O tempo de padecer,
Se te oprime a cruel França
Sorte melhor has de ter.

Portugal não he vencido;
Foi entrado por destino.
O que será dos Francezes
Está no Decreto divino,

Não entraram por capricho
De quem tem maior poder;
Decretos da Providencia
Não se podem comprehender.

Os decretos Soberanòs
Altamente concedidos,
Faltarão os Céos e a terra
Mas elles serão cumpridos

Quer Deus que sem resistencia
Cumpramos a sua vontade,
The que chegue um certo dia
Da sua eterna bondade.

Sem sangue entrarão Francezes
Porque Deus lhe abriu as portas,
Portugal neste conflicto
Suas forças sentiu mortas.

Com a fome, peste e guerra
Castiga Deus os peccados;
Soffiamos com paciencia
Castigos por Deus mandados.

Aceitemos os castigos
Vindos da mão de quem vem;
Porque quanto Deus ordena
Se converte em nosso bem.

Portugal respeita a França
Que sobre a terra tem mando;
Não uzes do teu valor
The que Deus te diga quando.

Cumpram-se as leis de França
Carregue mais seu poder,
Com soffrimento e humildade
Havemos tudo vencer.

Um reino sanctificado
Por Christo, seu Rei Eterno,
Contra um tal Reino não póde
Prevalecer o Inferno.

Conservemos sempre a fé
Amando Deus sobre tudo
Á Conceiçãó de Maria
Ficará o Inferno mudo.

Quem fôr Christão verdadeiro,
Viva em santa e firme lei,
Esperando em Jesus Christo
Nosso Deus, e nosso Rei.

Não se percão bons costumes
Da Santa Igreja Romana;
Adorando as naturezas
De Christo, divina e humana.

Portugal sempre ostentou
A lei de Christo, sem erro
Por muitas vezes venceu
A pena do seu desterro

Tremulem gabias Bandeiras
N'essas torres e castellos,
Que as bandeiras Portuguezas
Terão triunfos mais bellos.

Não nos importem Francezes
Nem o que podem fazer;
Offereçamos a Deus tudo
Esperemos em seu poder.

Não levantemos os olhos
Nem oremos de rebeldia
Que só Deus da noite escura
Cabe fazer claro dia.

Não temais ó Portuguezes
Na vossa triste aflição
Rendei coraçoens contrictos
Sereis livres da opressão.

Para cousas de mais porte
Tem Deus, Portugal guardado
De seu céo, e seu valor
Será o mundo espantado.

Deus assim o permitio
Por destino assignalado,
O Povo ficou nas penas
Bragança segue seu fado.

(Copia de um ms. da época)

Nos primeiros dias de Março os navios inglezes que bloqueiam Lisboa iluminam e salvam: chegára ao Brazil, depois de 39 dias de viagem a familia real... A maçonaria já se mexe contra Junot. José Agostinho, perseguido pela policia, esconde-se na Penha e exclama furioso: — Só vejo

as esquinas forradas de papel! (Mais decretos e editaes; o novo formulario, a que se refere o decreto de 17 de Dezembro)—Vem gente de França despachada para logares. No Porto, Taranco não quer submeter-se ás ordens de Quesnel.

No fim de Março parte para Salamanca a Legião Portugueza [1]. Em Mafra o almoxarife Euzebio Gomes anota pacientemente no seu diario:

Fevereiro 2. Faz-se reconhecer Junot Governador de Lisboa e abolio a Regencia.

Fevereiro 11. Hoje cercou o Maneta Loizon o regimento do Porto nas Caldas, dezarmou-o e deo-lhe baixa e fez arcabuzar nove Portuguezes innocentes.

Fevereiro 12. Morre o Patriarcha.

Fevereiro 14. Esta madrugada aprezarão os Inglezes huma das canhoneiras com 60 hom. de guarnição q'estava defronte de S. José de Riba-mar, e a levarão sem serem presentidos.

Fevereiro 16. Fundearam em Cascaes onze navios inglezes.

Fevereiro 17. Embarcarão muitas tropas para Alemtejo e Elvas, e só ficarão 8:000 Francezes entre o Porto e Lisboa.

Março 9. Apareceo em Lisboa um ovo q. tinha vizivelmente as letras V. D. S. R. P. e fazendo-se experiencia, não se pôde igualar. Correo isto mas não creio.

Março 18. Entrarão em Portugal 4:360 homens mandados pelo Principe Murat, q'estava em Hespanha.

[1] Um corpo de exercito de 9:000 homens, sob o comando do marquez de Alorna, tendo como 2.º comandante Gomes Freire de Andrade. Comprehendia 2 divisões. Tres regimentos de cavalaria constituíam uma brigada.

Le Général en Chef

De l'Armée de Portugal

SATISFAIT de l'exactitude avec laquelle la plus grande partie des Habitans de la Capitale et du Royanne, se portent au payement de la Contribution extraordinaire de Guerre:

DÉCRÈTE:

Toutes les personnes qui ont effectué le payement du prémier tiers de la susdite Contribution, ou qui l'effectueront d'ici à la fin du mois d'Avril courant, jouiront pour le payement du second tiers du bénéfice d'une prorogation de deux mois au de là des termes fixés, pour chacune des Classes des Contribuables, pour le Décrèt du prémier Février.

Cependant les personnes dont la quote-part de la Contribution a été divisée, pour les payemens, en trois termes, qui auraient negligé d'effectuer ces payements, jusqu'à présent, et ne les effectueraient pas dans les mois courant, encourront, aux termes du Décrèt du vingt huit de Mars dernier, l'éxécution en leurs biens, qui sera faite Militairement.

Le Secrétaire d'Etat de l'Intérieur et des Finances est chargé de l'éxécution du présent Décrèt.

Donné au Palais du Quartier Général, à Lisbonne le cinq Avril 1808.

JUNOT.

O General em Chefe

Do Exercito de Portugal

SATISFEITO da exacção com que a maior parte dos Habitantes da Capital, e do Reino se prestão ao pagamento da Contribuição Extraordinaria da Guerra, a que cada hum se acha obrigado,

DECRETA:

Todas as Pessoas que tem effectivamente pago o primeiro terço da referida Contribuição, ou o pagarem até o fim do corrente mez de Abril, gozarão do beneficio da prorogação do segundo terço por mais dois mezes, além dos prazos prescritos para cada classe dos Contribuintes pelo Decreto do primeiro de Fevereiro.

Aquelles porém, que devendo contribuir em tres épocas differentes, não só tem sido até agora omissos, mas continuarem a se-lo até o fim do presente mez, serão sujeitos á execução em seus bens, nos termos do Decreto de vinte e oito de Março proximo passado, na qual se procederá Militarmente.

O Secretario de Estado do Interior e das Finanças fica encarregado da execução do presente Decreto.

Dado no Palacio do Quartel General em Lisboa aos cinco de Abril de mil oito centos e oito.

JUNOT.

Março 24. Correeo a primeira noticia da sublevação de Hespanha contra o Principe da paz.

Março 27. Poz-se em marcha a nossa tropa para Salamanca, para passar d'ahi á França.

Abril 1. Tomou posse da Intendencia o cruelissimo, e ambiciosissimo De Lagarde.

Abril 6. Nomeou-se Junot Duque de Abrantes. Tremeo a terra levemente.

A *Gazeta* do dia 6 traz effectivamente a noticia—e o povo mumura: *Duque de Abrantes pelo Imperador dos tratantes!*... Mas Junot visa mais alto: quer ser rei. Geouffre—o senhor administrador geral dos dominios reaes!—todos os dias se roja mais fundo deante do cunhado:—Vossa Alteza! Vossa Alteza!

Os grandes estão com elle. Só o povo não se aquieta. Ha que tempos que aparecem com grande indignação da policia pasquins nas esquinas:

> A entrada valeu nm milhão
>
> Pela sahida não te dou um testão

Diz o livro da Intendencia:

16 de D.º Da Provincia chegam mais queixas. A lavoura, sem gados, está perdida. As tropas francezas comeram tudo, devastaram tudo.

17 de Dezembro (a Junot) — Continuam as prisões por motins; dão-se providencias para o alojamento de 3 a 4 mil homens nos conventos da cidade. Já se participou aos prelados do Caetanos, Dominicos, Trinitarios, Carmelitas, Camillos, Franciscanos de Jesus e Collegio dos Inglezinhos.

18 de D.º (a Junot) — Começam a apparecer pasquins — A policia propõe a Junot que se desarme o povo... «seria conveniente privar a plebe das armas que antes da creação da R. G. da Policia, em 1801, erão obrigados a ter os homens de loja aberta para acudirem ás brigas e desordens. Estas armas são denominadas chuços...»

20 de Out. — «Hoje pelas sete horas da manhã appareceu fixado em huma das esquinas da Egreja de S. Roque» um pasquim incendiario.

(O livro da Intendencia é interrompido a 31 de Março, pára só recomeçar a 21 de Setembro. Parece que Lagarde queimou todos os seus papeis antes de partir).

As desordens com os soldados repetem-se. A 25 de Dezembro é encontrado um morto no alto de Santa Catarina. Em 26 de Dezembro ha uma grande desordem entre francezes e operarios. — Os francezes arrancam os cordões d'oiro do pescoço das mulheres. — A esquadra ingleza é um phantasma que os inquieta. Amiudadas vezes a policia informa Junot: elles desembarcam, elles apossam-se da Madeira...

Aqui e alli o sangue corre. Loison fuzíla em

Au Quartier Général de Maffra, le 1. de Fevrier de 1808.

PORTUGAIS.

Un de vos Compatriotes, Hyacinthe Correa, coupable d'un grand crime a été condamné à mort Cette séverité des Loix est le garant de la tranquillité publique, à laquelle est attachée la surêté de vos personnes et de vos propriétés

Si S E. le Général Commandant en Chef, a laissé parler la Loi qui vient de frapper un des habitans du pays; tous sont témoins que cette même séverité a atteint les soldats Français, pour les excès qu'ils ont pu commettre

Portugais! rendez grace à Son Excellence, qui veille a votre sureté et prémunissez vous contre toute personne qui abuserait de votre crédulité, en vous portant à des excès dont les maux incalculables retomberaient sur vous.

Le Général de Division, Gouverneur du Palais de S^t Cloud, Commandant la 2^e Division de l'Armée

LOISON

Quartel General de Mafra 1. de Fevereiro de 1808.

PORTUGUEZES.

Hum dos vossos Compatriotas, Jacinto Correa, convencido de hum grande crime, foi condemnado á morte, esta severidade das Leis assegura a tranquillidade publica de quem dependem as vossas vidas, e propriedades

Se Sua Excellencia o Commandante em Chefe entregou ás Leis hum dos habitantes do paiz, todos presenciáraõ que tratou com a mesma severidade os soldados Francezes, quando se abandonáraõ a alguns excessos.

Portuguezes, agradeçaõ a Sua Excellencia que se interessa á vossa segurança, e acautelem-se contra todas as pessoas que procuraõ abusarem da vossa credulidade para vos conduzirem a excessos cujos males incalculaveis recahiriaõ sobre vós

O General de Divizaõ, o Governador do Palacio de S Cloud, Commandante da segunda Divizaõ do Exercito

Assignado, LOISON

Mafra Jacintho Corrêa. O paiz parece dominado.

Fortificados os pontos principaes da costa, melhoradas as obras de Cascaes e Torre; Almeida, Elvas e o Algarve guarnecidos; subordinadas de novo — Godoy é um catavento — as tropas hespanholas (Março), fuzilados alguns desgraçados nas Caldas (Fevereiro) por uma estupida rixa; Lagarde na policia e a malha da espionagem lançada sobre todo o paiz (partira para o Porto o mr. Perron, delegado da policia)[1] a delação premiada e uma caterva de aventureiros já despachados de França; a Legião Portugueza com os nossos homens mais validos para além de fronteiras — o duque de Abrantes ordena aos governadores, ás ordens de Estado, magistratura, prelados, etc., que o vão cumprimentar. E marca a hora da recepção. Corôa a obra (Abril) um tribunal especial em Lisboa e Porto, destinado a punir os crimes contra a segurança publica. A sentença é executada em vinte e quatro horas. Junot tem efectivamente o paiz nas mãos. A Academia Real das Sciencias pede-lhe a honra de presidir ás suas

[1] Fôra suprimido o conselho da regencia, creado no conselho do governo para cada provincia nomeado um *corregedor mór,* (25 de Março) encarregado de dirigir todos os ramos da administração publica: para a Estremadura Mr. Pepin de Bellisle, para o Alemtejo Mr. Lafont, para Entre-Douro e Minho Mr. Taboureau, para a Beira José Pedro Quintella, e para o Algarve Mr. Goguet.

sessões. Só o Nuncio esperto, o Nuncio todo mel, fugira n'um bote, disfarçado em pescador, para a esquadra ingleza (Abril), como conta Euzebio Gomes:

Abril 22. Fugiu o Nuncio para a Esquadra fundeada defronte de Cascaes.

Maio .2. N'este dia se sublevarão os Hespanhoes contra os Francezes em Madrid.

Maio 6. Cahio hum raio em huma fragata nossa em Lisboa, que matou o commandante francez, e levou a bandeira. Tremeu a terra levemente.

Maio 25. Cahio um raio na Capitania das Naus Russas que lhe levou o mastro do meio todo e matou 5 homens.

Maio 26. Esta tarde fui á Ribeira, e quando vim, sempre a chover, e foi tanta a chuva cá para cima, que as estradas hião cobertas de agoa e em partes parava, sem ter onde pôr os pés, que todas as pedras hião cobertas de agoa.

Maio 29. Juntou-se o Clero, Nobreza e Povo na junta de 3 Estados para pedir Rei ao diabo da frança.

Cada um, mesmo as figuras subalternas, segue entre as galas e a opera, a sua propria ambição. Junot scisma em ser rei, Ega em ser ministro, Loison no oiro, Delaborde nos quadros... E o Geouffre todos os dias se curva mais fundo: — Vossa Alteza — O general «mudou de natureza». Exige que lhe falem com reverencia, seu ar é solemne. Loison quando se junta com os outros — que não o podem vêr — enche-os de sarcasmos. Os Seabras intrigam e o velho jurista pondera e

calcula... [1] Junot escreve á mulher, que a esse tempo vive na esplendida Folié Saint-James, que o banqueiro Harinquerlot lhe alugára em 1808, dizendo-lhe que venha logo que possa. Para a França partira uma deputação que devia estar em Bayonna entre 5 e 10 de abril, com o fim ostensivo de pedir a Napoleão a reducção do imposto —com o fim oculto de lhe pedir um rei para Portugal. A um de elles, a Rezende, diz Seabra: —«O melhor que a sua deputação, senhor Marquez, tem a fazer para ficar immortal é ser impassivel: e se eu não me engano Napoleão em breve cae do throno por não ter ha muito tempo cahido em si». O velho já hesita, já duvida... A 15 de maio deprehende-se em Lisboa pela leitura da *Gazeta,* que a deputação dos portuguezes, todos escolhidos a dedo por Junot, obtivera que Portugal não fosse incorporado na Espanha. São de essa occasião as duas cartas que seguem, uma de Ega, outra, modelo de servilismo, do bispo do Porto:

[1] O velho Seabra é sem duvida nenhuma o auctor do decreto e regimento dos corregedores móres; o homem que a ocultas manobra pela realeza de Junot, o inventor do phantastico conselho conservador de Lisboa. A familia ajuda-o. Seu irmão Lucas de Seabra, quando Intendente da Policia, devassa sobre os pasquins e serve de todas as fórmas o governo intruso. Seu filho Antonio de Seabra é o auctor da proposta para se substituir nas lojas maçonicas o retrato do Principe Regente pelo de Napoleão.

1.ª (de Ega a Godoy)

Sereniss.º Señor

Mui Señor meu e estimadissimo amigo; esta qualidade deve conservar e augmentar a nossa confiansa e jamais afrouxar em pessoas que como nós sabem ser constantes quaisquer que sejão as circunstancias que occorrão: Nesta certeza estava eu, mas faltávame contestação a huma carta que te escrevi pouco depois da retirada da familia real desta capital: mas agora sei que fôra desemcaminhada e que não chegára á tua mão, e por isso continúo sem socego a buscarte por este meyo, para segurarte a minha verdadeira amisade.

Huma Deputação composta das primeiras pessoas da Nobreza portugueza vae presentar-se a S. M. o Emperador dos Francezes; o não ser designado membro della me privou da grande satisfação que teria de ver-te nessa Corte; mas havendo nella occupado «só» o Emprego que exercitei junto de S. M. Catholica me não era proprio a concorrencia de muitos e esta estou seguro será a tua opinião.

Aqui estou e aqui conservo a memoria das destintas honras com que S. S. M. M. Catholicas me favorecerão, e que farão o meu eterno reconhecimento; rogo-te pois que a seus augustos pés ofreças os meus respeitos e os mais sinceros votos pella sua existencia, Paz e felicidades. A Condessa te pede juutamente queiras ter a bondade de dizer da sua parte a S. M. a Rainha que ella tem prezente na sua imaginação e impresso no seu coração todos os favores e distinções que sempre devera a S. M. e muito mais as expressões lisongeiras com que a honrou quando se separou ultimamente da Sua Augusta Presença, e que espera igualmente que S. M. conserve aquella Benevolencia que a Condessa procurou constantemente merecer-lhe,

e que toma a liberdade de assegurar a Seus Reaes Pés que tem o mayor pezar de que as circumstancias politicas a fizessem separar dessa Côrte, que considera como huma nova Patria. Estes são, meu amigo, os puros sentimentos de toda esta familia.

Hum animo grato; hum coração sincero e huma amizade sem interrupsão me fazem apreciar sempre o tempo que tive a satisfação de acharme mais perto de ti; de quem protesto ser

Fiel e verdadeiro amigo e respeitoso servidor q. t. m. b.

J. Ayres.

Seriniss.º Señor
Principe Almirante Generalissimo.

Lisboa, 22 de março de 1808.

2.ª (do Bispo a Napoleão):

«*Sire:—A Deputação Portugueza junto da Pessoa Sagrada de V. M. I. e R. acaba de transmitir a seus concidãos uma carta, que preenche dignamente o objecto de sua missão, porém, que não augmentou* a confiança sem limites que desde muito tempo eu *trazia calculada com a grandeza e clemencia incomparavel de V. M. I. e R. Assim que as tropas francezas entraram n'este Reino* minha voz *pastoral aquietou publicamente meus dioccsanos e garantiu sua segurança, lembrando-lhes que uma nação pouco extensa, e além d'isto, docil e submissa ás leis, não oferecia outra gloria ao grande Napoleão mais do que a gloria de* a fazer feliz.

«*Por esta pratica antecipei eu as seguranças de que foram depois orgão os deputados meus compatriotas.* Tenho pois a gloria de haver antecipado, *por ser o* primeiro *que annunciei aos Portuguezes a benevolencia de V. M. I. e R. que outra coisa não lhes pode dar que não seja segurança e felicidade.*

«*Eu os* excederei *ainda, se é que podem ser excedidos, nos sentimentos mais declarados de gratidão e respeito, que eu tenho a honra de transmittir, conjuntamente com os d'elles, á Augusta presença de V. M. I. e R., accrescentando-lhes as mais humildes e fervorosas orações, que por meu caracter episcopal sou obrigado a fazer pela conservação e gloria de nossa santa religião catholica, e as que o amor da patria reclama.*

«*A patria, orphã e incerta de quaes seus destinos é infinitamente digna de atrair as vistas compassivas de V. M. I e Real.*

«*Eu rogo a Deus, nosso Senhor, que haja em sua santa guarda a pessoa sagrada de V. M. I. e Real. Porto, 22 de maio de 1808* (Assignado) *Antonio, Bispo do Porto.*»

Houve iluminações até na provincia. Quem viria? Luciano Bonaparte ou Lannes? Dado o primeiro passo resta pedir um rei ao Imperador. O Ega não descansa. Todo o dia anda de sége, de porta em porta:—El-Rei Junot! El-Rei Junot!—Mal a ideia transpira, é logo combatida. Carrion de Nizas escreve para França e para os jornaes estrangeiros noticias escandalosas àcêrca de Junot. Os jornaes inglezes publicam que elle tem um «amor a tres e nada platonico». Souci, ajudante de campo de Kellermann, de braço dado com Carrion de Nizas e outros achincalham o novo pretendente

á corôa; o negociante francez Verdier, Ricardo Raymundo Nogueira protestam. É ainda José de Seabra da Silva quem encontra o meio de se pedir a Napoleão Junot como rei. Pertence á cathegoria dos homens que são sempre consultados mesmo quando não estão no poder. Só elle encontra a fórmula simples:—A Nação que dê o seu voto.—Como?—Consultando as antigas côrtes. —E sorri, logo os socega:—É claro que se não convocam côrtes, mas para tudo ha fórmulas... —Apela-se para a seguinte ficção: havia uma junta dos tres estados, destinada a vigiar no intervalo das sessões o emprego do dinheiro votado em côrtes [1]. Falta uma representação pedindo um principe. De um lado para o outro todo o dia o Ega afadigado corre. Mal a coisa transpira, Verdier, Duarte Coelho, o conego Simão Brandão, Ricardo Nogueira, etc., que reunem em diferentes casas e comunicam com os liberaes do Porto,

[1] D'essa commissão só restavam o conde da Ega, o conde de Almada e o conde de Castro Marim. Junot mandou que se lhe juntassem os deputados de todas as mais ordens civis do estado (abril de 1808). E escolheu-os a dedo: nomeou, pelo *estado do clero* o principal Miranda e o principal Noronha; pelo *estado da nobreza* o conde de Peniche e D. Francisco Xavier de Noronha; pela *ordem da magistratura* o desembargador do paço Manuel Esteves Negrão, Lucas de Seabra da Silva e José de Seabra da Silva; pela *municipalidade e povo* os desembargadores João José de Faria da Costa Abreu Guião, Luiz Coelho Ferreira de Faria, o juiz do povo José d'Abreu Campos, e o escrivão do povo.

de Vianna e da provincia, e com a maçonaria emfim — porque é a maçonaria que se mexe — formulam outra supplica, a de uma Constituição. É preciso, porém, dar-lhe caracter de representação nacional. Apelam tambem para o povo, para o juiz do povo, o tanoeiro José de Abreu Campos. Chamam-no a casa do desembargador Francisco Duarte Coelho, na manhã de 22 de maio. É um homem rude, é um homem grosseiro ao pé do Ega, dos Seabras, dos generaes, dos fidalgos — é um simples tanoeiro. Recusára-se sempre a arrancar as armas portuguezas da sua vara de juiz, com estas palavras altivas: — As armas não são da casa de Bragança, são da Nação. — É um obstinado. Lêem-lhe o papel, acceita logo. «São os principios fundamentaes das liberdades politicas do paiz, que os nossos maiores não puderam vingar na acclamação de D. João IV.» A junta reune a 23, presidida pelo Ega, que propõe Junot para rei. O tanoeiro, porém, adianta-se e entre o sobresalto de aquelles homens submissos lê:

«Senhor! — Desejâmos ser ainda mais do que eramos, quando abrimos o oceano a todo o universo. *Pedimos uma constituição e um rei constitucional,* que seja principe de sangue da vossa real familia. Dar-nos-hemos por felizes se tivermos uma constituição em tudo similhante á que vossa magestade imperial e real houve por bem outorgar ao grão-ducado de Varsovia, com a unica differença de que os representantes da nação sejam eleitos pelas camaras municipaes, a fim de nos conformarmos com os nossos antigos usos. *Queremos uma constituição,* na qual, á similhança da de Varsovia, a religião

catholica apostolica romana seja a religião do estado; em que sejam admittidos os principios da ultima concordata entre o imperio francez e a santa sé, pela qual sejam livres todos os cultos, e gosem da tolerancia civil e de exercicio publico. Em que todos os cidadãos sejam iguaes perante a lei. Em que o nosso territorio europeu seja dividido em oito provincias, assim a respeito da jurisdicção ecclesiastica, como da civil, de maneira que só fique havendo um arcebispo e sete bispos. Em que as nossas colonias, fundadas por nossos avós, e com o seu sangue banhadas, sejam consideradas como provincias ou districtos, fazendo parte integrante do reino, para que seus representantes, desde já designados, achem em a nossa organisação social os logares que lhes pertencem, logo que venham ou possam vir occupá-los. Em que haja um ministerio especial para dirigir e inspeccionar a instrucção publica. Em que seja livre a imprensa, porquanto a ignorancia e o erro tem originado a nossa decadencia. Em que o poder executivo seja assistido das luzes de um conselho d'estado, e não possa obrar senão por meio de ministros responsaveis. Em que o poder legislativo seja exercido por duas camaras com a concorrencia da auctoridade executiva. Em que o poder judicial seja independente, o codigo de Napoleão posto em vigor, e as sentenças proferidas com justiça, publicidade e promptidão. Em que os empregos publicos sejam exclusivamente exercidos pelos nacionaes que melhor os merecerem, conforme o que se acha determinado no artigo 2.º da constituição polaca. Em que os bens de mão morta sejam postos em circulação. Em que os impostos sejam repartidos, segundo as posses e fortuna de cada um, sem excepção alguma de pessoa ou classe, e da maneira que mais facil e menos opressiva fôr para os contribuintes. Em que toda a divida publica se consolide e garanta completamente, visto haver recursos para lhe fazer face. Queremos igualmente que a organisação pessoal da administração civil, fiscal e judicial seja conforme o systema francez, e que por conseguinte se reduza o numero immenso dos nossos funccionarios publicos; mas desejamos e pedimos

que todos os empregados que ficarem fóra dos seus quadros recebam sempre os ordenados, ou pelo menos uma proporcionada pensão, e que nas vacaturas tenham preferencia a outros quaesquer. Era sem duvida inutil lembrar esta medida de equidade ao grande Napoleão; mas como sua magestade imperial e real quer conhecer a nossa opinião em tudo o que nos convem, evidentemente nos prova que é mais pae do que soberano nosso, dignando-se consultar seus filhos, e prestar-lhes os meios para serem felizes.—*Viva o imperador*».

Á noite Abreu Campos é ameaçado. — Facinora! facinora! — exclama Junot que quer ser rei absoluto. Abaixo a constituição! Por fim assignam todos o papel do Ega, que vem a ser aprovado no dia 24 de maio. No dia seguinte o clero, a nobreza e os tribunaes assignam-no tambem [1].

[1] Falla um contemporaneo — Ratton:

«Tambem pela occasião em que o General em Chefe passou ordens para que a Corte e todos os Tribunaes se achassem em dia e hora determinada na Junta dos Tres Estados, recebeu a Real Junta do Commercio a mesma ordem; na conformidade da qual fui com os tres meus collegas em corpo de Tribunal á dita Junta dos Tres Estados, aonde se nos declarou que eramos chamados para assinar o peditorio de hum Rei a Bonaparte. Qual fosse o sentimento que teve cada hum em particular em semelhante occasião pode mui bem julgar-se; mas a força o suffocou: e havendo a Corte, Clero e todos os Tribunaes assinado a seu pezar o referido peditorio, assinou-o tambem a Junta do Commercio.

Devo tambem declarar que na occasião em que Junot mandou hir á sua presença, em dia e hora assinalada, o Corpo do Commercio de Lisboa precedido da Real Junta, para o congratular, e achando-nos já em presença do General, fui rogado e instado pelo Barão de Quintela para ler huma falla

A esse tempo já os camponios do Ribatejo assassinam os soldados francezes. No fim de abril, segundo o *Observador,* corre em Lisboa que a Espanha se sublevára. Transmitem-se noticias em

escrita em Francez, e dirigida ao dito General em nome do Commercio Portuguez. Pensei então que me encarregavão de ler esta falla, da qual eu não tinha antecipado conhecimento, por ser escrita na minha lingua materna; e mostrando eu aquella repugnancia que é natural em ler hum papel do qual não tinha idéa alguma, com tudo as reiteradas instancias do Barão, e a Presença do General que de mui perto as observava me puzerão na obrigação de ler a tal falla, como podem bem testemunhar todos os negociantes que alli se achavão. Acabado de ler o papel o entreguei ao General: e ao mesmo tempo o Deputado que fazia as vezes de Presidente da Real Junta por ter carta do Conselho deo a Junot hum estojo: o qual foi entregue e recebido sem se proferir palavra. Não entrei em duvida que o estojo continha hum presente de brilhantes: e como não tivesse pela Junta o menor conhecimento de semelhante presente, inferi, como era natural, que seria dadiva pessoal do dito Deputado, ou talvez de concerto com o Dono da casa por pertencerem ambos ao Contracto do Tabaco.

Ao sahir da ceremonia encontrei Mr. Dupuy, cravador de diamantes, e perguntando-lhe se sabia alguma cousa daquelle estojo, sem hesitar me respondeo que sim, e que continha a cifra do General em brilhantes, cujo valor andava por oitenta mil cruzados. No que me parece que se enganou, por quanto meu Collega o Dr. Domingos Vandelli que servio na Inspecção da Contadoria da Real Junta, depois da feliz Restauração, supprindo o Deputado Conselheiro que não appareceo mais no Tribunal depois da expulsão dos Invasores, me dice na occasião da nossa deportação, haver visto no Livro de Sahida da Caixa da mesma Real Junta, a parcella de 40 contos de reis para o dito estojo.»

AU NOM DE SA MAJESTÉ
L'EMPEREUR
DES FRANÇAIS,
ROI D'ITALIE,
Protecteur de la Conféderation du Rhin:

NOUS DUC D'ABRANTES,
GÉNÉRAL EN CHEF
DE L'ARMÉE DE PORTUGAL,

Avons décreté et décretons ce qui suit:

MONSIEUR LAGARDE, Intendant-Général de Police du Royaume de Portugal, est nommé Conseiller de Gouvérnement.

Il assistera aux Séances du Conseil.

Donné au Palais du Quartier Général, à Lisbonne, le 16 Avril, 1808.

Signé:

LE DUC D'ABRANTES.

Par Monseigneur le Général en Chef,

Le Sécrétaire-Général du Conseil de Gouvernement,

Signé: *VAUBLANC.*

EM NOME DE SUA MAGESTADE
O IMPERADOR
DOS FRANCEZES,
REI DE ITALIA,
Protector da Confederação do Rheno:

NÓS O DUQUE DE ABRANTES,
GENERAL EM CHEFE
DO EXERCITO DE PORTUGAL,

Temos Decretado e Decretamos o seguinte:

MONSIEUR LAGARDE, Intendente Geral da Policia do Reino de Portugal, he nomeado Conselheiro de Governo.

Elle assistirá ás Sessões do Conselho.

Dado no Palacio do Quartel General, em Lisboa aos 16 de Abril 1808.

Assignado:

O DUQUE DE ABRANTES.

Pelo Ill.mo e Ex.mo Senhor General em Chefe,

O Secretario Geral do Conselho de Governo,

Assignado: *VAUBLANC.*

segredo: o norte prepara-se... «Já no fim d'abril se conhecia o espirito da Restauração; e principalmente no Alem-Tejo havião muitos individuos que esperavão momentos favoraveis: a convulsão da Hepanha, e a oppressão, em que a Nação estava, consolidavão bem os planos d'alguns, que ao depois tomarão grande parte e fizerão serviços eternamente lembrados pela Patria: o mez de maio foi o em que principiou o alvoroto e foi quando occultamente se manejarão combinações entre os Vassallos Portuguezes e Hespanhoes, a fim de sacudirem o jugo dos Tyrannos.»

De França não veem noticias. Junot em vão oferece cem mil francos a quem lhe leve uma carta a Napoleão. A esquadra, que nunca desce a menos de oito navios, ronda a costa. Desde abril que Junot se recusa a receber parlamentarios, mas o inglez, pelos pescadores e pelos emigrantes, sabe tudo o que se passa. O povo não deixa os altos da cidade e queda-se a olhar as velas. Espreita, espera... Ha para os lados de Mafra um velho conego que aponta todos os dias no seu almanach:—Uma vela! duas velas!...—Mora á beiramar e leva os dias a contar os navios inglezes: «Passaram hoje dois navios inglezes.» Junot, que costuma passear no alto das Chagas, escorraça os magotes exclamando:—Que diabo esperam? D. Sebastião?—A esquadra sobresalta-o. O inglez vem merendar á terra; chega-se em bo-

tes ao pé dos fortes: — Fogo! fogo! — Desde janeiro que se estabeleceu nas Berlengas. Um cutter de guerra sobe pelo Tejo acima, observa a esquadra russa. Em março dois brigues e algumas chalupas, com tropas de desembarque, tentam apoderar-se do Bugio: — Fogo! fogo! — Insistem: mandam parlamentarios a Junot, que dá ordens precisas para se fazer fogo sobre qualquer embarcação que se aproxime da costa. Decretos, editaes, papelada, prohibem sob pena de morte — «seductor e espião» — a passagem para bordo dos navios inglezes. A esquadra é um phantasma. Nos dias 24 e 25 de maio aproxima-se da costa e logo Lisboa corre aos altos. O velho conego anota: «Dia 8 — passaram hoje mais tres navios inglezes.»

Noticias de França nem uma. Com o almirante russo Junot já não conta: abre-lhe desconfiado a correspondencia. Todos os dias correm em Lisboa boatos absurdos. Comentam-se os estupidos fusilamentos de Mafra e das Caldas «mortos sem confissão» acentuam os frades. Só «por escarneo» deixaram confessar um doido, Manuel José. Colam-se mais pasquins nas esquinas, que a policia rasga. Mas o povo faz o mesmo ás proclamações: «No tempo estavam as esquinas cobertas de Proclamações, Decretos, Editaes e Boletins, que muitos dos que passavam atiravam lama ou peor. De noite eram rasgados apesar das precauções» (*Conversa entre as esquinas do Rocio).* Lagarde é ridicularisado por ter mandado

matar mais de dois mil cães vadios (11 d'abril); por prohibir de novo que se deixem vaguear pelas ruas bois, vacas e cabras, depois das onze horas da manhã; e por não permitir a venda de molhos de chaves velhas (13 d'abril) porque «facilitão os roubos e ataques feitos á Propriedade». Nos serões, nos cafés, não se fala senão no Jinot, nos inglezes, na Espanha, no norte e nos ultimos pasquins...

Tudo corre de mal a peor.

*

Todos os dias em Lisboa ha rixas entre populares e soldados. Junot vigia os espanhoes, que são instigados a desertar. As cartas anonymas exasperam-no. Lagarde abre a correspondencia suspeita. O papel desce. Tem 28 a 30 por cento de desconto: chega a 35 e dias ha em que ninguem o compra. Varios oficiaes insistem com Junot, que encolhe os hombros, para que se apliquem os estudos do engenheiro Verdier, para o campo entrincheirado entre Cacilhas e Setubal.—O paiz está-me nas mãos—. É popular uma nova dança obscena a que o povo chama *Jinot*. O ilustre pintor Sequeira, muito do conde de Forbin, pinta dois quadros: «Lisboa amparada pelos Genios das Nações e pela Religião e consolada por Junot, e um Genio pairando com um ramo de saudades

n'uma das mãos e na outra um medalhão com esta legenda: o duque d'Abrantes.» Notam-se mais caras novas em Lisboa: é a gente que veio de França despachada para os empregos: Mr. Loyé, inspector geral dos Dominios da Corôa e Infantado; Mr. Guichard, inspector geral das Alfandegas; Mr. Millié, inspector geral das Contribuições; Mr. Pépin de Belliste, auditor do Conselho de Estado; Mr. Lafond, Mr. Taboureaut, etc., etc. A 10 de junho, a pretexto de embarque para a Espanha, os francezes, com artilharia, cercam os espanhoes no Terreiro do Paço e desarmam-nos. Correm noticias de sublevação e mostram-se cartas ás escondidas. Lagarde faz publicar que a Espanha se revoltou por Napoleão não consentir em que Portugal fôsse absorvido. Vive n'um sobresalto. «Em todas as ruas de Lisboa havia espias pagos pelos francezes» *(Observador Portuguez)*.

A 16 de junho sáe a procissão do Corpo de Deus. Vem gente dos arrabaldes, que logo de manhã enche as ruas. As damas penteiam-se de vespera e ficam sentadas toda a noite, porque os penteados são complicados e muito raros os cabeleireiros. Esse dia, o da Semana Santa e o de finados, são os tres grandes dias em que a mulher sáe e se mostra. A procissão é uma mascarada, com pretos de farda vermelha e amarela, e atraz do palio o rei, os ministros, a côrte. Mas n'esse anno correm boatos absurdos e anda tudo n'um alvoroço: — O S. Jorge não sáe porque não tem

Le Gouverneur de Paris,

Primier Aide de Camp
de Sa Magesté
l'Empereur et Roi,

Général en Chef:

DÉCRÈTE

A dater de ce jour, tous les Actes Publics, les Loix, Jugemens, etc., etc. de quelque nature qu'ils puissent être, qui précédemment étaient rendus au Nom de S. A. R. le Prince Régent de Portugal, porteront pour Formule: *Au Nom de S. M. l'Empereur des Français, Roi d'Italie, Protecteur de la Confédération du Rhin.*

Tous les Actes Administratifs et d'Exécution relatifs à quelques Décrets ou quelques Ordres émanes du Gouvernement actuel, porteront outre la Formule ci-dessus: *Et en consequence du Décret ou des Ordres de S. Excellence le gouverneur de Paris, Premier Aide de Camp de S. M. et Général en Chef de l'Armée Française en Portugal.*

La Formule employée par le Gouvernement, sera: *Au Nom de S. M. l'Empereur des Français, Roi d'Italie, Protecteur de la Confédération du Rhin, le Conseil du gouvernement entendu:* (quand il y aura en Conseil pour cet objet.)

Le Gouverneur de Paris,

O Governador de Paris

Primeiro Ajudante de Campo
de Sua Magestade
o Imperador e Rei,

General em Chefe.

DECRETA

Da data deste em diante todos os Actos Públicos, Leis, Sentenças, etc., etc., de qualquer natureza que sejão, que até agora se fazião, e processavão em Nome de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, principiarão pela Fórmula séguinte.=*Em Nome de S. M. o Imperador dos Francezcs, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rheno.*=

Todos os Actos Administrativos, e de Execução, relativos a qualquer Decreto, ou Ordem, emanados do actual Governo, terão, além da Fórmula acima, a seguinte:=*E em consequencia do Decreto, ou das Ordens de Sua Excellencia o Governador de Paris, Primeiro Ajudante de Campo de S. M., e General em Chefe do Exercito Francez em Portugal.*=

A Fórmula empregada pelo Governo, será:=*Em Nome de S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rheno, ouvido o Conselho do Governo*=(quando o Conselho tiver sido consultado.)

O Governador de Paris,

etc., Prémier Aide de Camp de S. M., Général en Chef de l'Armée Française en Portugal, decrete.

Et quand il n'y aura pas en déliberation au Conseil, la Formule sera: *Au Nome de S. M. l'Empereur des Français, etc., etc.*

Le Gouverneur de Paris, etc., etc., Décrete, ou Ordonne:

Le Cachet du Gouvernement sera le même que celui de l'Empire Français avec ces mots: *Gouvernement de Porgal.*

Le Sécrétaire d'Estat de l'Interieur et des Finances, le Sécrétaire d'Etat de la Guerre et de la Marine, et le Regedor, sont chargés de l'Exécution du présent Décret, chacun en ce qui les Concerne.

Donné au Palais du Quartier Général le premier Février 1808.

JUNOT.

Primeiro Ajudante da Campo de S. M., General em Chefe do Exercito Francez em Portugal, Decreta.

E quando não tiver havido deliberação no Conselho, a Fórmula será: = *Em Nome de Sua Magestade o Imperador dos Francezes, etc., etc.*

O Governador de Paris, etc. Decreta, ou Ordena.

O Sello do Governo será o mesmo do Império Francez, com esta Legenda: — *Governo de Portugal.* —

O Secretario de Estado do Interior, e das Finanças, o Secretario de Estado da Guerra, e da Marinha, e o Regedor, são encarregados da execução do presente Decreto, cada hum pela parte que lhe toca.

Dado no Palacio do Quartel General no primeiro de Fevereiro de 1808.

JUNOT.

NA IMPRESSÃO IMPERIAL E REAL

chapeu. O chapeu (cheio de riquissimas joias) levou-o o duque de Cadaval para o Brazil.—Não, o Junot é que não quer que o S. Jorge saia por elle ser inglez.—Lagarde achára prudente prohibir a procissão, mas o *conselho conservador* afirmára a Junot que não haveria perigo. O general ordena que a procissão saia, apezar das cartas anonymas que n'esse mesmo dia recebêra com injurias e ameaças: «Has-de ser hoje assassinado». Vae para a balaustrada do palacio da Inquisição com as amantes, com a Ega, a Thomieres, a Trousset. Em baixo postára a artilharia. Mas a procissão demora-se.—Não sáe! não sáe!—O Santissimo Sacramento não quer sahir do sacrario.—É por causa dos jacobinos!—Milagre!—Junot rompe por ali fóra e vae elle proprio buscál-o, mas mal começa o desfile ha um reboliço na praça.—Ahi vem! fujam!—Pouco passa do meio dia; as baterias salvam. É a procissão que irrompe de S. Domingos.—Fujam! fujam! fujam!—Soldados, pretos, mulheres, frades, n'um panico estupido, empurram-se, enovelam-se, cahem gritando:—Fujam! fujam!...

No dia 25 de junho reune o conselho do governo e Junot vocifera ameaças. Já toda a Lisboa sabe que se revoltou a Espanha e o paiz desde o principio do mez, mas a *Gazeta* continua a publicar noticias como esta:

GAZETA DE LISBOA

2.º SUPPLEMENTO

Domingo, 26 de Junho de 1808

As noticias de Espanha, imparcialmente analisadas, são tão satisfatorias quanto se possa esperar na conjunctura actual, emquanto os reforços de Tropas francezas, que se adiantão de todas as partes, não acabão de chegar á sua destinação.

A revolta cessou de estender-se; e os seus Chefes começão já a conhecer que he mais facil mover a multidão contra a autoridade legitima, que contela depois nos limites que convem á sua ambição: varios dentre elles teem já perecido victimas daquella mesma fermentação que tão imprudentemente excitárão. Os demais conhecem que para huma multidão allucinada com loucas esperanças, tudo he bello nos primeiros dias; mas que quando, sem estar o animo affecto ás armas, e á disciplina, he preciso abandonar a familia e a casa, para ir arrostar a fadiga e huma morte certa contra os vencedores da Europa, contra as Tropas mais aguerridas que tem havido no mundo, facilmente falta a paciencia, e em breve he revogada pelo dissabor.

Nas ruas vae-se preso por se não tirar o chapeu a Junot ou por se ler uma carta suspeita. A 10 do mez corrêra que Bellesta, de guarnição no Porto, se retirára com a sua gente, levando Quesnel preso; a 19 que o Porto se sublevára. E de ahi por deante todos os dias boatos: — O Bellesta voltou sobre o Porto. — No Algarve foram aprisio[illegible]s 400 francezes. — Em Coimbra e Traz-os-

Montes já foram todos apanhados — Vae haver saque e massacre. «Andavam os moradores de Lisboa fallando pelos cantos, uns mostrando cartas dos seus amigos e parentes do Porto e provincia sublevados; outros contando em segredo os preparativos dos militares de Coimbra» *(Observador Portuguez,* 8 a 15 de Julho). Junot faz promesses: promete aos soldados portuguezes dar-lhes o mesmo soldo e *étape* que aos francezes, prohibe as fogueiras de S. João e S. Pedro. Mandára a 24 recolher todas as armas que estivessem nas mãos dos particulares; e como a 1 de julho tivesse fugido muita gente para os arrabaldes, porque se espalhára que haveria saque e massacre, prohibe quo se saia de Lisboa e obriga os que já o tinham feito a voltar, sob pena de prisão.

Já o triste Pedro de Mello Breyner, que partira para o norte para socegar os insurrectos, tornára acossado, sem ter podido sequer passar de Leiria; já (2 de julho) o Principal Castro e outros tinham publicado pastoraes ameaçando de excommunhão todos os que hostilisassem as tropas francezas; já Junot proclamára afirmando que passaria á espada cidade ou vila que se revoltasse — e ainda Lisboa espera por D. Sebastião... Tinham reaparecido as prophecias. Um homem encontrára no quintal um ovo de galinha com estas letras em relevo D. S. R. P., *D. Sebastião Rei de Portugal,* e o bairro alvoroçou-se. Foi gente dos confins de Lisboa examinar o ovo, que andou

pelas casas «em uma salva de prata para se ver», e o velho passou á cathegoria de propheta. São chegados os tempos. Napoleão vem ahi com os seus exercitos e então sahirá de entre dois montes um homem de avultada estatura e matál-o-ha. Os sebastianistas exultam com a noticia dos morticinios: «é o signal de que o dia está proximo». Reaparecem as trovas do preto do Japão, o attestado dos religiosos de Santo Antonio dos Capuchos sobre a ilha encoberta; as prophecias do Canada do Algarve, as do mouro de Granada, e andam em todas as boccas os versos de Bandarra:

Desamparar o cortiço
Uma abelha mestra vejo,
As outras com muito pejo
Não tem azas para isso.

Este sonho que sonhei
Hé verdade muito certa,
Pois lá da Ilha encoberta
Vos ha-de vir este Rei.

Os boatos falsos e verdadeiros trazem Lisboa, os cafés e os frades n'um sobresalto. Quando em fins de junho consta que os inglezes desembarcaram em Peninche e Nazareth, Lagarde ironico noticía que «cem meninos perdidos desembarcaram na Nazareth.» Ao mesmo tempo na *Gazeta de Lisboa* escreve:

Lisboa continúa a gozar de huma grande tranquillidade, apezar do vão terror que certos individuos, que se conhecem e sobre os quaes se vigia de perto, procuram espalhar, e apezar das exaggerações que a malevolencia divulga, ou que a inadvertida credulidade adopta cegamente sobre a entrada de alguns pequenos corpos de paizanos Espanhoes em algumas partes das fronteiras. Sem duvida he esse hum mal momentaneo a que certas combinações de huma ordem superior não permittem dar remedio tão promptamente como se desejára, porque convem esperar que se desenvolva hum plano geral dictado pela mais profunda sabedoria. Que são porém algumas partidas Espanholas contra hum exercito, tal como o do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Duque de Abrantes, prompto a esmigalhar a ellas e aos seus cumplices, quando menos o esperarem? ¿Como he possivel que se deixe de ver por outra parte que esses espanhoes, afóra qualquer outra causa coactiva, terão de voltar precipitadamente á sua patria, á medida que as tropas Francezas, que se vão adiantando, submetterem o interior do seu paiz, assim como já tem submettido o Norte e a Capital do mesmo; e que então, ao mais tardar, abandonarão aquelles dos Portuguezes, que tiverem desatinadamente abraçado a sua causa, á animosidade de de hum vencedor justamente irritado?

Para ajuizar do resultado dos acontecimentos actuaes, não se deve fugir de este pensamento decisivo, e bem proprio para conter na ordem e no dever todos os homens de razão: *¿Que póde a Espanha, que poderão até algumas Provincias revoltadas de Portugal, quando, em vez de estarem sem Chefes, sem concentração, sem interesses communs, se vissem reunidas contra aquelle gigante da França, tantas vezes victoriosa da Europa e dirigida pelo Grande NAPOLEÃO?*

Espalham-se coisas absurdas: — Vem ahi sobre Lisboa 50 mil frades e paisanos com inglezes e

espanhoes. — Tendo corrido que o Maneta fôra preso e posto a ferros por Sepulveda, que o tem exposto em Bragança dentro de uma gaiola, vae muita gente esperál-o ao Terreiro do Paço, para se desenganar, e assiste ao desembarque da bagagem enorme, que carrega vinte barcos — o saque. No dia 23 as lojas fecham á pressa, as tropas ocupam as principaes ruas da cidade. Todos os dias ha marchas e contra-marchas. Junot proclama aos soldados fazendo-lhes saber que vem por Bragança 20 mil homens para os auxiliarem. Ega proclama os magistrados e a proclamação é depois imitada:

TRADUCÇÃO LIVRE

D'ARENGA DO CONDE DA EGA

ORIGINAL	TRADUCÇÃO
O Conde da Ega, Conselheiro do Governo, Encarregado da Repartição da Justiça:	*O Infelíz Conde da Ega, Pessimo Conselheiro do Intruso Governo, Illegalmente Encarregado da Repartição da Injustiça.*
Aos Magistrados Empregados na Administração Judicial.	*Aos Magistrados Empregados na Administração Judicial.*
Os deveres do Ministerio, que me unem com vosco, sabios, e respeitaveis Magistrados, me obrigão a di-	Os deveres do Ministerio, que tão vergonhosamente me unem com vosco, sabios, e respeitaveis Magistrados, não

rigir-vos, nas actuaes circunstancias, expressões, que serão sem dúvida accordes com os vossos mesmos sentimentos.

tem suffocado ainda de modo os estimulos da minha consciencia, que me desobriguem de dirigir-vos, nas actuaes circunstancias, expressões, que serão sem dúvida accordes com os vossos mesmos mais puros, e livres sentimentos.

Nós tinhamos esperanças bem fundadas de sermos felizes: as nossas Leis, os nossos Privilegios, e os nossos Costumes se guardavam e mantinhão: alguns defeitos, e abusos, que seria indispensavel emendar, se irião pouco a pouco destruindo, até que hum novo Codigo, que o Systema seguido por toda a Europa tem feito necessario, e no qual vós mesmos ha annos trabalhaveis, acabasse de aperfeiçoar a nossa Legislação. As Leis serião então respeitadas, a Justiça administrada sem suborno; os Magistrados, sendo dignos, gozarião da consideração pública; e se alguns o não fossem, as mesmas Leis os privarião das suas funções.

Nós não tinhamos esperanças algumas bem fundadas de sermos felizes: as nossas Leis, os nossos Privilegios, e os nossos Costumes nunca forão guardados, nem mantidos: alguns suppostos defeitos, e abusos, que se cria indispensavel emendar, já mais se verião destruidos, antes levados ao maior excesso, e mais ainda accrescentados por hum novo Codigo, que o Systema seguido violentamente por toda a Europa tem mostrado ser prejudicial, e no qual vós mesmos nem tendes sido ouvidos, nem consultados, por ser o seu fim corromper, e anniquilar a nossa Legislação. As Leis serião tão respeitadas, como o tem sido ha nove mezes: a Justiça, e injustiça administrada sómente por soborno; os Magistrados, sendo dignos, nunca serião admittidos a gozar da consideração pública; e os que não o fos-

Tal era o brilhante quadro da nossa futura existencia, se por ventura, depois de termos dirigido os nossos votos ao Trono Augusto de Napoleão o Grande, esperassemos socegados a sorte, que o seu Genio sublime nos preparava, e nos havia promettido! Vós todos, respeitaveis Membros da Magistratura, os firmasteis em testemunho authentico de vossos sentimentos.

Dissesteis commigo ao Imperador, que tomasse a Nação Portugueza de baixo da sua Poderosa Protecção, que a regenerasse, que nos désse a Constituição, e o Soberano, que na Sua Alta Comprehensão julgasse mais adequado á nossa felicidade, e á dos nossos vindouros: rogamos-lhe, e este foi o sentimento mais expressivo dos nossos votos, que não permittisse que fossemos confundidos com outra Nação, atribulados nossos animos com a horrivel lembrança de que poderia-

sem, a venalidade os conservaria no uso das suas funções.

Tal era o sombrio quadro da nossa futura existencia, se por desgraça, depois de termos dirigido involuntariamente os nossos votos ao infame trono de *Nopoleão* o *Usurpador*, esperassemos socegados a sorte, que o seu genio ambicioso nos preparava, e nos havia promettido! Vós todos, respeitaveis Membros da Magistratura, coactamente os firmasteis em testemunho authentico da força, com que erão extinguidos os vossos sentimentos

Não dissesteis *comigo* ao *Usurpador*, que tomasse a Nação Portugueza debaixo da sua decantada *Protecção*, para nos affligir; que a regenerasse espoliando-a; nem que nos désse a Constituição, e o Soberano, que na sua furiosa, e avara comprehensão julgasse mais adequado aos seus extravagantes destinos, e exaltação da sua obscura parentella; rogamos-lhe, cercados de baionetas (e este foi sempre o modo com que lhe exprimimosos os nossos mais insignificantes votos) que não permittisse que fossemos confun-

mos fazer parte d'aquella que já nos havia agrilhoado.

didos com outra Nação, porque os nossos animos senão atribulavão com a pueril lembrança do *Papão*, isto he, de que poderiamos fazer parte d'aquella, que já nos havia agrilhoado; pois nos recordavamos do prompto, e feliz modo ou de evitarmos, ou de tirarnos esses grilhões.

Que he pois o que nos acontece? Trocão-se em amargura as mais bem fundadas esperanças! A persuasão dos nossos visinhos foi bastante, para que huma parte das nossas Provincias seguisse desacordada o pernicioso exemplo da rebelião, que vai sepulta-las na sua total ruina. Vós, magistrados territoriaes, que, convocando a Nobreza, e Povo dos vossos Districtos, fizesteis resoar na presença do Chefe, que nos governa, as mais energicas expressões de gratidão, e reconhecimento ás Beneficas Intensões do Imperador para com Portugal: dizei ¿que motivos vos constrangerão a excitar e promover a discordia, e a rebelião desses desgrassados Povos, subindo o vosso indiscreto fanatismo, ao

Que he pois o que nos acontece? Trocão-se no maior prazer as mais bem fundadas esperanças da nossa eterna ruina! A persuasão dos nossos visinhos accordados, aliviando-nos do pesadello, que tolhia a acção do nosso mui antigo desengano, foi bastante para que todas as nossas Provincias, quasi a hum mesmo tempo, sem se communicarem humas com outras, e agitadas do mesmo espirito, seguissem illustradas o vantajosissimo exemplo da Restauração, que vai mete-las de posse da sua completa felicidade. Vós, Magistrados territoriaes, que, mandados pela força convocar a Nobreza, e Povo dos vossos Districtos, fizesteis resoar na presença do *tirano*, que nos governa, as mais violentas expressões de gratidão, e reconhecimento ás cavilosas in-

enorme crime de saciardes o vosso particular rancor, fundados em principios errados do interesse publico? Vemos em Beja a desolação, que semilhante perfidia produziu, e vemos em muitas outras partes horrores, e crueldades pouco proprias de huma Nação, que se presava de generosa. ¿Qual será o resultado deste desvario? Tremo quando o considero.

. . . .

tenções do *Usurpador* para com Portugal, dizei: ¿que sagrados motivos vos persuadirão a excitar, e promover a liberdade, e o resgate desses opprimidos Povos, subindo a vossa sublime inspiração ao generoso feito de saciardes vossos intimos desejos, fundados em certissimos, e inabalaveis principios do Interesse Público? ¿Não vedes em Beja a desolação, que similhante intrepidez fez produzir nos corações malvados? ¿Não vedes, e não temeis vos succeda, como em muitas outras partes, os horrores, e crueldades, muito proprias de huma Nação, que, affectando de generosa, tem sobremontado as balisas da mais inaudita barbaridade? ¿Qual será o resultado de tão heroica resolução? Não caibo em mim de alegria quando o considero.

. . . .

A 24 de julho fuzilam no Terreiro do Paço um desgraçado como espião. A 25 outro reboliço: é Loison que parte para Cacilhas com a tropa. O povo corre nas ruas *Monsieur Bandó,* o cabeleireiro do general em chefe. Nas esquinas mais pasquins:

O throno de Napoleão anda em leilão.

Muitos soldados da real policia a cavallo, fogem, desertam. Troça-se nos cafés o ataque ao cirio de Nossa Senhora, ao pé de Leiria, que os francezes tinham tomado por um bando de insurrectos[1]. Distribuem-se os seguintes versos manuscriptos:

Quem opprime os Portuguezes,
Quem os rouba sem ter do?
É esta tropa Franceza
De quem é chefe o Junot.

Pois então em Portugal
Consentem tanto ladrão?
Que ha de ser se nelle entraram
Promettendo protecção?

A entrada d'esta gente
Foi com grande intrepidez.
Descalços de pé e perna
Dois aqui, acolá tres.

[1] Mais tarde publica-se um folheto com este titulo: «Esta famosa batalha foi travada nos campos d'Otta entre o general francez Margaron e Thereza Maria da Silva, juiza do cyrio da Ameixoeira. O exercito d'esta era forte de 25 paisanos camponezes d'infantaria, armados de cajados, 12 dragões armados de varinhas de marmeleiro; de 6 velhas muito gordas que serviam de obuses e que lançavam por invento novo 10 bombas por minuto, etc.»

Uns curando sempre a sarna
Com cara de malinados,
Outros com fome de rabo
Mesmo cahindo a bocados.

Mas vejo que os não mataram
Que a canalha toda brilha
Que ha de ser, se cá havia
Muitos da sua quadrilha.

Que fizeram esses então?
É maroteira em excesso:
Foram logo os da Regencia
Beijar o chefe no sêsso.

E o chefe da Policia
O conde de Novião?
Esse já era maroto
E agora é ladrão.

O Senado de Lisboa
Esse grande Tribunal?
Quatro centos para prato
Offerecem ao General.

Os Grandes e a Fidalguia
Esses haviam de brilhar?
Pois não! O Ega a mulher
Ao Junot foi entregar.

He onde póde chegar
O genio de ser cabrão.
Emfim, já chamam á Ega
Princeza do Ramalhão.

Que tem feito em tal desordem
Os Portuguezes honrados?
Para a Esquadra, os que puderam,
Fugiram d'estes malvados.

Mas então como foi isto
Nas outras repartições?
O resto do nosso Exercito
Arsenaes, e fundições?

Para acabar de uma vez
Tudo já te vou narrar,
Verás a rotina nova
De, protegendo, roubar.

Depois de ter assolado
O reino de Portugal,
Entraram logo por fim
Em a sua capital.

Começou o seu rebate
Com um famoso Edital,
Concebido nestes termos
Em nome do General:

O grande Napoleão
Imperador e Rei
Mandou-me a proteger-vos:
Eu vos protegerei.

Começou a protecção
Escripta n'este Edital
Em se fazerem senhores
De toda a casa Real

Bestas, seges e mais trens
Tudo andou n'uma poeira,
E d'aqui a tudo o mais
E seguiu a ladroeira.

Valorosos de Austerlitz,
Acabou vosso valor;
Todos á uma fugiam
Do mais pequeno rumor.

Sabe Deus se esse Austerlitz,
Esse Marengo, esse Yena,
Que o Gazeteiro nos diz
Será valor só de penna.

Deve em memoria ficar
Do Corpo de Deus o dia,
Ao Francez abandonar
Toda a sua artilharia.

Forte acção, forte batalha,
Em Portugal a primeira!
Bater-se a Tropa Franceza
Com o Cirio da Ameixoeira.

E a esta genta do Cirio
Com a sua devoção,
De repente encontra a Tropa
Do grande Napoleão.

Investe com tal valor
Este exercito aguerrido,
Que tudo desbaratou
Sem ter um dos seus ferido.

Só de burros mais de mil
Foram mortos n'esta acção;
Duas bandeiras tomarão
Da Virgem da Conceição.

*

Ha que tempos varios patriotas se juntam em duas lojas no largo do Poço Novo, com o bacharel Bernardo José de Oliveira Teixeira Cabral (vice-consul da Prussia) á frente! Elle o diz: «Ali sem receio de que revê-se uma só palavra, qualquer voz, qualquer dito e mesmo qualquer gesto...» Conspiram. Mas conspiradores, conspiradores são os do *conselho conservador,* inspirado por José de Seabra da Silva... Segundo a acta n.º 1, de 5 de fevereiro, de 1808, os primeiros que resolvem fundar a associação são: — G.... Matheus Augusto, José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, José Carlos de Figueiredo, Antonio Gonçalves Pereira e André da Ponte do Quental Camara. Lagarde sabe logo da conjura, mas Junot, que tem a noticia em primeira mão, na casa de Costa Bandeira, ou pelo Seabra, que entendia ser aquella a maneira de iludir os descontentes, ou por uma das suas amantes, mulher de um major de artilharia, Junot diz-lhe sorrindo: — Deixe-os, deixe-os... — Assim protegidos por Junot, e em comunicação com os elementos revolucionarios da provincia e com o almirante inglez, o *conselho conser-*

vador paralysa todos os movimentos «á espera de melhor opportunidade». Vem os motins, o desassocego da tropa espanhola, o desembarque dos inglezes, a insurreição no norte, e o conselho espera... Já não restam soldados francezes em Lisboa, amotina-se o povo no Rocio, e elle ainda exige prudencia... Reunem-se ás 8 horas da noite, alternadamente uns em casa dos outros. São seis a principio, são mais tarde cerca de trezentos. Resolvem sempre... prudencia, deixar que se peça um rei, e tudo emfim o que não dê como resultado «serem castigados ou perseguidos porque fazem falta ao Leal Partido.» Um discorre sobre a perfidia, outro cruzando os braços adora «os impenetraveis mysterios da Divina Providencia.» Parecem literatos fundando uma Arcadia. Na sessão XIV o capitão José Maximo Pinto da Fonseca imagina um plano para surprehender Junot e depois de o aprovarem recomendam uns aos outros «immediato, fervoroso e geral cuidado.» Resultado: compram «vasos para atirarem aos francezes das janellas abaixo.» Isto é compram penicos. Resolvem alistar gallegos, para o que procuram o capitão das bombas e escrevem proclamações sobre proclamações. Ainda na occasião em que Junot parte de Lisboa para o Vimeiro elles redigem uma acta n'estes termos: Sessão XXVIII: — «Verificada a sahida de Junot, não havendo resposta alguma do Exercito e em atenção á da Esquadra: propõe-se: 1.º fazer uma diversão ao Inimigo por

escripto; 2.º que, se como era provavel, a Plebe, ou alguma sociedade estranha, vendo que as forças inimigas aqui eram poucas, se animasse a romper tumultuariamente por impulso da malicia, do crime, do sceleratismo ou da impudencia, atalhar estes males, dirigindo-se a massa popular para seu proprio proveito e gloria, dando-lhe Chefes.» E decidem lançar nova proclamação «da qual fica encarregado o Secretario.» Entre outras pessoas «até os Governadores estavam para qualquer empreza prudente e digna.» Conspiravam...

Euzebio Gomes vae escrevendo o seu diario:

Junho 3. Correo noticia de ter entrado o soccorro inglez em Cadiz e outras partes da Espanha.

Junho 10. Constou que o general espanhol Balesta, que estava no Porto, se retirou com sua tropa para Espanha, levando prisioneiros o general francez Quesnel e todos os mais soldados francezes.

Junho 11. Esta noite em Mafra houve uma trova (trovoada) horrivel; e n'este dia os francezes desarmaram os espanhoes.

Junho 12. N'este dia os francezes desarmaram e perderam em Mafra o Primeiro batalhão de Granadeiros de Castella Velha, e uma força de cavallaria de Maria Luiza, que para aqui tinham vindo com o francezes. Tinham os espanhoes ido á missa, e logo que entraram para a Egreja sahiram todos os francezes armados para o largo das cavallariças e alli formaram em cluna (columna) aberta, tendo na rectaguarda a cavallaria e no lado do poente a artilharia carregada e com morrões acesos; logo em seguida marchou uma força e foi entrar para o quartel dos espanhoes; forçaram e prenderam a guarda,

entraram no quartel, apoderaram-se do armamento, que foi logo retirado do quartel, e vieram juntar-se aos que estavam no largo formados em cluna. Os espanhoes sahiram da Egreja e marcharam para o quartel seguindo pelo lado do Torreão do Norte para entrar pelo portão do pateo das bicas, segundo o costume, n'aquelle intervallo mandaram fazer alto, e logo os francezes fecharam o portão, a cavallaria e artilharia correram a tomar-lhe a rectaguarda, e o commandante francez intimou ao Coronel e officiaes espanhoes que estavam prisioneiros. Os espanhoes vendo-se cercados e que não tinham partido nem força para resistir, cederam e entregaram-se. Passados 8 dias veio uma força de cavallaria para os conduzir para Lisboa, e foram mandados para bordo das Naus Russas que estavam no Tejo. No mesmo dia e á mesma hora foram desarmados e presos os que estavam em Lisboa e Santarem.

Junho 18. Foi Loison atacado no Pezo da Regoa pelos paizanos armados que lhe mataram 500 homens e lhe tomaram todo o trem, fugindo os francezes, e salvando-se á pressa, até largarem as armas, para poderem correr melhor.

Junho 19. Correu noticia de estar o Porto e toda a provincia do Minho em armas contra os francezes.

Junho 23. Levantou-se o Algarve e aprisionou mais de 400 francezes com o general Maurin e os remetteram para a Esquadra Ingleza.

Julho 1. Marcharam de Lisboa 4:000 francezes para rebaterem os que se tinham levantado no Algarve, etc.

Julho 2. Esta tarde veio ordem para se irem os francezes do forte de Ribamar e logo marcharam.

Julho 20. Chegaram a Lisboa os francezes que foram a Leiria, e os de Loizon batidos.

Julho 25. Hoje mesmo partiram os francezes a marchas forçadas contra Evora.

Julho 30. Hoje emfim entraram os francezes á força em Evora e fizeram uma carnagem propria d'elles, e a saquearam, morreram no saque 900 pessoas de todo o sexo e edade, aqui mataram o Bispo do Maranhão.

Agosto 3. Hoje appareceram 42 navios da Roca até ás Berlengas. Sol e vento norte muito forte e algumas nuvens.

Agosto 4. Appareceram os mesmos navios. O mesmo vento menos forte.

Agosto 10. Faz hoje 15 dias que foram 4 alqueires de trigo para o moinho do Cravo e aquelle maroto sem o moer até agora, prometendo todos os dias.

Agosto 12. O mar muito bravo e muito irregular. Appareceram 9 navios.

Agosto 19. Pouco vento sudoeste, nevoa sobre o mar e e sol quente. O mar muito manso. Appareceram 16 navios que dizem desembarcaram muitas tropas em Porto novo, e que houve combate na Columbeira com inglezes.

*

No Dáfundo a tia Joanna continúa a fazer piteus afamados. Ha feira no Campo Grande e á noite iluminação. Passam com magestade para o sermão as familias ricas. Atraz, á distancia respectiva, acompanham-nas as pretas com os cãesinhos ao colo. Os bichos têm nomes ternos: chama-se um *melindre* e o outro *suspiro*. Nos *oratorios* ha sempre rixas: conta um que no da Travessa da Espera perdeu oito dentes, outro, no *oratorio* do Moinho de Vento, por uma satyra que fez a uma moça, levou um risco na cara ... As meninas dão os motes. Só os pasquins não cessam:

O ducado de Abrantes
está a vagar por instantes

Os generos tinham encarecido logo no principio do anno: «Subiu o pão, diz o *Observador*, a 48 reis o arratel, e com muita mistura: a pobreza desoccupada, sem ter em que se empregar, lamentava a fome que a devorava: os generos coloniaes n'estes dias (28, 29, 30 de Janeiro) subirão a altos preços, principalmente o Algodão, o Café e o Assucar.» Em Março: «os jornaes abaixarão muito, e nem assim havia serviço para os empregar; os creados foram despedidos, ou ficarão pelo sustento, ou por metade do salario; e os jornaleiros da mesma fórma...» E a lamentação segue: —30 a 31 de Março: «ha falta de pão.—18 d'abril: o pão sobe a sessenta e quatro reis.—2, 3, 4 e 5 de maio:—o Café e Assucar n'estes dias crescerão em preço, de modo que o primeiro já o não vendiam a 10$000 a arroba; e o segundo, conforme a sua qualidade, 3$600 a 3$900 réis.—1 de julho: assucar a 3$800 e 4$000 réis, etc.» E os frades no seu *Dietario* quasi não falam senão no preço dos generos: Março: «Já para o fim d'este mez se ha sentido g.[de] falta em alguns generos de p.[a] necessid.[e]; e não foram bast.[es] as Providencias que o g.[o] executou p.[a] virem das Provincias Trigos, Legumes, Azeites etc., p.[a] não subirem os generos consideravelmente; o q. não aparecia inda apezar de dinh.[o] era Peixe fresco porq. como estavão vedados de sahir fóra da Barra os Pescadores não se podia haver um bocado de peixe fresco. Tão bem faltava o Bacalhão por

Royaume de Portugal

L'Intendant-Général
de la Police
Du Royaume de Portugal

CONSIDERANT qu'à l'approche des fortes chaleurs, la foule des chiens vagabonds qui, abandonnés à aux-même, parcourent les rues de Lisbonne, peut être du plus grand danger;

Considérant qu'il en résulte souvent, sur tout pendant la nuit, de fâcheux accidens; et que leurs aboyemens qui troublent le repos des habitans; avertissent en outre les voleurs des poursuites de la force armée,

ORDONNE CE QUI SUIT:

I. Dés le jour de l'affiche du présent, il est défendu de laisser errer aucun chien dans les rues ou Places Publliques de Lisbonne et Banlieue.

II. Tout chien trouvé, separément de son maitre ou conducteur, pourra être tué sur place par celui qui le recontrera, et auquel, en ce cas, appartiendra la peau.

III. Il est enjoint à la Garde Militaire de Police, tant individuellement que circulant en Patrouilles, de tuer les dits chiens par tout où ils seront rencontrés sans maitre, en choisissant préférablement, à cet effet, les temps des rondes de nuit.

Reino de Portugal

O Intendente Geral
da Policia
Do Reino de Portugal

CONSIDERANDO o perigo que póde seguir-se da multidão de cães vagabundos, que girão pelas ruas de Lisboa no tempo dos grandes calores;

Considerando outrosim nos desagradaveis acontecimentos, que dahi muitas vezes resultão, principalmente de noite; e que os seus ladros, ao mesmo tempo que perturbão o socego dos Habitantes, advertem os Roubadores do seguimento da justiça,

ORDENA O QUE SE SEGUE:

I. Desde o dia da affixação do Presente, fica prohibido o deixar andar cães vagando pelas ruas, ou Praças publicas de Lisboa e Suburbios.

II. Todo o Cão, que se achar sem dono ou conductor, poderá logo ser morto por aquelle que o encontrar, pertencendo neste caso a pelle ao matador.

III. A Guarda Militar da Policia, tanto cada soldado em particular, como rondando em Patrulhas, fica obrigada a matar os ditos Cães, onde quer que os encontrar sem dono, escolhendo para esse effeito, com preferencia, o tempo das Rondas nocturnas.

IV. La Troupe Française qui fait partie de ces rondes, ou qui en fait de son côté, est aussi invitée, et au besoin, requise de concurir à délivrer la Ville de cette multitude de chiens.

V. Durant les huit jours qui suivront la publication du present, les Corrégidors et Juges de Crime de Lisbonne et Baulieue sont autorisés à requérir, chacun dans son arrondissement, une charette, ou à employer les mulets-arrieros, pour faire enlever, de grand matin, les chiens tués.

VI. Ils obligeront à cet effet leurs Alcaïdes à parcourir, de très bonne heure, leur quartier respectif, avec la charette ou les mulets, pour enlever les chiens tués, ainsi que les chats ou autres bêtes mortes; et les faire emporter hors de Lisbonne dans les endroits où il est d'usage de déposer les immondices. L'Administrateur chargé de la propreté des rues, les secondera de tous les moyens qu'il a à sa disposition.

VII. Les Précautions préscrites pour fournir, durant les chaleurs, de l'eau aux chiens, et les garantir de l'hydrophobie, sont de nouveau rappellées et confirmées, sous les peines existantes contre les contrevenans.

VIII. Les Réglemens qui défendent de conduire dans les rues de Lisbonne les vaches ou chevres, *le matin passé onze heures*, pour les

IV. Os Soldados Francezes, que fazem parte destas Rondas, ou rondando elles mesmos, são igualmente convidados, e, em caso de necessidade, rogados de concorrer para livrar a Cidade desta multidão de Cães.

V. Durante os oito dias, que se seguirem depois da publicação do Presente, os Corregedores, e Juizes do Crime de Lisboa, e Termo ficão authorizados para exigirem, cada hum no seu districto, huma Carreta, ou para empregarem as bestas dos Ribeirinhos, na conducção dos Cães mortos, pela manhã muito cêdo.

VI. Para este effeito obrigarão os seus Alcaides a girar ao amanhecer pelo seu respectivo Bairro com a Carreta ou bestas de Ribeirinho, para tirarem os Cães que se matárão, os gatos, e outros animaes mortos, e fazellos conduzir fóra de Lisboa aos lugares, ou depositos das immundicies. O Administrador, encarregado da limpeza das Ruas, lhe fornecerá os meios, que tem á sua disposição.

VII. As cautelas prescriptas para fornecer, nos tempos calmosos, agua aos Cães, para os preservar da Hydrophobia, são agora renovadas e confirmadas debaixo das penas existentes contra os transgressores.

VIII. Os Regulamentos, que prohibem conduzir Vacas e Cabras pelas Ruas de Lisboa depois das onze horas do dia, para se mugirem ás

raire aux portes des maisons, tsont renouvellés, avec les amendes et peines y mentionneés.

IX. Il est également défendu de laisser vagner dans les rues et carrefours tout bœuf, vache, ou chevre sans clochette, sous peine de les voir saisir, par étre confisqués au profit des hôpitaux. Ceux qui les surprendront en ces sortes de cas, les ameneront désormais, de suite, *à l'hôtel de l'Intendance Général de la Police du Royame (au Rocio);* et y recevront, s'il y a lieu, une récompense sur les produits de la vente.

X. Seront pareillement saisies et amenées *à l'Intendance Générale* toutes les chevres qui à Lisbonne ou aux environs, seront trouvées sans sonnetes, dans les chemins ou dans les biens des particulièrs.

XI. La Présente Ordonnance sera publiée et affichée, tant à Lisbonne que dans la Baulieue, pour y recevoir la plus prompte exécution spécialement recommandée au zele de la Garde Militaire de Police, comme aussi à tous fonctionnaires attachés à la Police, en ce qui concerne chacun.

Lisbonne, le 9 Avril 1808.

L'Intendante-Général
de la Police de Lisbonne et
du Royanme de Portugal,

P. LAGARDE.

portas das Casas, são igualmente renovados com as Multas, e Penas nelles mencionadas.

IX. He igualmente prohibido que se deixem vagar pelas Ruas, e encruzilhadas Bois, Vacas, e Cabras sem Campainha, sob pena de serem tomadas, e confiscadas em beneficio dos Hospitaes. Aquelles, que nestes casos as apanharem, conduzillas-hão immediatamente ao *Palacio da Intendencia Geral da Policia do Reino* (no Rocio), onde receberão, se tiver lugar, huma recompensa, tirada do producto da venda.

X. Serão outrosim tomadas, e conduzidas á *Intendencia Geral* todas as Cabras, que em Lisboa, e seus Contornos se acharem sem Chocalho, ou Campainha, assim nas Estradas, como nas Terras dos Particulares.

XI. A presente Ordem será publicada, e affixada, tanto em Lisboa, como no Termo, a fim de obter a mais prompta execução, especialmente recommendada ao zelo da Guarda Militar da Policia, e a todos os Empregados, e Addidos á mesma Policia, cada hum pela parte que lhe toca.

Lisboa, nove de Abril de 1808.

O Intendente-Geral
da Policia de Lisboa e do
Reino de Portugal.

P. LAGARDE.

falta de commercio e por isso o que se comia era Cavalinha, Sarda e outros insignificantes e pessimos Pescados, e isto m.º p. preço extraordinario. — 27 d'abril: os generos de primeira necessid.e vão sempre subindo mas por ora não tem havido falta de trigo está a 1$200 e 1$400 o alqueire. Az.te a 3$000 e a 5$000 réis por almude. Feijão a 1$000 e a 1$100. Manteiga a 550 e 600 réis. — 30 d'abril: a Litteratura está de todo estagnada. Pois só me consta do Kalendario ou Almanak dos Empregados do Governo Francez. — 28 de maio: sahiu á Luz o livro intitulado *Memoria das primeiras açoens Militares do Sr. General em Chefe Junot,*» E o frade accrescenta com ironia: «Inda não o Li, mas suponho será admiravel.» — 30 de julho: «a quadra de todo este mez foi m.to temperada e talvez por isso mesmo m.to saudavel. Ha aqui um Fenomeno notado p. quasi todos a saude de q. se gosa em Lx.a e em todas as Classes de Peçoas, de maneira que os m.os Professores de Medicina Confessão não terem lembrança de cousa semelhante em toda a sua Vida.»

É que Lisboa anda mais limpa. A policia matou os cães, o que deu lugar a motins, e varreu o lixo e o entulho. Limpára-se o boqueirão do caes de Sodré, ficára a imundicie do caes de Manuel Ribeiro. Os oficiaes francezes e os jacobinos portuguezes reunem-se no *Nicola.* Sobre a porta o José Pedro mandou pintar novo letreiro: *Café Militar.* Junot todos os dias recebe cartas anony-

mas com deleções e ameaças. Os espiões são aos centos. Os soldados piscam o olho *por senha* ás saloias e fazem-lhes gestos obscenos. As esquinas estão forradas de papel «Ha mezes que nos estão a roubar e a prometter futuras e brilhantes felicidades.» De noite, a ocultas, pregam-se mais pasquins:

> **Junot: come e dança**
> que a tua cabeça
> não torna a França

Pararam as fabricas, cessaram os trabalhos, o lavrador não semeia. As estradas são perigosas: infestam-nas quadrilhas de ladrões. Os theatros estão vasios á excepção de S. Carlos: José Agostinho, escondido para os lados da Penha, só sae a passear pelos solitarios olivaes, e escreve o *Motim Litterario*, que adiante publicou, dizendo de Bonaparte «que tinha uma coróa tecida de louros e de cornos.» Anda tudo cheio de espiões e não faltam admiradores dos francezes. Nos botequins do Rocio os palradores expõem planos phantasticos:—«Os portos da America devem ser fechados aos inglezes para se ultimar a paz.» Vem outro e segreda:—«O Smith tem bombardas.» Quem tem a culpa de tudo isto? «Voltaire—no dizer do padre—o verbosississimo charlatão de Ferney, que escreveu 99 calhamaços, acabando o cento o seu

camarada Condorcet.» Janotas atravessam o Rocio enlameado, de meias e sapatos, com o chapéu elastico debaixo do braço para não amarrotar a gaforina, ou rodam embrulhados em capotes de baetão encarnado para algum mysterio d'amor. Homens graves discutem negocios de alta ponderação, «de sobrancelhas arqueadas e palavras compassadas como gottas d'alambique.» São os antigos dos nossos conselheiros. Só se fala na politica de Bonaparte. Fala o Taful, «que na sociedade faz de Leonardo, mancebo enamorado, e traz as algibeiras cheias de finezas estudadas»; fala o que vae para o café bater punhadas nas mesas; «falla o petimetre de quatro palmos, que fundiu todo o seu capital para comprar um relogio de repetição e cada quarto d'hora o faz soar.» Desde 30 de novembro que tudo parece sonho ou fabula a José Agostinho de Macedo: «Quatro franchinotes de comedia transformados em generaes e governantes, um serralheiro metamorfoseado em Intendente, com mais leis que Justiniano, fazendo uma nova Instituta para os ferros velhos e como é senhor de gazuas que abrem as portas todas, quer proscrever da terra as chaves ferrugentas: e querendo ladrar e morder só, fazendo o mesmo aos cães que Herodes fez aos innocentes, promettendo por premio aos canicidas a pelle e quatro vintens. Não estou eu vendo com meus olhos, saltimbancos transformados em triptolemos cultivadôres, gisando canaes que se hão de abrir, depois de exgottados aquel-

les por onde nos vinha que comer e que vestir? E não estou eu observando á sombra d'estes olivaes alguns portuguezes, homens de bem ao menos por honra da Patria, que tiveram mudados em novas fórmas de aduladores e adoradores aquelles mesmos que lhes vão sem cerimonia e sem escrupulo tosquiando a lã e arrancando a pelle?...»

CONSULTA

SOBRE AS GRATIFICAÇÕES MENSAES QUE SE DERÃO AOS GENERAES JUNOT E LABORDE

Senhor. Por aviso de 15 de Dezembro proximo he V. A. R. Servido declarar que constando-lhe que o Senado da Camara offerecera gratificaçoens mensaes aos Generaes Junot, Laborde e Herman, manda V. A. R. que este Senado consulte sobre as ditas offertas, com declaração das obras que teve, quantias d'ellas e importancia do que se pagou. A tudo o referido promptamente obedece este Senado, com a veneração e fidelidade com que sempre respeitou os seus legitimos Soberanos.

Apenas Junot entrou n'esta capital, e principiou a representar não como Protetor das Reaes Intençoens de V. A., mas sim de Despota, e orgão de Napoleão, pouco tempo depois espalhou a voz vaga que elle reparava que o Senado da camara de Lisboa o não tivesse contemplado com huma gratificação d'aquellas que os Generaes Francezes commandantes em chefe como elle era e o Governador da cidade por elle nomeado estavam no costume de receber em todas as terras onde chegavam. Esta voz vaga muito repetida em casas que frequentava, e a pessoas a quem fallava, aceleradamente se

foi augmentando e no fim d'alguns dias foi acompanhada de ameaças, dizendo que no caso que não tivessem esta contemplação, ou que ella não fosse correspondente ao seu caracter, tinha toda a auctoridade para lhe impor uma contribuição violenta; pois que não queria prescindir do costume que em eguaes circumstancias tinham feito impor aos Generaes como elle. Tudo isto constou perfeitamente n'este Senado, que valendo-se da ignorancia, nada praticou. Vendo Junot infructiferos aquelles tratos passou a outro estratagema de mandar fazer huma insinuação verbal neste Senado, persuadido que houvesse logo de offerecer como donativo huma prestação mensal de 16 mil crusados logo repartidos, sendo doze para elle Junot, dois para Laborde e dois para Herman, aditando a esta proposição por uma parte com ameaças e por outra com promessas de effectiva proteção a favor do Senado e do Povo de Lisboa. Á vista d'esta proposição já este Senado não podia recorrer á ignorancia e era forçoso decidir...

...N'esta triste situação conheceu o Senado que não tinha a quem recorrer, que lhe desse decisão por escripto para a sua defesa, por quanto Herman estava presente no Despacho da Regencia, aonde nada se despachava nem decidia sem a sua assistencia, e n'estas criticas circumstancias deliberou que hum dos Vereadores participasse o referido a cada hum dos Regentes por V. A. R. nomeados por suas casas, pedindo a decisão; assim o praticou e cada hum por si nada resolveu, mas que confeririam e dariam resposta... No dia seguinte foi o mesmo Vereador chamado á Regencia, ao qual tambem hum dos Regentes por V. A. R. nomeado, disse em seu nome, e dos outros com quem tinha conferido que se fazia necessario fazer o sacrificio em proporção ao estado das rendas do Senado, para se evitar o damno que a todos ameaçava. Em consequencia d'esta decisão (unica a que podia recorrer) mandou o Senado fazer a offerta, que Junot e Delaborde promptamente acceitarão, porem Herman recusou, com o fundamento de que pelo logar que occupava, não podia receber donativos. Com o maior trabalho se apresentaram as mesadas do primeiro mez,

e não obstante se suspenderem todos os pagamentos, com muito maior trabalho se apresentaram as seguintes, sendo infalivel que nos dias que se demorava o pagamento eram continuados os Avisos e recados para se lhe pagar, principalmente Laborde que d'uma vez mandou buscar a sua a casa do Fiel do cofre d'este Senado com uma escolta de soldados. Pela conta junta se mostram os mezes e tempo que durou este sacrificio importando o seu total 20:800$00 reis que unicamente receberam. Vendo o Senado que absolutamente não podia suportar tal despeza, apesar do sacrificio a que se propunha, porque as rendas diminuiram por se fechar a Barra, e extinguir o Commercio, deliberou que hum dos Vereadores participasse a Junot a absoluta impossibilidade a que o Senado se achava reduzido, o que o mesmo Vereador manejou com tal actividade, e destresa, que Junot logo cedeo, e Laborde foi difficil convencel-o, mas por fim tambem cedeo, e não receberam mais cousa alguma...

... Tambem o Senado se considera obrigado a representar a V. A. R. que aquelles donativos vieram a ser uteis ao Senado, á Igreja, e ao Povo de Lisboa e seu Termo. Ao Senado que emquanto durou o intruso e despotico Governo Francez, nunca se intrometteu no economico governo do Senado e suas leis municipaes, nem na administração e conhecimento do seu cofre, antes sempre o consideraram com algum respeito, sendo unico Tribunal que não mutilaram na sua authoridade, nem maltrataram, tanto assim que estando nos precisos termos de entrar para a contribuição decretada no 1.º de Fevereiro com metade das suas rendas, cujo primeiro terço importa em 20:878$000, nada pagou nem foi obrigado a pagar, antes havendo hum Ministro em Lisboa que fez embargo nas rendas d'alguns inquilinos de propriedades do Senado, pela contribuição que lhe competia, propondo-se a Junot este procedimento, se mandaram logo levantar os embargos, e ficou absolutamente isento. A Egreja porque extorquindo-se toda a prata ás egrejas de Lisboa e do Reino, praticando o Senado as ideias que lhe occorreram, ficou isenta a da Real Casa de

S.to Antonio, que conserva a mesma prata que tinha, assim como se praticou com outras egrejas. Finalmente ao Povo de Lisboa e Termo, porque sendo obrigado a arbitrar uma Derrama sobre as Lojas e vendas d'esta capital e seu Termo, e sobre as dos mestres de officinas mechanicos na conformidade do dito fatal Decreto, o Senado procedeu com tal diminuição e brandura que só pagaram pelo primeiro terço no total 23:144$676 reis, a saber as Lojas e vendas 16:112$162 reis e as officinas 7:036$514 sendo tantos os collectados como mostra a Conta junta; e não obstante esta diminuição, não foi o Senado increpado d'ella, nem ainda pela demora, assim como aconteceu á Real Junta do Commercio, não obstante arbitrar quantias grandes, que recebeo continuos avisos, e do mesmo modo outras Authoridades, constituidas, a quem se havia incumbido a fiscalisação e a cobrança de parte da dita violenta contribuição. Em consequencia do referido, que com humilhação e respeito expõem, espera o Senado merecer a Real e Magnanima Attenção de V. A. R., afim de obter a Regia Aprovação de todos os procedimentos que teve, etc....

Lisboa, 8 de Janeiro de 1810. João José de Faria da Costa Abreu Guião—Luiz Coelho Ferreira do Valle e Faria—João Anastacio Ferreira Raposo—Joaquim José Mendes da Cunha—José Diogo Mascarenhas Netto—Francisco de Mendonça Arraez e Mello. Não vão assignados os Procuradores dos mesteres, porque os d'aquelle anno já não são Vogaes do Senado da Camara.

Resumo dos Donativos que se derão aos Generaes Francezes Junot e Laborde.

A JUNOT

Em 24 de Dezembro de 1807 . .	4:800$000
Em 30 de Janeiro de 1808 . . .	4:800$000
Em 27 de Fevereiro de 1808 . .	4:800$000
Em 2 de Junho de 1808. . . .	2:400$000
	16:800$000

A LABORDE

Em 24 de Dezembro de 1807 . .	800$000
Em 30 de Janeiro de 1808 . . .	800$000
Em 27 de Fevereiro de 1808 . .	800$000
Em 2 de Junho de 1808 . . .	1:600$000
	4:000$000
Total, reis. . .	20:800$000

Contadoria Geral do Senado, 22 de Dezembro de 1809. O official maior da Contadoria Geral, *Luiz José Silverio Telles d'Avelar Callaim.*

Calculo de quanto havia importar o 1.º Terço da Contribuição Franceza, e que devia pagar o Senado da Camara pelas suas rendas, feita a conta pelos rendimentos que entraram no cofre do anno de 1807, na fórma por que foi expressamente determinado para as Decimas.

RENDIMENTOS DO ANNO DE 1807

Novas Licenças	31:410$630
Marco dos Navios.	13:024$732
Vêr o Peso	11:935$942
Almotaçaria	1:980$425
Tragamalho	2:638$065
Cestaria	10:614$670
Variagem	3:064$911
Carros.	3:294$299
Coimas	50$965
Alqueirão pelo preço do contracto	4:000$000
Propriedades	23:117$775
Foros	2:321$420

Laudemios	192$770
Custas	78$167
Donativo da Boa Vista e Bica do Sapato	4:457$000
Estancia Volante	418$000
Terreiro	9:000$000
Amortisação de Prasos e Terrenos	742$000
Lazaretho	414$000
Multas d'aguadeiros	737$000
Condenações avulsa, e da limpeza	20$000
Somão as rendas. . .	123:514$316

O Senado devia pagar metade d'estas rendas que importava na quantia de 61:757$158 reis e por consequencia vem a ser o primeiro terço que todos pagarão, e o Senado deveria ter pago a quantia de 20:878$579 réis.

Contadoria Geral do Senado, 3 de Janeiro de 1810.— *Avellar Callaim.*

Extracto que mostra a diminuição com que o Senado procedeu na Imposição sobre as Lojas e Vendas, e Officios existentes na cidade de Lisboa e seu Termo para a contribuição determinada pelos Francezes.

Pagarão sómente o 1.º Terço que importou a saber:

Quanto ás Lojas e Vendas forão 6:071 pessoas que pagaram o dito 1.º Terço e importou ao todo na quantia	16:112$000
Quanto aos officiaes mechanicos forão 2:599 pessoas que pagarão o dito 1.º Terço e importou ao todo na quantia de. . . .	7:036$000
Total que se entregou. . .	23:148$000

He certo que não foram eguaes no pagamento, porque cada hum foi colectado á proporção do seu manejo e das suas possibilidades, porém registados uns por os outros se vê que as Lojas e Vendas sahiram a 3:957 réis e os officios a 2:207, tambem huns por outros, e de que se mostra o pouco de que se queixou o Povo.

Contadoria Geral de Lisboa, 2 de Janeiro.

Segue a Informação do Escrivão da Camara com a data de 23 de Dezembro de 1809 e assignado por Francisco de Mendonça Arraez e Mello e que repete quasi textualmente a exposição do Senado.

O Governo porém aperta e expede um Aviso datado de 15 de Janeiro de 1810 e assignado por João Antonio Salter de Mendonça exigindo mais clareza. O Senado manda informar ao escrivão da camara, que responde assim:

INFORMAÇÃO DO ESCRIVÃO DA CAMARA

Ill.mo Ex.mo Snr. Mandando-me V. S. informar de facto sobre o conteudo no Real Aviso de 15 do corrente mez dividirei os seus Quesitos, para com mais clareza se poder conhecer logo a bem sabida verdade d'este meu certificado.

1.º QUESITO

O nome do Vereador que fez a insinuação da parte do General Junot?

Resposta — Foi o Vereador Joaquim Alberto Jorge.

2.º QUESITO

O nome do outro que representou a dita insinuação a cada hum dos Governadores?

Resposta — Foi o Vereador que servia de Presidente José de Faria da Costa Abreu Guião em nome do Senado.

3.º QUESITO

O Governador que participou a resolução da conferencia que tivera com os mais?

Resposta — Foi o Ex.mo Francisco Xavier de Noronha, assim como o Ex.mo Principal Castro.

4.º QUESITO

O Fiel que foi conduzido preso ao General Delaborde?

Resposta — Este Fiel foi o do cofre Wenceslau Bernardino da Costa; na Consulta que subiu á Real Presença só se diz que aquelle General mandou buscar huma das mezadas a casa do dito Fiel por soldados armados mas com effeito não chegou a ser conduzido preso. D'este modo fica plenamente satisfeito o pretendido n'aquelle Real Aviso com a verdade de facto que me toca fazer certa em razão do meu cargo. V. Ex.ª porém mandará o que fôr justo. Lisboa, 18 de Janeiro de 1810. — *Francisco de Mendonça Arraez e Mello.*

GOVERNO DE JUNOT

DECRETOS INEDITOS

Em Nome de S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rheno.

Nós Duque de Abrantes General em Chefe do Exercito de Portugal

Temos Decretado e Decretamos o seguinte:

ART. 1.º

Os sellos serão postos nas Caixas e Registro da Administração denominada do Deposito Publico, a cargo de Mr. Le Goy Comissario do Sequestro nas propriedades Inglezas.

ART. 2.º

A verificação dos Registros será feita com a maior brevidade possivel assim como tão bem o estado exacto das somas e dos objectos em ouro, prata e joias que se acharem existentes nas Caixas do sobredito Deposito.

ART. 3.º

Todas as somas pertencentes ao antigo Governo, ou aos Principes que tenhão apanagios, serão entregues na Caixa do Recebedor Geral, o qual dará hum recibo circumstanciado de tudo o que receber, que ficará nos Archivos do sobredito Deposito.

ART. 4.º

Todas as somas que se acharem pertencer aos Vassallos de S. M. Britanica, ou quaesquer outros objectos de qualquer natureza que sejão, serão entregues e depositadas na Caixa da Recebedoria Geral, que passará hum recibo de tudo á Administração.

ART. 5.º

Todas as somas ou objectos pertencentes aos portuguezes que acompanharão ao Principe, ou que emigrarão depois da sua partida, serão entregues na Caixa do Recebedor Geral.

ART. 6.º

Todas as somas ou objectos pertencentes aos Habitantes do Brazil, Ilha da Madeira, ou de outras quaesquer Colonias, ou Ilhas Dependentes de Portugal, serão postas em deposito na Caixa do Recebedor Geral, o qual dará as competentes Cautellas individuaes de cada soma que pertencer ao mesmo particular, para quando estas differentes colonias entrarem nos dominios da capital, serem os individuos que presenta-

rem os seus recibos, embolçados d'ellas pelo Thezouro Publico, prehenchendo as condições exigidas pelas Leys do Reino, que servem de base á Instituição, e a Administração do Deposito.

ART. 7.º

Todas as somas ou objectos pertencentes a Individuos Portuguezes, outros que não são os apresentados nos Artigos acima mencionados, ficarão na Caixa do Deposito Publico.

ART. 8.º

Todo o Individuo que tiver hua soma, ou num objecto para reclamar, deverá appresentar-se na Secretaria que se estabelecer para este effeito na mesma Casa do Deposito, do dia da publicação d'este Decreto athe vinte do mez proximo de Agosto, excluzivamente. O nome do Reclamante será escripto em hum livro de Registo, que fará constar a data da soma depozitada, e a quantidade da mesma soma. Esta declaração deverá ser feita pelo mesmo Proprietario, e será acompanhada de hua certidão, assignadas pelas Authoridades do Bairro, Cidade ou Villa, aonde morar, fazendo igualmente constar que o tal Individuo não habitava no primeiro de Agosto em Paiz revoltado.

ART. 9.º

Todas as somas, ou objectos, que ficarem na Caixa do Deposito, e hajão de pertencer a Individuos, Portuguezes, que não tem tomado parte na revolta das Provincias lhes serão entregues na mesma materia, e forma com que forão depozitados, se elles satisfizerem ás condições exigidas pela Ley dos depositos, visto que se devem prestar ás mesmas condições que já existiam precedentemente, não querendo o General em Chefe mudar cousa algua na Instituição d'esta antiga Administração, e somente querendo comprehender as somas pertencentes aos Inimigos da França, e aos perturbadores da Tranquilidade Publica.

ART. 10.º

Far-se-ha hum Estado de todas as somas e offertas aos Estrangeiros, e tomar-se-ha hua Resolução particular a respeito de cada hum.

ART. 11.º

O Senhor Secretario de Estado das Finanças fica encarregado da execução d'este presente Decreto.

Dado no Nosso Palacio do Quartel General em Lisboa a 28 de Julho de 1808.—O Duque de Abrantes. *Joaquim Guilherme da Costa Posser.*

Mandado cumprir por despacho da Junta do Deposito de 5 de Agosto de 1808.

Em Nome de S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rheno.

Nós o Duque de Abrantes General em Chefe do Exercito de Portugal.

Temos Decretado e Decretamos o seguinte.

ART. 1.º

Os Administradores do Deposito Publico farão dentro de vinte e quatro horas entregar no Thezouro Publico a soma de 240 contos de reis em dinheiro effectivo, e a soma de 80 contos de reis em Papel.

ART. 2.º

Depois da nossa verificação ordenada pelo nosso Decreto de 28 de Julho relativo ao Deposito Publico, as somas que devião ser sequestradas, sejão como pertencentes aos Vassallos da Grande Bretanha, e aos Emigrados, e aos Cidadoens habitantes das Provincias Revoltadas, ficarão sequestradas,

sem restricção. Aquellas que poderião pertencer a Corporações, ou a Particulares, outras que não sejão aquellas acima designadas, serão Registadas no Thezouro Publico, da mesma forma, e com as mesmas condiçoens qne precedentemente se praticarão debaixo do antigo Governo. Emquanto se pode fazer esta liquidação, o Recebedor Geral das Rendas e Contribuiçoens de Portugal, entregará aos Administradores do Deposito Publico, Apolices grandes que fação a importancia da soma acima especificada. Estas Apolices grandes ficarão depozitadas na Caixa da Administração athe á liquidação.

ART. 3.º

O Secretario de Estado do Interior, e das Finanças está encarregado da execução d'este Decreto.

Dado no Palacio do Quartel General em Lisboa em 8 de Agosto de 1808. Duque de Abrantes. *Joaquim Guilherme da Costa Posser.*

Mandado cumprir por despacho da Junta de 8 de Agosto de 1808.

Em nome de Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rheno.

Nós o Duque de Abrantes, General em chefe do Exercito de Portugal Temos Decretado e Decretamos o seguinte:

ART. 1.º

Os Administradores do Depozito Publico entregarão em vinte e quatro horas na caixa do Recebedor Geral dos rendimentos de Portugal a somma de oitenta contos de reis, ou 500:000 francos em especies metalicas. O Recebedor Geral dará um recibo, que será conservado na caixa do Deposito Publico.

ART. 2.º

A dita somma de 80 contos de reis, ou 500:000 francos, será principalmente empregada aos pagamentos relativos á Administração de Portugal.

ART. 3.º

O Erario ficará responsavel no Deposito Publico da dita somma, que será tirada do rendimento ordinario de Portugal, e entregue na caixa do Deposito Publico.

ART. 4.º

Immediatamente depois que a entrega tiver sido feita na dita Caixa da dita somma de 80 contos de reis ou 500$000 francos pelos administradores do Deposito Publico, os sellos que foram gastos nas Caixas e Livros da Administração serão tirados á diligencia de Mr. Le Goy. A dita Administração tornará a tomar o exercicio das suas funcções na forma das Leys e Regulamentos que a regem.

ART. 5.º

O Secretario do Interior e das Finanças está encarregado da execução do presente Decreto.

Dado no Palacio do Quartel General de Lisboa em 26 de Agosto de 1808. Duque de Abrantes—*Joaquim Guilherme da Costa Posser.*

Mandado cumprir pela Junta do Deposito Publico por despacho de 29 de Agosto de 1808.

VII

A ALMA DE ESPANHA

Á PRIMEIRA vista o drama de Espanha não passa de uma tragedia burgueza: marido ultrajado, mulher, filho, amante — e rol da roupa suja. Como nas peças, basta pôr de pé as personagens para se comprehender o enredo. É uma mixordia de assombro e de grotesco: a ambição, a colera, o sonho, as paixões, que avultam certas figuras, rebaixam-nos e apelintram-nos a elles. A gente sofre e passa. Só um consegue deter-nos; só elle conserva, amarfanhado e tonto, certa grandeza no ridiculo. Eis as personagens:

É o pobre Carlos IV, feito manequim nas mãos da mulher, que o ludibria de acordo com o favorito; é Carlos IV, cego até comunicar ternura, e, apesar de tudo, inabalavel na sua profunda confiança [1]. Arrastam-no, mentem-lhe, perde tudo, mu-

[1] Eis a opinião de Luciano Bonaparte: «É a fina flôr da antiga probidade castelhana: religioso, generoso e demasiado

lher, throno, oiro, e já entre as mãos de Napoleão, sem corôa, sem reino, sem prestigio, ainda pergunta n'uma aflicção: — O Manuel? onde está o Manuel?

É a rainha, a impetuosa e lasciva Maria Luiza. Tem 50 annos. Até ahi o tropel da vida, o sangue, a miragem, não a deixaram ver a realidade em todos os seus aspectos. Primeiro rebate da velhice, primeiro sabôr do sepulcro. Tantas horas perdidas... Pouco te resta já — e já rugas, a pelle resequida, os olhos apagados. É quando a mulher se apega com desespero — restos de colo, restos de cabelo — ao pó de um sonho extincto. Momento em que a vida e a morte se tocam, em que a verdade e a ilusão se misturam. Submete-se. Godoy trata-a como uma creada de servir.

É Fernando, envelhecido na crapula, obtuso e concentrado, odiando o proprio pae, e conseguindo abrir a estupida bôca com somno, perante o formidavel drama que se desencadeia na Europa. É emfim o valido, que, por ser esbelto e tocar guitarra como um bandido de Astorga, conquistára um throno. Godoy, que iniciára o seu reinado com estrepito, engorda e parece um cocheiro sebaceo. Ha um quadro no Prado que

confiante, porque julga os outros por si proprio.» Todos o enganavam.

«Só um homem ignora inteiramente as intrigas de Maria Luiza: é o rei.» *(M. Tratchensky).*

aclara todo o drama confuso: as tintas conservaram e exprimem os sentimentos, os rancores, a ambição, o odio, as vergonhas e o indeciso e o falso dos caracteres: está ali vivo o que ha muito se sumíu para sempre na eternidade. Basta vêl-o ao rei, pachorrento e gordo, de olhos á flôr do rosto, estupidez e inocencia, satisfação porque o retratem com a familia toda — e o Manuel ao lado: comprehende-se logo que o representante da sombria raça de crueldade e loucura, nasceu para ser o ludibrio da mulher e do aventureiro vulgar. É *o boi*, como lhe chama o embaixador francez em Madrid. Chega a desgraça e elle não entende nem a catastrophe nem o escarneo; n'um espanto, sem um impeto, obedece ás ordens de este e de aquelle, da rainha, de Godoy, do filho, dos generalões sem escrupulos, de Napoleão, até ao fim enganado e iludido, obsecado por uma amizade cujas raizes se tinham apoderado de todo o seu sêr. Vale a pena encarál-o por momentos no scenario a negro que é a Espanha, rodeado de fidalgos, de intrigas, de tropas sobre tropas — multidões sôfregas que descem os Pyrinéos para lhe arrancarem o throno, de odios, de gritos, de vergonhas; n'um mar bravio depois: mortes, rapinas, almas sanguinarias á solta — e elle simples e terno, espantadiço e inalteravel: — Onde está o Manuel?

É finalmente o côro antigo — a turba, o povo fanatico, que se agita no fundo como um pesa-

delo: bruxas, *hidalgos* esfaimados, cavadores, familiares do Santo Officio — canalha, desespero, ferocidade, tragedia.

Faz aflicção mexer nos pormenores de esse passo doloroso: não ha figura que nos prenda. Até Napoleão cuja sombra, apesar de distante, ainda enegrece o mundo, Napoleão é um rabula. Desce a diplomata. Não lhe basta deitar a presa e esmagar. Mente-lhes, engana-os, arrasta-os de Madrid a França, servindo-se de intrigas vulgares como um vulgar procurador. Intruja-os. A aguia mascara-se até ao momento decisivo...

*

Olhemos bem a Espanha: foi sempre assim: rôta e fanatica, desgraçada e cruel, implacavel e altiva, grande nos seus erros e nos seus crimes — grande porque foi sincera e se deu á luz loucuras e infamias, gerou-as sempre com a aflicção de uma mãe que pare um filho. Nem uma Espanha moderna e prática se comprehende, senão quando lhe chegar a hora de morrer. Querer que tudo no mundo se assemelhe a essa odiosa machina que se chama a Inglaterra; querer transformál-a na mesma forja imensa, cheia de nevoeiro, de tubos, de chaminés vomitando fumo, é um erro. A ilha dispõe de mais oiro? Melhor. Pergunto se vale a pena encher a terra da casaria

a delir carvão, que faz o horror de Manchester, de Liverpool, do inferno — se vale a pena encher as almas de esse desespero atrós? O progresso moderno tem um ideal — Chicago. Bem sei que são inglezes os jardins verdes e quietos, tão nobres, onde as grandes arvores nem se atrevem a bolir: os palacios cheios de conforto e mysterio, as mulheres — sonho, nuvem, brancura... Mas sente-se que tudo isto é feito de dôr, de tortura immensa — da maior tortura: é um extracto, para o goso de meia duzia de felizes, do sofrimento da multidão que galopa apressada, atrás de dinheiro, entre corredores, que não teem fim, de predios negros e disformes; do desespero das pobres mulheres, que usam chapeu com um resto de pluma, e se enchem de alcool para esquecer a vida...

A Espanha de então é uma mescla singular: conventos denegridos, 150 mil frades, *hidalgos* rôtos, padres fanaticos, bruxas e mendigos, cathedraes de assombro e pedra erguidas até ao céo. Uma mulher sêcca, de cabelos negros e um cravo nos cabelos, canta com um ranger de castanholas... Voluptuosidade e morte. No alto um Deus cruel e autoritario reclama victimas; acima de Deus a Inquisição, abaixo El-Boi, dominado pelo aventureiro e pela italiana lasciva. Rodeiam-no 400 familias nobres e sôfregas, a côrte, gente

sem resquicio de heroismo, almas de histriões e de lacaios, insaciaveis de honras, de poder, de oiro, capazes de tudo, de rastos perante quem paga—para se encherem até aos gorgomilos... No fundo, ignorado e sumido na dôr, o povo condemnado desde seculos á desgraça, o povo da Inquisição e da realidade até ao desespero; o povo das cathedraes onde Deus está preso e a ferros. No scenario pomposo da côrte intrigam as mulheres e os amantes por Napoles, pela Austria, pelo inferno. Ha espiões aos centos. Impera o valido, expõe a rainha um resto de colo aparatoso; Carlos IV sorri coçando a penca enorme; estiraça-se Godoy nos moveis, cheio de condecorações, a de Carlos III, a de Christo, a de Malta, o Tosão d'Oiro, muitas, todas. A rainha ama-o, el-rei adora-o, e assim, na intriga e na crapula, se apelintram e engordam. Engorda o aventureiro, engorda a rainha, Carlos IV engorda, e o filho, resumando odio, constroe sonhos sobre sonhos impotentes e inuteis—a morte do pae, o throno que o valido lhe disputa—e fecha-se dias após dias, para remoer e dormir. Tem somno... Godoy trata-os a todos com o mesmo amplo despreso: á rainha a quem bate, ao rei, a Fernando, á côrte, aos diplomatas, que recebe em casa da amante Pepa Tudo. Dois homens, duas forças, dois pretendentes á corôa, principe e valido — intrujice, despotismo, ambição, e uma mulher de 50 annos n'uma reles submissão de creada. Era

nimphomana: teve varios amantes: Lencastre, Pignatelli, Ortiz, os dois Godoy, etc. Um de elles escreveu o romance dos seus amores, *Zelmira*. Descreve-se a lêr um livro pornographico, quando dá conta que Zelmira, por trás d'elle, suspira: «Qual foi a minha surpreza, quando ao voltar-me encafuei o nariz no collo de Zelmira, que de proposito abrira as rendas do vestido. Lembrei-me de fugir, mas ella estreitou-me de encontro ao peito. Tudo nos favorecia. Eram perto de sete horas da tarde, de uma tarde magnifica de verão. Zelmira surgira-me n'um deshabillé voluptuoso. Deitou-se na verdura: escondiam-nos as roseiras...» Fiquemos por aqui, mas não sem accrescentar o seguinte periodo: «Estive por tudo o que ella quiz na esperança d'uma recompensa proporcionada aos perigos que corria. Effectivamente fez-me ascender a um posto a que eu não tinha direito.» [1] De um lado um boneco, que, pouco e

[1] Outro accrescenta:

«Com 50 annos ella tem pretenções e uma coquetterie só perdoavel n'uma mulher nova e bonita... As suas despezas em toilettes e em joias são enormes. É raro que um correio expedido pelo embaixador chegue sem trazer dois ou tres novos vestidos...»

«É o deboche em toda a sua fealdade; é o escandalo mais revoltante; nenhuma urbanidade, nenhuma delicadeza, nenhum pudor privado ou publico. Costumes corrompidos... Não se tomam precauções para affastar este medonho espectaculo dos olhos da multidão e talvez de toda a Hespanha; não

pouco, com enredos subtis junta nas mãos todos os fios do poderio: almirante, generalissimo, conselheiro de estado, valido. É dono de Espanha. Pelo meiado de 1807 Godoy é tudo isto: «D. Manuel Godoy y Alvarez de Faria Rios Sanchez Zamora, principe da Paz, duque de Alcudia, senhor de Soto de Roma e do Estado de Albala, grande de Hespanha de primeira classe, regedor perpetuo da cidade de S. Thiago, cavalleiro da ordem do Tosão d'Ouro; gran-cruz da ordem de Carlos III; commendador de Valencia, Ventora, Rivera e Accuchal na ordem de S. Thiago; conselheiro de Estado, primeiro secretario de Estado, secretario da rainha, superintendente geral dos caminhos; protector da Academia Real das Artes e do gabinete de Historia Natural, Jardim Botanico, Laboratorio Chimico e Observatorio Astronomico; gentil homem da camara da rainha; capitão-general dos exercitos reaes; inspector e major do corpo real dos guardas do corpo.» Não tardaria a chegar ao acume, subindo a novos cargos. No cofre amontoára milhões. A sua riqueza era enorme, os seus palacios magnificos, os seus rendimentos colossaes. Para coroarem a rapida ascenção casam-no com Maria Thereza,

ha uma unica pessoa que desconheça que, para alimentar a extranha sensibilidade da rainha, não são bastantes o rei, as attenções passageiras do principe da Paz e o concurso frequente da élite dos guardas de corpo.» — *(Alquier)*.

cuja irmã destinam ao proprio Fernando. Gasta dinheiro a rôdos, distribue-o por aduladores e parentes, fál-os grandes de Espanha, coroneis, ministros, casa-os com as amantes já servidas. Seu irmão foi duque de Almodovar d'El Campo; sua amante condessa de Castro Fiel [1].

A Espanha rosna. A Espanha é a Inquisição, as cathedraes, a mixordia de negrume e de assombro, o sonho e a colera, o desespero e a feroz realidade—e o boneco atreve-se a pôr-se-lhe na

[1] O favor de Godoy cresce: elle e o irmão obteem postos: o pae é feito ministro de capa e espada do conselho de finanças; a mãe é nomeada camarista da rainha; outro irmão conego de Toledo. De 17 de fevereiro de 1789 até 1 de março de 1791, Manuel ascede a todos os postos: chega a marechal de campo. E isto não pára: sobre elle e a familia desabam as graças e o oiro.

«Os dois novos senhores (os Godoy) moram n'uma casa em frente do palacio—e o seu jantar é como o do rei: emquanto comem recebem as gentes notaveis da côrte que se vão prostituir diante d'esses dois manequins. Como ultimos toques do quadro, eis o que vi: Ás tres horas tinhamos ido vêr com Sua Excellencia o embaixador e a sua familia os diamantes da rainha, e quando estavamos a examinál-os ouvimos gritar:—Eis a rainha!—E logo appareceu Godoy, que atravessou a sala com o chapeu na cabeça e honrou com algumas caricias familiares os creados de quarto, que alli se achavam para abrir a porta dos aposentos da rainha, que entrára pelo lado opposto. Fechou com um ar alheado de desdem a porta, olhando-nos e procurando dar-nos a conhecer a sua felicidade. É M. La Tulipe, granadeiro da guarda, que vai dormir com Mademoiselle Jeanneton.»—(*Le Français à Madrid*).

frente, a arrancál-a á imobilidade de seculos. O povo odeia-o, o povo quer os frades, a tortura, a crueldade: só se sente bem na sua imensa desgraça... E esse homem que ousa e ergue as mãos para a Egreja, mais poderosa na Espanha que o proprio Deus, não tem sequencia nem logica: procede por arrancos: rodeia-se de creaturas ilustres, mete-as na cadeia por capricho, faz uma politica de acaso, torna impossivel o despotismo — e é o peor dos despotas. A um passo do poder recúa, com medo de Napoleão, deante da morte de Fernando. Ainda tenta dál-o por incapaz, e para isso faz a corte a Bonaparte, mas já os amigos do principe o incitam a que ponha Napoleão de seu lado, pedindo-lhe para esposa uma mulher da familia.

O outro, Fernando, scisma. Ao lado da vida real seria curioso dar corpo ao que o homem é capaz de construir de sonho, nuvens, exhalações de desespero, de ambição e de belleza... A sua sombra remexe na obscuridade o cortejo de conspiradores, uns duques, o do Infantado; uns conegos, o da Sé de Toledo, seu mestre e amigo, Pedro Collado, o *Chamorro;* D. Antonio Pascuale; seu tio o conde de Montijo, que depois da morte de sua primeira mulher, a astuta princeza, o aconselham e dirigem. O principe foi sempre uma alma vulgar: as horas, os dias, passa-os com insolencia, n'uma côrte toda pragmatica e minucias, velho, aborrecido e gasto, ruminando odios. Re-

volve a espada de Bonaparte toda a Europa, e elle tem tempo para abrir a bôcca com tédio. Só tédio? Esta alma onde as sombras se acumulam, essa materia preciosa, fio de vida que levou seculos a construir, descendendo de reis após reis, ociosos, debochados, fartos e portanto incapazes de desejo, alvoroçou-se um dia. Amou a mulher, filha da famosa Carolina de Napoles, e todo se absorveu na linda creatura que o galvanisou, conseguindo por instantes fazer de um manequim um homem. Dominam-no, ella instiga-o á lucta; não o deixam tomar parte no conselho de Estado, ella incute-lhe forças para reagir. Acaba aos vinte e tres annos de uma doença suspeita, e elle exclama: — Morreu envenenada! mataram-na! — E a sua morte envolve-o em sombras mais densas. Fica só a materia. Na côrte, nas cerimonias imponentes, vêem-no de novo abrir uma bôcca desmedida. Não é desdem, porque nem o desenlace que se aproxima lhe comunica arranco e nervos: é vacuo. Só o electrisa o odio ao favorito, e porventura o odio ao proprio pae. Sua figura é atroz, e esta ultima nota completa-o e define-o: mais tarde apanham-lhe um decreto com a data em branco, em que dava a um dos seus favoritos o governo de Madrid, *depois da morte de seu pae,* o que quer muito simplesmente dizer: — *depois do assassinato de seu pae*... Quando chega emfim ao throno, apressa-se a restabelecer a Inquisição e a organisar uma policia sem escrupulos...

*

Viram as figuras? Abstráiam agora das figuras. Por trás d'ellas está, tragica e atenta, a alma imensa de Espanha. Encarem o que parece inerme, os homens banaes de capa esfarrapada que só dizem: —*Pues*...—e de quem Blaze se ri; reparem na terra calcinada, côr de cinza, nas cathedraes monstruosas, e que não são, como á primeira vista se afigura, só pedra; reparem nas cidades tisnadas, em Toledo, onde se expõem as correntes, as algemas, os ferros dos prisioneiros e o retrato livido de Torquemada; reparem nos Christos com pelle humana; na escuridão onde uma luzinha arde cheia de aflicção, condensando mais trevas inquietas; nas muralhas onde as figuras remexem, e lembrem-se dos mortos atraz dos mortos; da vida oculta de cada sêr; da voluptuosidade de Granada e dos seus subterraneos; do olhar das magas e das grades de ferro—e pouco e pouco avulta a alma, que lateja enterrada sob os alicerces das cathedraes, esparsa no pó das ruas e dos cemiterios e no fundo de cada creatura, que representa milhares de almas e que tem atraz de si um cortejo invisivel e temeroso.

O homem de capa esfarrapada, que fuma cigarro atraz de cigarro, o homem ridiculo do *pues*, se tu, pobre Blaze, a quem a metralha não assusta, tivesses olhos para vêr, enchias-te de pavor. A in-

significancia da existencia, a que ninguem foge, a educação, a Egreja, outras causas multiplas, pesam, esmagam, soterram esse espirito monstruoso e esplendido. Cahiram-lhe seculos de pó em cima: conveniencias, infamias, ridiculos. No dia em que elle o sacode, deslumbra... Por isso te digo: não repares nos bonecos, olha para o scenario que exprime crueldade, dôr e grandeza. Olha para os palacios denegridos, ruinas, ossadas, montes seccos e descarnados: solidão de planicies, Burgos e os seus mendigos, Burgos e a sua cathedral com a formidavel porta dos apostolos, Burgos e o Cid; sinistras praçasinhas onde se fazem os autos-de-fé nas cidades solitarias; fachadas de egrejas; aldeias concentradas e isoladas do mundo com os seus rancores e os seus eternos despotas; Simancas, o archivo de tantas glorias, crimes e loucuras; a velha Salamanca; Avila com as suas muralhas côr de oca, oitenta e seis torres, o dedalo mysterioso das suas ruas e a lembrança viva de Santa Thereza; desertos, blocos de granito, rebanhos, e uma tristeza cinzenta; o tremendo Escurial e a desmantelada Cordova; sonho disperso, flores, sol — Sevilha; a estranha monotonia da Alta Mancha, pó, cisco, solemnidade, terra e céo... De tudo isto sáe a alma heroica, doida, desesperada, fanatica, do grande paiz dos inquisidores, do crime, da paixão, e da realidade.

A acção: Napoleão joga com esses dois homens como se fossem titeres. A Godoy mete-lhe medo,

oferece-lhe cavalos, acena-lhe com um titulo... No fundo despreza-o. E Godoy, que quer ser rei, supõe iludil-o... Lisongeia-o, mas nas vesperas da batalha de Iena (corre na Europa que Bonaparte será derrotado...) esquece-se, lança contra elle uma proclamação. Napoleão vence, e o outro dá-lhe explicações confusas.—Que pena, diz o imperador, que pena que este Godoy não passe de um imbecil!—Quem o ha-de apoiar na conquista do throno, a França ou a Inglaterra? Eis o pensamento que o domina e que o perde. Napoleão esse é que não hesita. Sabe o que quer: desthronar os Bourbons, como já varrêra de Napoles Fernando e a sua côrte infame. Ambos elles, um para se sustentar no poder, o outro com medo que o valido e a mãe lhe arranquem o throno, põem a sua sorte na dependencia de Bonaparte. Debalde o rei tenta casar Fernando com uma irmã da mulher de Godoy, D. Maria Luiza de Bourbon:—Quem, eu!? É uma afronta!—E escreve a Napoleão, pedindo-lhe uma das suas irmãs. É uma carta vergonhosa, com periodos sonoros, escripta decerto pelo conego. Durante horas silenciosas o Escoiquitz reviu-se n'essa obra prima, á luz da lampada, no silencio imponente da Sé. Queria-se impeto, um politico profundo ou um heroe. Alguem capaz de essas loucuras que ficam na historia, ou de uma intriga assombrosa de deducção e perspicacia. Havia um conego reumatico, alguns fidalgos emproados, e um principe [illegible]naz

de abrir a bôcca com somno deante do proprio drama da Paixão. Como Napoleão leria este papel:

«Sire, o medo de incommodar Vossa Magestade Imperial e Real entre as suas façanhas e os altos negocios, que incessantemente o rodeiam, tem-me impedido até hoje de satisfazer directamente o mais imperioso dos meus desejos, o de exprimir, ao menos por escripto, os sentimentos de respeito, de estima e de affecto, que de ha muito dedico a um heroe diante do qual desapparecem todos os que o precederam e que foi enviado á terra pela Providencia para salvar a Europa da confusão total que a ameaça, para consolidar os throno abalados e para dar ás nações a paz e a felicidade.»

Começando por este periodo cheio de mentiras, e que parece escripto por um intrujão, pedindo dinheiro emprestado, Fernando acaba, depois de outras lamurias, por reclamar a honra de se aliar a uma princeza de sua famila: «Imploro com a maior confiança a protecção paterna de Vossa Magestade, afim de que não sómente se digne dar-se a honra de me alliar á sua familia, mas que aplane todas as difficuldades e faça desapparecer todos os obstaculos que se possam oppôr a este voto. Este esforço da parte de Sua Magestade Imperial é-me tanto mais necessario que eu por o meu lado estou absolutamente impedido de tentar seja o que fôr, porque tudo seria talvez tomado por um insulto á aucto-

ridade paterna, vendo-me reduzido a um unico meio, ao de me recusar, como farei com uma invencivel constancia a qualquer alliança sem o consentimento e a approvação positiva de Vossa Magestade Imperial, de quem unicamente espero a escolha d'uma esposa.»

Napoleão só mais tarde lhe responde em periodos incisivos e curtos:

«Como processar o Principe da Paz, sem arrastar na mesma queda a Rainha e o Rei? Esse processo desencadearia odios e paixões: o resultado seria funesto. Lembre-se Vossa Magestade que não tem outros direitos ao throno senão os que lhe foram transmittidos por sua mãe. Deshonrál-a é deshonrar-se, e perdêl-os é perder-se».

Recomponham agora se pódem a atmosphera de intriga: os ditos, os enredos, as palavras que se murmuram ao ouvido nos recantos; reconstruam essas almas, a noite, a imaginação, os fios de nervos embrulhados, que os ligam como um novelo, e cerquem-nos de cortezãos, no grande palacio onde reina a pragmatica. Sobre isto espiões, sobre isto os que se curvam, os que adulam, os que querem triumphar, os que querem agradar; sobre isto as centenas de existencias presas a um drama confuso; pequenos interesses, vaidades, medo, rancor, as figuras impassiveis dentro das quaes só ha ambição e odio — e os creados os famulos, os cortezãos que escutam uma palavra, observam um gesto, e recons-

tituam, se pódem, a atmosphera de intriga viva, real, toda nervos...

Napoleão, como de costume, resolve tudo de um golpe com a espada. Na sua frente só encontra homens dominados por paixões subalternas, conegos, dois ou tres intrigantes—e o povo. Mas Bonaparte não conta com o povo: nos seus calculos mathematicos entram sempre exercitos, reis, thronos: os altos cumes. O oceano põe-no de lado. O embaixador de Espanha D. Eugenio Esquierdo, figura duvidosa, que se não sabe bem a quem se vende (a Bonaparte, a Godoy, a todos?) e o general Duroc negoceiam em Fontainebleau o tratado concluido em outubro de 1807. Pouco exige Napoleão para si: o pretexto para inundar a Espanha de tropas. Mal Junot, assignadas as bases fundamentaes, entra em Espanha, já outro corpo se organisa, o de Dupont, que irrompe pela fronteira a 22 de novembro, e após elle não tem fim, leva atraz de soldadesca. Moncey passa o Bidassoa a 9 de fevereiro.—Desapareceram os Pyrineus. Canhões e forças vão até ao coração de Espanha, o tratado é inutil,—e nem o governo recebe comunicações da marcha. Cahem, com embustes, nas mãos dos francezes, as praças de guerra. Um chefe supremo toma o comando das forças. Chama-se Murat, duque de Berg.—Era o sonho de Godoy realisado? «Um dia que os dois, rei e valido, conversavam, debruçados n'um bal-

cão, que dá para a estrada de Madrid, o favorito deixou-se levar pela melancholia e disse-lhe: — Repare Vossa Magestade — e indicou-lhe as colinas proximas — para aquellas alturas azuladas e tão alegres a esta hora, sob o céu azul de Espanha. Ai! eu vejo-as cobertas de soldados francezes, vejo os acampamentos, o brilhos das armas. Vejo a corôa de Vossa Magestade, que os seculos fizeram gloriosa, levada pela aguia ensanguentada, que essas massas de soldados, de quem eu temo até os beijos, adoram. — O horizonte não ha de ser tão negro como tu o pintas, — replicou o rei. — Semelhante attentado não é possivel no nosso tempo. Esperemos... O Imperador ha de explicar-se; é impossivel que elle proprio não nos communique as suas intenções.» *(Godoy, Memorias).*

Entretanto na côrte vive-se na intriga. O rei adoecêra. Iria morrer? Godoy e a rainha maquinam: aliciam os comandantes das tropas, espalham mão-cheias de oiro; os seus apaniguados propalam: — O principe é incapaz, o principe é imbecil... — Os espias descobrem que Fernando se corresponde com Napoleão. E entre esta barafunda de interesses, mulheres, paixões, intrigas de diplomatas, Beaurnhanais, que scisma tambem num throno, embates de ambições e desvario — avançam tropas pela Espanha... Um dia o rei encontra uma denuncia com estas palavras no sobrescripto: — *Já! já! já!* Lê: «O Principe das Asturias prepara

um movimento no Palacio. Periga a corôa de V. M. e a vida da rainha. *Fiel vassallo.*» Fechado a sete chaves Fernando finge traduzir Condillac e remexe nos papeis dos conspiradores. O pobre Boi, açulado e acompanhado pela rainha, vai por suas proprias mãos desarmar o filho. Metem-no no sombrio Escurial. Apanham-lhe a correspondencia, que Maria Luiza fez desapparecer, e onde o filho dizia da mãe ignominias; descobrem mais papeis, combinações, listas, e elle com um medo ignobil, confessa tudo, acusa os seus melhores amigos, pedindo perdão ao valido e ao pae. — Fernando escreve assim ao rei: «Senhor, meu pae, fiz mal, faltei a Vossa Magestade na qualidade de rei e de pae, mas arrependo-me e offereço a Vossa Magestade a obediencia mais humilde. Não devia fazer nada contra Vossa Magestade, mas a minha religião foi surprehendida. Denunciei os culpados e peço a Vossa Magestade que me perdoe ter-lhe mentido a noite passada e que permitta beijar-lhe os pés reaes um filho reconhecido.» *(Toreno).*

Está prompto a reconciliar-se com o Principe da Paz. Dão-no como parricida, exilam o conego e os duques, e se não fosse a sombra temerosa de Napoleão, tinham-no afogado n'um buraco do palacio. É que já os exercitos francezes cobrem grande parte da Espanha, e Godoy pergunta a si mesmo se a aventura não terá como remate o cadafalso. Pensa em comprar fundos publicos na

França, pezam-lhe os cargos que tem a mais e quer distribuil-os pelos outros... A sua correspondencia com Esquierdo acelera-se. A 13 de novembro de 1807 escreve: «As coisas tomam um aspecto terrivel. Segredo e veja com attenção o que se passa.» A 24: «Tenho pensado mil vezes em deixar os cargos que exerço, ficando apenas com os negocios da guerra... A affeição do povo é passageira e ninguem como elle é tão facil em distribuir o elogio ou a calumnia. Não, não ando contente.» A 18 de Dezembro tenta persuadir-se que tudo corre pelo melhor. A 9 de fevereiro de 1808: «Não recebo cartas. O tratado que o senhor assignou não subsiste: o reino está coberto de tropas francezas... Tudo é incerteza, intriga e causa de temor... O senhor é mal visto em Paris! O embaixador é nullo! Que diabo quer dizer isto?»

Quer dizer que já estão nas mãos de Bonaparte, que para os socegar manda cavalos de presente ao rei e á rainha. É Godoy quem aconselha agora a toda a pressa o casamento de Fernando com uma das irmãs de Bonaparte. Mas o embaixador chega e abre-lhes os os olhos: os francezes aproximam-se. Lá como cá, a ideia é a mesma: fugir, fugir depressa com o dinheiro e as amantes, a côrte, a Pepa Tudo, condessa de Castro Fiel, o conde de Almodovar de El Campo e os conegos — para onde Napoleão não chegue. De Madrid a Aranguez são oito leguas. Entroixa-se, sem se contar com o povo...

Na multidão correm boatos desencontrados. Os carros succedem-se com espalhafato.—Cheios d'oiro! cheios d'oiro!—São os thesouros roubados pelo valido!—Lá vae uma sege desabalada: é a Pepa Tudo, condessa de Castro Fiel, insolente como uma cortezã, carregada de diamantes.—Morra Godoy! morra Godoy!—Ordena-se aos soldados:—Carreguem a canalha.—Os soldados embainham as espadas. Assaltam os fardos. Um jacto de escumalha, um jacto de colera, irrompe pelo palacio de Godoy. Palida e dramatica suspende-os a princeza com um gesto. A desgraça impõe-se á multidão. Godoy não afronta a morte cara a cara: some-se, e só mais tarde vão dar com o aventureiro—rei de Espanha, amante de uma rainha—embrulhado em esteiras n'um sotão. Cospem-no, ultrajam-no, riem-se. Bate o queixo com medo.—Tenho fome!—Fernando (goso supremo) vai vêl-o a pedido da mãe:—Perdôo-te.—E elle n'um assomo de orgulho:—Não és rei ainda!—Em Madrid a mesma estupida canalha escaca os moveis preciosos; as riquezas, os farrapos da condessa, são atirados pelas janellas; arrombam-se os cofres, os imensos cofres, que se supunha abarrotados de oiro, e onde afinal se encontram algumas moedas escassas.—Morra, morra!—Logo que em Madrid é conhecida a abdicação de Carlos IV saqueiam o palacio do almirantado, que Godoy costumava habitar. «Palidos de colera, allumiados pela chamma rezinosa das tochas, re-

saltavam da escuridão como figuras do inferno de Dante. Grupos de mulheres misturavam-se a essa horrivel horda. Mas que mulheres, Senhor! Figuras tragicas, olhos saltando fóra das orbitas, sobrancelhas espessas, e longas mechas de cabellos negros correndo-lhe como serpentes nos pescoços e nas costas.» *(Souvenir d'une créole).*

A multidão vocifera: os francezes estão a dois passos de Madrid. Carlos IV abdica, o throno passa para Fernando que começa a satisfazer rancores. Mas de ahi a dois dias, Murat aloja-se no palacio de Godoy. Quem manda agora nem é Fernando, nem Carlos IV, que rasga a abdicação, nem a intriga, nem os conegos, nem a côrte: é outra a força, é outro o homem que, sem largar a mascara, os tem todos nas mãos...

Bonaparte julga-os de alto: chama a si o caso da abdicação de Carlos IV — a questão de familia — e olha-os a todos por cima do hombro. Os seus jornaes chamam rebelde a Fernando, — que fôra instigado á rebelião pelo proprio embaixador da França. O rei escreve cartas sobre cartas a Murat, e o *Monitor,* tempo depois, publica essa correspondencia cheia de intimidades e de vergonhas — o vasadouro. Carlos IV lamenta-se — por causa de Manuel... «A minha situação, diz o rei a um official, é das mais tristes. Querem conduzir á morte o principe da Paz e todo o seu crime consiste em ter-me sido dedicado a vida inteira. E o pobre rei queixa-se de que ninguem o attende e

que se o principe da Paz morrer lhe não sobreviverá.» *(Rapport de Monthion).*

Por fim é adoptado um plano: Savary, general e policia, ajudante de campo do imperador, corre a Madrid e diz a Fernando:—O imperador reconhece-o se o fôr procurar; Bonaparte vem a caminho, está perto de Bayonna, de onde segue para Burgos.—O principe, velho antes da idade, sordido e mesquinho, cheio de ambições de mando, parte n'um carro a 10 de Abril. Os caminhos estão cheios de soldadesca. Em Burgos param.—Napoleão?—Não chegou ainda. Savary intruja-o: É delle o throno.—E o outro, odiento e credulo, escuta-o, escuta o proprio odio, o assomo de lama que se lhe revolve lá dentro. Outra paragem: Victoria—e Bonaparte não surge.—Vae ser reconhecido como rei de Espanha e das Indias...—E para os postilhões Savary brada:—Depressa, depressa!—Estou vendo o desfile. É a Espanha representadada por um principe sanguinario e boçal, capaz de atraiçoar os seus melhores amigos, ludibriado por Savary, cavalheiro sem escrupulos, general-alcoviteiro de Bonaparte. Ahi vão aos tropeções n'uma berlinda antiga, n'uma berlinda impossivel, que imagino doirada e que destinge pelo caminho, com talha que se desfaz em cisco na lama das estradas pisadas pelos invasores... Um cala-se, sombrio, com estremeções de suspeita, que o outro logo acalma falando sempre, falando-lhe no poder, no odio e

no throno. Savary diz-lhe: «Podem cortar-me a cabeça se um quarto de hora depois de chegarmos a Bayonna Napoleão não vos reconhecer como rei de Espanha e das Indias.» *(Memorias do rei José IV)*. O principe na sombra espessa, só mexe aos solavancos da berlinda, emquanto Savary, homem moderno, aventureiro capaz de tudo para triumphar, palra sempre, até o ter bem seguro — quando penetram nos cordões da tropa franceza. Então é Savary enfastiado que se cala, é o principe que inquire receoso: — O imperador? o imperador? — E a sege phantastica lá segue o seu destino, destingida, enlameada, grotesca como uma sege de enterro. Os caminhos estão cheios de tropas, de generaes, de soldados, de massas imponentes de artilharia. Em Victoria Savary larga-o: já não é preciso enganal-o...

Alguns espanhoes tentam ainda arrancal-o ao seu destino. Debalde. Nenhum dos cortezãos, nem os duques de S. Carlos e do Infantado, nem o conego, que escolhera essa occasião tremenda para se queixar de uma catharreira, tinham lido o *Monitor,* escripto quasi sempre sob o dictado de Napoleão, e onde transpareciam todos os seus projectos. A 20 de abril Fernando passa o Bidassoa. Um; faltam os outros... Os outros vão elles proprios entregar-se: partem atraz do Manuel, apenas sabem que Murat mandou para Bayonna o Principe da Paz. Carlos IV não via mais ninguem no mundo. Escrevia-lhe: «Incomparavel amigo Manuel: Sof-

fremos muito estes dias ao ver-te sacrificado pelos impios, só porque eras nosso amigo. Até agora não temos cessado de importunar o gran-duque e o Imperador. Foram elles que nos livraram do perigo, a ti e a nós. Amanhã começaremos a nossa viagem ao encontro do Imperador e acabaremos de fazer tudo que podermos por ti, para que nos deixem viver juntos até á morte.» O papel da carta, datada de 22 de abril, estava manchado de lagrimas. *(Lafuente—Historia de Espanha).*

Não é um cortejo todo pragmaticas, duques, inquisidores, paixões, odios, grandezas, que passa agora, é o rodar banal de algumas seges pelas estradas, por entre bandos de soldadesca; é El-Boi inocente, no fundo do carro, com a mulher sombria e colerica ao lado, caminhando para a desgraça: é a Espanha que avança, a hirta Espanha pomposa e ridicula, o velho mundo atravez de outro mundo irrespeitoso, atravez da força, dos canhões, das bayonetas, do ferro, e de homens com outras ideias e outra alma: é uma mascarada atravez da realidade. Chasqueiam os soldados, as populações olham-nos com espanto e dôr—e um largo, um afrontoso riso de escarneo, vai crescendo á medida que elles avançam, que passam a fronteira, que cahem nas mãos de Bonaparte. O imperador recebe-os, junta-os, escuta-os, e logo mãe, filho e rei se descompõem com rancor. É ella—«com 60 anos, o vestido decotado, mangas curtas sem luvas, e um ar falso, mau e ridiculo»

(Constant — Memorias) que exclama primeiro: —Não és meu filho, nasceste do acaso. —E o Boi, grotesco e escarnecido até ao fim, só diz: — Ultrajaste os meus cabellos brancos. Parricida! parricida! —De pé, imovel, com as mãos atraz das costas, Napoleão assiste com impassibilidade á scena tragica. A mãe — tiraram-lhe o amante, arrancaram-lhe o throno — avança como uma figura antiga: — Desthronaste-nos! Perdeste-te, e perdeste-nos! — E logo se volta ameaçadora e altiva para Napoleão: —Agora mande-nos subir ao cadafalso! — Então baixinho Carlos IV conclue perguntando: — O Manuel? onde está o Manuel?

—É o rei Priamo! — diz Bonaparte aos seus intimos, achando o quadro interessante: «A scena chegou ao auge da belleza quando a rainha a interrompeu com invectivas e ameaças contra seu filho, e quando depois de ter-me censurado o havel-os desthronado, se voltou para mim e me pediu que a fizesse subir ao cadafalso. Que mulher! que mãe! exclamava o Imperador.» —*(Memorias historicas. — De Pradt).*

No dia 1 convida-os para jantar, e Carlos IV ao ver emfim Godoy corre a apertal-o nos braços. Perdera tudo — esquecera tudo...

No dia em que José Bonaparte chega, Napoleão agarra-o, domina-o, convence-o. Ha-de ser por força rei de Espanha. Chegam ainda de noite a

Bayonna, e entram logo nas salas do castelo, os nobres de Espanha, as quatro imponentes deputações, a dos grandes do reino, a da formidavel Inquisição, a do conselho de Castella, a das Indias, a do exercito, para serem apresentadas ao novo rei: avançam, curvam-se sob a vontade de ferro de Bonaparte. Só o duque do Infantado hesita, atreve-se a ler este periodo: «...esperamos que a nação se pronuncie...» E logo se arrepende deante da colera de Napoleão: — Vá pôr-se á frente dos revoltosos que é melhor. Esteja certo que, se faltar ao seu juramento, dentro de oito dias será fusilado. — E o outro logo, submisso: «Vossa Magestade é um dos principaes ramos de uma familia, que está destinada pelo céu a reinar sobre os povos.» Todos se curvam, todos, e, a começar por Fernando, felicitam o novo rei de Espanha.

⁂

Ninguem conta com o povo, ninguem conta com a alma fanatica e imensa, com a Sombra desesperada e imensa — senão quando ella entra em scena... A 3 de abril Murat exige a entrega do infante Francisco de Paula e da rainha de Etruria, para os mandar tambem para França. — Levem-nos todos! — clama a populaça de Madrid. Rodeiam os coches e choram. Amotinam-se, e a noticia do successo corre a Espanha. Revoltam-se as Asturias, a

Galiza, a Corunha, as cidades de Castella-a-Velha e Andaluzia... Na Extremadura, em Castella-a-Nova, em Valencia, em Murcia e Aragão, o espanhol apprompta-se para matar. Surgem exercitos, logo vencidos e de novo improvisados. Os homens prodigalisam o meu sangue por aquelles reis de vergonha. Bessiers derrota, em Medina del Seco, 30:000 espanhoes, e Napoleão afiança: — Bessiers poz meu irmão no throno d'Espanha. — Ainda a tragedia não começara... Cinco dias depois é derrotado Dupont e depõem as armas 18 mil soldados do imperio.

A guerra torna-se atroz: as mulheres são prostituidas em frente dos vencidos: uma queixa-se de 40 soldados. O tumulo de Cid em Burgos é arrombado, á procura de oiro. Napoleão açula os que chacinam a Espanha, e a Espanha responde-lhe com crueldades sem nome. Inventam-se torturas ineditas para os feridos, e em torno do sofrimento, quanto maior e mais deshumano, mais gritos, risos, improperios. Do rei José dizem as mulheres que ha-de dar um lindo enforcado, e, emquanto os outros morrem a defender-lhe o throno, elle distribue saccos de oiro ainda ensanguentados — sem imagem — aos cortezãos e ás mulheres do harem.

«A côrte do rei José era tal qual a do rei Peteaud: não podia com o peso do diadema. Authentico automato, aos empurrões dos ministros, foi menos odiado que despresado pelos espanhoes,

que n'elle viam apenas a sombra de um soberano; durante muito pouco tempo conservou as suas illusões. Os marechaes do imperio de Napoleão, não estando submettidos ás suas ordens, fizeram-lhe um grande mal na opinião publica. Chamavam-no ironicamente José Pepino ou Pepe Botelhas. Este ultimo epitheto não condizia com os seus gostos: José Bonaparte nunca foi bebado. A sua paixão dominante era a incontinencia, á qual se entregou com furor. Empregava varios alcoviteiros para satisfazer os seus desejos ou os seus caprichos. Alguns espanhoes immoraes e pouco escrupulosos obtiveram empregos e recompensas, sacrificando a honra das suas filhas ou das suas mulheres. Despresados pelos francezes e cobertos de opprobrio pelos seus concidadãos, expiaram depois esse instante de uma fortuna ephemera.» *(Limouzin — Souvenirs d'Espagne).*

Tudo rouba ou chacina. O francez, ladrão até á medula, chega a furtar a prata do novo rei e o guarda-roupa das suas amantes, que mais tarde é encontrado nas viaturas dos oficiaes.

— Resistem — matem-nos! — prega Napoleão.

Mas em cada novo dia que nasce, desaparecem mais soldados isolados que n'um verdadeiro combate. O paiz torna-se infecundo, e o espanhol, de escopeta em punho, espera a morte e vive com a morte. Esses homens taciturnos, de que fala Blaze, embrulhados em farrapos e deitando de hora a hora fumaradas, com esta unica palavra:

— *Pues!* — transformam-se em féras. Á chacina respondem com o desespero. «Tudo que os martyres soffreram dos romanos nos primeiros seculos da Egreja, elles inflingiram aos francezes: crucificaram-nos, esquartejaram-nos, mutilaram-nos, suspenderam-nos por todas as partes do corpo, estrangularam-nos lenta e gradualmente e nada faltou para completar semelhantes atrocidades. O fogo, o azeite a ferver, a serra, o machado, a corda, o punhal, os ganchos, tudo foi empregado, excepto aquillo que, por uma morte prompta, livra da vida. Nem a velhice, nem a fraqueza, nem o sexo punham ao abrigo de essas crueldades: feridos ou moribundos, homens ou mulheres, novos ou velhos, soldados ou paisanos, expiravam sob os punhaes. Houve mulheres que imitaram estes crimes. Houve-as que queimaram comboyos inteiros de feridos, dançando á volta dos carros incendiados, dando uivos selvagens que se confundiam com os gritos das suas victimas; outras massacravam os prisioneiros, mostrando-se ao mesmo tempo, sanguinarias e impudicas.» *(Souvenirs de la guerre d'Espagne. — Fée).*

Desencadeia-se o horror. Vem emfim para a luz do sol a alma fanatica, assolapada sob os alicerces das cathedraes, nos buracos monstruosos, e, com falsas aparencias de civillisação, no fundo recondito de cada sêr. Acordaram-na: olhem bem para ella... Anda á solta a ferocidade, as velhas bruxas, as garras, as boccas, a mixordia que

Goya fixou nos pesadelos. Um oficial é metido n'uma cuba de agua a ferver, e outros entalados entre taboas e serrados ao meio. Riem as velhas desdentadas: dizem palavras de escarneo, de amor, de gula, as lindas mulheres com os dentes brancos arreganhados e um cravo vermelho na cabeça; e a fila de homens, inalteraveis como inquisidores, fumando o eterno cigarro—cerca, assiste impassivel aos gritos, ao horror, ao sofrimento ao inferno. *Pues!...*

VIII

EL-REI JUNOT

Dois homens, no alto dominam todos os outros, Junot e Hermann. Um é o homem exterior, do espalhafato e da colera—a espada a rasto, a pluma ao vento; o outro, ninguem dá por elle: é um sêr calado e livido, sempre vestido de negro. Á sua roda a gente do governo fala, discute, vocifera: palavras, projectos, sons. Eil-o que se ergue e diz:—Não.—Mais nada. Pôz o veto e recolhe á sombra. A phisionomia impenetravel não tem uma contracção, os olhos aguados não vêem. Parece somnambulo. Junot passa com o cortejo, general em chefe, «commando dado com colera, recebido com desolação», quasi rei.—Quem manda é Hermann. Ha homens assim. São poetas. Quanto mais no escuro, melhor. Riem para dentro, gosam n'uma solidão esplendida. Ignorante e vaidoso, *Jinot*, como lhe chama ainda hoje o povo, sente-se perdido, exactamente no momento em que a vaidade póde desenvolver-se-lhe á larga.

Está doido. Em 1792 acertou-lhe uma bala na cabeça; outra em 1796 [1]. D'ahi em diante so-

JUNOT.

freu sempre. As primeiras excentricidades manifestaram-se quando governador de Paris. Batia nos

[1] ... Après lequel in ne tolera plus que on lui passât le peigne sur le crane — ARTHUR CHUQUET — *La folie de Junot.* — MORVAN, pag. 135.141.

creados do café onde jogava o bilhar. Tempo antes da invasão já Marbot lhe notára a alucinação do olhar...

É destas naturezas vulgares, grosseiras e afinal sympathicas, que acabam por se tornar insuportaveis. Não lhe sae do craneo a ultima entrevista com o imperador: Napoleão, com Savary ao lado, atira-lhe tres palavras sêccas. Uma porta bate. Deixa de vêr — tem-n'a sempre deante de si — a mascara do dono. Savary, ajudante d'ordens, criado de quarto e alcoviteiro ilustre do imperador, odeia-o. Apaixona-se com escandalo pela branca e voluptuosa Carolina. Joga sem freio, o seu luxo exaspera, e a sua vaidade desordenada espicaça as vaidades alheias. Não passa de um parlapatão, sempre prompto a dar ou apanhar uma espadeirada, temido, brusco e generoso, e tratando todo o mundo d'alto, com uma superioridade irritante. Ora estes homens, que nunca se apagam, molestam por fim toda a gente: é necessario arredal-os. Dão-lhe o comando do exercito invasor para o afastarem do leito da irmã de Napoleão, que detestou sempre os escandalos da familia. Quem tem a confiança do governo imperial é Hermann. Junot detesta-o [1], Lagarde odeia-o. — Junot perde o logar de governador de Paris. Peor: destituem-n'o de ajudante de Napoleão. Enchem-n'o de oiro?

[1] Por mais de uma vez o acusa na sua correspondencia com Napoleão.

Escarneo: Savary triumpha... Vomita improperios, colera, loucura. Trata mal o ministro da guerra do imperio (não lhe responde aos oficios) perde a cabeça, passa n'uma rajada com a côrte atraz, o Mello Breyner, o Principal Castro, o conde de S. Paio, as mulheres, o estado-maior cheio de plumas, de jactancia, de vaidade. Exige que acreditem na sua intimidade com Napoleão, e os outros riem-se. Se Thiébault lhe apresenta as ordens necessarias para assignar — não assigna. Ordens só elle as dá — percebem? —; só elle é o cerebro, só elle inspira e executa. Então Thiébault finge que esquece os papeis sobre a mesa, sem lh'os apresentar directamente, e logo o pobre general, ás escondidas, de noite, fechado por dentro, assigna tudo, aprova tudo... Todos os dias avança para a desgraça. E exclama: — Este paiz está-me nas mãos. Os portuguezes adoram-me. — E nem cumpre as ordens de Napoleão, nem organisa o campo entrincheirado entre Lisboa e Setubal para a suprema defeza. Tem pelo trabalho a maxima aversão: é todo impulso, irresolução, incompetencia, desleixo. Se ao menos pudesse ser rei... Cumprimenta-o o corpo diplomatico e elle olha-os todos d'alto. Conquistou um reino — uma capital riquissima. «*Malgré que le Prince et les fidalgues ont emportée d'ici*, as riquezas ascendem a 150 milhões de cruzados. Lisboa pode ainda ser considerada a cidade mais rica da Europa» (L. 2 de dezembro). Quanto á gente está toda com elle. Uns,

como Alorna, dizem «que o maior bem que pode acontecer a Portugal é estar na imediata dependencia da França (16 de Dezembro). «Metade de Lisboa vivia á custa da côrte» (27 de Junho). É tudo uma questão de dinheiro. «Os portuguezes não conservam nenhuma estima pela casa de Bragança» (14 de Fevereiro). Os fidalgos são poltrões: «Fiz a lista dos homens mais notaveis e mandei-os a França sob o pretexto de deputação, mas sem nenhum acto autentico. Não ha nenhum capaz d'um acto serio: são todos poltrões» (14 de Fevereiro). Quanto aos oficiaes generaes que podiam temer-se, uns foram afastados, outros... «Ha tambem outros oficiaes generaes que merecem a benevolencia de V. Magestade»... (16 de Dezembro). Quando manda (13 de Junho) a mensagem àcêrca de nova dinastia acrescenta: «o oficial que a leva é o neto do marquez de Pombal, D. José Sebastião Saldanha, filho mais novo do conde de Rio Maior, que casou com uma das filhas do marquez de Pombal. Esse moço e toda a sua familia, muito numerosa e que gosa em Lisboa de grande consideração, conduzem-se sempre muito bem com os francezes». E, emfim, «não ha um membro da nobreza ou do clero que não tenha assignado livremente a mensagem» [1]. O paiz está-lhe efectivamente nas mãos. Deslumbra-se, mas vem-lhe o negrume, de que sae com impetos de loucura, o

[1] Cartas de Junot a Napoleão. Ms. Biblioteca da Ajuda.

penacho ao vento, e atrás, curvos, palidos, de rojo, a regencia, a côrte, as mulheres...

Desde que pensa em ser rei *mudou de natureza*. Só recebe fidalgos. Não admite replicas. Abanam-lhe com a cabeça os diplomatas muito complacentes, o governo, e, como tem ás suas ordens um exercito, a Igreja, os fidalgos e os ricos e 150 cavalos das cavalariças reaes, roda como um verdadeiro principe, adorado pelas mulheres, bajulado pelos que o cercam e com o cunhado á estribeira: — Vossa Alteza! Vossa Alteza!...— Os francezes sentem-se em sua casa. D'um lado para o outro, muito afadigado, Carrion de Nizas — o artista — acarreta livros, joias, quadros, e Geouffre, o ridiculo cunhado de Junot, vae de casa rica em convento á procura de oiro e objectos preciosos. Junot oferece os palacios dos fidalgos emigrados e aos seus oficiaes superiores: — Instalem-se. — Alguns escrevem logo para França mandando vir as mulheres. Da côrte — festas, ópera, soirées, — fazem parte alguns fidalgos, D. Lourenço de Lima, partidario acerrimo de Junot, Rezende, o governo e muitas mulheres encantadoras. Veem ahi mais. Diz-se para França; o paiz é esplendido. Thiebault traça planos de jardins e melhoramentos no palacio que lhe coube em sorte. De quando em quando um sobresalto: fuzilam um desgraçado [1]. Que importa o sangue? Em

[1] Jacintho Correia, por exemplo. Jacintho Correia, segundo referencias que tenho encontrado nos archivos de anti-

Lisboa gosa-se. Ha um partido que rodeia Junot. «Cada dia se via ir crescendo o Throno do Despotismo, e da Ambição, fundado na credulidade dos pusilanimes; e de momento a momento se conhecia o augmento de certo partido que o appro-

gas irmandades, estudou em Mafra primeiras lettras no convento. Era natural de Zambujeira do Mar, freguezia de N. S. da Annunciação de Lourinhã. Casou na Athouguia de Baleia com Umtolini Rosa, em 30 de Maio de 1785 e deixou descendencia. Residia n'esta localidade quando o prenderam.

Nas épocas em que m'o permittem as minhas occupações officiaes, tenho indagado do paradeiro dos descendentes; já encontrei vestigios, e sei que em uma localidade do concelho de Cadaval, me parece, vivem pessoas d'esta familia. Tenho o maximo empenho em saber o que esses descendentes conservam sobre o motivo do fuzilamento do avô ou visavô.

A tradição em Mafra conservou até hoje que Jacintho Correia foi atacado por dois soldados francezes que lhe queriam roubar (vá o termo) um feixe de lenha. Jacintho Correia defendeu-se e matou os dois soldados com uma foice. Preso, foi conduzido a Mafra onde se achava estabelecido o quartel general de Loison. Julgado em conselho de guerra, declarou confessando o *crime*, que: se todos fossem do seu valor, não ficaria um só francez vivo. Este desabafo, traduzido rigorosamente pelo portuguez que servia de interprete, encolerisou o presidente do tribunal (ou conselho de guerra) e Jacintho Correia foi condemnado á morte, sem a menor attenuante, e fuzilado em 25 de Janeiro de 1808, segundo a tradição, no campo chamado «Alameda», na face sul do edificio de Mafra, mas ha quem assevere que no largo dos «bicos», na face norte, pelo ter ouvido dizer.

No livr. 6.º, fls. 1936 de obitos da freguezia de Santo André de Mafra encontra-se o seguinte registo: Aos vinte e

vava»... São os íntimos: os que tudo esperam do poder: é o Ega e a mulher; meia duzia de officiaes, os portuguezes, — e um homem sempre ouvido, sempre consultado nas ocasiões dificeis. Seabra da Silva tem os cabelos todos brancos...

Está mais sceptico, já quasi poídas as arestas da personalidade, elle que outr'ora escrevia á mulher: «Tudo é sonho, tudo é menos do que o que já por nós passou...» O Ega, Junot, e outros, batem á porta do velho, que resolve os problemas com fórmulas. Engelhou, mas conserva nos olhos a finura, na bocca um sorriso amavel e estas palavras faceis: — Pois sim... pois sim. — O contacto com os bastidores da vida gasta, desgasta, aproxima certos homens de Deus. Elle mirra e ganha em phrases amaveis. Já o não perde, e é pena, o impulso irresistivel da vida. O bom humor que até nas Pedras Negras conservou [1], transformou-se em ironia durante «a carreira extraordinaria e impenetravel» da sua vida, segundo as suas proprias palavras. Duas vezes ministro, duas vezes desterrado, ficou-lhe porém o gosto do poder. Junot mal chega a Lisboa procura-o. Insta. Elle responde: —Não.— Espanta-se Junot da decisão prompta e

cinco de Janeiro de 1808, falleceu com os sacramentos da confissão e communhão, fuzilado pelos francezes, Jacintho Correia, d'idade de 46 annos, casado com Umtolini Rosa, moradora no logar d'Athouguia... O Prior (a) Manuel Duarte. *(Nota do sr. Julio Ivo).*

[1] Cartas ineditas.

sêcca quando o imperador o quer levantar do chão, e elle torna «em palavras agudas no genero a que os gregos chamam gnomico: — Quem fez o não tão breve, não quiz que elle se demorasse; e não póde levantar alguem em Portugal, o que abaixou todos os pescoços ao seu jugo»... — Acha o marquez de Rezende extraordinarias estas palavras, que teem todo o sabor de falsas... Siéys, como Seabra, julgava Bonaparte perdido, mas, como homem de estado, ia jogando sempre aproveitando sempre... Da vida ficaram-lhe fórmulas. Só tem um partido — o poder. Do partido do poder são tambem, por varias razões, o Ega e a Ega. O Ega, que mais tarde recebe dinheiro em França de Napoleão, e pedincha até á ultima, é principalmente do partido do dinheiro; a Ega, ambiciosa e futil, essa quer mandar, brilhar, joias para os cabelos, sensualidade e prazer. Só o general não passa de um parlapatão ingenuo: é um sargento de corôa no alto da cabeça. O poder dá-lhe volta ao miolo. Entre o palacio do Quintella, S. Carlos, o Ramalhão e o palacio da Ega, desenrolam-se os fios da meada.

A Ega é loura, de aparencia ideal e ephemera, cabelos de oiro que polvilha de diamantes — e por dentro seccura. Fragilidade e uma saude de ferro: morre na Russia aos 80 annos. O marido é um trapo n'aquellas mãos delicadas. — As mulheres da Revolução eram idealistas. Mas ninguem fala já de M.^me^ Roland, que todos nós ama-

mos, nem de Carlota, que marcha de olhos altos e ferro escondido no branco seio virginal; nem de Lucilia Desmoulins, toda encanto e nervos. As

A sala do palacio da Ega.

mulheres do Directorio e de Napoleão são materialistas: Josephina, Hortensia, a Talien e as outras. Por seu lado o homem, entre o acampamento, a morte, a violencia, o desespero e o dinheiro, não ama — gosa. Passa em Paris algumas horas, coberto de gloria. Não corteja — falta-lhe o tempo.

Tem pressa; as mulheres despem-se, a saia entreabre-se. Enchem-se de joias lascivas. A Ega vive da intriga: viu de perto duas cortes e foi dama de honor de Carlota Joaquina. Segue-a o marido como um trambolho. Quem é este homem? Nem vale a pena sabel-o. Tem dividas, deve a meio mundo, precisa sempre que lhe dêem ou que lhe emprestem. Tudo na sua vida se explica por esta palavra — dinheiro. Sente-se, palpita ainda nos seus papeis essa suprema aflicção. As letras são aos centos, aos maços; saitam de entre os documentos. São de judeus de Tanger, de este, de aquelle: não teem conta, não teem fim. Em toda a sua vida ha uma ancia, arranjar dinheiro. Recebeu-o decerto dos hespanhoes, recebeu-o dos francezes [1]. Para o obter não recúa: a mulher é um meio — vende o rei, o paiz, vendia, se pudesse, o proprio diabo. Esta nota é dolorosa mas necessaria: se o Ega se vende a troco de dinheiro, os outros vendem-se por comodidade. Só no povo — porque o frade é povo tambem — os francezes encontram resistencia. É que os ricos são materialistas, e o pobre esse não hesita — que lhe vale a vida? — e salva-nos. O pobre é de instincto espiritualista ferrenho. Estranho povo este: mais fundo,

[1] Ainda em 1811 recebia diversas quantias — morava em Paris, rue S.te Croix Chaussée d'Antim, n.º 1 — por intermedio de «Monsieur Gorgen, chefe du Bureau des depenses diverses»... Em 1819 era constantemente citado para pagamentos diversos.

mais humildade, melhor. Um pouco de oiro enlameia-o. Querem vêr? Não ha como as cartas, os papeis intimos, para nos dar a psychologia d'uma época... Não só «os Governadores vão d'acordo com Junot (prudentissimo general) que até foi uma fortuna o ser elle comandante d'esta expedição», mas os burguezes e quasi toda Lisboa. Só o povo, «esse bando de malvados e ladroens de profição... em grandes Bandos atacarão tudo quanto erão francezes matando alguns...» Estão muitos presos. «Tudo gentalha e creio que dentro em pouco terão de ser enforcados.» Joaquim José da Silveira *(700 cartas publicadas por Thomaz Pires, e outras)* acha que as medidas de Junot são «prudentes e rigorosas e hua d'ellas é afastar da Capital todos os Corpos Militares Portuguezes, para que não succeda que por algum principio de indiscripção elles possam ser envolvidos em rivalidade.» Não só este como quasi todos entendem que «continua o socego e a boa harmonia e tudo ia bem» se não fosse a canalha...

É entre a casa do Seabra e o palacio do Ega, que se tramam os acontecimentos. Fui lá um dia ver o ninho. Ali, como sempre, triumpha a natureza, que todos os annos se renova. Cae tudo: os muros ainda se sustentam de pé, mas dentro os soalhos abanam. A um canto de uma sala, com arabescos de Pompeia no tecto, sécca a alfarroba,

e nas outras ha entulho, madeiras, lixo. A unica que se conserva quasi intacta no estilo pompeiano, com frescos representando mulheres do tragico

O pinheiro do tempo de Junot.

torresmo da volupia, é horrivel; são horriveis os pomposos lampadarios de metal, obscenos como ventres. A brancura d'um marmore de Apollo no seu nicho, e em roda de toda a sala um lambris de azulejo representando Veneza, cidades holandezas ou flamengas. Tudo isto, com lumes, fardas, e as mulheres envoltas em gazes e cheias de dia-

mantes, devia deslumbrar... Os soalhos ranjem: ha restos de papeis nas paredes: n'um rasgão cheio de humidade descobre-se ainda a columna de Vendôme...—Maravilha é o terraço que entra pela quinta dentro como a prôa de um barco encalhado, com banquinhos de pedra e canteiros de sardinheiras; maravilhosas são as arvores e as noites de luar sobre o rio, o scenario, a barra, os longes etherios. A grande sala dá para um jardinzinho cheio de rosas, de roxas cinerarias, de tintas e de aromas. As bacias deitam agua a custo: romperam-se as canalisações, e o milho, as couves, a horta, alastram pelos jardins. Lá dentro fede a humidade, mas pela porta aberta que deslumbramento! Cheira a sol, range uma nóra e entre dois jactos verdes de arvores avista-se pelo rasgão, a Outra Banda, o Tejo—a luz e a côr. Tudo isto tem um ar quasi selvatico, de abandono e ruina—ao pé de um trecho utilitario que ali fica bem. Sumiu-se a vã agitação, seccam-se mólhos de herva de encontro ás grandes muralhas inuteis, e por toda a parte, nos recantos, crescem aboboras ou moitas de flores. A agua pinga, cae —para as regas. A natureza perdoou, abençoou. Contemporaneo do Ega, da Ega, do Junot, só resiste e cresce ao pé da casa, selvatico, forte, com solidas pernadas rompendo-lhe do tronco luzidio, um pinheiro cuja umbella cobre todo o terraço. Suas raizes alastram, vêem-se á flôr da terra, minam por baixo da casa, e sente-se que, pouco e

pouco, hão de apoderar-se de tudo aquillo. Fica o pinheiro em cima, fica o rio lá em baixo...

Não é só em casa de Ega que se dão soirées magnificas:—Junot recebe sempre que não vae á opera ou que não passa a noite em intimidade em casa de M.me Foy. Recebe entre outros a Ega, a Foy, a condessa de Bourmont e o conde, de quem costuma dizer:—Entre Mr. de Bourmont e um forçado não ha diferença nenhuma...—Tocam o violoncelista Jordani, os rabequistas Galdino, Fillipe, o flautista Rodil; canta a amadora Maria Benedicta de Brito. «Alem de hum ou dous convites formaes que me fez o General em chefe para bailes, aos quaes era tambem convidada toda a gente notavel de Lisboa, e a que temi faltar por não ser notado, e alem das vezes em que fui obrigado acompanhar a Real Junta do Commercio á casa de Junot...» *Ratton.*

Alguns negociantes ricos abrem tambem as suas casas aos oficiaes francezes. Foi no salão de Francisco José Pereira, que dava saraus e concertos concorridos por Hermann, por Foy, por Delaborde e Thiebault, que Geouffre insinuou, por intermedio da mulher do negociante, a oferta de um magnifico colar á duqueza de Abrantes, que tivera um filho. Quintella escolhe 21 diamantes magnificos... Afinal todas as mulheres adoram este Junot. Uma marqueza, que conquistára ao passar em Salamanca, debalde lhe escreve.—Que doida! que doida!

— Vamos para S. Carlos!

Fardas, oiro, galões, quinhentas mulheres quasi nuas nos vestidos diaphanos da época. E sobre isto gazes, plumas, joias. Corre e telinta o oiro no camarote, com varias salinhas do Quintella, de que Junot se apoderou. A Ega imita nas attitudes M.^{me} Recamier, loira e branca, resto de nuvem com poalha de sol. Nos bastidores as bailarinas intrigam, o general procura a Julia Petit, amante do bailarino Fago, que lhe chama: — Saltimbanco! saltimbanco! — Elle rasga-lhe o contracto. Scintilam as pedras no cabelo da Ega. Um espectador na plateia murmura os versos de Bocage:

> D'alva Julina o divinal composto
> Houve encanto, houve dom que lhe escapasse...

Junot impuzera os espectaculos ao emprezario, e, como não lhe paga, elle não paga aos artistas. Tudo se compensa... A assignatura augmentou. N'essa primavera o general ia com as bailarinas para a quinta do Hortelão e com as damas francezas e portuguezas para o tradicional Ramalhão. Esta e aquella são suas amantes; fôra sua amante uma rainha, Carlota Joaquina, de quem elle fugia a sete pés dos rendez-vous de Pedrouços. O Ramalhão, o logar preferido, o Ramalhão conventual e triste entre arvores veneraveis, é um casarão curioso com o ar pachorrento de quem digere indiferentemente n'um sitio

admiravel ou n'uma latrina. Os choupos teem seculos de vida e a igenuidade das creanças: desde a entrada que cobrem a devassidão com a sua inocencia. As ruas de buxo — que atinge o tamanho de arvores — dão um grande caracter á quinta. Por toda a parte tanques, bosques fôfos, heras cobrindo arcos romanticos. Silencio, silencio, silencio... É um ninho de amor. Por toda a parte agua, esconderijos e pomares de macieiras. Ha ali arvores centenarias que valem todo o palacio. E de este sitio idylico fizeram alcouce! Sentada n'uma cadeira baixa, conta-se que Carlota Joaquina, arregaçando as saias, refrescava as pernas com um abanador — contemplando o mar. Foi tambem este o logar escolhido por Junot para os seus amores dum dia...

Quem se lembra agora do novelo tragico, envolto no chuveiro imenso, dos gritos, da morte, do desespero? Telinta o oiro do saque... Não se desvaneceu de todo o rufo dos tambores, esvoaça ainda no escuro o clarão dos archotes. E gritos! gritos! gritos!... — São quinhentas mulheres francezas e portuguezas, e a Ega, entre todas, triumpha, loura, diaphana, fragil, irreal... O povo cá fóra canta-a

> A condessa chora, chora,
> Chora sem consolação,
> Que o seu Junot arribou
> Á quinta do Hortelão.

As festas em S. Carlos são um esplendor. Ha-as com baile, jogo e ceia. Para o bufete armado no palco sóbe-se por duas escadas. Nos programas marca-se a atitude dos convidados e do publico logo que chegue El-Rei Junot. É esplendido o aspecto dos camarotes e da sala, com as portuguezas e as francezas, que vieram com o exercito, a Trousset, alta e soberba, d'olhos negros e cabelos castanhos, a Foy, loura, de narizinho arrebitado, que passa por amante de Junot e a quem chamam a bella Roxelane, a sympathica M.me Thomiers, um tudo nada triste, que segue o marido pelos campos de batalha até 1811, e que o vê morrer-lhe nos braços em Aragil, as familias do conde de Almada, de Sabugal, de Peniche e de Castro Marim, as dos marquezes d'Abrantes, Marialva, Penalva e Valença, as de D. Francisco Xavier de Noronha, e dos desembargadores Lucas Seabra da Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão, Abreu Girão, etc. Os vestidos são transparentes, as joias em profusão brilham ao lume dos candelabros. No camarote do Quintella a Ega sorri. Apenas duas fitas lhe prendem dos hombros — as mangas eram curtissimas — o vestido aberto [1].

[1] É curioso este trecho do *Correio de Londres* de 12 de abril de 1802 sobre as modas em Paris: «Après le bain, disait-il, un déjeuner au chocolat sera servi et les dames, avant de s'asseoir, prendont un tablier à la créole. Le chocolat bu, on changera de vêtements. On prendra des robes à la Pomone. Elles sont aussi commodes que jolies pour monter à

Quando a mulher, com graça, solta o chale de Cachemira, que Napoleão trouxera do Egypto, parece oferecer-se como uma deusa sahindo de uma nuvem, decotada e coberta de joias á antiga... (Em junho todo o Algarve colerico explodira). Envolvem-se em tules, cassas, e nos cabelos, entre

cheval et pour sortir le matin à pied. Le dîner aura lieu chez le meilleur restaurateur. A ce dîner de pique-nique il n'y aura pas un homme d'admis. Trois sortes de vêtements ont été adoptés pour le repas et la promenade. Le premier est la robe ronde à la Rufina; son ensemble est délicieux, Le second est la redingote à la Naxos, charmante pour le négligé. Le troisième est le surtout à la grecque, Il se met par-dessus les robes blanches et est enjolivé sur les devants dont la coupe est variée. Ce dîner, composé de femmes seulement, met au désespoir les charmants, les incroyables, qui se sont coalisés contre ce pique-nique, comme contraire au bon goût et au maintien de la société. «Quoi! disait un des agrèables, ces femmes vont dîner sans hommes! Elles vont s'ennuyer à périr et vous verrez que la migraine les empêchera d'aller à la promenade. Je le prévois d'avance, Longchamps sera effroyable cette année.» Que ces dames se promènent ou ne se promènent pas, elles ont adopté pour aller aux collations privées la parure suivante: la robe longue à la Philomèle. Le corsage, par derrière, est à l'Étrurie, les manches sont courtes et enjolivées partie à l'espagnole et partie à la grecque. A défaut de la robe à la Philoméle, la robe ronde à la Glaonia, sera seule admise. Sa coupe est partie à la romaine et partie à la française. Elle a a une grace parfait».

No entanto Napoleão não gostava de vêr as mulheres tão nuas. «Assegura-se, diz uma nota da *Gazeta de França*, que o Primeiro Consul já por varias vezes fez sentir que não gostava de mulheres nuas n'um salão.»

PROGRAMME.

La fête que l'Armée Francaise en Portugal, donne à Monseigneur le Duc d'Abrantes mercredi 8 Juin, consistera en un bal paré.

Cette fête aura lieu, dans la Salle du Spectacle de S.t Charles.

Les Personnes les plus notables des differens Ordres du Royaume, y seront priées, par des invitations qui seront personnelles et qui serviront de billets d'entrée.

On entrera par le grand Peristile et on arrivera par la rue . . . . . .

Les Dames invitées seront reçues par les Maîtres de Cérémonies, qui leur donneront la main jusqu' à leur place.

Mesdames *Thomières*, *Trousset* et *Foy*, feront les honneurs du Bal.

Les Personnes invitées à la fête, comme celles qui auront obtenues des loges arriveront depuis 7 heures jusqu' à 10 heures du soir.

Son Excellence en arrivant au Théâtre, sera reçue par Messieurs les Officiers présens à la fête, et qui iront audevant d'Elle jusques sous le Peristile.

En entrant dans la Salle, Monseigneur trouvera toutes les Dames invitées, placées dans les loges basses et

as pedras e as plumas, usam flores naturaes. São magnificas as joias das mulheres portuguezas — nem tudo fôra para o Brazil — e as francezas resplandecem com o producto do saque. Junot chega a seis cavallos, á luz de archotes, com a estrepitosa escolta: esperam-no perystilo, as fardas, o mestre de cerimonias, o Ega, que em 1 de julho tinha sido emfim nomeado membro do governo, em substituição do Principal Castro. Coronel general de Hussards, *grand' aigle* da Legião d'Honra, gran cruz de Christo, comendador da Ordem de Ferro da Italia, grande oficial do imperio, quasi rei de Portugal, a musica recebe-o com o *Chant de victoire* de Persias, e as mulheres e os oficiaes, de costas para a scena, levantam-se. Elle avança, ao som do *Chant de depart* de Mehul, e gira em volta da sala, acenando com o chapeu emplumado para a Ega, para a Trousset, para as lindas e sumptuosas creaturas. (A 26 de junho já os francezes tinham chacinado os insurrectos de Beja). Dança-se, e á meia noite e meia hora sobe o pano e o buffet surge sob uma barraca de campanha, magico de luz, de flores, de bandeiras victoriosas. A orchestra rompe com o *Veillons au salut de l'empire*, e o mestre de ceremonias annuncia: — *Monseigneur est servi!*

Junot anda preocupado porque não recebe reforços, mas as noites de festa seguem-se. A 15 d'agosto, dia da festa de Napoleão, canta-se o *Demofoonte,* imitação de Metastasio, musica de

Marcos de Portugal, desempenhado por Eufemia Echart Neri, Angiola, Bianchi, Luigia, Caldarini, etc., etc. (Já os inglezes desembarcaram e marcham de Alcobaça para as Caldas). Lagarde continúa, porém, a publicar suplementos á *Gazeta* com noticias de victorias:

GAZETA DE LISBOA

1.º SUPPLEMENTO

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1808

A ordem do dia do Exercito de Portugal de hontem, era concebida nos termos seguintes:

Quartel General de Lisboa, 14 de Agosto de 1808.

«Soldados! Houve uma grande Batalha entre o Exercito Francez e o Exercito Espanhol reunido nas Provincias de Castella e de Galiza, entre Benavente e o Douro; o Exercito Espanhol foi completamente batido; e perdeo a maior parte da sua artilharia. O General Francez prosegue nas suas vantagens; e 20:000 homens do seu Exercito entrarão em Portugal pela Cidade de Bragança. Esta forte divisão marcha para Lisboa, e em breve, valorosos soldados, podereis abraçar os vossos camaradas. Como elles, haveis contentado a NAPOLEÃO O GRANDE: como elles sereis recompensados: o vosso General em Chefe saberá fazer-vos ante S. M. a justiça que mereceis. Rodeados de inimigos, huma parte dos quaes, na verdade, se

acha enganada, estejamos sempre promptos a combater e a perdoar!»

(assignado) O DUQUE DE ABRANTES.

Por copia conforme,

O General, Chefe do Estado Maior General,

THIEBAULT.

Junot aparenta tranquilidade, mas logo no principio do espectaculo sáe de repente e com elle todos os generaes. A Ega empalidece. Chegára um correio de Delaborde com más noticias. As bagagens foram carregadas de madrugada a trouxe-mouxe. «Era digno de se ver, como eu vi, esta quadrilha carregar com o furto; nada deixarão de precioso, pois tudo levarão». *(Observador).* Nas casas onde os oficiaes se alojam vae um reboliço ...

Marcham de Lisboa ás 4 e tres quartos, depois de segurarem o saque a bordo do *Vasco da Gama.* Levam comsigo o deposito publico, 225:000 cruzados e as barras de prata da fundição e mais uma vez proclamam:

O DUQUE DE ABRANTES, General em Chefe do Exercito de Portugal, aos Portuguezes Habitantes de Lisboa.

Eu me separo de vós por tres, ou quatro dias. Eu vou visitar o meu Exercito; e se fôr necessario dar huma batalha aos Inglezes, e qualquer que seja o successo, eu tornarei para vós. Eu vos deixo para governar Lisboa hum General, que

pela sua doçura, e pela sua firmeza de caracter soube merecer a amizade dos Portuguezes em Cascaes e Oeyras. O Senhor General Travot saberá tambem por estas virtudes merecer a dos Habitantes de Lisboa. Vós tendes estado até agora tranquillos; he de vosso proprio interesse continuar a sello: não vos mancheis com hum crime horrendo no instante, em que a sorte das Armas dicidirá sem risco vosso do Poder que vos haja de governar. Refleti hum instante sobre os interesses das tres Nações, que entre si disputão a posse de Lisboa: a gloria e a prosperidade da Cidade e do Reino são o que querem os Francezes; e porque he este o interesse e a politica da França.

A Espanha quer invadir, e fazer de Portugal huma das suas Provincias, para se fazer assim senhora da Peninsula; e a Inglaterra quer dominar-vos para destruir o vosso Porto, a vossa Marinha, e impedir que a industria faça progressos entre vós: a magnificencia do vosso Porto lhes causa muita inveja: elles não consentirão que exista tão perto delles, e elles não tem a esperança de o conservar: elles sabem que hum novo Exercito Francez passou já as vossas Fronteiras; e se esse não bastar, outro virá após elle; mas elles terão destruido os vossos estabelecimentos maritimos: elles terão sido causa da destruição de Lisboa; e eis aqui o que elles procurão, o que elles querem: elles sabem que não podem conservar-se no Continente; mas quando elles podem destruir os Portos e a Marinha de qualquer Potencia, estão contentes.

Eu parto cheio de confiança em vós; eu conto muito sobre todos os Cidadãos interessados na conservação da ordem publica; e estou muito persuadido que ella será conservada. Considerae as desgraças, que necessariamente succederião, se esta formosa Cidade obrigasse as minhas Tropas a entrar nella com a força. Os soldados exasperados não poderião conter-se; o ferro, o fogo, todos os males da guerra praticados em huma Cidade tomada de assalto; o saque, a morte... eis-aqui o que em taes circunstancias eu não podia impedir; eis-aqui o que vos attrahirieis sobre vós: só a idéa me faz estremecer.

Habitantes de Lisboa, evitai, affastai de vós estas terriveis calamidades.

Dado no Palacio do Quartel General de Lisboa, 16 de Agosto de 1808.

O DUQUE DE ABRANTES.

Caricaturas sobre o anuncio de que as tropas francezas marcham atravez da Espanha

A 18, corre que Delaborde foi destroçado. Vae gente ver a esquadra ingleza que se aproxima de terra [1]. A 20 de agosto Lagarde ainda afixa

[1] Sente-se nos escriptos da época a ancia do povo: — 4 e 5 de agosto... Os inglezes marcham sobre Lisboa. « As noticias eram severamente prohibidas e só se sabia algum

editaes anunciando a victoria da Roliça pelos francezes, mas a 22 á noite espalha-se que os francezes foram completamente derrotados e sáe toda a gente para a rua dando-se os parabens. Apparecem os primeiros feridos e prisioneiros, e o *conselho conservador* «para que o povo não desanime nem se exaspere excessivamente» assenta que é conveniente espalhar de novo a proclamação n.º 11.

Habitantes de lisboa

...«os exercitos provincianos nos trazem a gloria, etc. E pois que tão feliz e sinceramente se tem dado as mãos para uma acção heroica o Clero, a Tropa, a Nobreza e Povo d'esta capital, eis o momento de a praticar...»—Como? como? Vão ver:—...«e ella consiste em estarmos promptos para atalhar tumultos industriados pela ambição de malfeitores, para regular e dirigir a nossa força contra qualquer violencia feita aos nossos direitos ou á vossa honra. Nada vos desvie do caminho que conduz a este systema superior ao prazer ou ao susto, grandes em um e outro, quietos e constantes conseguirieis merecer os abraços ternos dos vossos compatriotas e alliados mostrando-lhes e

movimento por via de Coimbra, que sempre sustentou correspondencias occultas com Lisboa», 15 de agosto: «Approxima-se a esquadra! approxima-se a esquadra!»

ao mundo todo, que sabeis ser, segundo as circumstancias, prudentes, generosos, guerreiros, portuguezes, heroes, filhos de heroes!»

A ultima noticia que nos resta de estes extraordinarios conspiradores, regista-a assim a historia: no dia 17 de agosto resolvem aprompiar para 15 de setembro de esse mesmo anno um obelisco com iluminação — lona, papelão, ripas, lixo e cebo...

A 30 de agosto os francezes compram á pressa pedras preciosas mais faceis de esconder e de levar. «Era uma confusão em semelhante quadrilha de salteadores...» — Salvou-nos da vergonha o frade exasperado, salvou-nos a multidão anonyma e feroz.

IX

O FRADE E O POVO

Junot manda — o Maneta executa. A 17 de junho marcha sobre o Porto para dominar a insurreição...

Sáe de Almeida com dois batalhões de infantaria e cincoenta cavallos. De Torres Vedras deve juntar-se-lhe outro batalhão e uma bateria, ao todo 1:800 homens. É pouco para um povo inteiro que irrompe das tocas, de chuço em punho, sinos a rebate, apostrophes, gritos, frades de clavina, e coleras, exasperos descendo das serras... Loison marcha sobre o Porto.

Escuta... Á noite, nas aldeias (onde vires terra revolvida ahi está o homem) á noite junta-se ao lume, rezando o terço, a familia do cavador. É uma figura séria, de mãos como pedras, sujo de terra: baixinho a femea, que tira o pão da bôcca para o dar aos filhos, a femea encardida, que só

vive de dôr, diz-lhe:—Trespassaram com espadas o coração da Virgem!—Enegrece o fumo a choça... Do pulpito abaixo, n'um rodilhão, com improperios, infamias, sarcasmos—e uma paixão tão funda que todos morrem por ella—o frade revolve a massa obscura, cheirando a terra e inocente como a terra:—Mata! mata! morte aos judeus! morte aos jacobinos!—E sacode-os a todos o mesmo odio quando, estendendo o braço, vocifera:—Calcaram aos pés as sagradas particulas!

É um frade, alto, descarnado, calvo, só osso e colera. Os gestos são imperiosos e o pequeno crucifixo de metal dil-o-hieis enorme: peza-lhe arrobas sobre o peito.

A figura nodosa aprompta-se para a morte. Na terra coube-lhe a terra, que o gasta e corroe e lhe dá em troca a fome.—Dá-lhe tambem o amor.—Bronco, cascoso e sujo, com a mulher ao lado, eil-o prestes... A religião é uma grande verdade de instincto e por isso elle a defende. Importa-lhe a terra que se apoderou de todo o seu sêr, importa-lhe sobretudo o céu [1]. Ouçam: curtiu fome; a mulher pariu-lhe entre lages, seus olhos não se despegam do buraco negro do alto. É um idealista grosseiro e credulo. E quanto mais sofri-

[1] Patria não tem. «A consciencia nacional está na razão directa dos conhecimentos geographicos, politicos e historicos, que dizem respeito á patria». *Novicow.*

mento melhor, quanto mais fome melhor. A desgraça imprime-lhe para sempre dedadas, sáe-lhe das mãos descarnado. Melhor: mais alma, mais entranhado no sonho. Todo elle vive da unica realidade que lhe deixaram. É um idealista feroz. Sofre, e a terra, só braveza e secura, onde se cria a agua, criou-o tambem á sua semelhança e apoderou-se de todo o seu sêr. É impossivel separál-os. Avança aos urros para a morte pela mão do frade. Agarra no chuço e põe-se a caminho [1]. Defende a tua terra, defende a tua alma. Eis a unica guerra que se admite, que se tolera e se comprehende. Defende a tua alma a tiro. Chacina. Não perdoes aos que se atrevam a calcál-a. Fál-os recuar mesmo que seja de espanto: o resto são regras, preceitos de velhos philosophos sem pêlo na cabeça nem sangue no coração. Morre e mata — mas mata, mata!

O que reage não são os interesses; os interesses acomodam-se. A gente rica é calculo: a vida não lhe é indiferente. O outro nem sequer hesita... Por uma ficção? Não, por uma profunda realidade, pela unica vida com que conta, pela vida futura. O que protesta é o espirito contra a materia. Vem ahi o materialismo que Napoleão encarna, e o que nos resta é lama. Acomoda-se. Para deparar com energias capazes de reagir, foi preciso ir buscál-as onde ainda se encontram: ao povo e á

[1] Como na Italia, onde os lombardos gritavam contra os francezes: — Morra a liberdade! Viva a Virgem Maria!

desgraça, porque só a desgraça conserva intacta a fonte capaz de todos os heroismos... [1] E foi assim que, primeiro a fé e depois a dôr, nos conseguiram salvar.

*

Seis de junho. No Porto os espanhoes cumprem as ordens da junta galega e aprisionam Quesnel e alguns soldados. Ha um levante. Os frades espalham: «Caraffa em Lisboa prendeu Jinot.» Mas mal os espanhoes retiram com os prisioneiros, logo corre: «Jinot apprompta as guilhotinas». A gente séria reflecte. «No Porto escrevem cartas com humilhação e arrependimento o governador das Armas, da Relação, o Corregedor e a Camara; estas cartas são remettidas e entregues ao governo intruso» [2]. O juiz dos orphãos e o juiz do crime vão aos conventos pedir aos frades que aquietem o povo. Isso sim! Desde maio que corre na Europa a noticia do captiveiro do Papa, o mesmo que sagrára Napoleão em troca de vagas promessas de territorio; desde maio, notem, que a Egreja, para quem Bonaparte fôra um *segundo Christo*, lhe chama com escarneo *Buonaparté.*

[1] Só o povo defende os interesses alheios; o frade defende a Egreja, Roma e os seus proprios interesses.

[2] *Sepulveda patenteado.*

Nas cidades bolorentas, lageadas de calhaus, nas villas arredadas e submersas pelos montes, em Braga, em Melgaço, em Chaves, a ralé brame de colera — 8 de junho. Em Trás-os-Montes, na Beira, não se cumpriram os editaes de Junot: o cavador enterrou a espingarda de pederneira. As guarnições são ridiculas: no Porto 87 soldados, que os espanhoes levaram comsigo (6 de junho); em Coimbra 44 homens, na Figueira poucos mais, e alguns postos de *étape* assegurando as communicações... No extremo do paiz, Bragança é uma terra da provincia, solitaria e perdida lá nos confins, onde homens e coisas não mudam. Habitos entranhados. Vida parada. Os montes separam-na e isolam-na. Não bole, e, anno após anno, os sêres, as casas denegridas, as velhas egrejas de granito, vão deitando raizes lentas e de ferro no chão, nas manias inveteradas—e tambem no sonho. O tempo chega para tudo... Um almocreve leva a noticia do tumulto no Porto: ha um motim e o abade de Carrazedo vae procurar Sepulveda, e encontra-o na egreja de S. Vicente «assistindo á trezena de Santo Antonio». É o povo que o arrasta (11 de junho). Publíca um edital ordenando aos desertores que se apresentem: «Convido tambem e mando os que deram baixa na dita reducção, venham alistar-se.» Ordena aos capitães-móres de Moncorvo, da margem direita do Douro, que vigiem as barcas. O povo, porém, mais prompto, já as despedaçára. Mas, sufocado o motim no Porto,

«toda a Bragança temeu e tremeu». Sepulveda não tem fé e escreve a ocultas a Luuyt, que «achou prudente e ardiloso seguir o plano que adoptára para entreter o povo. Os meus movimentos são nenhuns, nenhumas as minhas operações.» (19 de junho). O corregedor, o juiz de fóra de Bragança, procuram o velhote: — Olhe o que faz... — Elle coça a cabeça e responde por esta fórma pitoresca (imagina que o oficio vae a caminho...) [1] — «Isso bem está, mas o pescoço sempre fóra. Eu não approvo tal, e a Revolução deve ir por deante...» — Todos os dias pergunta ao ajudante: « — Ó Figueiredo, quantos soldados temos? — E elle responde: — Dez. — São poucos, dizia o general. Tornava este: — Quandos temos? — Vinte, respondia Figueiredo». Não se riam... Tenho deante de mim a gravura de Bartolozzi, e presinto o velhote de oitenta janeiros, sêcco e pertinaz, com duas ou tres ideias no caco, mas essas ferrenhas. As farripas de cabelo cahem-lhe sobre os olhos espertos: só tem osso, pele e vontade. Um caturra. Inteligencia e figura de labroste, e sobre isto solidez e grandeza. Mais manha que finura. Construiu-se no fundo da provincia de resistencia e caracter, desabrido e teimoso, boa pessoa no fundo. — Velha madeira de castanho.

O mesmo grito corre o Douro, Trás-os-Montes e Minho. Nas moles inteiriças de pedra o homem

[1] O abade de Carrazedo apanhára-lh'o no correio...

minusculo cava, escava a pedra, aproveita todos os escaninhos para crear, filho atrás de pae, o azeite, o vinho e o pão. E o paredão, temeroso e espesso, negro até ao céu — alguns parecem de ferro — entaipa-o. No fundo, muito no fundo, corre o Douro barrento, entre destroços de ossadas corroidas. Infunde temor. E logo mais montes bravos, outras muralhas disformes. Á noite vêem-se no alto algumas estrelinhas perdidas. Não ha estradas: ha corregos, leitos seccos de torrentes, caminhos a pique cortados na rocha viva. Uma egreja e casas de colmo tão ermas, tão pobres! Melhor: o homem isolado só convive com Deus e com a terra. Os sinos põem-se a tocar a rebate. É Miranda, Torre de Moncorvo, Villa Real. Depois outros mais longe — depois todos. Tocam, tocam como boccas a prégar o desespero, sob a abobada pousada de um e de outro lado nos cêrros temerosos, e, no silencio cheio de magestade dos montes, o som grita, o som clama, o som échôa. O cavador encaba a foice roçadoura, desenterra a velha espingarda de pederneira... O Porto (70 mil habitantes) é tambem uma cidade feia e espessa, com o rio na alma — o Porto é granito e sonho. O homem tem um enternecido amor á terra aspera, nevoenta e prophetica. A pedra é pegajosa, a rua estreita, e a agua no fundo trespassa-a e corre como lava. Entranha-se o salitre no granito, a nevoa no homem orgulhoso e rude. Tranca a porta — eil-o rei. Conta, aferrolha o dinheiro do balcão,

o dinheiro do vinho (35 mil pipas em 1789), dos covados de lã, do pano que exporta para a America, da louça, da sêda e da cortiça. Mas a nevoa sóbe do fundo do burgo e turva-o: torna-o confuso e enorme, concentrado; dá alma á pedra, ao homem sonho... A plebe, os segeiros, os botequineiros, as meretrizes, odeiam Pérron, delegado de policia. Quem sóbe as ruelas lageadas de grossas pedras, encontra os Congregados, os Loyos e os Bentos, cheios de frades inquietos. Da Galiza chegam emissarios e cartas. Já em casa do desembargador Joaquim Rodrigues Botelho se conspira, planeando-se o assassinato de Quesnel, e os frades aprompţam um barco para a fuga no caso de insuccesso. Contam os galegos: são sete mil trabalhadores broncos, espessos e solemnes. Carregam os fardos, cães de guarda vigiam no fundo das lojas, dormem nos claustros, fazem pé de meia, trabalham, juntam, poupam. Teem-nos nas mãos. Lembrem-se: a cidade inquieta, com as ruas cheias de populaça grosseira, tem o rio na alma, tem o rio no fundo, que a atravessa e lhe dá o ar nevoento e concentrado. O Porto é granito e sonho...

A 18 de junho carrega-se na Ribeira pão para a tropa de Oliveira d'Azemeis. Alguem lamenta-se: — Só para nós não ha pão! — Um soldado retruque, quebram-lhe logo a cabeça. E eil-o o motim:.. Um farrapo no ar e em volta boccas abertas, gritos, apupos, o sordido galego, a ralé, e o burgo acinzentado, com as margens a pique, o rio, o

redemoinho apertado nas ruelas negras e fumosas... A meia duzia de soldados vae de escantilhão na leva até á guarda da Ribeira: as mulheres vociferam. Seis horas da tarde. Acode o caldeireiro, o tanoeiro, o frade. De Gaya irrompem pela ponte os homens dos armazens (3:600 trabalhadores). «E as mesmas senhoras e plebeias, longe de se alterarem á vista do perigo, influenciam os filhos e maridos a pegarem em armas, e se munem ellas mesmas de pedras». Anoitece. N'um alarido, tambores, cruzes, archotes — a mescla de frades e matulas, de carrejões e mulheres, sóbe as vielas. As torres alarmam a cidade. Em Santo Ovidio o capitão Mariz aclamára o Principe, e outra malta furiosa desce: enovelam-se e misturam-se n'um confuso estridor. Prégam os frades, e a casaria negra e salitrosa, as muralhas espessas, vomitam mais colera, mais ralé, mais escumalha feroz. Assomam ás gelosias vultos medrosos. — Os francezes já estão nos Carvalhos! Vamos a esses ladrões! — Os galegos arrastam quatro peças para a velha ponte de barcos. É a hora em que a nevoa transforma a cidade: o burgo augmenta e torna-se revolto, com negrumes cahoticos, borrões compactos de escuridão. No céu destaca-se a torre esguia, a casaria acastelada e no fundo, a velha ponte de barcos oscilante, o rio cheio de clamores, entre duas chapadas monstruosas de tinta. Ao clarão dos archotes, entre os novelos da fumaça, distingue-se sempre o vulto rancoroso do frade, os seus gestos de colera

e o remexer da massa obscura. Depois peor: o negrume anonymo, de onde irrompem chuços nos gadanhos crispados... «Armou-se tudo—diz um folheto da época—(excepto personagem que não appareceu nenhum)».—Morra o Jinot! Viva a Santa Religião! Morra! morra! morra!...—E os sinos nas torres não cessam de tocar. Mete medo. O burguez cauteloso tranca as portas. «Vem ahi Jinot com as guilhotinas!»—e a mescla, ao chegar á Ribeira, em frente ao môrro, oscila ao pé do fosso. Ha um panico e clamores:—«O Oliveira manda os milicianos contra o povo».—O brigadeiro fugira a pés de cavalo para Santo Thyrso, e os milicianos da Maia e de Penafiel, de guarda á cidade, juntam-se á multidão. Por fim, a noite envolve tudo, mistura tudo, povo e cidade picada de lumes, cheia de gritos, de ruas tortuosas, de casaria trepando as encostas ingremes, agarrada uma á outra, com a torre, a ponte, o rio que atravessa e lhe dá alma. A 19 organisa-se a junta com o Bispo á frente. A 20 a populaça marcha pela estrada dos Carvalhos á procura do Maneta. Os frades de S. Domingos agitam armas á roda do Bispo e a ralé clama a uma voz:—Morra! morra!—Um franciscano fala exasperado, rouco, feroz; vomita obscenidades e coleras ou lê uma proclamação entre as chufas do magote que o aplaude e rodeia: «Vamos: dêmos mais um publico argumento da nossa utilidade. Vêr-me-heis á vossa frente: segui-me. A tactica necessaria para a

empreza facilmente se aprende: o amor, a vontade, a coragem e o interesse tudo vencem. Nada vos intimide, nem ainda a consciencia. Cravae o ferro no inimigo, e banhado no seu fumante sangue, pendurae-o por cima das Sagradas Vestes, e offerecei assim a Hostia Pacifica sobre os vossos altares!» [1]—Mata! mata! Nas habitações denegridas as velhas rancorosas fervem panelas de agua para atirar aos francezes...

*

O Maneta chega a Lamego a 19. Mas já o paiz se sublevára. N'esse mesmo dia a gente da Torre de Moncorvo despedaça as barcas desde a foz do Agueda até ao Sabôr. Revolta-se Guimarães a 18 e a 20 Braga, Barcelos e Viana. Subleva-se a praça de Monte-Rei na Galiza e na vizinha Chaves frei Antonio da Assumpção préga a chacina. Sabe-se a 19 que Loison quer atravessar o Douro e o povo exige armas. Tres mil paisanos abalam pelas estradas. Em Moncorvo um almocreve declara ter visto os francezes: o rio defende, porém, a provincia. A 24 faz-se o alardo geral das ordenanças...—Põe o ouvido á escuta: o som clama, o som grita, o som echôa de fraguedo em fraguedo...—Silveira Pinto desce de Vila Real para a Beira á frente de magotes; de Guimarães

[1] Proclamação dos franciscanos.

e Braga avançam hordas; são as ordenanças de monsenhor Miranda, são as tropas de Gaspar Teixeira. É o Minho em peso.—Morra o Maneta!—Surgem dos buracos mais bandos ferozes. Quando corre em Chaves que parte das forças se dirige para Murça, formam-se logo duas columnas «de Tropa de Infantaria, Cavallaria e Ecclesiasticos (marchando estes no logar de honra, na vanguarda do Exercito) e Paisanos de mais de 4:000 homens. Debalde andaram 14 leguas em oito horas.» Os frades são os peores: «A esta Honrada Companhia — diz um chronista — se uniu outra de Ecclesiasticos não menos valorosos que respeitaveis, pelas suas conhecidas e exemplares virtudes: compunha-se esta do P. M. Fr. João de Santhiago, da Provincia da Piedade e Guardião do Convento de S. Francisco, que commandava os seus Religiosos, do Desembargador Vigario Geral, que commandava os Clerigos Seculares, e de huma immensidade de Regulares, e Seculares de Autoridade, Abbades, Vigarios, Curas, etc., cuja companhia dirigia na qualidade de major o P. M. Fr. Antonio da Assumpção... Não seria facil pintar o valor que respirava de estas Companhias de Ministros da Santa Religião, e de Litteratos, e quanto desafiavam a Tropa, e Paisanos...»

Até Lamego Loison encontra tudo tranquilo. Passa o Douro na barca da Regoa (20 de junho) e marcha sobre Mesão-Frio. De um lado e de outro os montes teem leguas de espessura. Adeante

ficam os Padrões da Teixeira. São colossos sobre colossos, um desenrolar de scenario formidavel. A solidão é temerosa: as casotas agrupam-se com medo. É uma coisa, que, a certas horas, á luz baça, infunde temor e grandeza. No caminho previnem-no: os paisanos disputam-lhe os Padrões da Teixeira e a gente da Regoa prepara-se para lhe cahir sobre a rectaguarda. Corre—ouve os primeiros tiros, cahem-lhe varados os soldados. Encara os montes, os môrros de pedra compacta, que teem raizes até ao fundo do globo; encara o paredão com degraus até á ultima crista: só as velhas cêpas se agarram á fraga. Trinta paisanos romperam fogo e fazem-no recuar. Duas vezes mede as escarpas: do alto rolam estilhaços de calhaus, lascas dos socalcos, duras e aguçadas como ferros, e fere-o de raspão uma bala. A figura sardonica contrahe-se-lhe. Manda retirar para a Regoa. Um punhando de labrostes cae-lhe sobre as bagagens, e, quando o ajudante passa, tomam-no pelo proprio Maneta: recrudesce a vozearia e o fogo... Se o deixassem avançar aniquilavam-no. Entra na Regoa como o desespero: pagam-no as mulheres violadas, as velhas e as creanças picadas á bayoneta, o clarão do incendio. Passa o Douro á pressa. Nas mãos do povo ficam varios tropheus, cavalgaduras, oiro, tres fardas do general. Apodera-se de uma frei Antonio Pacheco, sóbe ao pulpito e desanca-a com um pau. Em baixo a multidão ulula:—Olhem para o Maneta! para o

Anti-Christo! — Outra oferecem-na a S. Gonçalo de Amarante, e a terceira veste-a um carniceiro, e, entre obscenidades e chufas, parte a carne no talho.

Do outro lado do rio, Loison escuta. Os sinos tocam a rebate — e o som grita, o som clama, o som echôa... — É uma figura sardonica e atroz, alma de carrasco, farda e penacho sobre um burel de frade. O povo creou-o assim, e é assim na realidade que elle existe. Frade não foi, não o tinha sido nunca. Era filho da rabula e da Revolução; de um velho procurador de Paris — ganancia, manha e interesse, — e da escoria do Terror. Robespierre fál-o mais tarde major. Frade não foi, mas o povo completou a figura, fazendo de elle um blasphemo. E o burel assenta-lhe bem. Á força de ouvir gritos — de onde elle vinha: da revolução, do cadafalso, do saque, do incendio! — á força de ouvir gritos, resequiu: resta-lhe a ganancia, a ambição do oiro, o desejo da rapina e o goso da violencia: é quando o olhar lhe irradia chispas e o braço tolhido, o braço morto, se lhe agita n'um phrenesi: — *Fuzilé! fuzilé!*... — Em Evora, á procura de dinheiro, rasga manuscriptos preciosos, e desce, como um vulgar gatuno, a surripiar de cima de uma mesa o annel episcopal. Tem sobre os outros esta vantagem suprema: ri. Ri da chacina, dos gritos; desata a rir dos bandos de camponios, broncos e sordidos, á espera da morte na curva de uma estrada e que a escolta não tarda a varar com balas. Nunca ninguem o viu como-

ver-se, perdoar. Um desgraçado é sempre um espião e da sua bôcca sardonica só sahem estas palavras n'um portuguez mascavado: —*Já fuzilé! já fuzilé!*—De tão pessimos instinctos que os proprios camaradas o temem. É o homem dos saques, que só vive com exuberancia entre gritos de afflicção. Depois cae n'um torpôr: prolonga em imaginação a scena, assiste lá dentro a esplendidos morticinios, todo embebido em sonho. Fala pouco, mas com vigor e força como convém aos poetas, e, homem de suprema habilidade, cobre de chascos as inepcias de generaes emplumados que Napoleão guindára ao primeiro plano. Foi sempre sardonico e de ahi talvez o mixto de terror e de raiva que o povo lhe guardou. Junot escolhe-o bem para a dominação pelo medo. É certo que defende a pelle, mas é certo tambem que lhe falta coração. Onde se viu jámais que a devastação usasse esta mascara—o escarneo?

Põe o ouvido á escuta e sóme-se-lhe o riso na bôcca. Desde o Tua até Cavado, a gente da margem do Tamega atira-lhes como a lobos. De Vila Real, de Amarante, de Guimarães, marcham tres columnas sobre Lamego. No dia 21 sáe de Chaves o capitão José Novaes da Silva com 113 soldados, duas peças e seis artilheiros. Avançam com elle 3:000 paisanos. Vociferam:—Armas e morra o Maneta! Matem-nos! matem-nos!—São levas convencidas—frades e ralé—ferocidade extrema. Con-

vergem sobre Lamego de todos os buracos da provincia, n'um cerco tragico, que vae cahir sobre a pequena columna e esmagál-a. E uivos, obscenidades, chufas: — Mata! mata! mata! — Sobre isto os sinos chamando n'um desespero mais gente, mais multidões ferozes, mais frades para a chacina.

O frade não ri como o Maneta. É peor: reza. Pertence a uma religião que inventou tenazes complicadas para introduzir entre a unha e a carne, estopa embebida em pêz, que transforma as mãos em candelabros. Enche o quadro de negrume. Comanda, arrasta para a morte os cavadores, os ferreiros, os almocreves — o Palaio, o Medas, o Venta Larga. Cantam o *Bemdito* e abalam. Incide sobre os ferros esta mesma luz algida do luar que nos alumia agora. Entre o Vinagre, o Torto e o Vesgo, surge sempre a figura de sotaina, moldada d'um só jacto. O Maneta teme-os. É frei João da Madre de Deus, é frei Jesus Maria de Ascenção, é frei Antonio Pacheco, *os frades do habito branco.* Um, de sessenta tiros, emprega quarenta certeiros e ageita os oculos para corrigir a pontaria. Quando faltam armas, a plebe corre á pedra o general do imperio, como succedeu no Fundão. Os soldados matam-nos á primeira descarga, mas, mesmo depois de estendidos, não conseguem arrancar-lhes os calhaus das mãos crispadas. Frei João da Madre de Deus sabe que ha francezes na Capinha. Encontra seis, estende um, aprisiona os outros. Cercam n'um lagar alguns soldados feridos: dei-

tam-lhe o fogo: elles defendem-se até á ultima com urros pavorosos; os de fóra riem com as boccarras estupidas abertas.—E os sinos não cessam de tocar: o som grita, o som clama, o som échôa... Não ha a esperar piedade. Ás duas da manhã o Maneta abala a toda a pressa de Lamego deixando parte do saque. Em dois caixotes chapeados de ferro foram encontradas as seguintes peças de prata: «13 castiçaes,—2 serpentinas grandes,—2 escrivaninhas,—3 bacias de mãos e 2 jarros,—6 duzias de garfos, facas e colheres,—4 clarins,—2 grandes cruzes procissionaes,—1 imagem de Christo,—1 rica banqueta de altar com 51 peças,—6 grandes salvas,—7 pucaros e 13 bacias, sendo 6 de cadeiras grandes, e 7 de cabeceira mais pequenas, tudo de prata com o peso total de 452 marcos e 6 onças,—além de uma caixa de marroquim, contendo um bello apparelho de chá com 13 peças de louça da India» [1].

Apanham-no na Povoa da Juvente, mas ali faz-lhes face, comanda. É alguem. O braço tolhido, o braço morto, ergue-se no ar. Rosna—impõe-se. Estacam deante da figura atroz. Loison mede-os com altivez e desprezo, e retira em boa ordem, sob a apupada, os calhaus, as injurias dos frades e o bramido da populaça. É a fome que leva a multidão a dispersar emquanto o ge-

[1] *Notas, episodios e extractos curiosos*, por Francisco Augusto Martins de Carvalho.

neral se dirige a Vizeu. Ali encontra a carta do brigadeiro Oliveira: o Porto sublevára-se. Parte de Celorico para Almeida onde chega a 1 de julho.

Obrigára-o a canalha a recuar. São ferozes—salvam-nos. Esvaiu-se emfim para sempre a côrte ridicula, os generaes charlatanescos, os fidalgos, as açafatas, o Ega e a Ega, a mixordia e os safardanas. Cheira a terra e a suor — cheira a sangue. Cheira bem.

*

Junot concentra o exercito. Deixa apenas guarnições em Almeida, Peniche, Abrantes e Elvas: ordena a Loison que marche sobre Lisboa (precisa expedir vinte copias para que lhe chegue uma ás mãos). O Maneta parte a 3 de Julho por Castelo Branco. A Guarda fica-lhe no caminho e paga com o saque um simulacro de defeza. Covilhã mata os extraviados. Na Atalaia um padre resoluto resolve detêl-o com meia duzia de estupidos paisanos. Não arredam pé—são todos chacinados no sitio. No alto dos montes os magotes aterrados ouvem os uivos d'um boticario, a quem a soldadesca arranca os olhos em vida. Loison desaba sobre Sarzedas, Cortiçada, Sardoal e Abrantes, onde comete novas atrocidades. Chega a Santarem no dia 11 e dias depois a Lisboa com 200 soldados a menos.

A insurreição porém alastra: a Aveiro segue a Mealhada. O padre Bernardo de Azevedo á frente

d'um magote cáe sobre Coimbra. O povo recebe o povo: é um tanoeiro quem distribue as armas e só mais tarda aparecem os lentes. Um estudante e 40 voluntarios atacam a Figueira: os francezes entregam-lhes o forte, que o almirante Cotton se apressa a guarnecer. Ha tropas em Leiria. Um frade arrabido arrebanha um furriel de cavalaria e alguns paisanos e marcha sobre a cidade. O inimigo espera-os áquem da ponte de Pedra. O frade dispara as pistolas e com uma espada velha nas unhas arremete, com os outros de roldão atraz de si. Quinze soldados restauram Ega, Condeixa e Setubal. Um frade em Thomar prega nas barbas dos francezes e foge á pressa pela sacristia. Já o povo exclama: — A elles! a esses diabos! — Alistam-se os auxiliares, saqueia a populaça o deposito de armas de Chaves. O francez abandona a Nazareth onde alguns são mortos. Nas estradas caminham sob o fogo. O capitão Smith, comandante do *Cosmus*, desembarca armas no Porto, na Figueira, no Algarve. No Porto as esquinas cobrem-se de proclamações e editaes.

Entretanto formam-se juntas, organisa-se a defeza. Compõe-se e remenda-se. Em Chaves, Ferreira de Montalvão improvisa um esquadrão de cavalaria, tirando oficiaes e soldados dos regimentos 6 e 9. Aparecem em Vila Real levas de cem e duzentos recrutas. Sepulveda, agora decidido, corre Traz-os-Montes, préga, ordena, prepara.

Em 7 está em Chaves, em 8 em Vila Real. Ensina-se aos paizanos o manejo de alguma artilharia, convocam-se as ordenanças e milicias e os soldados com baixa; criam-se corpos de voluntarios; formam-se com destroços os regimentos de infantaria 6, 9, 11. 12, 18, 21, 23 e 24 e os de cavalaria 6, 9, 11 e 12, e batalhões de caçadores do Minho, Porto, Traz-os-Montes e Beira; armam-se os padres, os frades, e os empregados de justiça. No Porto comanda o corpo ecclesiastico o deão da Sé. Pedem-se donativos, impõem-se contribuições, comunicam com a junta galega. Com soldados, povo, algumas espingardas, com restos, formam-se quadros regimentaes e uma aparencia de exercito. O que isto representa de trabalho obscuro, de fadiga imensa e ingloriosa, só é dado aos competentes julgál-o. D. Miguel Pereira Forjaz e Bernardim Freire de Andrade procedem a essa tarefa esmagadora e ingrata. É preciso não esquecer estes nomes. Wellesley elogia-os como aos dois portuguezes mais notaveis do seu tempo. Não tarda tambem que peçam um emprestimo, armas, polvora á Inglaterra — e até um general...

*

O norte é a montanha, isto é a sublevação; os montes são baluarte e refugio. Quem manda? Mandam os que cá estão, dizem os transmontanos. No sul, na planicie, a revolta é mais peri-

gosa e dificil. Por isso as victimas foram muitas. É curioso lêr nos folhetos da epoca a historia da sublevação: no Algarve, em Faro, «algumas pessoas do povo tinham armas em suas casas e finalmente pagaram ao que se atrevesse a ir dar o signal, pedindo a chave da torre com disfarce e dizendo que queria dar umas badaladas, chamadas de *parida*... N'esse tempo continuava o rebate, mas ninguem de juizo apparecia. Foi preciso ir a casa dos officiaes, dos quaes alguns se esconderam; de todos só foram mais promptos, um José, chamado do Botequim, os Cabreiros que eram tres irmãos, etc.» (11 de junho). Vem depois a historia e transforma tudo... Em Olhão rasgam os editaes de Junot; Loulé e Lagos revoltam-se. Sevilha e Gibraltar mandam-nos armas. Extremoz, apezar da guarnição, subleva-se. (19 de junho). Avril acode: é uma noite de luar e de terror, uma noite de loucura. Resultado: trezentos mortos. Mas já os insurrectos cahem sobre Juromenha. Em Beja, a 24, a canalha mata o juiz de fóra e o provedor com estocadas, assassina dois soldados e corre ás muralhas. O francez acode, saqueia, destroe, viola e massacra. Deixa 1:200 mortos, a ruina e o luto. «Beja já não existe», affirma Kellerman, que comanda a expedição. Mas a revolta alastra (é Campo Maior, Marvão, Ouguella) e a resistencia augmenta. De Hespanha mandam-nos mais armas e soldados. A 2 de julho o general Margaron sáe de Lisboa sobre Leiria com 4:000 ho-

mens, 2 esquadrões de cavalaria, 1 de caçadores a cavalo, outro de dragões e 6 peças. Em Leiria ha 200 espingardas inuteis e quatro cartuxos para

Napoleão e o Diabo

cada uma. Organisa-se uma procissão: as mulheres reclamam Deus e o morticinio. Ninguem comanda e o francez aproxima-se. Uns trancam as portas, outros quedam-se impedernidos a uma esquina com a arma aperrada. Quem póde fugir, foge, mas a verdadeira canalha não arreda pé.

Com a noite chega o torpôr. No dia 5 o general intima-os: dá-lhes dez minutos para se renderem. Ninguem se submete. Então Margaron manobra, ala direita para um lado, ala esquerda para o outro, a artilharia na rectaguarda. Tem deante de si duzentos homens, alguns com espingardas sem fechos... No logar da Portella estende quarenta, e depois a soldadesca irrompe pela cidade com uivos de phrenesi. Mulheres, creanças, aleijados, são atirados para um monte e picados á bayoneta. Arrombam as portas, vasculham nas adegas. Em frente da cadeia um paisano inalteravel continua de guarda, de escopeta ás costas: vara-o com uma estocada o proprio Margaron. Por fim parte para Thomar no dia 7, declarando Leiria perdoada, Thomar paga 20:000 cruzados e dá como refens alguns frades. Thomiers espingardeia o povo na Nazareth, leva o thesouro da Virgem, milhares de cruzados, e incendeia o resto. Depois recolhem, deixando guarnições em Peniche e Obidos, em Rio Maior e Santarem. Mas só é d'elles o terreno que calcam — concertam-se logo as espingardas. O sangue reclama sangue.

Em Evora conspira-se. A Espanha (as juntas de Badajoz e Sevilha) espicaçam-nos. Decidem-se, aclamam o principe e organisam a junta presidida pelo arcebispo. A 20 de julho começam como sempre a revolta por uma procissão. Entaipam as portas da cidade a pedra e cal, e põem-lhe frades de sentinela. De Badajoz vem a

artilharia, seis peças de calibre 8 e dois obuzes, que é recebida com gritos de—Victoria! victoria!—vem um regimento de cavalaria, o de Maria Luiza, e um de infantaria, de *blanquillos,* comandado pelo phantastico Moretti, do quartel general de Solano, que tocava viola nos saraus cantando boleros. As forças espanholas não querem combater os francezes ao abrigo dos muros: amotinam-se e marcham pela estrada, direitas ás tropas de Junot [1]. Escurece-lhes no alto da Bicada. Esperam. Vem a noite e o frio, e recolhem a quarteis. A 28 passa-se uma revista á turba de soldados, de padres, de frades armados de chuços e machados, de roçadeiras e velhas espingardas. Á unica porta da cidade que ficára por entaipar, o da Alagôa, a gentalha vocifera e ameaça. Um frade prega. Aproximam-se os 6:600 homens de Maneta. Dentro das muralhas ha 1:770 homens, dos quaes 1:070 espanhoes. Ás 7 e meia da manhã do dia 29 os sinos tocam a rebate e as peças colocadas na altura do Moinho de S. Bento rompem o fogo. Os caçadores de Evora, emboscados no mato, dão ás de Villa Diogo, e abala a toda a brida a cavalaria espanhola de Maria Luiza...—Ahi vem os francezes!—O inimigo avança em tres columnas, e entra

[1] Junot foi, ao que parece, prevenido pelo corregedor José Paulo, morto depois como jacobino. Os paisanos apanharam a um caldeireiro uma carta por elle dirigida ao general.

pelas portas da cidade ao «toque *de degola*», como diz o chronista, emquanto a cavalaria faz cerco. Só os frades, os padres, a canalha, esperam a pé firme e morrem nas mãos dos soldados. As estradas de Extremoz e Olivença vão cheias de gente, que a cavalaria acutila.—Fujam! fujam!—Os frades e os paisanos defendem-se com desespero, de chuço nas unhas, ou morrem aos urros, agarrados ao gasganete dos francezes. Na porta de Alconchel, matam, matam, matam. Moretti abalára a unhas de cavalo para Juromenha, mas, lembrando-se á ultima hora da guitarra, que costumava trazer n'um sacco, voltou a pedil-a ao arcebispo, que, esse não quiz fugir:—Cuide vocemecê de salvar a vida, que a minha, pelos poucos dias que me restam, não merece tantos cuidados.—Ás 4 horas da tarde acaba o inimigo de dominar a cidade, e de essa hora até de manhã só se ouviram gritos... Fazem montarias aos frades. Alguns buscam o amparo dos altares, mas a soldadesca mete as portas dentro e viola as mulheres sobre as sepulturas. Creanças morrem debaixo dos francezes. Das adegas corre o vinho a jorros. A tiros de espingarda, a golpes de coronha e de machado, arrombam portas, armarios e arcas. Entram grupos de soldados com os prisioneiros apanhados no campo. O general diz:—*Fuzilé!*—São em geral padres. Assim morreram «4 clerigos trazidos á maneira de gado». Onde ha uma vala fusilam-nos um por um, e, ainda nos ultimos arrancos, os deixam. «Isto foi

25

adente do chafariz dos leões junto ás hortas» [1]. Á noite o susto redobra. O alarido é enorme. Retumbam os clamores e os gritos. Nos conventos destroem, roubam, escacam. Metem-se nos celeiros e adegas, como fizeram em S.^to Antonio dos Capuchos. Se sae um bando, entra logo outro e esquadrinha tudo. Em S. Bento fogem as freiras todas «na noite de sexta-feira 29 com a Prelada para as Quintas, ficando só uma velha impossibilitada, uma cega e outra de oitenta e seis annos e uma tolhida que não podião andar; mas que na noite seguinte tambem fugirão, ficando ultimamente a entrevada» a quem a malta reclama: — Dinheiro! dinheiro! — Em S. Salvador dos religiosos franciscanos um padre confessa e absolve: os francezes estendem-no com um tiro e o saque começa. As freiras dispersam. — Dinheiro! dinheiro! — é o gesto e o grito. Dinheiro — e mulheres. «Na noite do mesmo sabbado entrarão cafilas daquelles sordidos bandidos procurando pelas madamas» — queixa-se o padre Joaquim José Carrilho. Nas casas os moradores fogem de quarto para quarto. Os bandos entram e exigem oiro, quebram os gargalos das garrafas para beber, e, n'uma grande exaltação, apalpam o seio das mulheres á procura de joias escondidas. Atraz da cafila que sae, surge outra cafila sôfrega. É uma agonia contínua para os moradores. Sobem

[1] *Evora lastimosa*, pelo padre Joaquim José da Silva

aos telhados: um visinho diz: — «O senhor conego já soffreu na sua casa cinco saques». — Obrigam-nos a marchar na frente com uma candeia, a percorrer os escaninhos, a apresentar-lhes o oiro a bem ou a mal.

Uma noite de rega-bofe e de espanto. O homem sente-se deus: destroe, e não ha gritos nem supplicas que o detenham. É animalidade extreme. Quem póde resistir a estas magnificas violencias? É com um grito de alegria que a fera, que cada um de nós traz assolapada, encadeada pelos preconceitos e enclausurada pelos habitos, pela educação, pela regra e pela lei, se sente emfim livre e á solta. É o homem voltado do avesso. Negros de fumo, ébrios, irrompem pelas casas dentro, no auge do prazer, sentindo o que tem seculos e seculos, o que parecia morto e recalcado para sempre, outra vez vivo, outra vez rasgando, uivando, dilacerando. Esplendidos minutos de existencia, que nunca mais se esquecem! É a desforra dos mortos, do pó disperso, dos afundados n'um passado de milhares de annos, que podem viver um minuto, um só, com exaltação e ferocidade.

O francez mata, e clerigos, frades, povo, enrodilham-se no mesmo odio: as mesmas boccarras vociferam: — Morram os judeus! morram os jacobinos! — Não ha chefes nem generaes que se lhes imponham, e a colera extravasa: é delirio. O governador das armas e partido do Porto é levado

para a cadeia e a plebe brada: — Absolvam esse ladrão que o queremos matar! — O bispo publíca um edital ordenando a delação. De noite sacode-os o terror e veem para a rua em magotes furiosos: — Estamos perdidos! os francezes romperam as baterias de Villa Nova! — Correm para o rio, e uma voz na noite, do outro lado, brada: — Atirem para cá que elles já cá estão. — Os sinos põem-se a tocar a rebate, e tocam a rebate quando menos se espera [1]. Todos os dias os milicianos chegam com levas de jacobinos presos — todos os dias as esquinas se cobrem de editaes e proclamações. É o Bispo, presidente governador, é o Intendente da Policia, o juiz do povo, damas, padres, o bispo da Galliza — um inferno:

PROCLAMAÇÃO

Portuguezes: Quiz a Providencia mostrar-nos o momento da nossa Ventura: Portuguezes, confiança no Ceo. A defeza da Religião, das Vidas e das Fazendas, he quem deve estimular a brio Portuguez. Ás armas, Portuguezes, para nos Libertarmos de huns Impios, de huns Facinorosos, de huns Roubadores, que a titulo de *Protecção* vem arrancar as nossas Vidas, e os nossos Bens. Mas lembrai-vos, que o tumulto, e a desordem não he defeza. A Nação que vai a defender-se, não deve insultar, e offender a si mesma: Defendei-vos do

[1] Cincoenta annos depois um gracioso lembra-se de dizer n'uma egreja cheia de gente: — Ahi vem os francezes! — Houve panico, gritos e feridos.

inimigo, e não mancheis a honra que ides a ganhar, denegrindo-a com insultos feitos aos vossos Concidadaens: As nossas forças, e a nossa bravura deve só apparecer no Campo contra o inimigo. Os Ecclesiasticos deverão unir os seus sentimentos á Causa pública. Os Religiosos, e Religiosas devem enviar incessantemente as suas Oracoens ao Ceo de onde vem a força, e a defeza: Triunfe a Justiça, e esmague-se a iniquidade. O Governo não quer desordens; quer obediencia, e energia para a defeza, não para o tumulto.

Já mais se toque a Rebate nas Torres, sem que primeiro toque a Cathedral; bem entendido, que tocando na Cathedral sem haver algum signal na Torre he para acudir a fogo na Cidade; e de dia, havendo com o toque huma Bandeira na Torre, e de noite um Farol accezò, he para acudir a defeza, e combater o inimigo. Os Rebates falsos são perturbadores do socego Público, são causa de inquietação, e origem de desgraças.

O Governo quer a defeza; mas quer igualmente a segurança Pública. Povo Portuguez, praticai-o assim, e fazei-vos dignos da confiança do Governo, Viva o Principe Regente, Viva Portugal, e Vivão os Portuguezes.

Bispo, Presidente Governador.

PROCLAMAÇÃO DO INTENDENTE GERAL DA POLICIA

Moradores do Pôrto, o vosso demasiado zêlo, e summa desconfiança póde bem levar-vos ao precipicio, e isso é o que pretende o *Tyranno* para vos fazer succumbir. Se vós confiais no Supremo Governo que constituistes, prestai-lhe sujeição, que Elle he muito capaz de vos defender, e eu em seu abono porei a minha cabeça; se porém desconfiais em mim, o remedio é prompto, porque eu vou já demittir o Cargo, que nem pedi, nem ambiciono. Não he nesta occasião só que eu tenho

feito vêr a minha fidelidade; sempre por ella mereci a estima do Soberano, e já ha muito que algum de vós a conhece, e talvez em tempo a minha vida se arriscasse. Eu ainda conservo os mesmos sentimentos, os *Jacobinos* ainda não podérão abalar a minha constancia; como porém a vida he preciosa eu a desejo dar mais em beneficio da Patria, do que sacrificá-la em hum Tumulto. Eu quero antes morrer como simples Soldado em qualquer acção, do que soffrer de vós a injúria de desconfiardes da minha honra, e fidelidade. Muitos ministros ha nesta Relação de mais luzes, e por isso mais capazes do Lugar de *Intendente Geral da Policia;* fazei Justiça ao merecimento, e ide pedir outro ao Supremo Governo, que eu de boa votade vos quero fazer a vossa. Tenho mais gosto de ir acompanhar meu filho ao Exercito, aonde o fiz alistar, do que occupar o Lugar, para o qual apenas me julgaria capaz no tempo da quietação, e não do Tumulto em que desgraçadamente vos vejo, no meio deste, confesso, se faz mister mão que seja mais habil. Se a vossa desconfiança nasce da falta da proposição dos *Réos,* sabei que eu desejo fazer as cousas de fórma que não seja notado de sanguinario, desejo juntar Sentenças todas as provas que poder descobrir, para que a minha honra não padeça. Se em *França* se faz outra cousa, esta desgraçada *Potencia* não serve hoje de modelo ás outras; os *Réos* estão bem seguros; hão de ser punidos conforme suas culpas; a *Devassa,* que pelas nossas Leis se requer, ainda hontem se principiou. Que desejo he este tão arrebatado do sangue de huns poucos de Individuos, dos quaes já não temos nada a recear, e que brevemente podereis vêr no lugar que merecem pelos seus crimes? Não são estes os que vos devem merecer cuidado, aos que estão em *Lisboa*, e *Almeida*, he que devemos acometter, e vencer; correi pois mais a alistar-vos no Exercito, e a unir as vossas forças contra os *Inimigos* externos, do que contra esses já prezos, dos quaes em poucos dias, vos prometto, vejais a triste sorte, sendo culpados. Dai-me algum tempo porque hum homem mal convalescido de huma doença, e occupado em muitas

outras cousas, não póde fazer mais do que faz: concedendome tempo, eu vos prometto, desempenhar as obrigaçoens do meu Officio, e vingar com o castigo dos *Réos* a Religião, a Patria, e o Principe offendidos.

Porto, e *Intendencia Geral da Policia*, 1 de Julho de 1808.

José Feliciano da Rocha Gameiro.

EDITAL

O Dr. José Feliciano da Rocha Gameiro, *do Desembargo de S. A. R., e seu Desembargador da Relação, e Casa desta Cidade do Porto, e nella Juiz Conservador do Contrato Real do Tabaco, Juiz da Inconfidencia, e Intendente Geral da Policia no Districto da mesma Relação:*

Faço saber, que em observancia da Ordem da Real Junta do Supremo Governo, datada de 26 de Junho de 1808, Eu passo a tirar Devassa dos *Inconfidentes*, que depois do feliz dia da Acclamação de 18 de Junho de 1808 tiverem commettido o horroroso crime de *Traição* á sua Patria, e ao Nosso Legitimo e verdadeiro Soberano; ou de qualquer maneira, e modo tenhão mostrado descontentamento na acção mais Gloriosa para Portugal de sacudir o cruel jugo do *Tyranno*, que nos opprimia; a qual Devassa principiará no dia 30 de Junho, e successivamente se continuará em todos os dias, não feriados, de manhã nas Casas da minha Residencia, aonde ordeno, que todos que tiverem que depôr sinceramente sem dólo nem malicia, venhão prestar seus juramentos; para depois, segundo o merecimento das provas, serem os *Réos* julgados com a severidade das Leis: e para que chegue á noticia de todos, mando, que publicado este a toque de caixa, sejão affixados Exemplares nos Lugares mais públicos da Cidade, e seu Termo: E outro sim mando que ninguem ouse tirar este

meu Edital, com a comminação de serem havidos por este mesmo faço por traidores, e incorrerem nas penas, que por direito lhe são impostas.

Porto, e Intendencia Geral da Policia em 28 de Junho de 1808. E eu *Antonio José Ribeiro Vianna* o subscrevi.

José Feliciano da Rocha Gameiro.

EDITAL

«A Junta Provisional do Supremo Governo do Porto convoca todos os Soldados Veteranos de quaesquer Regimentos de Tropa de Linha, a reunirem-se aos dous regimentos de Guarnição d'esta cidade, etc. — 20 de Junho de 1808 — *Bispo,* Presidente Governador».

EDITAL

«Em nome do Principe Regente Nosso Senhor.

«A Junta do Supremo Governo instituida n'esta cidade do Porto, manda que o Capitão de Cavallaria José Monteiro Guedes de Vasconcellos Mourão, tome á sua Conta o Governo Militar de toda a Comarca de Penafiel, sobre-Tamega, e Amarante, etc. — *Bispo,* 20 de Junho de 1808.»

PROCLAMAÇÃO

do doutor José Feliciano da Rocha Gameiro, juiz da Inconfidencia e Intendente Geral do Districto da Relação e casa do Porto:

«Portuguezes fieis! Honrados Portuguezes! A grande obra da nossa Restauração está principiada, etc. A subordinação é o nexo da cadeia civil: a falta d'ella reduz em hum momento á horrorosa Anarchia o Reino mais poderoso...

«Porto, 22 de Junho de 1808».

PROCLAMAÇÃO

«Senhores Ecclesiasticos seculares, e regulares:

«He este o tempo em que devemos, anciosamente, cumprir com os nossos deveres... Estavamos a ponto de sermos victimas do furor, já nos horrorosos carceres, já nas guilhotinas... Deus é que nos inspira, vamos, Senhores Ecclesiasticos, vamos pôr-nos em ordem á frente do inimigo e defender a Patria, as Propriedades, e a Nação do opprobrio em que se vê».... etc.

«*Luiz Pedro d'Andrade Brederod*, Deão. 24 de Junho de 1808.»

EDITAL

«A Junta provisional do Governo Supremo tendo determinado um augmento de soldo de *quarenta reis* por dia, a todos os Soldados do Exercito da Defeza d'esta Cidade»... etc.

«25 de Junho de 1808. *Bispo*.

E mais, muitos mais:

Edital de 25 de Junho de 1808—do Bispo, incitando a Valorosa Mocidade a alistar-se; edital de 26 de Junho de 1808 suspendendo todas as causas tanto na Relação como nos mais juizos e auditoria, exceptuando as de segurança publica; edital de 27 de Junho, assignado por Manuel Lopes Loureira e José de Mello Freire, convidando a população a concorrer com donativos em dinheiro, roupas, ou mantimentos; edital de 27 de Junho levantando o sequestro aos papeis dos inglezes; edital de 28 de Junho mandando promover o despacho de todas as embarcações de Sua Magestade Britanica; *A Vingança da Patria, proclamação da cidade de Orense, a Restauração da Patria,* distribuido no Porto; a Proclamação do senhor

Bispo de Tuy: «Valorosos portuguezes: Chegou emfim o termo de vossas desgraças», de 28 de Junho, e o edital do mesmo dia de José Feliciano da Rocha Gameiro.

Edital do Bispo, de 30 de junho, mandando proceder á eleição do Juiz do Povo; proclamação aos nobres cidadoens portuenses, d'esta sempre leal cidade do Porto, de José de Mello Pereira Coelho: «Tive a honra de ser nomeado vosso Capitão pelo Ill.^{mo} senado da Camara»... etc.; proclamação de fr. Joaquim Soares: «Os francezes são mais fracos que os povos das outras Naçoens, mais mentirosos, mais velhacos porém que elles... Sua *Protecção* he *roubo*, a sua felicidade he *miseria*, a sua bravura he *medo*, he *fraqueza*. Os *Francezes* que ainda existem entre nós he hum bandinho de creanças para as quaes basta só hum *Portuguez*»... etc.; proclamação de «*Hum* fiel cidadão, povo portuense, amigos fieis invictos cidadãos: Ficae surdos ás vozes dos seductores, o ouvi attentos a Augusta Linguagem da Verdade»... etc.; proclamação de 1 de Julho, de José Feliciano da Rocha Gameiro; outra do mesmo, de 2 de Julho, mandando que «a toque de caixa se affixe este nos lugares mais publicos d'esta cidade. Todos os que tiverem que depôr contra os *Reos* presos ou outros quaesquer que estejam incursos no crime de *Inconfidencias* venhão brevementte depôr na devassa»; edital do Bispo, de 2 de Julho de 1808 nomeando o Desembargador Nuno Faria da Motta Castello Branco, para ajudar o Intendente 'de Policia no que respeita, principalmente ao confiscc dos Reos d'Estado e Inconfidencia; a Proposta do reino da Galliza á Junta do supremo governo do Porto, publicada em 5 de Julho de 1808, nas duas linguas — em que se «*convida*, *pede* e insta-a aos magistrados das duas Provincias *d'Entre Douro e Minho*, *Traz-os-Montes*, que obrem de accordo com o Reino da Galliza, ajustando um brevissimo *Tratado* sobre a base de reciproca independencia dos dous Reinos e as operaçoens de Guerra»... etc. Outro edital do Bispo, de 6 de Julho de 1808, mandando delatar ao Juizo da Policia todas as pessoas que sejam «partidistas do Governo

Francez, e seus costumes»; outro de 8, participando que se vae formar um exercito para desbaratar os francezes em todo o reino: «Para este fim já temos dado as possiveis providencias para Formarmos um Exercito de tanta força, e ordem, que ainda de longe ponha em fugida o *Inimigo.*» Appareceram segundo o edital do Bispo «Editaes insolentes e revolucionarios de Jacobinos, para vos *revoltarem* uns contra os outros.» 8 de Julho de 1808.

Mais:

Proclamação do juiz do povo; proclamação da Nação Hespanhola aos Portuguezes, Fidelissimos portuguezes...; edital, de 11 de Julho, de Manuel Joaquim Lopes Pereira Negrão, mandando entregar os cavalos para a formação de corpos de cavalaria; «D. Antonio de S. José de Castro, monge de S. Bruno, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do concelho de Sua Magestade Fidelissima, e Governador Presidente da Junta do Governo Supremo Instituida n'esta cidade, e Provincias unidas. A todas as Pessoas d'esta Diocese, Saude e Paz em o Senhor. Em outro tempo, amados Diocesanos, vos exhortamos ao socego e tranquillidade quando entravão n'este paiz as Tropas Estrangeiras, e a que fossem por vós recebidas como nossas alliadas, e pacificas. O nosso muito amado e Augusto Principe assim o deixou ordenado; os nossos grandes peccados assim o merecião»... etc. 14 de Julho de 1808. D. João Antonio Binet Pincio, bispo de Lamego, tambem se explica da mesma fórma em 15 do mesmo mez. Edital de 14 de Julho, determinando que as moedas britanicas de ouro corram com o seguinte valor: Guiné, 3$750; meio Guiné, 1$875; terço de Guiné, 1$250. Ordem de 19 de Julho de 1808, extinguindo a contribuição de guerra de 40 milhões. Edital de 20 de Julho levantando sequestro em «todos os bens, direitos e acçoens pertencentes a Vassallos de Sua Magestade Britanica. E mais

ordens, editaes e proclamações, das quaes citaremos apenas a proclamação aos inglezes: «Nação honrada e fiel, sempre amiga, interessada sempre na verdadeira felicidade e gloria de Portugal: constantes, intrepidos, invenciveis Inglezes»; a proclamação aos hespanhoes: «Intrepidos, resolutos e constantes hespanhoes: o profundo somno que surprehendeo huma Guarda avançada e deixou introduzir no meio de Vós a vibora que vos devora»... etc.; a «Dama Portuense fiel á Nação, e amadora do Principe: Damas portuenses: A consoladora e viva emoção, que sinto ao lêr os heroicos procedimentos, virtuosos esforços, e prodigiosa constancia das Damas Hespanholas, desperta de novo toda a minha sensibilidade»; e por ultimo a proclamação do juiz do povo: «Que glorias, portuenses! que triumphos! Restaurada a nossa Cidade, a de Lisboa, o Reino todo! Tornem a renascer os tempos dos immortaes *Affonsos, Joãos e Manueis*».

*

A derrota é sempre uma conclusão, o final da peça, a derrota é o resultado da revolta do povo e da insurreição espanhola... Vejam que serie de acasos para se chegar ao epilogo da Roliça e do Vimeiro: cinco mil inglezes, sob o comando de Spencer, vão reforçar o exercito da Sicilia; a entrada de Junot em Lisboa modifica, porém, este plano, e Spencer é enviado para Gibraltar. De Gibraltar recambiam-no para Cadiz. Os espanhoes recusam o auxilio, e eil-o que volta a reunir-se a Cotton, que vigiava Lisboa. D'ahi torna para Cadiz e de lá para Gibratar, porque fôra considerada inutil a sua presença nas costas de Portugal. A 12

de julho sae Wellesley de Cork com este destino, a Galliza, e além de Spencer, 8:800 homens ao seu dispôr. Quasi ao mesmo tempo que Wellesley recebe estas ordens, é Cotton avisado de que póde reclamar o auxilio de essas forças para qualquer operação no Tejo, e quando se declara a um que Spencer fica sob o seu comando, informa-se o outro de que póde operar de uma maneira independente. Como se a barafunda fosse pequena, augmenta-se a barafunda por esta fórma singular: chama-se Dalrymple para substituir Wellesley, quasi logo depois de este sahir de Cork, e passa-se Wellesley para o terceiro plano, com a nomeação de um segundo comandante, sir Harry Burrard. Basta? Não basta: no proprio dia da nomeação de Dalrymple como comandante em chefe, são enviadas a Wellesley as seguintes instruções: *objetivo principal operações no Tejo; desvie as forças que entender para operarem na Andaluzia.*

Wellesley é um homem prudente, sério, methodico, paciente e sagaz. Nunca falta á verdade: não tem particula de imaginação: é incapaz de compôr um facto ou de lhe ajuntar um pormenor. Seus olhos vêem claro e preciso. Uma das coisas que o espanta é que os portuguezes percam o tempo procurando-o logo de manhã (nem mesmo nas vesperas de combate alteravam o ridiculo cerimonial) para lhe perguntarem:—Como passou a noite? Passou bem?—É um observador. Os francezes ainda hoje não percebem como este

homem desprovido de genio conseguiu derrotar os generaes do imperio e o proprio Napoleão... [1] Wellesley chega á Corunha (20 de julho) e os gallegos repelem o seu auxilio; parte para o Porto e o bispo diz-lhe que é melhor desembarcar mais perto de Lisboa — mais longe do Porto... Dirige-se por ultimo para o Tejo, e ali, de acordo com Cotton, decide-se pela foz do Mondego. Escreve a Spencer n'este sentido, e, perplexo, recebe na Figueira a papelada nomeando Dalrymple comandante em chefe e Harry Burrard segundo comandante. Logo que chegasse John Moore, passava para o quarto logar...

Eram forças para a derrota, se os francezes não estivessem de antemão derrotados... Continúa a meada inextricavel do que chamamos acaso, que

[1] Tipo miudinho, com nariz de cavalete e a cabeça inclinada a um lado. Já M.me de Staël dizia a seu respeito. «Nunca a natureza gastou tão pouco material para fazer um homem». E a duqueza de Dino nas suas memorias diz-nos que elle «não esquece nada nem esquece nunca». É um animal de sangue frio, obstinado como todos os irlandezes, e levando as luctas sempre até ao fim. Os portuguezes cantaram-no em verso:

> Seu aspecto respeitavel
> Sua illustre condição,
> Gostosamente captiva
> A huma, e outra Nação.

Transportes, obra de grande atenção pelo conceituoso assumpto em que se funda.

é resultante complexa de factos, de ideias, de paixões e de leis, a dominar, como sempre, os acontecimentos. Sem esperar por Spencer, resolve desembarcar em Lavos 13:400 homens (1 à 5 de agosto), e é ainda por méro acaso que se lhe junta Spencer (5 de agosto), que na foz do Tejo fôra informado por Cotton das resoluções de Wellesley.

Bernardim Freire estava em Coimbra reunindo forças desordenadas, pouco mais de 6:000 homens com varapaus e fouces. Fornece-lhe o inglez 5:000 espingardas e insiste para que se lhe reuna marchando sobre Lisboa. Bernardim Freire hesita: os soldados são da Junta do Porto, e as juntas do paiz não se tinham ainda entendido. Quem manda é o bispo, e aquellas eram, depois de multiplos esforços, as forças regulares que a junta conseguira ordenar para sua defeza. Bernardim Freire comprehende que é necessario marchar com os inglezes, mas carece de ordens. Acede a reunir-se em Leiria a 11 e 12 aos inglezes, emquanto as milicias da Beira e Traz-os-Montes marchassem sobre Abrantes, para se opôrem á retirada dos francezes pela Espanha; começa, porém, a pôr dificuldades, apezar de todas as instancias de Wellesley. Talvez tivesse ordens secretas do bispo, que queria sobretudo defender o norte [1]. Certo é que ao receber noticia

[1] Hoje todas as decisões nos parecem faceis de tomar — porque está tudo resolvido... É preciso, porém, colocarmo-

que Loison seguira de Thomar com 6:000 homens, se recusa a continuar a marcha e fica em Leiria sob pretextos futeis [1]. Por fim, o inglez apenas

nos, tanto quanto possivel, na época, se quizermos ser justos...

Todas as vezes que os inglezes desembarcavam levavam para baixo... Era de esperar, portanto, pelos antecedentes, e porque a expedição era pouco numerosa, que lhes succedesse o mesmo. O bispo contava mais com os hespanhoes, com as juntas, com a insurreição popular. Perder o pequeno nucleo que se conseguira organisar a tanto custo, era perder tudo duma vez. Observaram-lhe os inglezes que se fossem batidos, os derrotavam depois separadamente a elles. A observação era justa. Só tinham uma coisa inteligente a fazer; juntar-se aos seus aliados. A observação era justa... Mas o bispo, os portuguezes, tinham fé na insurreição popular, na sublevação formidavel de Espanha — isto raciocinando sempre, é claro dentro da época e com os elementos do tempo — que lhes pareciam as unicas forças com que podiam contar. Dos inglezes só queriam armas e dinheiro.

De resto o bispo era o unico chefe que a canalha respeitava — até certo ponto... Se não fosse elle, o Porto tinha sido, mais tarde, saqueado. Segundo o manuscripto que pertenceu a Firmino Pereira, *Triste memoria dos acontecimentos anarquicos*, etc., o povo chegou a gritar nas ruas: — Viva a republica! — O bispo era um homem muito inteligente, que conseguiu manter-se n'uma situação dificilima e salvar muita gente. Se tiver tempo hei-de contar isto no volume sobre Soult.

[1] O coronel de milicias João Xavier Pinhatelli, «fidalgo do solar conhecido», poeta e chamado o *philosopho moral*, sahiu-se depois em 1808 com um folheto em verso explicando tambem que não pudera tomar parte nos combates da Roliça e do Vimeiro «com as dôres que lhe davam as herpes semeadas pelas costellas desde o estomago até ao espinhaço»...

consegue que Bernardim Freire lhe ceda 1:400 homens de infantaria e 260 de cavalaria sob o comando de Trant.

A 13 os inglezes marcham em duas columnas sobre Alcobaça e no dia 15 chegam ás Caldas. Todos os dias os francezes recebem más novas: «os inglezes vão desembarcar; a esquadra russa está duvidosa; os espanhoes reunem forças em Badajoz para apoiarem a revolta do Alemtejo e do Algarve»... Loison marcha para Elvas e em Elvas recebe ordem de marchar para Abrantes: os inglezes tinham desembarcado. Durante a marcha novas indicações para seguir por Thomar a Leiria ou á Batalha, a juntar-se com as forças que tinham sahido da capital, (6 de agosto) os 6:000 homens da divisão Delaborde.

Delaborde fica em Vila Franca no dia 6, chega a 8 a Rio Maior; bivaca a 9 em Candieiros; entra em Alcobaça no dia 10; retira a 12 sobre Obidos ao saber que os inglezes já estão em Leiria. A 14 occupa a povoação de Roliça, procurando assegurar as comunicacões com Loison. Espera-o a todo o momento, mas Loison (11 de agosto) retrocedêra para Torres Novas: estava em Santarem no dia 13 e ahi se conservou até 16, emquanto os outros se batiam. Os inglezes encontram a primeira resistencia (15 de agosto) em Obidos e no Moinho de Arrifos, ocupado pelos piquetes francezes. Desalojam-nos, e no dia 17 Wellesley manda organisar seis columnas com este plano: a da es-

querda atacaria o flanco direito do inimigo, procurando evitar a juncção com Loison, que Wellesley a todo o momento receia; as quatro columnas do centro atacariam a posição de frente; a columna da direita, 1:200 portuguezes, tornearia a esquerda do inimigo cahindo-lhe sobre a rectaguarda. O fogo rompe ás 9 horas. Os inglezes no ataque de frente, dificultado pelo terreno de rocha escarpada e chão de arbustos, assaltam com denodo o alto da posição ocupada pelos francezes, que os recebem, depois de uma descarga, na ponta das baionetas. O tenente-coronel Lake vê os seus homens hesitar, deter-se... Põe-se-lhe na frente, agita o chapeu, e morre. Avançam já novas forças, e Delaborde, quasi envolvido, retira. Salva-o de um desastre completo a falta de cavalaria ingleza: a portugueza recusa-se a perseguir o inimigo e Wellesley, surprehendido com a victoria, deixa-o ir em paz [1]. Loison ouvia o fogo de longe.

Tinha sido um combate desnecessario. Como reconhecimento fôra inutil, porque podia retirar sem combater, como combate de vanguarda estrategica precisava de ser sustentado por novas forças que não chegaram a aparecer.

[1] Por isso Wellesley dizia:

«A cooperação que eu esperava das tropas portuguezas, que tomaram parte no combate de 17, foi para mim uma verdadeira decepção.»

Para os habitantes de Lisboa a derrota fôra, porém, completa [1].

N'esse mesmo dia Wellesley recebe noticias da chegada da brigada Austruther e ocupa a posi-

[1] «A primeira (batalha) a 17 de agosto de 1808, junto a S. Memede d'Arouliça, em que Delaborde e Thomîers, perdidos de brios, derrotadas as forças, e abatidas as azas da Aguia de Napoleão, vendo destroçado o seu Exercito, e tomada a maior parte da sua Artilharia, procurou salvar o resto por meio de huma apressada fuga, deixando no campo muitos mortos, e hum grande numero de feridos.

No resto da tarde d'aquelle dia e a maior parte da noite caminharão com marcha dobrada, sem admittir descanço algum até o lugar de Runa, (quatro leguas e meia distante do campo da batalha, e huma ao Sul das Torres Vedras). Alli fizeram alto pelas duas horas depois da meia noite; tão fatigados e opprimidos da fome, que a não acharem provimento n'aquella Povoação, difficilmente poderião continuar a sua marcha.

Delaborde, Thomiers, e outros Officiaes Militares forão hospedados em casa de huma Matrona (Anna Maria, cujo marido se achava naquella occasião em Lisboa), a qual obrigada do temor, lhe franqueou a sua casa, para que lha não invadissem, e os tratou não como Jael a Sisara, quando voltava fugindo e desbaratado pelas Tropas de Debora, e de Barac, mas sim com humanidade, e grandeza, o que foi muito util á Povoação, pois Delaborde deo ordem, que nella se não fizesse hostilidade alguma. Curou-se da ferida de huma balla, que o tinha mal tratado no pescoço, e procurou mudar de roupa. Pedio de comer pa[illegible] e os mais Officiaes, o qual se lhe deo; e a sua Tropa municiada com duas mil e dezenove rações de vinho (4 pipas) e 130 alqueires de cevada para a Cavallaria, a qual pagou, e o vinho.

Derão-se as rações de vinho por listas, e houve Compa-

ção do Vimeiro. A 21 desembarca a brigada Acland, e o exercito inglez atinge, com os portuguezes, a cifra de 18:000 homens.

Junot sae de Lisboa com 2:600 homens no dia 17 de agosto, passa a noite em Vila Franca, e no dia seguinte mal enceta a marcha hesita,

nhias, em que apenas apparecerão 6, ou 8 Soldados; as duas ultimas vinhão quasi completas; porque talvez não entrarão na acção. O seu Parque de Artilharia constava de 3 Peças, e hum Obuz.

Pedio Delaborde que se lhe fizesse tres camas para descançar elle, Thomiers, o outro Official General; supposto que se lhes apromptarão, não chegarão a deitar-se nellas porque quando o pretendião fazer, o piquete que tinhão deixado atrás em observação, ouvindo ao longe caixas militares, e supondo serem Inglezes [1], deo rebate, dizendo: *Ingls*, *Ingls*, *allon*, *allon*. Logo tudo tomou armas, e appressadamente se retirão, com tão violenta marcha, que não fizerão alto, senão na Cabeça de Montachique, quatro legoas ao sul de Runa.

Pelas duas horas da tarde daquelle dia chegou Junot a Torres Vedras; e sabendo da retirada de Delaborde, lhe mandou ordem para voltar para Torres Vedras, o que fez no dia 18, e se foi achar com Junot no dia 21 na batalha do Vimeiro, onde as Tropas Francezas forão derrotadas, tomada a maior parte da sua Artilharia, e Junot fugitivo se retirou a Lisboa, onde foi capitular, como se refere em huma relação impressa da dita batalha.»

(Prospecto do Painel das luminarias, que se puzerão na frente da Igreja do Seminario da Caridade dos Orfãos da rua de S. Bento da cidade de Lisboa, pela feliz restauração deste Reino... Lisboa, Na Impressão Regia S. d. (1808) Pags. 5 a 7).

(1) Era Junot, que passava para Torres Vedras.

porque recebe a noticia de que a esquadra ingleza entrára no Tejo. Era falso. Entrega o comando a Thiebault e vae ao encontro de Loison. Resolvêra concentrar as suas forças em Torres Vedras. Na tarde de 20 reune efectivamente 13:000 homens, pouco mais ou menos, dos quaes 1:200 de cavalaria. Wellesley quer marchar no dia 21; o novo comandante do exercito, H. Burrard, opõe-se. Resolvem-se os francezes a atacál-o no Vimeiro na manhã de esse dia. Avançam pela estrada da Lourinhã, com um fito demasiado simples: atirar com elles ao mar. Avistam-nos na montanha que fica a oeste da povoação e marcham em duas columnas sobre os inglezes, que ocupam as alturas em volta do Vimeiro, tendo a ala esquerda na capella do logar e a direita na praia junto á Macieira. Ali perto estão os transportes, com as barcaças promptas para o reembarque, e uma fragata de guerra a appiál-os.

Junot almoça com madame Foy e a Trousset. A Thomieres, que o acompanhára desde Vila Franca, fôra ao encontro do marido. Bebem-se licores fortes. A manhã é de verão, lindo o panorama. São 10 horas — dá o signal. O inglez, prudente apezar do numero, apega-se á defensiva. Os francezes pronunciam o ataque de frente procurando envolver o flanco esquerdo do inimigo. Mas Wellesley, vendo o flanco direito pouco ameaçado, reforça-o e guarnece o cabeço e a povoação. As forças atacam com tal impeto que os inglezes

ao primeiro choque recuam. Precedem a columna atiradores, sustenta-a a artilharia. É a brigada Thomieres, da divisão de Delaborde, e a brigada Charlot. Avançam em tres columnas, dirigindo a do centro o proprio Delaborde. Um regimento inglez, deitado e a coberto com uma dobra de terreno, quebra-lhes o impulso com duas descargas quasi á queima-roupa e rompe sobre elles á bayoneta. Hurrah! hurrah! Outro, atacando a columna pelo flanco, persegue-a com denodo. É o momento em que os francezes forçam a povoação, e em que os soldados que guarnecem as casas lhes despejam as espingardas em cima. Debalde Saint Clair com os granadeiros renova o ataque, a artilharia obriga-o a refugiar-se n'um reprego do terreno, e as tropas de Wellesley, exaltadas, estendem-lhes 200 homens. Entretanto a brigada Brenier e a brigada Solignac marcham para atacar o flanco do inimigo: o movimento é executado porém tardiamente, depois de batidas as columnas francezas. São derrotadas ficando o general Brenier prisioneiro e ferido, e a brigada de Solignac quasi envolvida e aprisionada. Valeu-lhe sir Henry Burrard, que até ahi se limitára a assistir á batalha, mandando cessar a perseguição. Junot foge e tão precipitadamente que perde os papeis, entre os quaes uma ou mais cartas de Napoleão, que foram parar ás mãos de Bernardim Freire. Abala n'uma caleche descoberta com a Foy ao lado, perseguido pela cavalaria an-

O Anjo Custodio do Reino exterminando de Portugal a Aguia de Napoleão e a tropa franceza (Vimeiro)

glo-portugueza. O general Foy ficára ferido no combate.

Os francezes perdem quasi 2:000 soldados, muitos officiaes, 13 peças de artilharia, e os inglezes 783 mortos e feridos. Kellerman protege a retirada com cargas successivas, e Junot consegue reformar as suas tropas, sem que os inglezes tentem impedil-o, apezar de dispôrem ainda de 7:000 homens que não tinham entrado em acção [1]. Retira para Torres Vedras, onde ordena aos habitantes que ponham luminarias em signal de victoria.

Vimeiro fôra um combate depois de um almoço copioso. Os francezes atacam de frente, e atiram duas brigadas sem ligação para o flanco do inimigo, que só uma hora depois de começar o fogo contra o centro da posição é que chegam a pronunciál-o. Quanto aos inglezes revelam a mesma incapacidade e uma exagerada prudencia. Nem sequer, tendo tropas á disposição, ocupam a estrada de Torres e cortam a retirada a Junot.

O exercito portuguez segue de Alcobaça para as Caldas no dia 19. Pouco antes recebêra Bernardim Freire uma carta de Wellesley: «Sabereis que derrotei hontem o corpo do general de Laborde, os francezes perderam 1:500 homens, segundo me informaram; até se diz que o mesmo de Laborde fôra morto. As divisões de Loison e de Laborde se reunirão a noite passada em Torres

[1] Victoriano J. Cesar—*Estudos de hitoria militar.*

Vedras. Tenho a honra de, etc. *Wellesley*. 18 de agosto de 1808.» No dia seguinte avançam até

O duque de Wellington

Obidos. Na manhã de 21 ouvem ao longe fortissimo tiroteio: era a batalha de Vimeiro, a que assistiram todas as pessoas d'aquellas redondezas.

*

Roliça e Vimeiro são, repito-o, méras insignificancias: mesmo antes de se baterem já os francezes tinham sido vencidos. É sempre na aparencia uma futilidade que decide as batalhas: a lama, a noite, a chuva, a doença de um chefe, um nada vulgar. Intervém depois o historiador e arranja, compõe, remenda e explica. As verdadeiras causas são, porém, quasi sempre multiplas e complexas.

Quem póde, por exemplo, dirigir uma batalha moderna como um inferno de machinas (hoje até na guerra o homem é escravo da machina), com massas compactas de homens a mover, fios telegraphicos, a morte e a acção n'um espaço de leguas? Só um verdadeiro chefe, o representante de uma ideia. Napoleão vence emquanto dispõe de essa força; Demouriez vence emquanto não é um aventureiro. Eu me explico melhor, com certa obscuridade porque não tenho termos precisos com que me exprima. Vencem-se sem duvida batalhas pelo numero, pelo oiro, pelo aperfeiçoamento das armas, pelo rigor das manobras, mas vencem-se, sobretudo, por uma força que liga generaes e soldados, por uma energia psychica, que está ainda por estudar [1]. Tem-se visto cavadores

[1] Napoleão, que não tinha nada de mistico, dizia que na guerra havia uma parte divina; e Foch, num dos seus livros d'estrategia, fala do «dom divino do comando». *Luis Madelin.*

derrotarem exercitos ordenados. Sempre? Não. Mas essa manifestação de energia amolece o inimigo, origina os golpes decisivos, liga soldado a soldado, e a massa ao chefe n'uma onda instantanea. Ha homens que na vida derrubam todos os obstaculos, ha exercitos que vencem sempre e obram prodigios. Parece que o exercito presente e adivinha as ordens do general. Mal elle as concebe, executa-as logo. Essas multidões exaltadas condul-as para onde quer, e essa força material que destroe todos os obstaculos materiaes, nasce de uma ideia: é espiritual. É assim que o chefe inspira o exercito, tanto quanto o exercito inspira o chefe. É então que elle comanda, não com os galões, mas porque é a unica cabeça que convém áquelle corpo. Um exercito assim é um organismo perfeito.

Já ha muito que Napoleão deixára de ser o destino feito homem, e não passava de um rei peor que os outros. Emquanto na realidade mandou, emquanto foi a cabeça da geração que tinha uma missão a cumprir, emquanto foi o representante do sonho e das paixões, levou tudo em cacos deante de si. Foi um sêr admiravel. Em qualquer de esses homens nascidos para o comando de hordas e de exercitos, os gestos decidem, a atitude impõe-se: não surge uma hesitação, e o que fazem é sempre bem feito e sem sombra de duvida. Mexem-se no perigo como no proprio elemento. A morte recúa deante de elles.

Chamam-nos mil pormenores — deslindam-nos, a barafunda é clara como agua. É um efeito prodigioso de calculo? Erro; são impelidos irresistivelmente; são apenas a cabeça que coordena, o centro de atracção de mil forças, o ponto sensivel onde a corrente magnetica da vida actúa. Diz-se que isto é inspiração. É uma palavra. A força emana da multidão exaltada, emana do espirito, e não ha fórmulas, materia, obstaculos que lhe resistam: n'um arrebatamento caminham todos para a morte. Cada um sente então no mais intimo do seu sêr que é necessario, através de tudo, avançar. Napoleão foi na realidade o guia da onda irresistivel, que havia por força extravasar da França, porque não cabia na França. Mais tarde transformou-se n'um despota, dominando pelas paixões. O mundo lentamente transformára-se tambem. Outra força se fôra creando pouco e pouco, e os povos desiludidos eram agora contra elle. Quando Lannes cae (o canhão trôa perto de Vienna) e Bonaparte corre a pronunciar a phrase de efeito para a historia, as suas ultimas palavras são estas: — Faça a paz! faça a paz! — Em 1808 os generaes estão mortos por se apanharem em Paris, para gosar o dinheiro dos saques no jogo e no deboche, e os soldados batem-se sem convicção [1]. É já outra a geração, cansada e ex-

[1] E essa decomposição foi até ás ultimas. «O Imperador vê com magua que soldados escolhidos, destinados a de-

hausta: a anterior exterminára-a elle pelos quatro cantos da Europa. Esses homens tinham encontrado um Chefe, mas esse homem fôra tambem um instrumento posto em acção pela vontade de uma geração toda ancia, desespero e sonho.

São massas bem diversas as que vão encontrar-se cara a cara. Cada uma de ellas olha a vida de uma maneira diferente...

No fundo de cada inglez encontras sempre um puritano rigido e fanhoso, agarrado ás suas tradições. Houve um momento na historia ingleza, diz Macaulay, em que os devotos se apoderaram do governo: um synodo grave interrogava então severamente a mocidade sobre o dia e a hora precisa em que sentira operar o *segundo nascimento*. Era grotesco e terrivel. Era, é uma parte da alma da Inglaterra. A sua grande revolução é religiosa: o exercito resa com Cromwel á frente, e o temor de Deus distingue-o de todos os outros exercitos do mundo [1]. Ainda hoje não ha povo nenhum onde as questões religiosas sejam debatidas perante publico tão atento. Até os grandes crimes da sua

fendêl-o, e que deviam dar o exemplo da obediencia, devastem os armazens preparados para manter o exercito.» (11 de outubro, Moscow). «Não obedecem ás sentinellas e muitos vão fazer as suas necessidades nos pateos do palacio e até debaixo das janellas do imperador».

[1] *O Journal do tenente Woodberry*, soldado inglez que veio á peninsula, abre por estas palavras: — «Eu creio em ti, ó meu Deus! fortifica a minha fé!»

historia teem não sei quê de convencido e atroz —de religioso. Os carrascos lidam com Deus, são instrumentos de Deus. Juntem a isto uma aristocracia democratica, fidalgos vivendo com os evangelhos no fundo da provincia, ingenuos como arvores solitarias; a liberdade de testar—isto é, o orgulho e a tradição mantidas—e a raça primitiva conservada pelo isolamento da ilha. «As margens da Inglaterra eram para a gente polida que habitava as margens do Bosphoro objecto de mysterioso terror». As raizes neste homem são todas interiores: é, sob o aspecto frio, um apaixonado: concentra-se. Torna-se pertinaz na defeza dos seus usos, a ponto que, por exemplo, Henrique VIII não encontra oposição quando manda ao cadafalso Bouckingham e Surrey, Anna de Boleyn e lady Salisbury, mas, se exige aos seus subditos uma contribuição que não lhe é devida, obrigam-n'o a retratar-se perante a revolta.—Persistencia e orgulho. De um lado isto, do outro materialistas, soldados exhaustos, uma ideia que se gastou e fundiu. Da Revolução, que os levou irresistivelmente aos quatro cantos da Europa, resta-lhes scepticismo e as bagagens abarrotadas... A Inglaterra esteve perdida, perdida até no mar, mas persistiu e vae vencer. Um momento viu-se invadida atravez da Mancha. Havia homens tão dispostos a olhar a morte e a cuspir-lhe na cara, que lutavam com o mar e a noite, com as costas iriçadas de rochedos, com a Inglaterra em peso. Sus-

tentava-os ainda uma ideia formidavel. E no dia em que Napoleão carregasse com o calcanhar na ilha, era um inferno de guerras, de collisões, de partilhas. Mas a Inglaterra esperou e do seu lado está agora o espirito. Na Roliça e no Vimeiro revela-se a força nova da resistencia que se creára e ia derrubar a outra amolecida e gasta. Não é porque fossem em maior numero nem melhores os soldados, nem porque a artilharia ingleza usasse schaprnells. Tambem das outras vezes empregára schaprnells e sempre que desembarcavam eram vencidos. Os factos decisivos foram outros: a insurreição popular que só deixou aos francezes a terra que calcavam, e a insurreição de Espanha opondo uma barreira formidavel á retirada. Junot tinha de um lado o mar, do outro o desespero. Restava-lhe um de esses actos heroicos que ficam na historia: a defeza de Lisboa até ao incendio, como elle proprio ameaçára. Mas os francezes estavam repletos. Aborreciam-se. Nas algibeiras luzia-lhes o oiro do saque. Queriam guardál-o. A campanha fôra tão fructuosa como a de Dupont na Andaluzia. Pensavam em defender o dinheiro, não pensavam a sério em morrer. Exigia-se audacia e sangue frio — Junot tem um pé na loucura. A critica material dos combates fál-a em algumas phrases sêcas e de uma fórma magistral o proprio Napoleão. Vê tudo n'um relance: a dispersão inutil das forças, a falta de reconhecimento do terreno, o ataque feito á tôa. Vimeiro,

onde Junot comanda, só tem uma explicação—a loucura.

No momento supremo o general deixa guarnições em Lisboa e na provincia e desfalca o exercito em 6:000 homens, opondo 12:000 aos 18:000 do exercito anglo-luso.—Arrazasse Almeida, Peniche, fizesse saltar Elvas com excepção do forte de Lippe:—200 homens bastavam para o defender—diz Napoleão.—Thiebault é o primeiro a reconhecer que assim poderiam dispôr de 20:000 homens. Reunem 28 canhões contra 30 e tantos do inimigo, para não dar cabo dos magnificos cavalos de que dispunham em Lisboa para o espectaculo das ruas. Não manobram—atacam e atacam de frente n'um ponto dificil, sem reconhecer a posição, quando podiam tornear o inimigo pela esquerda.—E Lisboa? E se a capital se sublevasse?—Ao que Napoleão acode logo:—As capitaes, senhor, só se decidem depois dos acontecimentos.—Pelo seu lado os inglezes não manobraram melhor...

O que se segue é intriga entre os generaes inglezes Wellesley, Burrard e Dalrymple; um armisticio vergonhoso—contra o qual o general Bernardim Freire, que não combatêra, protesta—interesses, os francezes que querem levar os roubos, os portuguezes que tentam impedil-os. Wellesley trabalha para que o comando seja retirado a Dalrymple, a junta do Porto e o bispo tramam... Junot, que entrára em Lisboa, ao tempo em que o

Castelo salvava, perdêra a caixa militar com cem contos de reis. Passemos depressa... Remate: a Convenção de Cintra [1].

CONVENÇÃO DE CINTRA

Os generaes commandantes em chefe dos exercitos inglez e francez em Portugal, tendo determinado concluir um tratado para a evacuação de Portugal pelas tropas francezas sobre a base do accordo, ajustado em 22 do presente, para a suspensão das hostilidades, deputaram os officiaes abaixo nomeados, a fim de negociarem o mesmo em seus nomes, a saber: da parte do general em chefe do exercito inglez o tenente general Murray, quartel mestre general, e da parte do general em chefe do exercito francez, mr. Kellermann, general de divisão, aos quaes concederam poder para negociarem e concluirem a convenção para o dito fim, sujeita ás suas respectivas ratificações, e á do almirante commandante da esquadra britannica na entrada do Tejo.

Estes officiaes, depois de haverem trocado os seus plenos poderes, concordaram nos artigos que se seguem:

Artigo 1.º Todas as praças e fortes no reino de Portu-

[1] A Convenção de Cintra foi atacada com violencia nos jornaes inglezes: ...« A convenção mais vergonhosa e mais extraordinaria que jamais se escreveo nos papeis Inglezes» ...« A Nação inteira o sente coberta de pejo, vergonha e desesperação ». Extracto da *Gazeta de Cornouaille*, de 24 de Setembro de 1808: « Ó Inglaterra! infeliz Inglaterra! Nada mais te resta que juntar as tuas côrtes marciaes, examinar, degredar e inforcar os infames que te atraiçoam », etc. « Fecharam os botequins e enluctaram-se as gazetas » (carta de 29 de Outubro 1808, Visconde de Balsamão — B. M. P.

gal, occupados pelas tropas francezas, serão entregues ao exercito britannico no estado em que se acharem ao tempo da assignatura da presente convenção.

Art. 2.º As tropas francezas evacuarão Portugal com armas e bagagens; ellas não serão consideradas como prisioneiras de guerra, e na sua chegada a França ficarão na liberdade de servirem.

Art. 3.º O governo inglez fornecerá os meios para o transporte do exercito francez, o qual será desembarcado em qualquer porto da França, entre Rochefort e l'Orient inclusivamente.

Art. 4.º O exercito francez levará comsigo toda a sua artilheria de calibre francez com os cavallos pertencentes á mesma e seus carros, fornecidos com sessenta cartuchos por peça. Toda a mais artilheria, armas e munições, como igualmente os arsenaes militares de terra e mar, serão entregues ao exercito e esquadra britannica no estado em que se acharem ao tempo da ratificação d'esta convenção.

Art. 5.º O exercito francez levará comsigo todos os seus petrechos de guerra, e tudo quanto se comprehende debaixo da denominação de propriedades do exercito, a saber: a sua caixa militar e carros addidos ao commisariado e aos hospitaes de campanha, ou lhe será permittido dispôr de qualquer porção das mesmas, que o commandante em chefe julgar desnecessario desembarcar. Do mesmo modo todos os individuos do exercito terão a liberdade de disporem das suas propriedades particulares de qualquer descripção que sejam, com toda a segurança de futuro para os compradores.

Art. 6.º A cavallaria embarcará os seus cavallos, como tambem os generaes e os outros officiaes de todas as graduações os que lhes pertencerem. É, porém, bem entendido que são muito limitados os meios de transporte para cavallos que os commandantes britannicos teem á sua disposição; poderão procurar-se mais alguns transportes no porto de Lisboa. O numero dos cavallos a embarcar pelas tropas não excederá a seiscentos, pelo estado maior a duzentos. Em todo o caso se

dará ao exercito francez toda a faculdade para dispôr de todos os cavallos que lhe pertencem e se não puderem embarcar.

Art. 7.º Em ordem a facilitar o embarque, este se fará em tres divisões, a ultima das quaes será principalmente composta das guarnições das praças, da cavallaria e da artilheria, doentes e abastecimentos do exercito. A primeira divisão embarcará dentro de sete dias desde a data da ratificação, ou antes, sendo praticavel.

Art. 8.º As guarnições de Elvas e seus fortes, de Peniche e de Palmella embarcarão em Lisboa; a de Almeida no Porto ou na barra mais vizinha. Ellas serão acompanhadas durante a sua marcha por comissarios britannicos encarregados de proverem a sua subsistencia e accomodação.

Art. 9.º Todos os doentes e feridos que se não puderem embarcar com as tropas ficam confiados ao exercito britanico. D'elles se haverá cuidado emquanto existirem n'este paiz á custa do governo britannico, debaixo da condição que o mesmo será reembolsado pela França em se concluindo a total evacuação. O governo britannico ha de prover sobre a volta d'elles para França, a qual se effectuará por divisões de cousa de cento e cincoenta até duzentos homens por cada vez. Um numero sufficiente de officiaes medicos francezes será deixado ficar para cuidar d'elles.

Art. 10.º Logo que as embarcações empregadas em levar o exercito para França o tiverem desembarcado nos portos especificados, ou em qualquer outro porto da França onde sejam obrigados a entrar por tempestade, se lhes prestará toda a facilidade de voltarem sem demora a Inglaterra, com a segurança de não serem apresadas até que cheguem a um porto amigo.

Art. 11.º O exercito francez se concentrará em Lisboa e a 2 leguas á roda. O exercito inglez se aproximará a 3 leguas da capital, e se postará de maneira que fique 1 legua entre os dois exercitos.

Art. 12.º As fortalezas de S, Julião, Bugio e Cascaes serão occupadas pelas tropas britannicas á ratificação da conven-

ção. Lisboa e a sua cidadella juntamente com as fortalezas e baterias, inclusivamente de uma banda até ao Lazareto ou Trafaria, e da outra até ao forte de S. José, serão entregues ao embarcar da segunda divisão, assim como o serão o porto e todas as embarcações armadas de qualquer descripção que sejam, com os seus aparelhos, velames, sobresalentes e munições. As fortalezas de Elvas, Almeida, Peniche e Palmella serão entregues logo que as tropas britannicas possam chegar para occupál-as. Entretanto o general em chefe do exercito britannico dará parte da presente convenção ás guarnições d'aquellas praças, assim como tambem ás tropas que estão diante d'ellas, em ordem a fazer cessar as hostilidades.

Art. 13.º Serão nomeados commissarios por ambas as partes para regularem e accelerarem a execução das disposições em que se tem concordado.

Art. 14.º No caso de haver alguma duvida quanto ao sentido de algum artigo, se interpretará a favor do exercito francez.

Art. 15.º Da data da ratificação da presente convenção todos os atrazados que não estiverem pagos de contribuições, requisições e quaesquer outras pretensões do governo francez contra os vassallos de Portugal, ou outros quaesquer individuos residentes n'este paiz, fundadas sobre a occupação de Portugal pelas tropas francezas no mez de dezembro de 1807, serão annullados e cancellados. Todos os sequestros feitos sobre seus bens, moveis ou immoveis, serão removidos restituindo-se aos proprietarios a liberdade de disporem d'elles.

Art. 16.º Todos os subditos da França, ou de potencias em amizade ou alliança com a França domiciliados em Portugal, ou accidentalmente residentes n'este paiz, serão protegidos; suas propriedades de toda a especie, moveis ou immoveis, serão respeitadas, e elles terão a liberdade ou de acompanharem o exercito francez, ou de permanecerem em Portugal; em ambos estes casos lhes serão garantidos seus bens, com a liberdade ou de os reterem, ou de disporem d'elles e remetterem o seu producto para França, ou para qualquer outro paiz

onde queiram fixar a sua residencia, sendo-lhes concedido para este effeito o espaço de um anno. É, porém, bem entendido que os navios são exceptuados d'esta disposição, sómente pelo que diz respeito a sairem do porto, e que nenhuma das estipulações acima mencionadas servirá de pretexto a especulações mercantis.

Art. 17.º Nenhum nacional de Portugal será obrigado a responder pela sua conducta politica, tida durante o tempo em que o paiz foi occupado pelo exercito francez, e todos aquelles que teem continuado no exercicio dos seus empregos, ou acceitaram occupações debaixo do governo francez, são postos debaixo da protecção do commandante britannico. Elles não soffrerão injuria ou affronta em suas pessoas e bens, não tendo em sua escolha o obedecerem ou não ao governo francez, elles ficarão tambem na liberdade de se aproveitarem das estipulações do artigo 16.º

Art. 18.º As tropas hespanholas, detidas a bordo dos navios no porto de Lisboa, serão entregues ao commandante em chefe do exercito britannico, o qual se obriga a obter dos hespanhoes a restituição dos subditos francezes, ou sejam militares ou civis, que tenham sido detidos em Hespanha sem serem aprisionados em batalha, ou em resultado de operações militares, mas sim pelas occorrencias de 29 de maio proximo passado e dos dias immediatamente seguintes.

Art. 19.º Estabelecer-se-ha immediatamente uma troca de prisioneiros de todas as graduações, feitos em Portugal desde o principio das presentes hostilidades.

Art. 20.º Dar-se-hão mutuamente refens da graduação de officiaes do estado maior da parte de exercito e da esquadra britannica e da parte do exercito francez para a garantia reciproca da presente convenção. O official do exercito britannico será restituido depois do cumprimento dos artigos relativos ao exercito, e o official da esquadra quando desembarcarem as tropas francezas no seu paiz. O mesmo terá logar da parte do exercito francez.

Art. 21.º Será permittido ao general em chefe do exer-

cito francez mandar um official a França com a noticia da presente convenção. O almirante britannico fornecerá um navio para o conduzir a Bordeaux ou a Rochefort.

Art. 22.º O almirante britannico será convidado para accommodar s. ex.ª o commandante em chefe, e os outros principaes officiaes do exercito francez, a bordo das embarcações de guerra.

Feito e concluido em Lisboa, aos 30 dias de agosto de 1808. = *Jorge Murray*, quartel mestre general — *Kellermann*, general de divisão.

Nós, duque de Abrantes, general em chefe do exercito francez temos ratificado e ratificamos a presente convenção definitiva em todos os seus artigos, para ser executada segundo a sua fórma e teor. — *Duque de Abrantes.*

ARTIGOS ADDICIONAES Á CONVENÇÃO DE 30 DE AGOSTO

Artigo 1.º Os individuos occupados em empregos civis do exercito que foram aprisionados, quer pelas tropas britannicas, quer pelas tropas portuguezas em qualquer parte de Portugal, serão restituidos sem troca, como é costume.

Art. 2.º O exercito francez será sustentado dos seus proprios armazens até ao dia do embarque, as guarnições até ao dia da evacuação das fortalezas. O resto dos armazens será entregue na fórma usual ao governo britannico, o qual se encarrega da subsistencia das tropas e dos cavallos do exercito desde os mencionados periodos até á sua chegada a França debaixo das condições de ser reembolsado pelo governo francez do excesso da despeza, alêm do valor dos provimentos que se entregam ao exercito britannico, cuja avaliação se ha de fazer por ambas as partes. Os mantimentos a bordo das embarcações de guerra, que estão em poder do exercito francez, serão tomados á conta pelo governo britannico do mesmo modo que os armazens das fortalezas.

Art. 3.º O general commandante das tropas britannicas tomará as medidas necessarias para restabelecer a livre circulação dos meios de subsistencia entre o paiz e a capital.

Feito e concluido em Lisboa, aos 30 de agosto de 1808. = *Jorge Murray*, quartel mestre general = *Kellermann*, general de divisão.

Nós, duques de Abrantes, general em chefe do exercito francez, temos ratificado e ratificamos os artigos addicionaes á convenção junta, para serem executados na sua fórma e teor, = *Duque de Abrantes.*

Copia verdadeira. = *A. J. Dalrymple*, capitão, secretario militar.

PROTESTO DO GENERAL BERNARDIM FREIRE DE ANDRADE CONTRA A CONVENÇÃO DE CINTRA

Protesto em geral pela falta de contemplação que se teve n'este tratado com sua alteza real o principe regente ou o governo que o representa, por tudo o que póde ser attentatorio á auctoridade soberana e independencia do mesmo governo; por tudo o que póde ser contrario á honra, segurança e interesses da nação, e particularmente contra o que se acha estipulado nos seguintes artigos:

Artigos 1.º, 4.º e 12.º Na parte em que determina a entrega de praças, armazens e navios portuguezes ás forças inglezas, sem declarar por modo algum obrigatorio que esta entrega é interina, e que intenta restituil-os logo ao principe regente de Portugal ou ao governo que o representar, a quem pertencem e a quem as forças inglezas vieram auxiliar.

Artigos 16.º e 17.º Na parte em que se pretende ligar o governo d'este reino a não inquirir e castigar por algum modo aquelles individuos que notoria e escandalosamente foram desleaes ao seu principe e á sua patria, servindo o partido francez; e quando a protecção do exercito inglez os salve da

pena que mereciam, os não deve livrar de um exterminio que isente este paiz de ser por elles outra vez atraiçoado.

Artigo 1.º dos artigos addicionaes. Que não póde por modo algum ser obrigatorio para o governo d'este reino, sem uma reciprocidade que não se estipula.

Finalmente protesto pela falta de contemplação que se teve com os habitantes da capital e suas vizinhanças, deixando de se estipular a seu favor a segurança de que não seriam vexados durante o tempo que os francezes ainda ali se conservassem, ao menos com uma reciprocidade do que se estabelecia nos artigos 16.º e 17.º a favor dos francezes e seus sequazes.

E limito aqui os meus protestos, para não augmentar a lista, deixando de fazer menção de outros objectos de menos consideração, taes como a concessão de oitocentos cavallos, sem se attender que elles são quasi todos tirados de Portugal, e não devem ser por isso considerados como propriedade franceza; a dos armazens de viveres fornecidos á custa do paiz, e por isto só pertencentes de facto, mas não de direito, aos injustos possuidores do mesmo paiz.

Quartel general da Encarnação, 4 de setembro de 1808. =*Bernardim Freire de Andrade.*

X

EPILOGO

Paz e sensualidade, paz e egoismo, paz e corrupção, paz e morte — diz Ruskin. A guerra, o desespero, os gritos, foram, efectivamente, para nós a vida; a guerra salvou-nos. Um novo e inesperado actor calcou o tablado. Ainda hoje a gente se encolhe ao olhál-o cara a cara. Cheira a terra e a suor, mas não hesita: põe-se logo á disposição da dôr. Dá o sangue e o pão da bôcca á patria oprimida; dá ao quadro as labaredas do incendio e imprime-lhe grandeza: transforma, logo que entra em scena, a comedia em drama. Ao pé de elle tudo é mesquinho: homens de estado, negociações, guerreiros e principes. Salvou-nos. E logo que nos salvou sumiu-se: cedeu outra vez o logar á côrte, aos ministros, ao aparato e á vergonha. Mas nem tudo se perde: alguma coisa de amargo — duvida ou colera — ficou na consciencia colectiva, que ha de desentra-

nhar-se no futuro em novos gritos. Esperemos o que a noite vae gerando... Da guerra ficaram as paredes denegridas e um ar novo circulando entre as ruinas.

O quadro exige agora traços rapidos e antes a raiz das coisas que a aparencia das coisas. Segundo o *Observador Portuguez*, a 2 de setembro começam a chegar a Lisboa noticias e cartas detalhadas do Vimeiro; a 5 o susto era enorme e os francezes tratavam apenas de defender-se; a 6 fundeiam alguns transportes inglezes junto á Praça do Comercio; a 7 entram em Lisboa alguns oficiaes inglezes e as aguias são despedaçadas; a 13 e 14 os francezes carregam com os roubos para os navios; a 15 entra o exercito inglez em Lisboa sendo aclamadissimo; Junot, as principaes auctoridades e generaes embarcam ás 5 horas da manhã no Caes de Sodré, sendo corridos á pedra alguns francezes. E o homem de Mafra escreve as ultimas notas do seu diario:

Agosto 20. O mesmo estado de tempo de tarde, nublado e humido, o mar mansissimo. Mais desembarque de 5:000 inglezes que se baterão com os francezes no valle de... (sic)

Agosto 21 (domingo). Mesmo estado de tempo, de m. nublado. Mais desembarque de Inglezes seg.do dizem; e cá toda a manhã vivissimos tiros continuos. De n. muitos navios defronte, derão muitos tiros de noite. Combate dos Inglezes com os Francezes no Vimeiro.

Agosto 22. Ás 10 horas e meia chegarão m.tos francezes de cavallo a Ribamar, por causa dos tiros da noite, e me le-

varão 5 pães e sardinhas q.e tinha p.a a terça fr.a Em todos os combates forão batidos os francezes.

Agosto 29. Esta tarde chegarão 12:000 homens á Serra da Lobagueira portuguezes.

Agosto 31. Do norte para o sul contamos 200 e tantos navios. Falei esta tarde com o general Inglez em casa da comadre.

Setembro 1. Esta tarde marchou quasi todo o nosso Inglez exercito de Lobagueira p.a Mafra onde entrou a 2 de manhã com m.tos toques de sinos, etc.

Setembro 10. Esta tarde se despedio o maroto do Victorino sem motivo algum, no q.e me fez m.to favor.

Dezembro 9. De tarde passarão do sul p.a o norte vinte e tantos navios, dizem q.e herão os francezes q.e estavam no rio de Lisboa.

Dezembro 26. Hoje forão a Mafra os hom. de Ribamar de 16 até 60 annos com chuços e espingardas para passarem mostra e p.a aprenderem o exercicio p.a se armar a nação em massa. 13 palmos de pau e 2 de ferro deve ter o chuço.

Vejamos, porém, os factos com maior desenvolvimento: apressam-se a concluir um tratado provisorio. Estão com medo uns dos outros. As hostes nopoleonicas ainda infundem terror: é a lenda, é o prestigio dos homens da republica, de de que só existem restos vergonhosos. Pelo seu lado os francezes hesitam perante a perspectiva de uma retirada atravez da Espanha, toda eriçada de colera. A 30 Beresford e Junot concluem emfim o tratado. Só o povo está na verdade porque povo não raciocina, sente: — Mata os francezes! mata os ladrões! — Os outros á meza, como inimigos cavalheirosos — e que não tinham sofrido

como nós, nem roubos, nem afrontas, nem vexames — discutem um a um, sobre os restos do banquete, os artigos da convenção. Um de elles ainda leva a audacia a afirmar, referindo-se a Napoleão: — Todos os erros se pagam ... — Foi uma lufada glacial depois dos vinhos generosos. A canalha em Lisboa brama: — Matem-nos! matem-nos! — Mas o inglez impede a vingança e o massacre, cumprindo o tratado. Debalde se organisam listas para o assassinato e se marcam a giz as casas dos jacobinos. Á vista dos francezes preparam-se as lanternas para a iluminação da cidade. Os tafues, que passam por jacobinos encobertos, são corridos nas ruas. Bernardim Freire protesta contra a Convenção, protesta a Junta do Porto, e, no Rio de Janeiro, protestam o rei e o ministro dos estrangeiros. Na propria Inglaterra o publico protesta. Podia na realidade ter sido uma coisa esplendida de ferocidade, se paizanos, frades e tropa marchassem sobre Lisboa — podia ter sido uma gloriosa chacina. Já bandos de canalha, reclamando o massacre, avançam, ocupam Setubal e matam o ajudante do general Graindorje; o marquez de Olhão á frente de 6:000 homens aproxima-se da margem esquerda do Tejo; Bacellar recebe ordem de se dirigir a Santarem; Bernardim Freire acampa junto a Mafra; a população de Lisboa, apesar do conselho conservador, agita-se e nota as casas ocupadas pelos francezes; organisam-se listas de nomes para o assassi-

nato; Cotton propuzera cortar a retirada a Junot, desembarcando parte da divisão Moore em Setubal; e o general francez ameaça deitar fogo a Lisboa e de se bater até ao ultimo folego: — Deito fogo ao que tiver de abandonar e vereis por que preço vos fica o resto. — Não foi este o quadro. Assigna-se a Convenção e quando muito consegue-se que as bagagens sejam revistadas por uma comissão cerimoniosa. Alguns sujeitam-se a restituir os roubos, ao enxovalho de se lhes remexer nas malas. Delaborde entrega varios quadros, mas o oiro, as joias, as preciosidades desaparecem nos caixões de Junot, do cunhado e dos outros. A Biblia do Jeronymos some-se no fundo falso de uma mala — expediente de gatuno [1].

[1] Serviu-se do seguinte subterfugio: o tratado obrigava os inglezes a conduzirem immediatamente a Rochella um oficial encarregado de entregar uma copia a Napoleão. Uma hora depois da ratificação o oficial partiu efectivamente n'um navio, levando comsigo apenas uma pequena mala, já fabricada de proposito para esconder os 12 volumes da Biblia. A Biblia foi vendida mais tarde por 80 mil francos pela duqueza, e finalmente entregue ao governo portuguez por Luiz XVIII.

Em Almeida Guypuy, brutal e estupido, levára pratas, moveis, vinhos. Reclamara por duzias: doze duzias de talheres, doze duzias de espelhos etc. Exige e obtém a prata das egrejas. Loison saqueia a casa de Porto Covo da Bandeira, uma das mais ricas do tempo, e, á solta em Maira, manda fazer camisas de finissimos lençoes de cambraia e queima as peças de bordado e tisso, para lhes extrair o oiro. Delaborde, depois de rebuscar as preciosidades do palacio de Bemposta,

Tinham fundido a prata das egrejas em barras e limpado os cofres publicos. O inglez fecha os

da casa de Cadaval e da de Antonio de Araujo, escolhe quadros nas magnificas coleções de Lisboa. Mais tarde foi tambem muito gabada e esplendida galeria de Thiebault, que possuia um Ticiano, um Rubens, Ruysdaël, varios flamengos, etc. Foram alguns de cá?... Um oficial inglez, que depois visita o palacio real, escreve estas palavras significativas: «Poucos moveis restam, e alguns velhos quadros, que não mereciam ser levados». Geouffre, administrador dos dominios geraes, rouba para o cunhado: entra, escolhe, leva. Thomières — quartel general em Peniche — adopta outro systema: depois de devastar as quintas e pomares dos arredores, passa a requisitar, gado, vinho, pão, — e vende a quem mais dá. Diz-se em Lisboa que vae feito nos roubos «com seu compadre Maneta». Entra um dia pelo mosteiro de Alcobaça e reclama dinheiro, os thesouros do convento. Mostram-lhe os livros: os frades devem sessenta contos E elle até nas cavallariças rebusca. Kellermann, tendo saqueado tudo por onde passa, acaba por furtar a cêra a Nossa Senhora de Montemór e vende-a por seis centos mil réis. Hospeda-se não sei onde, gosta do relogio do patrão e mete-o na algibeira sem mais ceremonia. Guypuy é mais honrado: rouba n'um convento um magnifico faqueiro de prata lavrada, dá outro peor em troca — furtado n'outro convento. Oficiaes e soldados roubam onde podem e o que podem; pilham castiçaes de prata, põem em leilão as portas do conventos, como succedeu em S. Domingos. Junot reprehende-os (9 de dezembro) mas o exemplo vem de alto e a vergonha é nenhuma. Só elle apanha algumas centenas de contos ao comercio; bastante dinheiro ao senado; oitenta contos á junta real do comercio. Bonaparte prohibira a exportação de algodão, que se acumula na alfandega. O preço desce. Junot pede para França que se levante o interdicto. Vem a ordem e o secretario Maguien propõe-lhe

olhos: não lhe pertence... Para proteger Loison são necessarios quatro batalhões e quatro peças

este magnifico negocio: antes que se saiba em Lisboa a noticia, comprál-o por preços infimos e publicar depois o decreto vendendo-o na alta. Recebe peias licenças para a sahida dos navios do Tejo, para o que se inventam duas bandeiras neutraes; oferece um collar de diamantes á duqueza, tão bello que Laura Junot não se atreve a usál-o, para não excitar a inveja das outras mulheres da côrte.

No quartel general todos os dias entra o producto das extorsões e dos roubos. Monta-se um escriptorio com methodo: roubos nos palacios — secretario Geouffre; licenças, presentes, etc. — secretario Tissout. Enchem-se. A prata da patriarchal esqueceu na balburdia da fuga. São 14 caixotes, a que os francezes juntam a banqueta do Altissimo. Mais os valores encontrados na alfandega, os diamantes brutos que pertenciam ao governo e que Geouffre chega a descobrir não se sabe como nem onde; as mercadorias sequestradas a que se finge deitar fogo; os dois mil contos que rende a prata das egrejas. Locupletam-se. Só o cosinheiro de Junot ganha em meia duzia de mezes trezentos mil francos. Junot distribue pelos generaes Delaborde, Kellermann e Loison cem mil franfrancos a cada um, para lhes comprar o silencio. Oferece preciosidades aos seus intimos. Chega a vender licenças para os navios sahirem do Tejo por oitenta a cento e vinte mil francos. Tissout, encarregado d'esses negocios, parte rico de Portugal. O vinho do Alto Douro para sahir paga uma peça, seis mil e quatro centos, por pipa. Era para os inglezes beberem? Melhor, pagavam-no. Em pouco tempo sahiram trinta mil pipas e a exportação augmentou. Quando Napoleão deu por ella já o dinheiro estava em cofre — duzentos contos de reis. No Algarve podia-se navegar até Gibraltar pagando. Prohibese a pesca e a comunicação com os inglezes, mas os governadores das praças estendem a mão, fecham os olhos. Os

de artillharia [2]. Só sae no meio da escolta. As tropas cercam as moradas dos outros chefes. O

barcos de pesca pagam em Faro quatrocentos réis, em Olhão seiscentos réis. Além do celebre colar, Junot envia á mulher um solitario, um colar de saphiras, diamantes brutos, e tantas preciosidades que Josephina chega a ter ciumes. Nas vesperas de partir de Bayonna Junot promete a Thiebult trezentos mil francos, mas pede-lhe a sua palavra de que não entrará em negocios. Thiebault dá-lh'a e arrepende-se. Logo ao quarto dia da entrada em Lisboa, o pagador geral Thomelier corre a comunicar ao chefe de estado maior uma ideia genial de Ratton: Junot não reconhecia o papel moeda, que deixaria assim de ter o minimo valôr. Ratton, comprava-o todo. Mas como surgissem reclamações, de novo Junot reconhecia o papel moeda: ficavam ricos. Mas o general teve duvidas, escrupulos e não acceitou o negocio: lembrou-se talvez da estranha recomendação de Bonaparte: «Cuidado com elle. É um homem pouco escrupuloso...» E Thiebault debalde interroga:—Mas porque? porque? *Le general en chef allait au davant d'operations du genre de celle qu'il repoussait.* Nunca se consolou, nem elle, nem Ratton, nem Thomelier, que chegou a enriquecer com outros roubos. Todos, com poucas excepções, roubaram. Muitos ainda suspiravam por a esquadra ter levantado ferro com os cofres, o celebre diamante *Bragança,* maior que o *Grão Mogol.* Formaram conluios para explorar com methodo o paiz. O dinheiro ia para França em lettras e preciosidades. Saqueia-se Mafra, Queluz, os palacios, e, da casa chamada mantearia, sahem quadros, pratas, serviços de mesa, louças que levaram para sempre sumiço. Só no cambio ha quem ganhe rios de dinheiro.

Junot quando sae de Portugal ainda leva n'um cofre quarenta mil moedas em oiro. Em Paris, ao descarregál-o, o cofre arromba-se e os creados quedam-se espantados deante de aquelle jacto de oiro. Taviel confessa mais tarde que todos

povo apedreja a casa do livreiro Reicend, que, para se livrar da pecha de jacobino, publíca de ahi a dias o seguinte anuncio:

João Baptista Reicend, mercador de livros, faz presente ao respeitavel publico, que havendo succedido na sua loja huma insurreição e revolução de livros, huns com os outros, na noite de 15 deste mez de Setembro, a que foi preciso acudir gente, e tropa, alguns se extraviarão e desertarão, principalmente da novissima Impressão e Gosto Parisiense, e para que os curiozos não fiquem privados de huma instrucção tão brilhante, qualquer pessoa que os achar, os traga, além de ser premiada se lhe entregará hum jogo ricamente encadernado da Impressão que se vai a fazer.

Livros extraviados são os seguintes:

Arte de defender com protecção. Ahi se explica a ethimologia de alguns verbos, e nomes, com que o povo está enganado. Vg. o verbo — Proteger — é Arabio, trazido do Egito, e

os generaes roubaram «com excepção de Thiebault» — dil-o o proprio Thiebault, que mandou perolas, saphiras, collares, de presente á mulher. — Mas até o general? perguntaram-lhe. — Até eu ... Em duas ou tres ocasiões não pude resistir. — «Com respeito a roubos, concussões e partilhas, Portugal não teve que invejar a Andaluzia» — palavras de Thiebault. Ora succede que a Andaluzia foi das regiões mais exploradas pelos soldados francezes ...

2 (Vid. chamada na pag. 442). Thiebault, como fizera em Napoles, perante Lisboa ameaçadora adopta durante os ultimos 20 dias as seguintes precauções: faz circular na capital, desde as 5 horas da manhã, columnas de 125 homens de infantaria e 25 de cavalaria. Paravam de hora a hora nos locaes mais perigosos, enviando patrulhas para as ruas proximas. Companhias inteiras foram aquarteladas nos palacios.

em lingua mamaluca significa — Limpar com todo o aceio, sem deixar nada, nem na Igreja, nem na casa, nem na rua, nem nos campos. O adjectivo — Omnipotente — no modernismo Francez, quer dizer — insolente, ou impotente, segundo a doutrina de mr. Barras, Primeiro Ajudante do Thalamo do do Palacio Imperial de Paris. Esta obra é um tomo em 4.º de marquilha, composto pelo Primeiro Ajudante de Campo e Governador de Paris.

O Cathecismo, e modo de ouvir missa na Prassa ou no Monte, sem fazer lama na Igreja, nem a gente ficar mole; methodo de entrar nos Templos, e fazer oração á Franceza, como se executou nas Freguezias do Sacramento, Mercês e outras; com uma declaração do 7º mandamento, cuja infracção não he peccado, deduzida esta doutrina do direito natural que tem os caens com os ossos. He obra subtilissima, em um tomo de folio, seu Autor o Generalissimo — Risco na cara — dedicada a Napoleão.

Politica de hospedaria, gratidão de deixar as casas dos hospedes livres da praga dos Ladroens, fogo, e confusão de moveis, obra em 8º composta pelo conselho de Guerra Francez.

Uso e abuso de Venus, contingencia de fiar-se de terceiros, que tenham os Argus de alcoviteiro e cabrão; obra tambem em 8º, composta por Mr. Delaborde, dedicada ao capitão de Arroyos.

Anatomia completa de caens e gatos, promptos remedios ás suas molestias, composta pelo Grande Rabino Pedro Lagarde; este autor he celeberrimo em todas as synagogas da Europa, pela grande obra da exposição de Talmude dedicada a seu tio Robespièrre, e pelo aprendis de rapina — etalienanda rerum natura —. A sua beneficencia não se extende só á humanidade, até os irracionaes logrão da sua maldita caridade; hum tomo em 4º dedicado a Nero.

Trinca Tridente, assembleia infernal dos tres coraçoens generosos, Junot, Delaborde e Loison, com os factos e pensamentos mais horrorosos, e abominavelmente recomendaveis,

resultando a liberdade da consciencia da Tropa para mortes, roubos, insolencias e desacatos, que mais parecerão soldados do sertão da Lybia, que homens creados na Europa.

Esta obra hé em dialogos, em meio folio, composta por João Carrafa, Almirante da Inconfidencia, dedicada a Joaquim o seralheiro, Duque de Berg.

Tatica de acometer procissões, matar gaiteiros, furtar os estandartes de N. Sr.ª, entrar com elles em Triunfo, como D. Quixote com os discipiinantes. Folheto em verso solto, composto pelo Conde de Ega, dedicado como menor marido a sua mulher.

Fabrica de Gazetas, eletrica das mentiras, gazua dos signaes falsos, e mechanica de amassar a fé publica com cal e arêa. Esta obra principiou ha muitos annos por Mr. Nicas Governador do Bogio, e agora se aperfeiçoou pelo celeberrimo Sarmento, *non plus ultra* de bilhetes, e toda a forma, e colegial do Oratorio do Limoeiro, repozitor á cadeira de Napoleão, que sem justiça não se lhe pode negar, decreto de cartas de Generalissimo. Obra em tres tomos, dedicada ao Sr. Calvo do Rocio.

Novo methodo de Finanças, cobrar e não pagar, excepto a Francezes, que como defensores ainda que nada fação pelo direito da unha, sorrapilhão o ordenado. Obra em 4º composta por Mr. Herman, cavaleiro do habito da hypocrisia, e discipulo do companheiro de Christo da parte esquerda.

Historia da Aguia Môxa (vulgó passarólа) exaltada no Rocio com as maiores provas do valor Francez no dia 16 de Junho, em que o General em chefe se vestio e se chamou catholico por força. A Infanteria e Artilharia fizerão com a maior destreza a grande evolução de *fugite partes adversae*. Este folheto é em oitavas, composto por hum Consul Estrangeiro, Portuguez.

Historia de Herodes Anticristo, usada á moderna, com laminas ao natural, impressa em Evora, Leiria, Beja, etc., em cuja obra se faz ver que os nossos Protectores são capazes de dar ao Ceo e á Igreja tantos martires em só o seculo 19.º,

como derão outros Tiranos em o 1º, 2º, 3º e 4º; obra em 8º pelo Duque de Abrantes.

Provas da politica, humanidade e gratidão dadas por Junot á tropa Hespanhola, que o auxiliou, e descanso com que a brindou em premio do seu zello; he obra excellentissima em folio, acaso nunca vista pela sua raridade, composta por D. Tiburcio sem vergonha, coronel do mesmo corpo hespanhol.

Nova arte melitar para brigar com velhos, rapazes e mulheres, e saberse retirar do perigo dos homens, impressa na Lourinhã por Mr. Delaborde, dedicada ao Imperador dos Francezes, obra em 16.º

As cinco virtudes que experimentou o povo de Lisboa nos dez dias da chegada dos Francezes: 1º Os conventos e Igrejas honradas como as tabernas; 2º As casas com hospedes sem fastio e despotismo; 3º O povo contente e respeitado como um cativo; 4º Acharão os Francezes as coisas, antes que os seus donos as perdessem; 5º Formalizar hum exercito de mendigos do maior numero de tropa que invadiram os Protectores (?); obra em dois volumes de folio por Sebastião Maria, em outro tempo rabula, e hoje Generalissimo em chefe da Tropa Franceza.

Tripeça de amor, obra burlesca, representada pelos Autores da soberba, debaixo da prisão da razão e justiça nas náus Britanicas. Autor o P.e Laurino, sacerdote Genovez.

Certamen poetico sobre a força das sylabas, e se a antepenultima intima sobre a ultima: V. g.: Napoleão, Papelão, Cabrão, Ladrão. Hum tomo em 4º dedicado ao Principe do Atheismo.

Aventuras dos tres acabados em ão — Pitão — Garção — Novião — quem souber deste ultimo aventurerro, dê noticias delle na loja da Gazeta, ou em casa do dr. Vinagre, bem conhecido nesta corte.

Aqui e ali, até ao desembarque, ha ainda um estremeção ou um episodio singular. Um almo-

creve leva a Almeida a noticia da restauração, o governador francez prende-o e obriga-o a meter as mão em chumbo derretido. Em Aljubarrota e Alpedrinha o povo queima jacobinos. Em Elvas os doentes francezes correm risco de morte no hospital [1].

O embarque foi uma mixordia, com o povo a reclamar os roubos e a querer assaltar as bagagens. Os inglezes não se entendem nem se podem vêr. Dalrymple trata Wellesley por cima do hombro. Só o povo vae direito ao fundo da questão: — Mata! mata esses ladrões! — E as pedras caem sobre os generaes do imperio. É preciso que o inglez — o inimigo — os defenda, postando baterias nas esquinas das ruas. — Lá vae o nosso dinheiro! É Junot que embarca encolhido, sem plumas; é o odiado Maneta, escondendo o braço, sob os gritos de colera, e com elles portuguezes, livreiros francezes, gente estranha ao serviço de Portugal, Novion, o conde de Bourmont. É a segunda realeza que foge, Gouffre, outra côrte, com armas, trapos, roubos. É o Ega e a Ega. E a canalha assobia, clama, mas por nosso mal, como sempre, resigna-se. Está prompta a sofrer, está prompta a morrer até de fome! Que quadro, se os que levavam o saque e os que os defendiam, fossem

[1] Quando os d'Almeida vão embarcar ao Porto, a 9 de Outubro, o povo quer chacinál-os. Abandonam os roubos e só conseguem embarcar depois de desarmados.

todos varridos pelo povo feroz! Mas não! mas não! o povo morre ou resigna-se. E depois some-se. Mau é. Fica a escumalha, o lixo que vem á superficie depois da agitação. Os que se calaram, redobram agora de furor: os poetas fazem versos obscenos, os literatos folhetos. É uma onda de improperios, de insultos—de lama e ninharias: *Napoleão no inferno a conversar com Belzebuth; Confusão de Napoleão; Fragmento e arrependimento de Napoleão, com uma critica por uma dama portugueza.* E iluminações... A 15 de setembro de 1808 arvora-se de novo a bandeira portugueza no Castelo de S. Jorge. Na noite de esse dia e nas seguintes fazem-se festejos. Schiopetta, pintor, architecto e machinista do theatro do Salitre, arranja varias peças de fogo muito aplaudidas: uma serpente perseguindo uma aguia e despedaçando-a. José Joaquim de Pontes, da rua da Bica de Duarte Bello, arvora á janella um grande quadro com o retrato dos soberanos e estes versos:

Com mansidão e virtude
Piso aos pés a Águia rude!

*

Emquanto a França se bateu por um ideal venceu sempre. A canalha era irresistivel. Mas a ideia foi adulterada; vieram os galões, as far-

Os dois aliados dominando o imperio francez

das, a côrte, a corrupção, os uniformes—e os povos levaram-nos á ponta de bayoneta até ao coração do seu paiz. Se a França tem continuado a bater-se por um ideal, estavam com ella os povos oprimidos. A Republica, com mortes, gritos, coleras, era idealista e tinha do seu lado todas as almas. Napoleão foi a materia: alimentou paixões grosseiras, encheu os soldados de oiro: desvirtuou a revolução e trabalhou pelo seu proprio poderio: perdeu-se e atrazou o mundo um seculo.

Todos os conservadores o apoiaram e aplaudiram, porque elle era já o typo do conservador moderno: sceptico—e mantendo relações exteriores com a Egreja. Querendo a cima de tudo as aparencias, a legalidade, a ordem, a formula, para continuar uma existencia cujo fim é simplesmente o dinheiro, as ambições e os interesses. Por isso Junot teve com elle em Lisboa as classes cultas, mas lhe faltou o povo. O povo todo instincto ésse é que se encontrou diante de outros homens e de outros ideaes, e, sacudido pelos frades, acordou e salvou-nos... Foram os mortos que nos salvaram —foi o passado que resurgiu do pó. Nem mesmo é elle que clama. O seu grito, o mais repetido é o grito dos mortos:—Matem os judeus! matem os judeus!

Uma guerra tem isto de esplendido: revolve todos os cadaveres por mais fundo que os tenham enterrado. Já Gringret, auctor da relação *Historica e militar da campanha de Portugal,* diz:

«O tempo, o cruzamento das raças, a severidade das instituições religiosas, etc., tinham apagado o admiravel caracter primitivo—que logo veio á tona, vivo como na primeira hora, quando a guerra se transformou em guerra nacional.»

Em Bragança comanda os tumultos um sapateiro, o *Loison portuguez*, e a tropa obedece-lhe, obedece-lhe o povo. Ha motins. A multidão desconfia das auctoridades. E o *Loison portuguez*, á frente de maltas, rebusca na casa dos judeus, escolhe, procura, sentenceia:—Confessa-te que vaes morrer.—Em Vila Nova de Foscôa assaltam-se as casas dos *christãos novos* aos gritos de:—Morram os francezes e os judeus que os protegem!—Aqui e alli expludem coleras. Em Vizeu a plebe constitue uma junta, a *junta dos prudentes*, com uma escripta regular, com delações e saques, um livros de actas, e todos lhe obedecem. É outra Inquisição. Saqueiam-se os cartorios, assassinam-se os jacobinos—que muitas vezes são os melhores amigos da patria. Em Moncorvo, em Guimarães, nos Arcos, rompem sedições, tumultos:—Morram os francezes e os judeus que os protejem! Sempre o mesmo grito insistente...

É uma patria ensanguentada, feroz, de desespero—mas Patria. Mata! mata! mata que é jacobino! mata que é judeu!

Junot, que ainda voltou a Portugal em 1810, caminha a passos largos para a loucura. Povo e

rei, parecem sonambulos e entram no dominio de outra tragedia maior. Um dia, tempos depois, oferece um grande baile e aparece aos convidados nu em pello e de espada a rasto, com todas as condecorações penduradas ao pescoço e luvas brancas na mão [1]. Tem a mania das grandezas: escreve ao principe Eugenio anunciando-lhe que o fazia rei de muitas ilhas, umas no Oceano outras na India e de varias minas de oiro e diamantes [2]. Tinha dado a um doido as insignias da Legião de Honra, e eram entre os dois conversas interminaveis sobre o governo da Ilyria, que elle geria em nome do Imperador e sobre a inutillidade das grandezas humanas. Parecia uma personagem shakespeariana.

Forças mysteriosas os impelem. Emquanto Junot pergunta: — Hein, não ouves? É o rouxinol. É o maldito que se atreve a vir cantar debaixo dás janelas do meu palacio! Sou rei! Sou rei! — o povo durante muitos anos ainda clama no mesmo grito, sahido do fundo dos sepulchros:

— Matem! matem esses judeus!

[1] Thiebault.
[2] A. Chuquet.

NOTAS

PAPEIS VELHOS

Os versos que se publicam depois não teem conta. Ahi vão alguns, a começar pelo Edital das esquinas do dia 4 de setembro de 1808:

Já hé da nossa Policia
O soldado que se encontra;
Oh Portuguezes, hé tempo
De despicar nossa afronta.

Não tarda que não vejamos
A nossos pés arrastar
As Aguias, que nem no Inferno
Tem um palmo de logar.

Tremei, tremei partidistas
Do nosso justo desforço;
Ai, quanto melhor vos fôra
Ter nascido sem pescoço!

DECIMAS

Valerosos Portuguezes
Mostrai o vosso valor
Olhai que Nosso Senhor
Vai dando fim aos Francezes.
O favor dos Inglezes
Sempre nos têm ajudado,
A grande Hespanha alliada
Vai acabando os malvados
Estamos quasi restaurados
Seja sempre Deus louvado.

O meu Principe restaurado
A Inglaterra cumprio;
O Rei de Espanha fugio
O de França destroçado;
A Russia enthusiasmada
Sem saber dar decisão
Porém Deus por compaixão
Dos seus filhos Portuguezes
Quiz acabar os Francezes
E matar Napoleão.

CANTIGAS AOS FRANCEZES

Amigo Napoleão
Quem te havia de dizer
Que o fim de tuas façanhas
Aqui havias de vir ter.

Hereis tantos mil homens
Tão fallados algum dia
Já perderam a chibança
Acabou-se-lhe a valentia.

Vê se passas á Hespanha
Defender estes Francezes
Olha que os c... da lua
Os amigos Inglezes.

Elles já fallam em Deos,
E já chamam por Senhor;
São rapazes escolhidos
Pelo nosso Protector.

Elle tambem é bom môço
Olha que fallo do Jinó,
Vê se desatas o laço
Antes que lhe corra o nó.

Tu já tinhas bons môços
Pois então o tal Maneta,
Mandar-te-hemos o côto
Para que não cuides é pêta.

E o nosso bom Intendente!
Olha é dôr do coração
Levará para sua paga
A sentença do pobre cão.

Cento e nove varredores
Cada um com sua pá
O desfarão em bocadinhos
Para mandarmos para lá.

Elle não poderia ir inteiro
Por amor dos Inglezes,
Assim vae aos bocadinhos
Cada um por sua vez.

Tambem cá temos Laborde,
Que homem! Galante moço!
D'esse é que tu não vês
Nem sequer bocado d'osso.

Diz que mete respeito
Com a sua espada na mão;
Fica cá para as creanças
Terem medo ao papão.

Então olha o dinheiro
Não comas alguma pêta,
Pede-lhe tambem a conta
Do negocio da Roleta.

Da feira em qualquer logar
Tine moedas em bom carôço
Ainda que o logar fosse
De uma preta de tremôço.

Tens muito bons discipulos
Para todo e qualquer ataque,
Passão mui bem a revista
Quando vão ao tal saque.

Essa tal contribuição
Que tu só mandaste pôr
Foi dinheiro com que compramos
Muitas peles para tambor.

O tal amigo Jinó
Sem ser do seu mandado
Fez o Ega coronel
Deixando-o mui bem armado.

Por cá tens amigalhaços
Mesmo entre os Portuguezes;
Nós lhe daremos o pago
Da amizade dos Francezes.

Um padre o mestre Velas,
Um Affonso do botequim,
O Chocolateiro da Esperança;
Nós lhe daremos o fim.

Adeus meu Napoleão
Que é quasi meia noite,
Achastes em Portugal
Quem te désse muito açoite

Sou piedoso, sinto n'alma
Efeitos da compaixão;
Mas quem hé traidor á patria
Não é digno de perdão.

Dizem que se transformarão
O Conde da Ega e a mulher,
Elle em burro paneleiro,
Ella em besta d'aluguer.

Se tal é, senhora lingua
Aqui haja ponto e nó;
Não fale na gente honrada
Porque desgosta o Jinot.

Que Generaes é que devem
Morrer ao som da trombeta?
Os tres meninos da ordem
Jinot, Laborde e Maneta.

Porém em tanta desgraça,
N'este tragico acidente,
Junot, como te não vale
Esse teu Onipotente?

Lá vejo, lá vejo ao longe,
Nos largos campos de Marte,
O grande Jorge terceiro
A cavallo em Bonaparte.

Tanto valor nas esquinas,
Que o povo nunca engulio,
Aos guerreiros da Bertanha
Totalmente sucumbio.

Não pela força das armas
Mas por obra de milhões
Tem a França praticado
As mais terriveis ações.

Por bebados e ladrões
Foi Portugal despojado,
Por homens dignos de gloria
É agora restaurado.

Dez artigos vou formar
De uma nova direção,
São feitos á nossa Nação
A verdade vou falar.

O primeiro é amar
Aos amigos Inglezes
E não fiarmos nos contos
D'estes malvados Francezes.

O segundo é jurar
De matarmos o Junot
E antes que elle se vá
Havemos fazel-o em pó.

O terceiro é guardar
O respeito á Regencia,
Para com ella fazermos
Uma grande conferencia;

O quarto é honrar:
Honraremos nossas Bandeiras
Não devemos honrar outras
Pois estas são as primeiras.

. . . .

O setimo é não furtar;
Elles furtão a seu salvo;
Tem feito mil injustiças
Sem servir á bala d'alvo.

. . . .

O decimo não cobiçar
De ser aqui outro Rei
Só perdendo nossas vidas
Nosso sangue, nossa lei.

OS MENINOS QUE SE ACHARÃO EM PENICHE

Os teus soldados guerreiros
Valorosos e atrevidos,
Ficaram todos c...
Por cem meninos perdidos.

Deve ficar em memoria
O valor dos teus soldados
Hiam brincar com meninos
Mas vieram bem borrados.

P. — Fiquei tonto do que ouvi
D'esses homens atrevidos,
Mas, dize-me, que foi isto
De uns cem meninos perdidos?

R. — Mal que os Francezes souberão
De um tal ranchinho pimpão.
Andarão mais de dois dias
Todos com as calças na mão.

Depois juntarão-se todos
Com imensa artilheria,
Fingindo n'este aparato
Terem muita valentia.

Logo que forão batidos
Nos campos que o Tejo banha
Voltarão costas ao mundo
Os taes perninhas de aranha.

Finalmente chegão todos
Aos campos de Torres Vedras,
Cheios de pavor e medo
Dando por paus e por pedras.

Os taes meninos perdidos,
Que os não perdem de vista,
A quasi todos os galos
Lhe forão cortando a crista.

Áquelles que por fortuna
Lhe deu pernas o diabo
Entrarão pela cidade
Cheios de fogo no rabo.

Uns de bracinho ao peito
Outros de testa amarrada
Olhando-se naturalmente
Com cara desconsolada.

. . . .

P.—Mas se acaso cá ficar
Algum d'estes cascaveis?

. . . .

R.—Devem uns andar descalços
Outros de braga ao pé,
Outros postos de conserva
Nas cosinhas da galé.

E a Ega deve ter
Logar d'adella na feira
Ou no fundo d'uma escada
Ha de ser palmilhadeira.

O Ega que a paciencia
Ha muito constou á fama,
Nas carroças do contrato
Irá acarretar lama.

P.—Trus, trus. *R.*—Quem hé?
P.—Aqui he que mora o almocreve
Que aluga a Egua e anda a pé?

DECIMA

Chegou Junot, e concebeu
E já quasi aos nove mezes
Com a vinda dos Inglezes
Dores de parto soffreu,
A comadre conheceu
Que o parto corria torto,
Elle com medo do aborto
Teve puxos afinal
E mesmo dentro em Portugal,
Coitadinho, pario morto.

A PASSAROLLA DO INTENDENTE

A maldita Passarolla
Fugio, má peste a mate,
Foi pedir a Bonaparte
Que lhe désse outra gaiola.
. . . .

A AGUIA DO INTENDENTE

Um Portuguez forte e armado
Com um tiro de pistola
Fez voar a Passarolla
Da varanda do malvado,
O Lagarde agoniado
Logo á janela chegou,
Então a Aguia parou
E á vista de toda a gente
Sobre a calva do Intendente
Por despedida c...

Mote — SENHOR GENERAL C...

Converteu-se a Passarolla
Aguia chamada algum dia
N'uma rapinante harpia
E deu em Lisboa á solta.
Excelencia mariola
Qual Imperante, que Rei
Auctorisou como lei
O roubo d'esta cidade,
E quer a nossa amizade?
Senhor General... c...

. . . .

Fazendo a todos judeus
A Inquisição sem dó
Nos ferir, onde uze só
Quem tem crimes contra Deos
Mas porém, graças aos Céos

Da boca a rolha tirei,
E pelo que então callei
Agora quero ir falando
Para o seu supremo mando
Senhor General... c...

. . . .

Senhor Lagarde passa fora,
Pois de cheirar mal não cessa
Porque na calva cabeça
Lhe c... a Passarolla.
Meu Maneta, mariola
Saia da parte de El Rei!
Senhor Kerman, d'Argel Rey,
Sr. Laborde e Dupont,
Sr. cruel Margaron,
Senhor General... c...

E muitos mais versos quasi todos obscenos:

Quem diz que o Principe foi tirano?
O Libano (creado)
Quem lhe mostrou sempre raiva?
O Paiva (medico)
Quem lhe chama ladrão por não pagar?
O Aguiar (creado)
Elles aqui hão de ficar
Mortos, juntos com os Francezes
Pelas mãos dos Inglezes
Libano, Paiva, Aguiar.

Quem é mais Francez que o demonio?
Frei Antonio.
Quem é Francez de Bilbau?
O Bacalhau.
Quem espera de ser rico?
O Frederico (creado)
Eu a todos aplico
O que a outros apliquei,
E n'essa forma verei
Frei Antonio, Bacalhau e Frederico.

Quem é de Francez o espelho?
O Velho (quartel mestre).
Quem indaga os nomes?
O Gomes.
Quem louva suas acções?
O Simões.
Estes grandes toleirões
Nos mesmos casos culpados
Devem de ser enforcados
Velho, Gomes e Simões.

Quem é Francez afamado?
O Bernardo (cirurgião)
Quem por tolo segue seu louvor?
O Ferrador.
Qual é dos tres o mais matreiro?
O Livreiro.
Todos tres no Limoeiro
Devem de ser ajuntados
Para serem justiçados
Bernardo, Ferrador e Livreiro.

SONETO

(Napoleão fallando com Junot)

J. — Cheguei, vi, e venci, Senhor, sem custo,
Dei saques, roubei templos sagrados,
De brilhantes adornos despojados
Padrões ergui a teu nome Augusto.

Com tramoias enchi de pranto e susto
Os Lusos a vencer acostumados,
Milhões sobre milhões forão roubados
Aos vassalos d'um Principe o mais justo.

Eis que um dia nascido para azares
A revezes fataes da sorte esquerda
A gloria demos a quem rege os mares.

N. — Meu General, a gloria é fraca perda.
Onde estão os milhões? *J.* — Nos Lusos lares.
N. — Não trazes os milhões? Vai beber da m...

INDICE DOS CAPITULOS

INDICE DAS GRAVURAS